

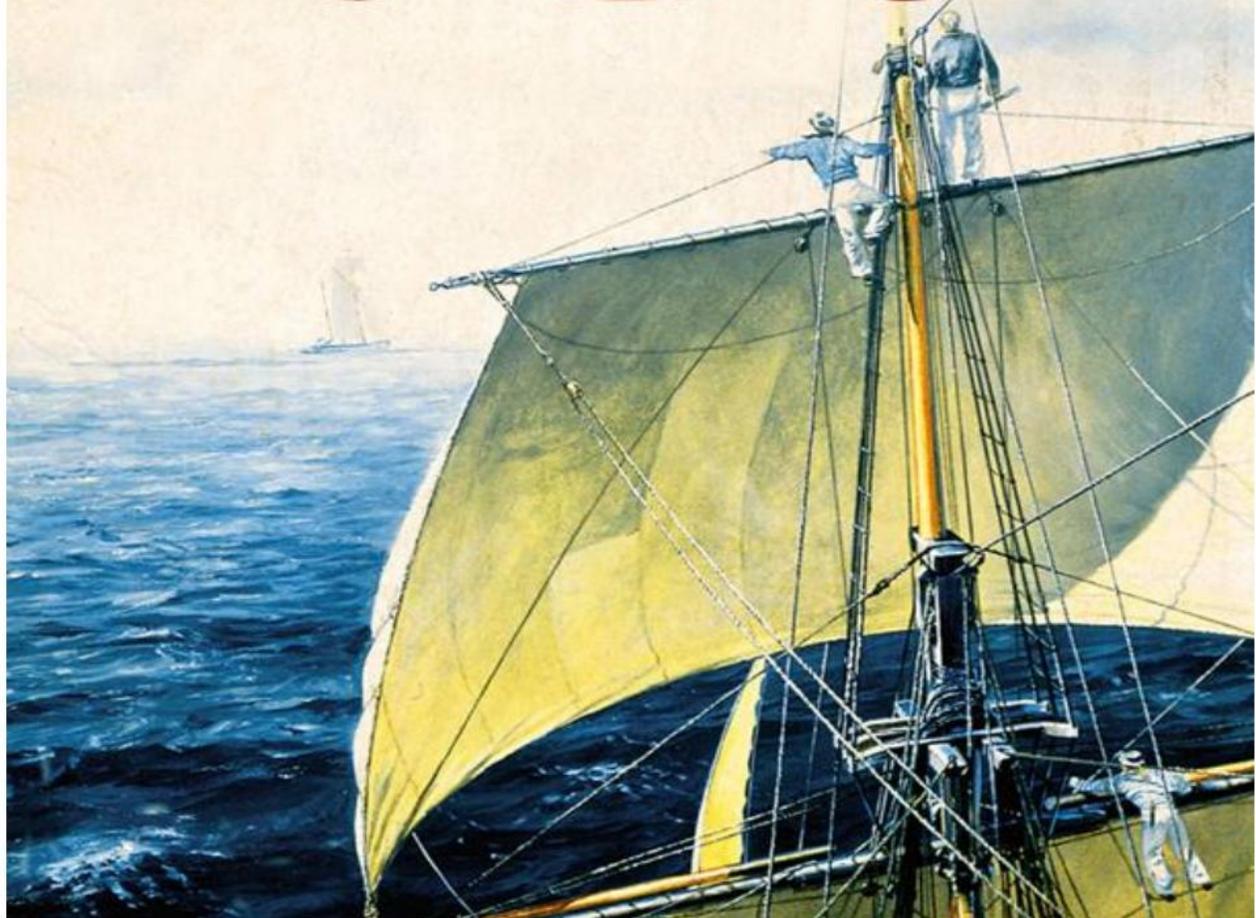
*'O maior novelista histórico de todos os tempos.'*

THE TIMES



# PATRICK O'BRIAN

*A Patente de Corso*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

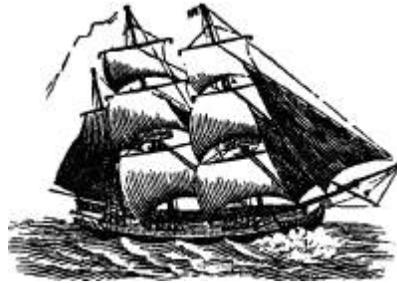
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



*Mestre dos Mares XII*

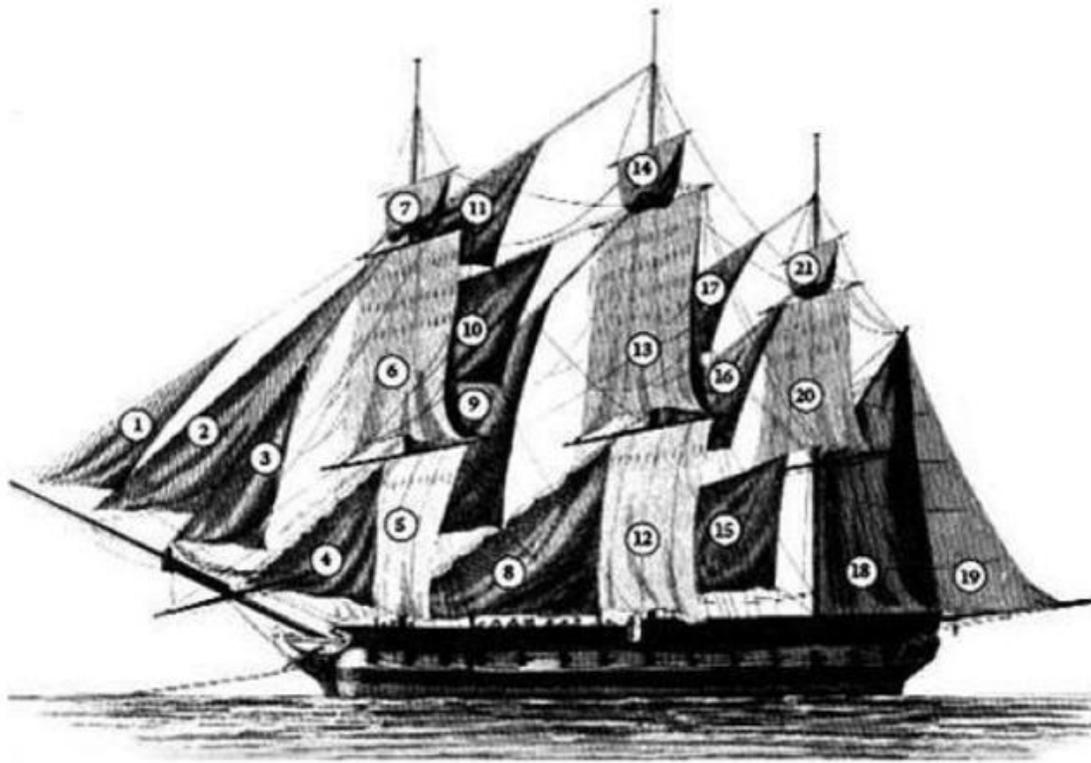
PATRICK O'BRIAN



*A Patente de Corso*

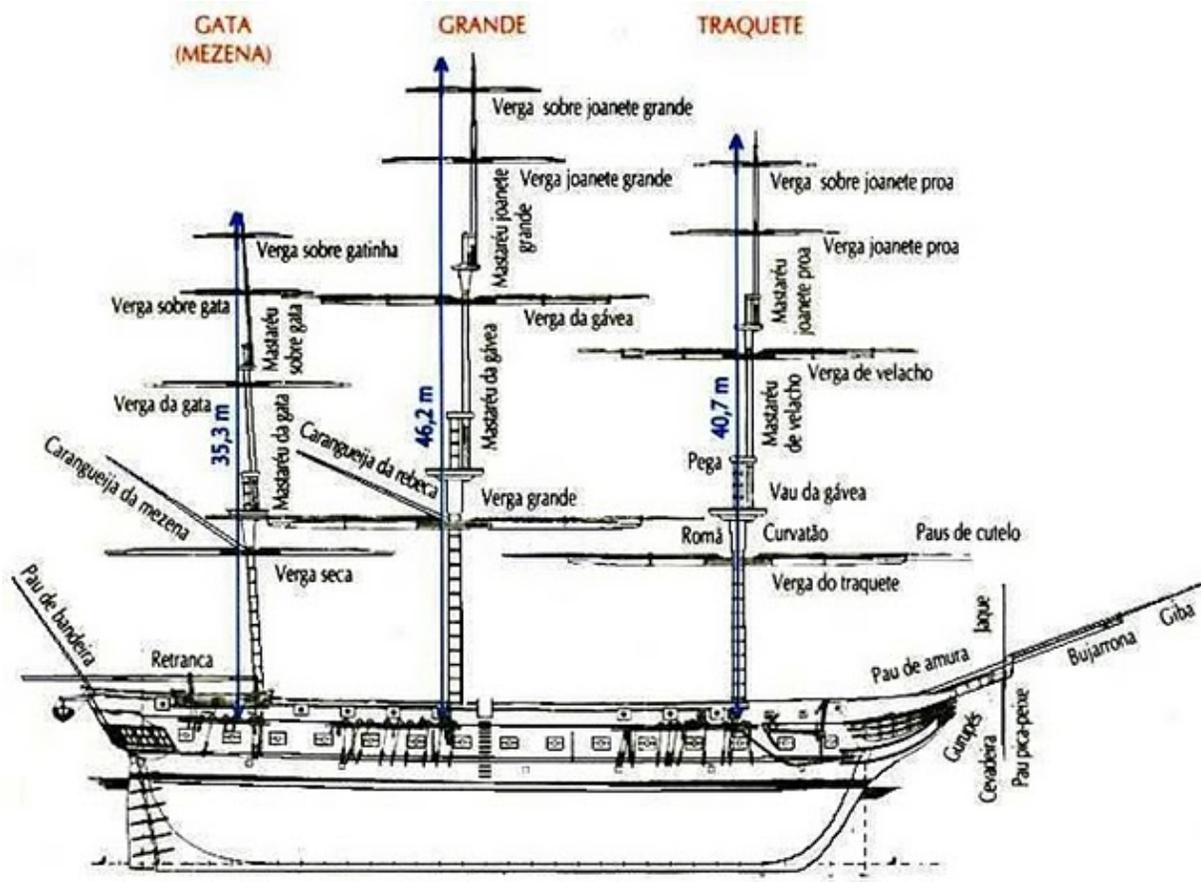
## série **Mestre dos Mares**

*Mestre dos Mares*  
*O Capitão*  
*A Fragata Surprise*  
*Expedição à Ilha Maurício*  
*A Ilha da Desolação*  
*O Butim da Guerra*  
*O Ajudante de Cirurgião*  
*Missão em Jônia*  
*O Porto da Traição*  
*O Lado Mais Distante do Mundo*  
*O Outro Lado da Moeda*  
*A Patente de Corso*  
*Treze Salvas em Honra*  
*A Escuna Noz-moscada*  
*Clarissa Oakes, Clandestina a Bordo*  
*Um Mar Escuro como o Vinho do Porto*  
*O Comodoro*  
*Almirante em Terra*  
*Os Cem Dias*  
*Azul na Mezena*



- 1— Giba
- 2— Bujarrona
- 3— Vela de Estai
- 4— Polaca
- 5— Traquete
- 6— Velacho baixo
- 7— Sobrejoanete de proa
- 8— Estai entre mastros
- 9— Estai do Mastaréu da gávea
- 10— Estai do meio
- 11— Estai principal do joanete

- 12— Grande
- 13— Gávea do grande
- 14— Joanete Grande
- 15— Estai da Mezena
- 16— Estai da gávea da mezena
- 17— Estai do mastaréu da mezena
- 18— Estai do joanete da mezena
- 19— Mezena
- 20— Gávea da Mezena
- 21— Sobrejoanete de popa



Depois de ser afastado da marinha por um delito que não cometeu, Jack Aubrey aceita a oferta de seu amigo Maturin, enriquecido ao receber uma herança, de assumir o comando da mítica Surprise para fazer o curso pelo canal da Mancha. Depois de alguns extraordinários êxitos na luta contra os franceses, Aubrey parece em uma posição que não pode ser melhor para que seu cargo lhe seja restituído, e para consegui-lo aceita entrar na política. Mas uma parte importante do romance centra-se em Maturin, que parece a ponto de conseguir reabilitar seu matrimônio, ainda que para isso deva viajar para a Suécia onde, conforme suas últimas notícias, sua esposa tem um novo amante. O tema da droga (Maturin esteve experimentando o láudano e a folha de coca) é outro dos pontos centrais do relato, assim como a música, neste caso as aberturas operísticas italianas.

## *Nota da edição*

### *espanhola*

---

Este é o décimo segundo romance da mais apaixonante série de novelas históricas marítimas jamais publicada; por considerá-lo de indubitável interesse, ainda que os leitores que desejem prescindir disso podem perfeitamente fazê-lo, inclui-se um arquivo adicional com um amplo e detalhado Glossário de termos marítimos.

Foi mantido o sistema de medidas da Armada Real inglesa, como forma habitual de expressão da terminologia náutica.

1 jarda = 0,9144 metros.

1 pé = 0,3048 metros — 1 m = 3,28084 pés.

1 cabo = 120 braças = 185,19 metros.

1 polegada = 2,54 centímetros — 1 cm = 0,3937 polegada.

1 libra = 0,45359 quilogramas — 1 kg = 2,20462 libra.

1 quintal = 112 libras = 50,802 kg.

1 pinta = 0,47 litros.

1 celemine = 4,6 litros.

# CAPÍTULO 1

---

Desde que Jack Aubrey foi expulso da Armada, desde que seu nome foi apagado da lista de capitães de navio e sua antiguidade foi invalidada, parecia que vivia em um mundo completamente distinto. Ainda que tudo fosse familiar, dos odores da água do mar e da lona alcatroada da exércia até o suave balanço da coberta sob seus pés, tudo havia perdido sua essência e ele tinha a impressão de ser um estranho.

Outros oficiais expulsos por um conselho de guerra estavam pior do que ele, como, por exemplo, os dois que haviam subido a bordo com apenas um baú para ambos. Comparado com eles Aubrey era muito afortunado e, ainda que isto podia proporcionar-lhe sossego, não contribuía para levantar-lhe o ânimo. Tampouco contribuía para isso que não houvesse cometido o delito pelo qual lhe haviam sentenciado.

Apesar de tudo, era inegável que Jack Aubrey não estava em uma situação desesperada. A Armada havia vendido sua velha mas bonita fragata *Surprise*, que Stephen Maturin comprara para convertê-la em um barco de guerra privado (quer dizer, um barco corsário), para perseguir ao inimigo, e ele tinha o comando.

A fragata estava ancorada com uma só âncora em um porto isolado em que um grande banco de areia e as bruscas mudanças da maré o tornavam perigoso. Os comerciantes e os oficiais da Armada evitavam o lugar, enquanto que eram frequentados por contrabandistas e corsários, muitos de cujos rápidos barcos se alinhavam ao longo do cais. Jack deu a volta ao chegar ao final de um dos passeios que dava mecanicamente pelo lado de estibordo do castelo de popa, olhou para o povoado e voltou a se perguntar qual

era a causa de achar Shelmerston tão parecido com os povoados de piratas e bucaneiros que ainda restavam nas Antilhas e Madagascar, e que tão bem conheceu quando navegava na *Surprise* como guarda-marinha. Apesar de que em Shelmerston não havia uma praia de brilhante areia coralínea nem coqueiros flexíveis, parecia com esses portos; talvez a semelhança consistisse nas tabernas chamativas, o ambiente em que predominavam a desordem e o dinheiro fácil, o grande número de prostitutas e o fato de dar a impressão de que somente uma brigada recrutadora sumamente valente e bem armada tentaria agir ali. Jack também viu que dois botes zarpavam da costa em direção à *Surprise* e que os dois competiam para chegar primeiro; contudo, em nenhuma estava o doutor Maturin, o cirurgião da fragata (poucos sabiam que também era seu dono), que devia subir a bordo esse dia. Em uma o timoneiro era uma belíssima jovem ruiva, recém chegada ao povoado, que se mostrava muito contente de encontrar-se ali e a quem os tripulantes admiravam muito e a cujos gritos agudos respondiam com tal heroísmo que um deles rompeu um remo. Ainda que não podia dizer-se que Jack Aubrey frequentasse o trato com prostitutas, tampouco observava o celibato. Desde sua juventude a beleza havia sido para ele fonte de prazer, e essa jovem animada e tão entusiasmada era exageradamente bonita; contudo, limitou-se a considerar isto com objetividade e, em tom inexpressivo, indicou para Tom Pullings:

— Não deixe que essa mulher suba a bordo e admita só a três dos melhores.

Voltou a dar passeios pensativo enquanto Pullings, o contramestre, o condestável e Bonden, seu próprio timoneiro, testavam os marinheiros. Todos eles tinham que subir a exércia, largar e aferrar uma joanete enquanto se contava o tempo com um relógio de areia, depois descer e apontar um canhão, depois disparar com um mosquete em uma garrafa pendurada de um penol e, por último, fazer um nó de envergue frente a uma multidão de excelentes marinheiros. Em geral, dotar de tripulação a um barco do rei era algo difícil que se conseguia com a ajuda das brigadas recrutadoras, rogando humildemente que os barcos recrutadores

trouxessem um grupo de homens, ainda que fossem desajeitados delinqüentes, e enviando marinheiros para navegar de um lado a outro do canal para sacar tripulantes dos mercantes que iam de regresso à Inglaterra ou recrutando homens nos povoados costeiros; contudo, raras vezes tinha-se êxito e havia que zarpar com cem tripulantes a menos dos necessários. Mas para o capitão da *Surprise* armar a fragata em Shelmerston era como armá-la no paraíso, pois ali se recebiam de imediato os apetrechos que se encomendavam aos dispostos e competitivos provedores cujos armazéns bem sortidos ficavam junto ao cais e, ademais, não era necessário recrutar homens forçosamente nem rogar-lhes que se alistassem depois de reunidos com o toque do tambor. Há muito tempo os marinheiros sabiam que Jack Aubrey era um capitão audaz e que tinha tanta sorte em conseguir butins que o chamavam de Jack Aubrey *o Afortunado*; e quando se difundiu a notícia de que sua fragata, que navegava de maneira extraordinária quando habilmente manobrada, converter-se-ia em um barco corsário que estaria sob seu comando, muitos tripulantes de barcos corsários correram em tropel para oferecer-lhe seus serviços. Jack podia escolher aos marinheiros, algo que nunca lhe ocorrera quando estava a bordo dos barcos do rei em tempo de guerra, e agora lhe faltavam somente três para completar o número de tripulantes que estimava adequado. Muitos dos marinheiros e suboficiais eram antigos tripulantes da *Surprise* que haviam sido licenciados depois de atracar a fragata na dar-se e que provavelmente haviam se esquivado das brigadas recrutadoras desde então, ainda que Jack suspeitava que vários haviam desertado dos barcos do rei e que, em alguns casos, o haviam feito com ajuda de seus amigos íntimos (como Heneage Dundas) ao comando deles. Naturalmente, alguns tripulantes eram fiéis seguidores seus, como seu dispenseiro e seu timoneiro e alguns quantos homens mais que não nunca o haviam abandonado. Vários dos marinheiros que não conhecia procediam de mercantes, mas a maioria eram contrabandistas e tripulantes de barcos corsários, marinheiros de primeira curtidos que não estavam habituados à disciplina e muito menos ao cerimonial que a rodeava (ainda que quase todos tenham sido recrutados forçosamente alguma vez), mas

estavam dispostos a servir às ordens de um capitão a quem respeitavam. Nesse momento, aos olhos dos tripulantes de barcos corsários Jack era mais respeitável do que ele supunha. Ainda que tenha perdido peso, ainda era muito largo de ombros e parecia exageradamente alto; tinha um aspecto mais velho e sua cara rosada e de expressão alegre agora estava mais delgada e tinha um gesto grave com um toque de ferocidade, pelo que qualquer um que conhecesse bem a rudeza dos marinheiros quando lhe via compreendia que não podia faltar a respeito de um homem com uma cara assim, pois se alguém o ofendesse ele golpearia sem avisar e as consequências seriam terríveis.

Provavelmente a *Surprise* era a embarcação em serviço de sua categoria que tinha uma tripulação mais eficiente e profissional, o que podia encher de alegria ao seu capitão; contudo, ainda que ao observar isto Jack havia sentido certa satisfação e tanta alegria como podia hospedar seu coração, nenhum destes sentimentos era profundo. Parecia que o coração de Jack Aubrey havia endurecido para poder suportar sua desgraça sem se romper, e esse endurecimento o transformara em um homem tão pouco capacitado para experimentar emoções como um eunuco. Talvez esta explicação fosse simples demais, mas a verdade era que em outro tempo o capitão Aubrey, como seu herói, Nelson, e muitos de seus contemporâneos, chorava com facilidade (chorara de alegria no tope de um mastro do primeiro barco que esteve sob seu comando, umedecia com suas lágrimas a parte inferior de seu violino quando tocava fragmentos exageradamente comoventes e havia soluçado nos funerais de muitos de seu companheiros de tripulação, tanto no mar como em terra) e agora tinha tão pouca sensibilidade e os olhos tão secos como era possível a um homem. Quando se despediu de Sophie e das crianças em Ashgrove Cottage só sentiu um nó na garganta, pelo que sua despedida parecera rude e sem afeto; e, por outro lado, desde que subira a bordo não tocara o violino, que ainda permanecia em seu estojo forrado de lona alcatroada.

— Estes são os três melhores marinheiros, senhor, com sua permissão — disse o senhor Pullings, tirando o chapéu —. Harvey, Fisher e Whitaker.

Os três se tocaram a testa com a mão. Eram contrabandistas e excelentes marinheiros (do contrário não teriam passado nas exageradamente duras provas) e, como eram primos, tinham o mesmo nariz comprido, a mesma cara curtida pelos elementos e o mesmo gesto astuto. Aubrey lhes olhou com certa satisfação e disse:

— Harvey, Fisher e Whitaker, alegro-me de que se encontrem a bordo, mas saibam que só se ficarão se forem do agrado do cirurgião e obtiverem a sua aprovação. — voltou a olhar para a costa, mas não viu nenhum bote com o cirurgião a bordo, e continuou — : E já conhecem as condições de pagamento e de divisão do butim, assim como as normas de disciplina e os possíveis castigos, não é?

— Certamente, senhor. O timoneiro nos as leu.

— Muito bem. Podem subir seus baús a bordo.

Começou a dar passeios outra vez enquanto repetia: “Harvey, Fisher, Whitaker”. Um capitão tinha o dever de saber os nomes de todos seus homens e conhecer um pouco sua vida, o que até agora não lhe havia resultado difícil nem mesmo em navios de linha com seiscentos ou setecentos tripulantes. Ainda recordava o nome dos marinheiros da *Surprise*, com os quais havia compartilhado a última viagem pelo Pacífico Sul, e, em alguns casos, muitas outras viagens anos atrás; contudo, lamentavelmente, esquecia os nomes dos novos marinheiros e inclusive tinha que fazer um esforço para recordar o de seus oficiais. Isto não ocorria com Tom Pullings, que havia servido sob suas ordens como guarda-marinha e agora era um capitão da Armada Real com meio soldo, um excelente capitão sem esperanças de conseguir um barco, e atualmente era seu primeiro oficial; tampouco ocorria com o segundo e o terceiro, ambos antigos oficiais do rei, a quem conhecia bastante bem e cujos julgamentos ante um conselho de guerra recordava claramente (a West lhe haviam processado por bater-se em duelo e a Davidge por um complicado assunto relacionado com a precipitada firma dos livros de um desonesto contador sem havê-los olhado); mas só podia recordar o nome do contramestre, Bulkeley, por associação de idéias. Por sorte, nenhum carpinteiro se opunha a que lhe chamassem de *Lascas* nem nenhum condestável a que lhe

chamassem de *Mestre Condestável*, e, por outro lado, estava seguro de que, com o tempo, lembraria os nomes dos suboficiais que pouco conhecia.

Caminhava de um lado para outro incessantemente, e olhava para a margem cada vez que girava, até que a aparição de algas na parte superior da corrente da âncora e o rumor da água o fizeram compreender que devia zarpar ou não poderia aproveitar a maré.

— Senhor Pullings, sairemos ao exterior do banco de areia — disse.

— Sim, senhor — respondeu Pullings e depois gritou — : Senhor Bulkeley, todos a recolher a âncora!

Imediatamente se ouviram as agudas notas da batida do contramestre e o ruído de rápidos passos, o que demonstrava que os homens de Shelmerston conheciam bem o perigoso banco de areia e o calado da fragata. Os marinheiros ataram o virador e depois colocaram, seguraram e começaram a mover as barras do cabrestante como se todos fossem veteranos tripulantes da *Surprise*. E quando o cabrestante começou a girar e a fragata começou a deslizar pelo porto em direção de sua âncora, alguns homens começaram a cantar: “Gira-a e ela girará, oh, oh!” Isso nunca ocorria quando era uma embarcação do rei, já que na Armada não se permitia que os marinheiros cantassem durante o trabalho. Pullings olhou fixamente para Jack, que negou com a cabeça e disse:

— Deixe-os cantar.

Até esse momento não se haviam produzido incidentes entre os antigos tripulantes da *Surprise* e as novas incorporações, e Jack estava disposto a fazer qualquer coisa para evitar que se produzissem. Tanto ele como Pullings fizeram o quanto puderam misturando os homens das brigadas de artilheiros e das guardas, mas estava seguro de que o fator mais importante naquela relação estranhamente pacífica entre dois grupos tão diferentes era a situação inusual. Todos, particularmente os tripulantes veteranos da *Surprise*, estavam tão desconcertados que não sabiam o que pensar nem o que dizer, e não tinham à mão nenhuma fórmula adequada. Se aquilo durava até que lhes açoitasse uma tormenta durante três ou quatro dias no canal ou, melhor ainda, até que uma batalha lhes

convertesse em um só grupo, havia esperanças de que na fragata houvesse harmonia.

— Acima e abaixo, senhor! — gritou Weld desde o castelo.

— Gavieiros! — clamou a voz de Jack —. Ouvem-me ai de cima?

Tinham que ser surdos para não lhe ouvir, pois se ouviu claramente chegar o eco de “ai de cima” desde as casas situadas ao fundo da baía.

— Adiante! — continuou —. Larguem a vela! Larguem a vela!

Nesse momento os marinheiros correram para os amantilhos do traquete. A gávea se abriu; os marinheiros de bombordo caçaram as escotas e depois, sem pronunciar palavra, correram para pegar as adriças. A verga subiu sem dificuldade; o velacho se inchou; a *Surprise* ganhou velocidade suficiente para poder recolher a âncora e depois, descrevendo uma suave curva, começou a mover-se em direção ao banco de areia, que tinha um colorido ameaçador em meio da água verde cinzenta e da borda branca.

— Pelo centro do canal, Gillow — ordenou Jack ao homem que levava o leme.

— Pelo centro, senhor — disse Gillow, um marinheiro de Shelmerston, movendo um pouco as cavilhas enquanto olhava para a direita e esquerda.

Quando a *Surprise* chegou ao alto mar voltou a dobrar suas alas. Os marinheiros deixaram cair a âncora do pescante e lentamente a fragata deu um amplo giro. A manobra realizada era simples, e Jack a vira milhares de vezes em sua vida, mas se sentiu muito satisfeito de que a realizassem perfeitamente, sem nenhuma erro. Isso foi muito conveniente, pois fazia bastante tempo que estava indignado com a demora de Maturin e, se bem podia suportar sem se queixar de sua enorme desgraça (ainda que não se resignasse a ela), as pequenas coisas lhe irritavam muito. Havia deixado uma sucinta nota para Stephen na costa na qual marcava um encontro em outro lugar ao cabo de quinze dias.

— Senhor Davidge, eu vou para baixo — disse —. Caso veja o almirante dobrar o cabo, avise-me imediatamente, por favor.

O almirante Russell, que vivia em Allacombe, a segunda enseada ao sul, havia informado de que teria vontade de fazer uma visita ao senhor Aubrey durante a tarde, se o vento e o tempo permitissem, e esperava que o senhor Aubrey passasse a noite em sua casa em Allacombe. Ademais, enviava saudações ao doutor Maturin e anunciava que teria prazer em vê-lo se estivesse a bordo.

— Imediatamente, senhor — disse Davidge e, em tom vacilante, perguntou — : Como devemos recebê-lo, senhor?

— Como ao capitão de qualquer barco privado — respondeu Jack —. Com guarda-mancebos, é claro, mas nada mais.

Para Jack lhe horrorizava a idéia de que se fizessem as coisas como na Armada Real, pois sempre lhe incomodara ver a imitação de seus costumes nos barcos da Companhia das Índias Orientais, de outras importantes companhias e de corsários ambiciosos e ainda mais importantes; por isso vestia uma casaca e calças de lã. Porém, ainda que a *Surprise* já não tinha galhardete nem fitas douradas nem infantas do marinha nem muitas outras coisas, estava decidido a que as tarefas básicas se realizassem como em um barco de guerra, e opinava que as duas coisas não eram incompatíveis.

Teria dado um olho da cara para evitar se encontrar com Russell, mas servira sob as ordens do almirante quando era guarda-marinha, tinha-lhe um profundo respeito e lhe era muito agradecido porque ascendeu ao grau de tenente graças à sua influência. Russell lhe fez o convite tão amavelmente e com tão boa intenção que seria uma descortesia recusá-lo, mas ele desejava com todas suas forças que Stephen estivesse ali para lhe ajudar durante a tarde. Como não se sentia suficientemente alegre para se dedicar ao trato social, assustava-lhe ter convidados, sobretudo membros da Armada, e, além disso, horrorizava-lhe o trato compassivo de qualquer um que não fosse seu amigo íntimo e a cortesia pintada de indiferença e arrogância de quem não simpatizava com ele.

— Killick, Killick! — gritou na grande cabine.

— Que foi... — perguntou Killick em tom mal-humorado de onde estava pendurada a maca de Jack e, para guardar as formas, acrescentou — : senhor?

— Traga-me a casaca verde garrafa e um par de calções decentes.

— Aqui estão, mas não poderá colocá-la antes de dez minutos porque tenho que costurar os botões.

Nem Killick nem Bonden expressaram seu pesar pelo capitão Aubrey ter sido processado e condenado. Tinham o bom tino de tratar os assuntos importantes com uma delicadeza que Jack, depois de tantos anos de experiência e trato com os marinheiros, sabia como interpretar. Não mostravam sua compaixão abertamente, senão com sua presença e suas atenções, e Killick aparentava ter um humor pior do que nunca, se isso era possível, para demonstrar que nada havia mudado.

Agora ele podia ser ouvido no dormitório da cabine murmurando:

— Maldita agulha despontada... Se me dessem um xelim por cada botão que essa estúpida prostituta de Ashgrove Cottage deixou frouxo, seria um homem rico... Não tem idéia de como se costura a parte traseira dos botões nos barcos de guerra... E o tom de verde do fio é diferente!

Pouco tempo depois, o capitão Aubrey já tinha posta sua roupa recém arrumada e escovada. Então, completamente só, começou a dar seus habituais passeios pelo castelo de popa, olhando algumas vezes para terra e outras para o cabo que ficava ao sul.

Desde que Stephen Maturin se convertera em um homem rico, de vez em quando tinha acessos de tacanharia. Durante quase toda sua vida havia sido um homem pobre, às vezes exageradamente pobre; porém, salvo nos casos em que a pobreza lhe impedira satisfazer suas necessidades básicas, nunca dera importância ao dinheiro.

Mas agora que recebera uma herança de seu padrinho (o melhor amigo de seu pai, primo terceiro de sua mãe, e o último membro de uma família rica), agora que a caixa forte de seu banqueiro estava tão cheia de cofres de ferro com o ouro de Dom Ramón que quase não se podia fechar a porta, contava até os xelins e os peniques.

Nesse momento atravessava um extenso terreno plano com leves ondulações e sem vegetação, caminhando apressadamente pela curta grama em direção ao sol, que acabava de sair. Vários chascos de bonita e brilhante plumagem passavam por ambos os lados e inumeráveis calandras voavam por cima de sua cabeça: era um dia esplêndido. Chegara de Londres no coche lento e descera em Clotworthy para ir caminhando pelo campo até Polton Episcopi, onde lhe esperava seu amigo, o reverendo Nathaniel Martin. Ali ambos tomariam o coche postal para ir a Shelmerston, de onde nessa tarde, quando a maré subisse, zarparia a *Surprise*. De acordo com o cálculo de Stephen, deste modo pouparia onze xelins e quatro peniques; contudo, o cálculo estava errado; Maturin era brilhante em alguns campos, como a medicina, a cirurgia e a entomologia, mas não era muito hábil com os números, e necessitava de um anjo da guarda e de um ábaco para multiplicar por doze. O erro não tinha importância, porque a questão não estava relacionada com a avareza mas com a consciência. Para Stephen achava que a riqueza era imoral e que essa imoralidade podia contrariar-se um pouco com gestos desse tipo e levando uma vida modesta. Mas só um pouco, como ele mesmo admitia. Os acessos eram involuntários e, ademais, ele não era coerente com essa idéia: por exemplo, há pouco se dera o privilégio de comprar um par de leves botinas feitas por um excelente artesão da rua Saint James e se permitira o luxo de comprar meias de casimira. Como geralmente usava pesados sapatos de ponteira quadrada com solas de chumbo, que os faziam ainda mais pesados, acreditava que sem chumbo poderia andar mais agilmente. Sem dúvida, durante as três primeiras milhas caminhou pela grama com muita rapidez, e cheio de satisfação porque se movia com agilidade enquanto sentia o odor dos verdes campos em primavera inundando o ar. Mas na frente dele, a um estádio de distância, havia um homem cuja figura erguida e escura contrastava com o terreno completamente horizontal e de cor clara onde só havia amorfos rebanhos de ovelhas e altas nuvens movendo-se devagar desde o oeste-sudeste. Também ele ia para o largo caminho que haviam formado ao passar os rebanhos e alguma carroça de pastor que deixara seu rastro, mas andava muito mais devagar e,

além disso, de vez em quando se detinha e gesticulava com veemência ou dava um salto. Quando Maturin ficou perto o bastante para ouvi-lo, percebeu que ele falava umas vezes com serenidade, outras com paixão e outras com a aguda voz de uma distinta dama. Era um homem de moderados recursos, a julgar por seus calções azuis e sua casaca descolorida, e com certa educação, pois uma vez disse com fluidez em grego: "Oxalá que esses malditos cachorros se afoguem com seu próprio excremento!" Provavelmente acreditava estar sozinho, e se incomodaria muito ser ultrapassado por alguém que estava a meia hora escutando-o. Mas era inevitável. Calções Azuis se detinha cada vez com mais freqüência, e, se não se afastasse do caminho, Stephen o alcançaria ou teria que segui-lo ao seu mesmo passo lento arriscando-se a chegar tarde ao encontro.

Stephen tossiu e inclusive entonou uma canção com voz rouca, mas nada deu resultado, e teria ultrapassado a Calções Azuis tão respeitosamente como pudesse se ele não se detivesse, houvesse cuspidado e o houvesse olhado.

— Traz algum mensagem para mim? — perguntou quando Stephen estava a umas cem jardas de distância.

— Não, senhor — respondeu Stephen.

— Desculpe, senhor — disse Calções Azuis quando Stephen estava muito perto —, mas esperava uma mensagem de Londres e, como disse em casa que ia até o vale, pensei... Porém, senhor — acrescentou, ruborizando-se —, acho que fiz papel de bobo declamando enquanto andava.

— Oh, não! — exclamou Stephen —. Já vi muitos parlamentares e advogados arengarem para o ar e nunca pensei mal deles. E por acaso Demóstenes não falava para as ondas? Isto, sem dúvida, é um componente natural de muitas profissões.

— A verdade é que sou escritor — disse Calções Azuis enquanto avançavam juntos.

Depois, em resposta às corteses perguntas de Stephen, explicou que escrevia principalmente contos de estilo gótico que se desenvolviam em tempos antigos.

— A quantidade pela qual o senhor perguntou é tão pequena que me envergonha dizê-la — acrescentou com um olhar triste —.

Só publiquei uma vintena. Não é que não haja escrito pelo menos dez vezes essa quantidade. Aqui, sobre esta mesma grama, criei excelentes contos — disse, dando um salto —, estupendos contos que me fizeram rir de satisfação (ainda que devo admitir que não sou objetivo ao julgá-los). Mas o senhor deve saber que cada homem tem uma forma peculiar de escrever, e a minha requer que diga em voz alta os fragmentos enquanto caminho, pois, em minha opinião, o movimento dissipa os maus humores e incrementa o fluxo de idéias. Contudo, é aí onde está o perigo, pois se se incrementa muito, se crio um fragmento que me satisfaça plenamente, como me acaba de ocorrer agora com o capítulo em que Soonisba leva Rodrigo ao garrote com o pretexto de que ele atuou maliciosamente e começa a apertar a porca, então estou perdido, porque minha imaginação, isto é, minha mente não quer se ocupar mais disso, resiste a pô-lo por escrito e talvez por obrigação escreva simplesmente uma série de frases insossas. Só posso ter êxito se logro estabelecer uma boa relação, quer dizer, e perdoe a expressão, fazer um *coitus interruptus* com minha musa e correr logo para casa para pegar a caneta e consumir a ação; mas não consigo fazer o meu editor compreender isto. Disse que o trabalho intelectual era diferente do manual, e que no segundo caso só com engenho e aplicação se podia derrubar um bosque e carregar a água de um oceano, mas no primeiro... Mandou me dizer que a imprensa estava paralizada e que necessitava imediatamente das vinte páginas que lhe prometera. Calções Azuis repetiu a citação em grego e depois acrescentou — : Aqui devemos nos separar, senhor, a menos que lhe convença a vir ver o vale.

— Por acaso é um antigo vale druida? — perguntou Stephen, sorrindo e movendo a cabeça de um lado para outro.

— Druida? Oh, não, em absoluto! Porém, conforme *A maldição dos druidas e o espectro dos monumentos neolíticos*, talvez haja algo feito pelos druidas. O vale é apenas um lugar onde me sento para contemplar as abetardas.

— As abetardas? — perguntou Stephen, escrutinando o rosto do homem com seus olhos claros—. *As Otis tarda?*

— As mesmas.

— Não vi nenhuma na Inglaterra — disse Stephen.

— A verdade é que hoje em dia são raras; contudo, quando era menino as via em pequenas revoadas muito parecidas a rebanhos de ovelhas. Mas ainda existem. São criaturas de costumes arraigados e as observo desde que era muito jovem, como meu pai e meu avô. No vale poderei lhe mostrar uma fêmea chocando, e é muito provável que vejamos dois ou três machos.

— Fica muito longe?

— A menos de uma hora se caminharmos depressa. Afinal de contas, terminei o capítulo.

Stephen olhou seu relógio. Martin tinha um profundo conhecimento das abetardas e lhe perdoaria por chegar tarde por essa causa, mas Jack Aubrey tinha a idéia do tempo própria dos marinheiros, e dava uma enorme importância à pontualidade. A perspectiva de se enfrentar com Jack Aubrey, que media sete pés de altura e estaria cheio de raiva mal reprimida depois de esperar duas longas horas, cento e vinte minutos, fez com que vacilasse; mas não por muito tempo. “Alugarei um coche de quatro cavalos em Polton Episcopi e assim pouparei tempo”, pensou.

O Marquês de Granby, a única pousada de Polton, tinha um banco junto à parte externa da parede na qual batia o sol da tarde, e nesse banco, flanqueado por um rosal trepador e uma madressilva, cochilava Nathaniel Martin. Acima de Martin, sob a lateral, as andorinhas construía seus ninhos e de vez em quando deixavam cair bolinhas de barro que se depositavam sobre ele; fazia tanto tempo que se encontrava ali que tinha uma grossa capa sobre o ombro esquerdo. Percebia o leve impacto, o som de suas asas, as mudanças de tonalidade de seus gorgeios e as graves notas que chegavam de um campo cheio de corvos situado a certa distância do bebedouro da pousada; contudo, não despertou de todo até que ouviu o grito:

— Olá, companheiro de tripulação!

— Querido Maturin! — exclamou —. Quanto me alegro de ver-lhe! Mas... — acrescentou, olhando-o de novo — espero que não tenha sofrido nenhum acidente.

A cara de Maturin, que geralmente tinha um colorido amarelado, estava agora rosada e o suor que corria por ela havia feito sulcos na capa de poeira que a cobria.

— Não, meu amigo. Lamento tanto... me envergonha tanto que o senhor haja tido que esperar... Peço que me perdoe. — Sentou-se ofegando e continuou — : Porém, quer que lhe conte o que me atrasou?

— Sim, por favor — respondeu Martin e depois, dirigindo a voz para o interior pela janela, gritou — : hospedeiro, por favor, traga para o cavalheiro uma jarra de cerveja, uma pinta de cerveja tão fria como for possível!

— Você não vai acreditar, estive em um vale de onde pude ver uma abetarda deitada sobre seus ovos a menos de cem jardas. Nós estávamos no vale e olhávamos para fora por entre as altas ervas. Com o telescópio de um cavalheiro pude ver-lhe um olho: é de um brilhante colorido marrom amarelado. Após um tempo que estávamos lá, ela se levantou e se afastou para se reunir com dois machos enormes e uma cegonha; depois desapareceu pela ladeira, e fomos ver o ninho sem medo. Ah, Martin, ouvi como os pintinhos diziam “pio, pio, pio” dentro daqueles bonitos e enormes ovos. Dou minha palavra de que pareciam os apitos de um contramestre.

Martin juntou as mãos, mas, antes de poder emitir algo mais que um grito de assombro e admiração, chegou a cerveja, e Stephen disse:

— Hospedeiro, por favor, prepare um coche para que nos leve a Shelmerston assim que termine de beber — me esta magnífica cerveja, já que provavelmente o coche postal já deve ter partido faz tempo.

— Oh, senhor! — exclamou o hospedeiro zombando de sua ingenuidade —. Não há nem nunca houve um coche de aluguel em Polton Episcopi. Oh, não! E o coche postal agora deve estar chegando a Wakeley.

— Então, um par de cavalos, ou uma carruagem, ou uma carreta.

— Senhor, o senhor esquece que hoje há mercado em Plashett e não resta nenhuma carruagem nem nenhuma carreta no povoado.

E duvido que reste algum cavalo, mas podem montar ambos na mula de Waites, ainda que o ferreiro lhe deu um remédio ontem à noite. Vou perguntar à minha mulher, pois Anthony Waites é como se fosse seu primo.

Houve uma pausa durante a qual se ouviu da escada a voz de sua mulher, que perguntava: “Para que querem ir a Shelmerston?”. Depois o hospedeiro regressou com uma expressão satisfeita, como a de alguém a quem lhe ocorreu o que mais temia, e anunciou:

— Não, cavalheiros; sem esperanças de conseguir um cavalo e a mula de Waites morreu.

Caminharam em silêncio durante um tempo até que Stephen comentou:

— Depois de tudo, só serão umas poucas horas.

— Mas tem que levar em conta a maré — disse Martin.

— Oh, meu Deus, havia me esquecido da maré! — exclamou Stephen —. E os marinheiros lhe dão muita importância.

Quando haviam avançado mais um quarto de milha—, prosseguiu:

— Acho que nas notas que lhe escrevi recentemente não lhe dei toda a informação que desejava.

Isso era verdade. Stephen Maturin estava relacionado com os serviços secretos, tanto estatais como navais, e fazia tanto tempo que sua vida dependia de que mantivesse segredos, que era resistente a escrever qualquer coisa. Além disso, não gostava de manter correspondência.

— Nada disso.

— Se tivesse boas notícias para dar-lhe — continuou Stephen —, com muito gosto lhe teria dado imediatamente; mas devo dizer que seu opúsculo, o excelente opúsculo contra a prostituição e os açoites na Armada tornou quase impossível que voltem a lhe oferecer alguma vez o posto de capelão de um barco. E lamento dizer-lhe que ouvido isso em Whitehall.

— Foi isso mesmo que o almirante Caley disse à minha esposa faz alguns dias — disse Martin, suspirando —. Que se assombrava de minha temeridade. Apesar de tudo, acho que era meu dever fazer algum tipo de protesto.

— Sem dúvida, foi um ato de valentia fazê-lo — opinou Stephen —. Agora quero falar-lhe do senhor Aubrey. O senhor se informou de seu julgamento e de sua condenação, não é?

— Sim, e senti uma grande indignação. Eu lhe escrevi duas vezes, mas rasguei as duas cartas porque temia me entrometer e lhe ferir com minha inoportuna compaixão. Foi um grave erro da justiça. O senhor Aubrey está tão capacitado para idear uma fraude na bolsa como eu; ou inclusive menos, porque conhece muito pouco o mundo do comércio e ainda menos o das finanças.

— E o senhor sabe que foi expulso da Armada?

— Não me diga! — exclamou Martin surpreendido.

Uma carreta passou por seu lado e o que a conduzia lhes olhou com a boca aberta, e inclusive se voltou completamente para ver-lhes durante mais tempo.

— Apagaram seu nome da lista de capitães de navio na sexta-feira seguinte.

— Creio que isso esteve a ponto de matá-lo — afirmou Martin, olhando para um lado para ocultar sua emoção —. A Armada significava tudo para o senhor Aubrey. Expulsar um homem tão valente e honorável...

— A verdade é que acabou com sua alegria de viver — confirmou Stephen enquanto avançavam lentamente —. Mas tem uma grande força e uma esposa admirável...

— Uma esposa é um grande consolo para um homem — afirmou Martin, e em sua cara grave apareceu um sorriso.

Diana, a esposa de Stephen, não era nesse momento um consolo para ele mas motivo de dor, uma dor umas vezes leve e outras tão aguda que era quase insuportável, mas permanente.

— Podem se dizer muitas coisas a favor do matrimônio. Além do mais, têm filhos em comum. Tenho esperanças de que esteja bem, sobretudo porque ao mesmo tempo que o expulsaram da Armada venderam sua fragata, a *Surprise*, e alguns de seus amigos a compraram, a converteram em um barco de guerra privado e deram o comando para ele.

— Meu Deus! A *Surprise* agora é um barco corsário, Maturin? Sabia que a Armada a ia vender, mas ignorava que... Achava que os

barcos corsários eram tão pequenos como os piratas, geralmente bergantins ou lugres de dez ou doze canhões, e tão desprezíveis como eles.

— Realmente, a maioria dos que operam no canal respondem a essa descrição, mas há barcos de guerra privados mais importantes que fazem viagens ao estrangeiro. Nos anos noventa havia um barco corsário francês de cinquenta canhões que causou graves danos ao comércio com o Oriente e, sem dúvida, recordará esse barco tão veloz que perseguimos durante dias e quase capturamos quando regressávamos de Barbados, um barco de trinta e dois canhões.

— Verdade, verdade! Era o *Spartan*. Mas era estadunidense, não é verdade?

— E o que tem a ver?

— Esse país é tão extenso que um pensa que tudo o que há lá é maior, inclusive os barcos corsários.

— Diga-me, Martin, posso lhe pedir algo? — perguntou Stephen depois de uma breve pausa.

— Por favor.

— As conotações da palavra "corsário" desagradam aos marinheiros, e aplicada à *Surprise* poderia parecer ofensiva. De toda forma, não é um barco corsário comum. Em um comum os marinheiros se alistam sabendo que se não conseguirem nenhum butim, não receberão dinheiro; não recebem mais do que a comida e o único dinheiro que obtêm é o dos butins. Por isso são rebeldes e violentos, dedicam-se ao saque e despojam de tudo e sem piedade as suas infelizes vítimas. Conforme dizem, alguns são tão malvados e cruéis que jogam pela borda os prisioneiros que não podem pagar seu próprio resgate e cometem muitos abusos e estupros. Na *Surprise*, em troca, tudo se rege pelas normas da Armada: os marinheiros recebem um pagamento e o capitão Aubrey só aceita marinheiros de primeira que, em sua opinião, tenham bom caráter, e recusa a todos os que não prometam se submeter à disciplina naval. O capitão zarpará de imediato com a atual tripulação para fazer duas curtas viagens, uma para o oeste e outra para o norte, provavelmente pelo Báltico, e depois deixará em terra os homens que não sejam adequados. Tendo em conta tudo isso,

talvez seja melhor que se refira a ela como “barco de guerra particular” ou, no caso de que isto lhe desagrade, como “barco com patente de corso”.

— Agradeço por sua advertência e tentarei não ofender ninguém. Mas não terei muitas ocasiões de referir-me a ela de uma maneira ou de outra, pois, ainda que seja muito diferente de um desses barcos comuns... quero dizer, uma dessas desprezíveis embarcações, nem mesmo no barco de guerra privado onde haja mais ordem necessitarão um capelão. Não é verdade?

Seu desejo de que a resposta fosse negativa se refletiu em sua delgada cara de sacerdote sem benefício eclesiástico com expressão angustiada, e a Stephen deu tanta lástima que disse:

— Infelizmente; como você bem sabe, os marinheiros têm uma absurda superstição: que um pastor a bordo traz má sorte, e neste tipo de viagem a sorte é tudo. Essa é a razão pela qual tantos homens querem navegar com Jack Aubrey *o Afortunado*. Contudo, pedi a você que viesse comigo a Polton não por vontade mas porque queria saber se seus projetos e seus desejos variaram desde que nos vimos pela última vez, ou se gostaria que perguntasse ao senhor Aubrey se deseja contratá-lo como ajudante de cirurgião. Depois destas viagens preliminares, a *Surprise* zarpará com destino à América do Sul e, naturalmente, em um viagem tão longa é preciso que haja dois homens que possam prestar cuidados médicos. Seus conhecimentos de medicina excedem os de qualquer ajudante de cirurgião, e prefiro mil vezes ter um ajudante que seja também um companheiro instruído e, além disso, um naturalista. Eu lhe rogo que pense nisso e lhe agradeceria que me desse uma resposta dentro de duas semanas, ao final da primeira viagem.

— A designação depende só do senhor Aubrey? — inquiriu o senhor Martin com o rosto radiante.

— Sim.

— Então, por que não corremos um pouco? Como vê, o caminho é descendente até onde alcança a vista.

— Coberta! — gritou o serviola do tope de um mastro da *Surprise* —. Três... quatro barcos à vista pela amura de estibordo!

Não podiam ser vistos da coberta porque os ocultava uma colina ao norte do cabo Penlea, mas o serviola, um homem da localidade, podia vê-los perfeitamente, um pouco depois, acrescentou em tom coloquial:

— São navios de guerra e me parece que pertencem à esquadra de Brest. Vão dobrar o cabo, mas não há porque se preocupar pois não há corvetas nem fragatas.

Isso significava que não lhes acompanhavam corvetas nem fragatas que poderiam haver-se separado deles para recrutar à força marinheiros dos barcos ancorados frente a Shelmerston.

Momentos mais tarde apareceram por trás de Penlea: primeiro dois navios de setenta e quatro canhões, depois um de três pontes, provavelmente o *Caledônia*, que levava o estandarte de um vice-almirante da Esquadra vermelha no traquete; depois outros dois de setenta e quatro canhões e, por último, sem dúvida, o *Pompee*. Viraram em sucessão e, com um vento apropriado para aplicar as joanetes a vinte e cinco graus pela amura, avançaram para o alto mar formando uma linha tão reta como se a houvessem traçado com uma régua, cada um a dois cabos de distância do precedente. Sua simples beleza era capaz de comover a qualquer marinheiro, e também de ferir profundamente a um excluído desse mundo. Isso teria que acontecer cedo ou tarde, e Jack se alegrou de que o primeiro golpe não houvesse sido mais forte.

Muitos fatores contribuíram para sua tristeza, e um dos mais importantes foi a imediata constatação de que podia ser vítima da instituição à qual havia pertencido; contudo, não era propenso a analisar seus sentimentos e, quando a esquadra desapareceu, seguiu dando passeios de um lado para outro até que ao fazer um giro viu no porto um lugre içando o velame e uma pequena figura sentada na proa agitando no ar algo branco. Pediu emprestado o telescópio de Davidge e viu que quem agitava aquilo era Stephen Maturin. O lugre virou para atravessar o banco de areia com as velas amuradas para estibordo e Stephen se viu obrigado a abandonar seu lugar e se sentar no meio da embarcação, sobre uma armadilha de lagostas, porém, apesar de tudo, seguiu dando gritos agudos e agitando seu lenço. Depois Jack observou com surpresa que lhe

acompanhava o pastor Martin e supôs que vinha fazer-lhe uma visita.

— Bonden — disse —, o doutor chegará dentro de pouco junto com o senhor Martin. Avise a Padeen para o caso de ser necessário arrumar a cabine de seu amo e prepare tudo para que ambos subam a bordo com os pés secos, se for possível.

Ainda que os cavalheiros estivessem acostumados à vida no mar, tinham algum problema mental, certa falta de desenvolvimento que lhes impedia aprender suas peculiaridades e, portanto, eram como eternos marinheiros de água doce. Sobretudo o doutor Maturin havia caído inumeráveis vezes quando tentava subir em um barco desde o bote em que se encontrava; contudo, desta vez todos estavam preparados para ajudar-lhe, e fortes braços o subiram para o convés, aonde chegou ofegando. Então Jack Aubrey exclamou:

— Ah, já chegou, doutor! Quanto me alegro de ver-te! — e, apertando a mão do pastor, acrescentou — : Meu querido senhor Martin! Bem-vindo de novo a bordo. Espero que esteja bem.

Martin parecia ter frio e estar exausto, e, em realidade, a úmida brisa marinha havia atravessado sua delgada casaca durante a viagem desde a costa até ali e, ainda que respondeu sorrindo que estava bem, não podia evitar que lhe estalasse os dentes.

— Vamos abaixo — acrescentou Jack —. Permita-me oferecer-lhe algo quente. Killick, traga uma cafeteira cheia de café e se apresse.

— Jack — disse Stephen —, peço humildemente perdão por chegar tarde. A culpa é só minha, por me permitir satisfazer o desejo de ver abetardas. Eu lhe estou infinitamente agradecido por nos esperar.

— Não tem importância — respondeu Jack —. Tenho um encontro esta tarde com o almirante Russell e não zarparei até que comece a baixa-mar. Killick, Killick! Apresente meus respeitos ao capitão Pullings, que está na bodega, e diga-lhe que subiram a bordo alguns amigos seus.

— Antes que venha nosso querido Tom — anunciou Stephen —, eu gostaria de resolver um assunto. Na *Surprise* faz falta um ajudante de cirurgião, sobretudo porque é provável que eu me

ausente durante a primeira parte da viagem, e, como sabe, o senhor Martin é muito competente nesse campo. Se dé seu consentimento, ele me acompanhará na qualidade de ajudante.

— Como ajudante de cirurgia, em lugar de pastor?

— Exatamente.

— Eu gostaria de voltar a ter o senhor Martin entre nós, especialmente se for se ocupar de questões médicas. — Então se voltou para Martin e acrescentou — : Devo dizer-lhe, senhor, que nem mesmo os tripulantes de um barco do rei gostam da idéia de que haja um pastor a bordo, e que aos de um barco com patente de corso, que prestam mais atenção às superstições pagãs, provavelmente lhes desgostaria muito, ainda que não duvido de que em caso de acidente lhes agradaria que lhes enterrassem com dignidade. Sob a condição de que o senhor esteja inscrito como ajudante de cirurgia no rol da fragata, eles poderão desfrutar do melhor de ambos os mundos.

Pullings chegou correndo e lhes deu uma cordial boas-vindas; Padeen, com seu tosco inglês, tratou de averiguar se o doutor queria pôr seu colete de flanela, e Davidge mandou dizer que o cúter do almirante se abordaria com a fragata ao cabo de cinco minutos.

O cúter do almirante se aproximou pelo lado de bombordo para evitar as cerimônias, e com a mesma simplicidade os marinheiros desceram Stephen pelo costado como se fosse um saco de batatas.

— obrigado por ter a amabilidade de me convidar, senhor — disse —, mas me envergonha apresentar-me em público com esta roupa. Não tive tempo de trocar-me desde que cheguei.

— Está muito bem assim, doutor; muito bem. Só estaremos Polly minha pupila, a quem já conhece, e o almirante Schank, a quem conhece melhor ainda. Esperava que nos acompanhasse o almirante Henry, que sabe muito de medicina, pois agora tem muito tempo livre, mas tinha um compromisso. Contudo, mandou-lhe muitas saldações e me deu seu último livro, um estupendo livro, certamente, para que lhe entregasse.

O estupendo livro se intitulava *An Account of the Means by which Admiral Henry has Cured the Rheumatism, a Tendency to Gout, the Tic Douloureux, the Cramp, and other Disorders; and by*

*which a Cataract in the Eye was removed*, e Stephen olhava os desenhos enquanto escutava as declinações sobre um tema de Pergolesi que Polly tocava, uma encantadora jovem cujo cabelo negro e cujos olhos azuis traziam à sua mente a vivida recordação de Diana. Nesse momento o almirante Schank se despertou e disse:

— Meu Deus! Acho que me fiquei transposto. De que estávamos falando, doutor?

— Estávamos falando de balões, senhor, e o senhor tentava recordar os detalhes do aparelho que há ideado para eliminar o inconveniente, o péssimo inconveniente de que subam muito.

— Sim, sim. Eu lhe desenharei.

O almirante era conhecido por todos na Armada como Polipasto porque havia feito uma engenhosa maca que podia inclinar-se, subir e descer à vontade da pessoa que estava deitada nela, ainda que fosse um enfermo débil, com ajuda de moitões de duas ou três roldanas, e havia inventado muitas outras coisas. Desenhou um balão com uma rede de cordas ao redor da coberta e explicou que estava desenhada para diminuir o volume do gás por meio de um sistema de polias e, portanto, sua capacidade de se elevar.

— Mas não funcionou — disse —. A única forma de não subir demais, como o pobre Senhouse, a quem ninguém voltou a ver, ou Charlton, que se congelou, é deixar escapar um pouco de gás, ainda que se fizer frio durante o dia é provável que um desça com tanta rapidez que se choque fortemente e se despedace, como o pobre Crowle, seu cachorro e seu gato. Já andou em balão alguma vez, Maturin?

— Andei em um; quer dizer, estive dentro da nacela, mas era muito obstinado e não subia, assim que descí. Então se elevou impulsionado pelo vento, com só meu companheiro dentro, e aterrizou no condado de Roscommon depois de cruzar três campos. Como agora estão na moda outra vez, quero fazer outra tentativa e espero ver de perto os abutres plairando.

— O balão era de ar quente ou estava cheio de gás?

— Era de ar quente, mas a grama não estava tão seca como deveria e uma fina chuva caía em rajadas por todo o país, assim que

não teríamos logrado que se mantivesse no ar nem mesmo soprando como o bóreas.

— É melhor assim. Se se houvesse elevado e a bolsa se houvesse incendiado, como ocorre amiúde, o senhor teria passado seus últimos minutos lamentando sua temeridade. São objetos muito perigosos, Maturin, e, ainda que não nego que um balão bem amarrado e elevado a três ou quatro mil pés de altura pode ser um excelente posto de observação para um general, acho que só os delinqüentes convictos deveriam subir neles.

Depois de uma pausa, o almirante Schank perguntou:

— Que houve com Aubrey?

— O almirante Russell o levou para a biblioteca para lhe mostrar uma maquete do *Santíssima Trindade*.

— Queria que o trouxesse aqui de novo, pois já passaram vários minutos desde a hora da janta e Evans se há assomado duas vezes. Ademais, se não me servem a comida na hora acostuada, parece que tenho abutres dentro e sou capaz de despedaçar meus companheiros como os leões da Torre. Detesto a impontualidade, e o senhor, Maturin? Polly, minha querida, acha que seu guarda há tido algum problema? O relógio soou faz muito tempo.

Na biblioteca, os dois homens observavam a maquete.

— Todas as pessoas com as que falei opinam que o processo levado a cabo pelo Ministério contra o senhor — disse o almirante Russell —, isto é, contra seu pai e seus sócios, é o pior que já se viu na Armada desde que mataram legalmente ao pobre Byng. Tenha a segurança de que meus amigos e eu faremos todo o possível para que seja readmitido.

Jack fez uma inclinação de cabeça, ainda que estava seguro de que isso era o pior que se podia fazer e que além de mau era inútil, já que o almirante e seus amigos pertenciam à oposição. Nesse momento ia expressar seu agradecimento como era devido, mas o almirante, levantando a mão, disse:

— Nem uma palavra. Mas o que realmente queria lhe dizer é que evite cair no abatimento. E não se afaste de seus amigos, Aubrey, pois quem não o conhece bem poderia interpretá-lo como uma prova de que se sente culpado e, ademais, só lhe serviria para

ficar melancólico e ter maus pensamentos. Não se afaste de seus amigos. Conheço alguns homens que se incomodaram com sua recusa, e ouvi o mesmo de alguns outros.

— Agradeço que hajam tido a amabilidade de me convidar — disse Jack —, mas se houvesse aceitado, eu os teria comprometido. Atualmente há uma competição muito acirrada pelos barcos e pelas ascensões, e não gostaria que meus amigos tivessem problemas de nenhum tipo com o Almirantado. Com o senhor as coisas são diferentes, senhor, já que o senhor não aspira ao comando de um barco e, além do mais, um almirante da Esquadra branca que já recusou um título não deve temer a ninguém, nem mesmo ao Almirantado. Mas seguirei seu conselho com respeito a...

— Oh, senhor, na cozinha há um alvoroço! — exclamou Polly da porta —. A janta estava meio servida quando o relógio deu a hora, e já falta a metade outra vez. Ademais, Evans e a senhora Payne estão discutindo no corredor.

— Meu Deus! — exclamou o almirante, olhando para o relógio da biblioteca, um regulador silencioso —. Aubrey, devemos correr como lebres.

O jantar se desenrolou em um ambiente agradável e, ainda que o *sufilé* havia conhecido tempos melhores, o clarete, um Latour, era quase perfeito. Quando o relógio deu a badalada seguinte, Polly se despediu. A graça com que fez a reverência e inclinou a cabeça trouxe de novo à mente de Stephen a nítida imagem de Diana, em quem a graça substituía a virtude, ainda que ela era honorável conforme suas próprias normas de conduta (que eram muito rigorosas com relação a algumas coisas). Stephen notou com agrado que Polly se ruborizou quando ele lhe abriu a porta, algo que para ela ainda lhe parecia estranho porque era muito jovem e tinha pouca experiência. Quando todos os homens voltaram a se sentar, o almirante Russell pegou uma carta do bolso e disse:

— Aubrey, sei que o senhor mantém viva a lembrança de Nelson e por isso quero lhe entregar esta carta. Espero que lhe traga boa sorte em sua viagem. Ele me a mandou em 1803, quando eu estava com lorde Keith no estreito de Sonda e ele se achava no

Mediterrâneo. Ihe vou a ler primeiro, não por orgulho mas porque a escreveu com a mão esquerda, naturalmente, e é possível que o senhor não possa entendê-la. Depois do habitual começo, diz assim:

Aqui estou, ao arbítrio desses homens de Toulon, e todos desejamos com veemência ver-nos frente a frente. Acredito que sobrarão alguns chapéus quando o hajamos conseguido. O senhor é sempre uma pessoa amável e, como disse o comodoro Johnstone do general Meadows, “não duvido que o dia da batalha o senhor será uma agradável companhia para seus amigos, mas muito desagradável para seus inimigos”. Desejo que sempre me considere como um dos melhores dos primeiros, querido Russell.

Então entregou a carta ainda aberta por em cima da mesa.

— Oh, que carta mais bonita! — exclamou Jack, olhando-a com sincera satisfação —. Acredito que ninguém nunca escreveu uma carta tão bonita. Posso realmente ficar com ela, senhor? Eu Ihe estou muito agradecido. Guardarei-a como um tesouro. Obrigado de novo, senhor — acrescentou, dando um férreo aperto de mãos ao almirante.

— Esses tipos que asseguram que podem lançar a primeira pedra dirão o que queiram de Nelson — comentou Polipasto —, mas inclusive eles têm que admitir que ele sabia como dizer as coisas. Meu sobrinho Cunningham era um dos guardas-marinhas do *Agamenon* e Nelson Ihe disse: “Há três coisas na vida que deve recordar sempre, jovem: a primeira é que deve obedecer as ordens incondicionalmente, sem tratar de julgar se são apropriadas ou não; a segunda é que deve considerar inimigos a todos os homens que falem mal de seu rei; a terceira é que deve odiar aos franceses como ao diabo”.

— Admirável! — exclamou Jack.

— Mas provavelmente não se referia a todos os franceses — disse Stephen, que admirava a França não napoleônica.

— Acredito que sim — replicou Schank.

— Talvez as implicações fossem muito extensas — disse Russell —, mas também o eram suas vitórias. E verdadeiramente, em geral,

os franceses não têm nada de bom. Dizem que um pode aprender muitas coisas sobre um país por seus provérbios, e quando os franceses querem descrever algo muito sujo dizem “sujo como um pente”, o que dá uma idéia bastante clara de sua higiene pessoal; quando têm outras coisas em que pensar dizem que têm “outros gatos que açoitar”, o que é um ato inumano, quando vão mudar de bordo um barco, a ordem que dão é “à Dieu vai”, ou seja, “temos que nos aventurar e confiar em Deus”, o que reflete seus rupestres conhecimentos de navegação e é o mais absurdo que já ouvi.

Jack contou ao almirante Schank que Nelson lhe havia pedido uma vez que lhe passasse o sal da forma mais cortês que podia imaginar, e que em outra ocasião lhe havia dito: “Não interessam as manobras, o que importa é atacar com decisão”. Stephen ia dizer que provavelmente havia bons franceses, como, por exemplo, os que haviam feito aquele sublime clarete, mas o almirante Russell, depois de ficar absorto em suas meditações alguns momentos, comentou:

— É possível que haja excessões, porém, em geral, eu os acho insuportáveis, quer sejam de classe alta ou baixa. Foi um capitão francês, um homem de excelente família, que me fez a pior trapaça que me fizeram em uma guerra, uma trapaça tão suja como um pente francês.

— Por favor, contem-nos — rogou Jack, acariciando a carta em segredo.

— Eu lhes farei um breve resumo, pois vai zarpar quando mude a maré e não quero entretê-lo. O fato ocorreu no final da última guerra com os Estados Unidos, em 1783, quando estava ao comando da *Hussar* (minha querida *Hussar*), uma fragata muito parecida com a sua *Surprise*, ainda que não navegava de bolina com tanta rapidez. Nelson estava na mesma base naval, ao comando do *Albemarle*, e nos dávamos muito bem. Eu estava patrulhando ao norte do cabo Hatteras, em águas de pouca profundidade, em meio de um frio vento do norte-noroeste e a névoa que costuma ter no mês de fevereiro, e de repente, no oeste, vi um barco com as velas amuradas para estibordo. Avancei em direção dele e quando estava muito perto, apesar da espessa névoa, pude ver que tinha mastros provisórios muito bem colocados e alguns buracos na alheta; assim

que, quando apareceu na haste a bandeira inglesa por cima da francesa, pensei que isso significava que era uma presa de um de nossos navios. Supus que teria sofrido graves danos durante a captura, que estaria em perigo e que os tripulantes necessitariam de ajuda.

— Isso não podia significar outra coisa.

— Sim podia, meu amigo! — exclamou o almirante —. Podia significar que o barco estava ao comando de um pilantra, um desprezível pilantra. Aproximei a fragata do costado de sotavento para perguntar aos gritos que necessitavam e subi no parapeito com o alto-falante para que pudessem me ouvir apesar do rumor do vento. Então vi que no convés havia muitos tripulantes, uns duzentos ou trezentos, não um pequeno número, como é habitual nas presas, e nesse momento sacaram os canhões e viraram para que o barco estivesse perpendicular à fragata com a intenção de derrubar o gurupés, disparar-lhe de proa a popa e depois abordá-la. No convés havia montes de tripulantes sorridentes e silenciosos que esperavam para saltar na abordagem. Com o alto-falante ainda na mão gritei: “Leme a barlavento!”, e meus homens tiveram a sensatez de soltar as velas de proa antes que eu tivesse tempo de dar a ordem. A *Hussar* obedeceu imediatamente, e por isso não alcançaram a maioria dos devastadores disparos, se bem que estragaram o traquete e arrancaram a maior parte dos amantilhos de estibordo. Ambas embarcações tinham a proa para sotavento e os costados quase juntos, e meus homens dispararam com fúria pesadas balas de canhão contra os marinheiros que tentaram nos abordar, o que deu um magnífico resultado, e então gritei: “À abordagem!”. Ao ouvi-lo esse pilantra moveu o leme e o barco virou em redondo e começou a navegar com o vento em popa. Nós o perseguimos disparando-lhe constantemente, e depois de uma hora de encarniçado combate, diminuiu a freqüência de seus disparos, virou a estibordo e se afastou para barlavento com as velas amuradas para bombordo. Seguimos ele para forçá-lo a aproximar mais a proa do lugar de onde soprava o vento, porém, por desgraça, o traquete esteve a ponto de cair pela borda e o gurupés também, assim que não podíamos orçar até que não os assegurássemos. Mas

o conseguimos por fim e, quando já estávamos perto do barco francês, a névoa se dissipou e vimos a barlavento um navio de grandes dimensões, que, conforme soubemos mais tarde, era o *Centurião*, e a sotavento uma fragata, a *Terrier*. Seguimos avançando apesar de tudo e duas horas depois estávamos do seu lado disparando-lhe uma descarga. Eles nos dispararam dois canhões, mas depois arriaram a bandeira. O barco resultou ser *A Sybille*, uma embarcação de trinta e oito canhões, ainda que seus homens houvessem jogado uma dúzia pela borda durante a perseguição, e com trezentos e cinquenta tripulantes mais alguns marinheiros norte-americanos supernumerários. O pilantra que estava ao comando era o conde de Kergariou, Kergariou de Socmaria, se não recordo mal.

— E o que o senhor lhe fez, senhor? — perguntou Jack.

— Silêncio — disse o almirante, virando a vista para Schank —. Polipasto adormeceu. Saíamos de fininho e depois os levarei de regresso para a fragata. O vento é favorável e assim não desperdiçarão nem um minuto da maré.

## CAPÍTULO 2

---

A alvorada surpreendeu à *Surprise* muito longe, entre as cinzas e solitárias águas que eram seu lar. Soprava um forte vento do sudoeste favorável para abrir as joanetes; havia nuvens baixas e a chuva chegava em rajadas ocasionais; mas o dia prometia ser bom. Apesar de que ser muito cedo, a fragata já usava as joanetes desdobradas, pois Jack se propunha se afastar da rota habitual dos barcos que iam ou vinham das diferentes bases navais, porque não desejava que recrutassem à força os seus homens, e sabia que nenhum oficial do rei poderia resistir à tentação ante tão grande número de escolhidos marinheiros de primeira. Tampouco desejava ter que apresentar-se em um barco do rei para mostrar seus documentos, fazer um resumo de sua carreira e, possivelmente, receber um tratamento desconsiderado, familiar demais ou ofensivo. Como na Armada não só havia homens com uma grande delicadeza natural ou adquirida, já havia tido que suportar algumas descortesias e, ainda que confiava acostumar-se a elas com o tempo, nesse momento estava, por assim dizer, excessivamente sensível.

— Mova-se, Joe — disse o suboficial encarregado dos sinais, enquanto girava o relógio de areia que indicava as guardas.

Então uma figura embuçada avançou alguns passos e tocou as três badaladas da guarda da alvorada. O ajudante de oficial de derrota levantou a barquilha e informou de que a velocidade era de seis nós e duas braças, uma velocidade que poucos barcos podiam igualar nessas condições e talvez nenhum pudesse superar.

— Senhor West, vou descer um pouco — disse Jack ao oficial de guarda —. duvido que este vento se mantenha, mas parece que

o dia será muito agradável.

— Sim, senhor — disse West, inclinando a cabeça para se esquivar de uma lufada de espuma, pois as ondas chocavam contra a amura de estibordo da *Surprise*, que navegava de bolina com rumo sul-sudeste, e avançavam em direção à popa lançando salpicos que se misturavam com a chuva —. Que agradável é estar em alto mar outra vez!

Agora, na primeira etapa da viagem, Jack Aubrey era três pessoas em uma. Era o capitão da fragata, naturalmente; era o oficial de derrota, quer dizer, o responsável pela navegação, entre outras coisas, porque não havia dado sua aprovação a nenhum dos muitos candidatos que haviam se apresentado; e também era o contador. Geralmente, os oficiais ao comando dos barcos enviados para fazer explorações também desempenhavam a função de contador, mas Jack nunca o havia feito e, ainda que como capitão havia tido que supervisionar aos contadores e firmar seus livros, assombrava-se com o volume e a complexidade das contas agora que devia fazê-las detalhadamente.

Na grande cabine entrava luz suficiente para trabalhar pelas janelas de popa, uma série de janelas de vidro que formavam uma curva de lado a lado da fragata e que lhe produziam certo prazer inclusive nos momentos mais tristes de sua vida. O mesmo lhe produzia a própria cabine, uma habitação exageradamente bonita que tinha um único ângulo reto (o piso era curvo, o teto era curvo e os lados eram inclinados) e media vinte e quatro pés de largura e catorze de comprimento, pelo que dispunha de mais espaço que todos os oficiais juntos. E isso não era tudo, pois a grande cabine se comunicava com outras duas menores, das quais uma era um refeitório e outra um dormitório. Mas Jack havia cedido a cabine-refeitório para Stephen Maturin e no momento em que o café da manhã chegou, depois de revisar a terceira parte das faturas, comprovantes e notas de embarque, assinalou a porta com a cabeça e perguntou:

— Está acordado o doutor?

— Não se ouve nenhum ruído, senhor — respondeu Killick —. Ontem à noite estava morto de cansaço, como um cavalo fustigado.

Mas talvez este aroma o desperte, como já aconteceu amiúde.

O aroma, uma mistura do odor do café com o bacon, salsichas e pão torrado, havia lhe despertado em muitas latitudes, pois Jack, como a maioria dos marinheiros, era ultraconservador em questões culinárias e geralmente, inclusive em viagens longas, havia levado galinhas, porcos, uma cabra silvestre e sacos de café verde e havia conseguido ter quase o mesmo desjejum (salvo as torradas) no Equador e nos círculos polares. Stephen considerava essa refeição o principal sinal de civilização dos ingleses, mas desta vez nem sequer o odor do café logrou despertá-lo. Tampouco o lograram os ruídos da limpeza do castelo de popa justo acima de sua cabeça, nem os apitos com que ordenaram aos marinheiros guardar suas macas quando soaram as sete badaladas ou com que os chamaram para desjejuar quando soaram as oito, aos que seguiu, como sempre, o ruído de gritos e passos apressados. Continuou dormindo enquanto o vento amainava gradualmente e enquanto a fragata virava para estibordo, uma manobra acompanhada de muitos gritos e dos ruídos produzidos ao se mover as braças e ao fazer aduchas. Só na entrada da guarda da manhã que Stephen apareceu, bocejando e estirando-se, com os calções desabotoados no Joelho e a peruca na mão.

— Que Deus e Maria o bendigam, cavalheiro — cumprimentou-lhe Padeen, que o estava esperando.

— Que Deus, Maria e são Patrício lhe bendigam, Padeen — respondeu Stephen.

— Quer que lhe traga uma camisa limpa e água para se barbear?

Stephen refletiu alguns momentos enquanto acariciava seu queixo.

— Pode trazer a água — respondeu —, pois o tempo é aprazível, o movimento leve e o perigo mínimo. Contudo, com respeito à camisa — acrescentou, alçando a voz para que o ouvisse apesar da conversa de um grupo de homens que trabalhavam onze polegadas acima dele —, com respeito à camisa, já tenho posta uma e não penso tirá-la. Mas pode dizer a Killick que faça o favor de trazer-me uma cafeteira cheia.

Isto último o disse ainda mais alto e em inglês, porque provavelmente Killick, que era sumamente xereta, o ouviria.

Pouco tempo depois, barbeado e reanimado, o doutor Maturin subiu para o convés, quer dizer, saiu de sua cabine pela porta dianteira, avançou pelo corredor até o convés e depois subiu pela escada para o castelo de popa, onde o capitão, o ajudante do oficial de derrota, o contramestre e o condestável conversavam animadamente. Foi até o coroamento e, recostado nele, sob a luz do sol, percorreu com o olhar toda a fragata até a proa, umas quarenta jardas, e depois olhou mais além do gurupés. O dia era realmente agradável, mas o vento era fraco, e apesar da *Surprise* ter muito velame desdobrado navegava escassamente a dois ou três nós e com a coberta pouco inclinada.

Tudo lhe parecia igual como sempre, desde os tensos cabos dos aparelhos até as curvas das brancas velas iluminadas pelo sol que do alto projetavam sua escura sombra, e tardou algum tempo em descobrir qual era a principal diferença. Não era a falta de uniformes, porque, exceto nos navios insígnias e alguns outros ao comando de capitães muito rigorosos, os oficiais se vestiam usualmente com variada roupa de trabalho salvo quando o capitão lhes convidava para comer em sua cabine ou tinham que realizar algum ato formal, e os marinheiros sempre se vestiam como queriam; tampouco era a falta do típico estandarte de um barco de guerra ondeando no tope de um mastro, o que nunca haveria notado. A diferença era que não havia no castelo de popa infantes da marinha, com suas casacas de colorido escarlata formando um chamativo retângulo que contrastava com a pálida coberta e as distintas tonalidades do mar, e tampouco adolescentes, nem grumetes nem cadetes, quem ocupavam muito lugar, eram difíceis de fazer calar e nem sempre cumpriam suas tarefas mas proporcionavam alegria. Contudo, havia alegria e se notava muito mais que em um navio da Armada Real sob o comando de um capitão igualmente estrito (os marinheiros riam nos cestos das gáveas, no corrimão e no castelo), mas era uma alegria diferente. Stephen estava refletindo sobre a diferença quando Bonden chegou

à popa para arrumar a bandeira, uma bandeira vermelha que havia se enganchado.

— Os marinheiros se alegraram muito com a carta de Nelson, senhor — disse Bonden depois de trocar comentários sobre o vento e a possibilidade de pescar bacalhaus com um fio de pescar e um anzol —. Eles a consideram um bom sinal.

Nesse momento o contramestre chamou com apitos a Bonden e a todos os outros marinheiros para que baixassem o cúter azul pelo lado, e Jack foi até a popa.

— Bom dia — Stephen lhe cumprimentou—. Sinto por não lhe ter visto na hora do café da manhã, mas dormi como o homem que, conforme Plutarco, correu sem parar a maratona para Atenas o teria feito se não tivesse morrido, a pobre criatura. Martin ainda dorme, apesar das bolhas que tem. Meu Deus, como corremos! Temíamos tanto perder a fragata! E nas empinadas colinas às vezes me puxava pela mão.

— Bom dia, doutor — cumprimentou Jack —. Uma bonita manhã, não acha? Então o senhor Martin está a bordo. Achava que ele havia ido para sua casa para arrumar seus assuntos, e que se reuniria conosco quando voltássemos a Shelmerston.

— Não tive tempo de falar contigo ontem à tarde e à noite eu dormi antes que baixasse. Mas nem sequer agora, ainda que não estamos sentados à mesa jantando com o almirante, podemos falar confidencialmente — disse em voz baixa, olhando para o leme da *Surprise*, colocado justo diante do mastro mezena, a dez pés de distância da popa; junto dele se encontravam o timoneiro e o suboficial que governava a fragata e, próximos deles, um grupo de marinheiros que subiam rápido pelos amantilhos do pau mezena para levar as armas para o cesto da gávea, e o oficial de guarda, o qual se encontrava junto ao cabrestante.

— Vamos para baixo — propôs Jack.

— Mesmo aqui — disse Stephen —, inclusive neste lugar da fragata aparentemente impenetrável, poucas coisas são ditas que não cheguem ao conhecimento de todos, de uma maneira mais ou menos distorcida, em todos os cantos ao cair da noite. Não digo que haja ninguém mau ou mal-intencionado a bordo, mas os marinheiros

já ouviram falar da carta de Nelson. Sabem, quer dizer, acreditam saber que um grupo de sócios representados por mim compraram a *Surprise* e que entre eles se encontra meu antigo paciente o príncipe William. Além disso, sabem que Martin desempenhará as funções de cirurgião em vez das de pastor, já que o obrigaram a pendurar o hábito quando o acusaram de ter relações com uma mulher. Conhece este caso, verdade, Jack?

— Ouvi falar dele.

— Foi a mulher do bispo. E como já não veste o hábito é incapaz de trazer-nos má sorte. Com relação à sua presença aqui, eu lhe disse que lhe daria um adiantamento do pagamento, como você amavelmente me deu há muito, muito tempo, e que lhe sugeria que fosse para sua casa e subisse a bordo com seu baú da próxima vez que estivéssemos no porto; contudo, preferiu enviar o adiantamento para sua esposa e ficar a bordo. Acredito que está em uma situação desesperada, pois não tem nenhuma forma de ganhar a vida nem esperança de que o nomeiem capelão de nenhum barco do rei desde que escreveu o desafortunado opúsculo. Por outro lado, tem um sogro antipático e se regressar corre o risco de ser preso por não pagar as dívidas. Como só vamos navegar por quinze dias, está disposto a suportar o incômodo de não ter uma camisa para trocar e usar sapatos gastos, pois há a possibilidade de que consigamos um butim. Eu lhe expliquei o sistema de divisão, porque ele não o entendia, e diz que se contentaria com quatro peniques. Mas estou impaciente para lhe dizer outras coisas mais importantes. Por que não subimos para o cesto da gávea quando esses homens terminarem seu trabalho?

— Tardarão um pouco ainda — disse Jack, que havia subido outras vezes ao cesto da gávea com Stephen —. Talvez seja melhor dar uma volta ao redor da fragata no esquife quando terminem as práticas de tiro com os canhões; quero ver como está a exércia.

— Pensa em fazer práticas de tiro com os canhões?

— Oh, sim! Não viu como baixavam pelo costado o cúter azul com os alvos? Agora que estamos em um lugar afastado das rotas mais frequentadas quero ver como os novos marinheiros disparam com munições de verdade. Quero que façam meia dúzia de séries

antes do almoço, competindo os marinheiros de estibordo com os de bombordo. Indubtavelmente, reforçará a moral.

— Os alvos já foram colocados, senhor — disse da porta da cabine Pullings, que em contraste com Jack Aubrey estava realmente animado, como um cachorro terrier ao qual houvessem mostrado um rato.

Stephen tinha a impressão de que seu amigo não se importaria que os alvos se afundassem por si mesmos, e durante a primeira parte da prática essa idéia se confirmou. Fazia tempo que perdera a alegria provocada pela carta de Nelson e a amabilidade do almirante, e a melancolia voltou a lhe invadir. Mas a melancolia não era acompanhada de um comportamento desacertado, pois Jack Aubrey tinha um grande sentido do dever e sempre era estrito e metuculoso em seu barco. Stephen notou que já não lhe comoviam o odor da mecha de combustão lenta, nem o terrível estrondo que faziam os canhões ao disparar, nem os chiados que faziam ao retroceder nem a fumaça da pólvora que se amontoava na coberta. Também notou que Pullings, que estimava a Jack Aubrey, olhava-o com angústia.

O que Stephen não observou foi que as práticas de tiro com os canhões e os mosquetes foram muito más, pois essas atividades costumavam ter lugar pela tarde, quando todos os tripulantes eram chamados a ocupar seu posto de combate, e o dele, por ser cirurgião, ficava abaixo, onde atendia aos feridos. Não sabia que anteriormente os tripulantes da fragata manejavam os canhões de forma extraordinária nem sabia apreciá-lo. Desde o começo de sua carreira naval, e sobretudo desde que tomou pela primeira vez o comando de um barco, Jack Aubrey estava convencido de que disparar os canhões com rapidez e precisão influía mais em uma vitória que tê-los polidos, e seguiu guiando-se por esse princípio nas sucessivas embarcações que teve sob seu comando. Como havia passado mais tempo ao comando da *Surprise* que das outras, havia logrado que seus tripulantes alcançassem a excelência. Em boas condições, a fragata disparava três certas descargas em três minutos e oito segundos, o que, em sua opinião, nenhum outro barco da Armada Real podia igualar e muito menos superar.

Ainda que a *Surprise* já não fosse uma embarcação do rei, ainda estavam a bordo todos os antigos canhões (*Cruel Assassino, Billy o Saltitante, Escupefuego, Morte Súbita, Tora Cribb* e os demais). Também estavam muitos dos artilheiros, mas com o fim de conseguir uma tripulação unida, isto é, evitar no possível a inimizade e as divisões que sempre se produziam, Jack e Pullings haviam distribuído os novos marinheiros entre os veteranos, e o resultado disso era que disparavam de maneira lenta e imprecisa. A maioria dos corsários estavam mais acostumados a abordar os barcos inimigos que a disparar-lhes a distância (especialmente porque os canhões estragavam a mercadoria da presa), e por essa razão muito poucos podiam apontar com um mínimo de precisão. Muitos antigos tripulantes da *Surprise* lançavam furtivas olhadas ao capitão, porque costumava ser um crítico implacável, mas não notavam em seu rosto nenhuma reação, senão impassibilidade.

Jack falou uma só vez e foi para um marinheiro novo que estava muito perto de um canhão.

— O artilheiro que está junto ao canhão número seis: James! Separe-se ou perderá um pé durante o retrocesso!

Os marinheiros dispararam o último canhão. Então limparam e voltaram a carregar o canhão, atacaram a carga e o sacaram de novo.

— Bem, senhor... — disse Davidge, vacilante.

— Vamos ver o que fazem os de bombordo, senhor Davidge — ordenou Jack.

— Guardem os canhões! — gritou Davidge e depois acrescentou — : Todos a mudar de bordo!

Os tripulantes recém chegados não eram hábeis no manejo dos canhões, mas eram excelentes marinheiros e correram tão rápido como os da *Surprise* para pegar as escotas, as amuras, as bolinas, as braças e os gradis que lhes correspondiam. E imediatamente se ouviram as conhecidas ordens: "Leme para bombordo! Soltar amuras e escotas!". Mas imediatamente depois da ordem "Girar a vela maior!" se ouviram desde o tope de um mastro os gritos: "Coberta! Barco à vista a onze graus pela amura de bombordo!".

Inclusive do convés o barco podia ser visto, que navegava com o vento em popa a grande velocidade. Era óbvio que o serviola estava olhando as práticas de tiro em vez do horizonte. A *Surprise* virou para sotavento e Jack ordenou inclinar o velacho e depois, com o telescópio pendurando, subiu ao cesto da gávea. Dali podia ver o casco, e sem necessidade do telescópio Jack podia identificá-lo: era um grande cúter, um dos leves e velozes barcos de duzentas ou trezentas toneladas que usavam os contrabandistas e quem os perseguiam. Jack pensou que estava muito arrumado para ser um barco que fazia contrabando, muito elegante; pouco depois viu pelo telescópio um estandarte de navio de guerra recortando-se sobre a vela maior. O cúter se encontrava em uma posição vantajosa, mas provavelmente a *Surprise* o adiantaria navegando com o vento ao largo; contudo, isso significaria ir para a rota usual dos barcos, onde aumentava a possibilidade de que algum capitão de um potente navio de guerra detivesse a fragata e levasse muitos mais tripulantes que o de um cúter. Por outro lado, era impossível escapar navegando de bolina, já que a quilha de uma embarcação de exércia de cruz não podia formar com a direção do vento um ângulo menor que a quilha de um cúter.

Regressou para a coberta e falou com o oficial de guarda.

— Senhor Davidge, ficaremos em paio até que o cúter chegue e depois continuaremos as práticas. Esteja preparado para desdobrar as gáveas e içar a bandeira.

Então se ouviu um burburinho de desaprovação, isto é, algo mais forte que um burburinho perto das caronadas do castelo de popa, onde ficavam os marinheiros novos, que não desejavam que os recrutassem à força. Um deles disse:

— É o *Viper*, senhor, a embarcação mais veloz navegando com o vento em popa.

— Silêncio! — gritou Davidge, dando no homem um golpe na cabeça com o alto-falante.

Jack desceu e depois de alguns momentos mandou buscar Davidge.

— Ah, senhor Davidge! — exclamou —. Comuniquei a West e a Bulkeley algo que não disse ao senhor: neste barco não se permitem

os açoites nem os insultos. Não há lugar para oficiais com mão de ferro em um barco de guerra particular.

Ao ver a expressão de Jack, Davidge reprimiu seus desejos de responder. Nesse momento Jack Aubrey lhe parecia um oficial com mão de ferro disposto a descarregar um forte golpe em qualquer pessoa.

Killick trouxe silenciosamente uma respeitável casaca azul sem os galões, as fitas e os botões que se usavam na Armada. Jack o pôs e começou a ordenar os documentos que teria que apresentar em caso de que lhe ordenassem subir a bordo do cúter. Alçou a vista quando Stephen entrou e, com um sorriso forçado, disse:

— Pelo que vejo, também trouxe papéis.

— Escute-me, meu amigo — disse Stephen, aproximando-o do mirante de popa —. Tive que lutar com minha consciência para trazer isto, porque se subentendia que foi redigido para ser usado somente na viagem para a América do Sul. Mas o carpinteiro me disse que o *Viper* está sob o comando de um homem que acaba de ser nomeado substituto, um tipo pretencioso, rude e tirânico, e acredito que se lhe provoca, como temo que o fará, você vai se comprometer e não poderemos fazer a viagem para a América do Sul nem para nenhuma outra parte.

— Oh, Stephen! — exclamou Jack, lendo o documento, que era uma carta do Almirantado em que se proibia recrutar à força aos tripulantes da fragata —. Admiro seu bom julgamento. Procurei no *Boletim Oficial da Armada* e vi que quem está ao comando do *Viper* é o filho de Dixon, aquele pilantra de Porto Horn. Acredito que me teria sido difícil não lhe quebrar a cara caso mostrasse uma atitude arrogante. Meu Deus, como isso me tranqüiliza!

Apesar disso, Jack teve que usar toda sua capacidade de se controlar, que era maior do que pensava, para evitar esbofetear o jovem. Perdera a sensação de prazer, mas a susceptibilidade, a irritabilidade e a raiva permaneciam intactas ou se acentuavam às vezes, exceto nos períodos de apatia, e esse não era um deles. Quando o *Viper* estava muito perto da *Surprise*, o substituto ordenou que se aproximasse por sotavento e que o capitão subisse a bordo

com seus documentos rápido como um raio. Depois disparou um canhão para a frente da proa para reforçar a ordem.

Jack cruzou a distância que os separava no bote que rebocava os alvos e depois subiu a bordo do *Viper* (só teve que subir dois degraus pelo costado, porque esse tipo de barco se afundava muito na água). Cumprimentou aos que estavam no castelo de popa e o jovem encarregado da guarda, um ajudante do oficial de derrota, tocou seu chapéu com a mão mecanicamente, disse que o capitão estava ocupado e que receberia ao capitão Aubrey mais tarde; depois reiniciou a conversa com o escrevente do capitão. Então se pôs a caminhar de um lado a outro enquanto falava com afetada parsimônia.

Na Armada os guardas-marinhas dos cúteres eram famosos por seus maus modos, e os do *Viper* eram exemplares nesse sentido; recostados na borda com as mãos nos bolsos e olhando-o fixamente, murmuravam e riam entre os dentes. Mais adiante estavam agrupados os suboficiais do cúter, que o olhavam com silencioso desprezo; também havia um marinheiro que navegou com ele durante muitos anos e que permanecia imóvel, com um cabo aduchado na mão e uma expressão de horror.

Um pouco depois o capitão do *Viper* lhe recebeu no cubículo que fazia a função de cabine. Dixon estava sentado atrás de uma escrivaninha e não ofereceu uma cadeira para Jack. Ele lhe odiava desde os remotos dias passados em Menorca, e quando avistou a *Surprise* começou a preparar frases sarcásticas e sumamente agressivas. Porém, ao ver que Jack enchia o reduzido espaço com seu robusto corpo (que parecia ainda maior porque teve que inclinar-se para passar pela porta) e ao notar sua expressão grave e a autoridade que emanava dele, o jovem Dixon não cumpriu sua resolução. Quando Jack tirou alguns objetos de cima de um escaninho e se sentou nele, não disse nada. Logo, depois de folhear os documentos, limitou-se a dizer:

— Vejo que tem uma tripulação muito grande, senhor Aubrey. Terei que tirar-lhe uma vintena de homens mais ou menos.

— Estão protegidos.

— Bobeiras! Não podem estar protegidos. Os marinheiros dos barcos corsários não estão protegidos.

— Leia isto — disse Jack, pondo-se de pé diante dele e recolhendo os outros documentos.

Dixon o leu, voltou a lê-lo e o pôs a contraluz para ver a filigrana, enquanto Jack olhava pelo escotilhão como se moviam os chapéus de lona alcatroada dos tripulantes de seu bote.

— Bem — disse Dixon finalmente —, acho que não há nada mais o que falar. Pode ir.

— O que disse? — perguntou Jack, inclinando-se para ele.

— Disse que não há nada mais o que falar.

— Adeus, senhor.

— Adeus, senhor.

Os tripulantes do bote o receberam com amplos sorrisos, e quando estavam perto da *Surprise* um dos homens de Shelmerston gritou para os companheiros que os olhavam por cima das macas:

— Companheiros, estamos protegidos!

— Silêncio no bote! — gritou com tom imperativo o timoneiro.

— Silêncio de proa a popa! — gritou o oficial de guarda quando começaram a se propagar os gritos de alegria.

Jack ainda dedicava tanta atenção ao documento de Stephen e suas possíveis implicações que quase não notou a algaravia. Desceu rapidamente para a cabine e, apenas colocou os documentos no lugar correspondente, ouviu um alvoroço ainda maior, pois todos os marinheiros de Shelmerston e os antigos tripulantes da *Surprise* que eram desertores subiram correndo para os amantinhos de barlavento para ver o *Viper*, que havia mudado a orientação das velas e começava a ganhar velocidade.

Um suboficial gritou:

— Um, dois, três!

Então todos exclamaram:

— Ah, ah, ah!

Depois começaram rir como loucos dando-se palmadas no traseiro.

— Basta! — gritou Jack com uma voz apropriada para o cabo Horn —. Maldito bando de tontos! Acaso isto é um prostíbulo? Ao

próximo marinheiro que se dê uma palmada no traseiro lhe despedaçarei a açoites! Senhor Pullings, desça o esquife do doutor pelo costado imediatamente, por favor, e prepare três alvos a mais.

— Stephen — disse, deixando de mover os remos, quando estavam a umas duzentas jardas da fragata —. Faltam-me palavras para expressar meu agradecimento por essa proibição. Se esse jovem mesquinho houvesse levado algum de nossos velhos companheiros de tripulação que são desertores, e estou convencido de que não deixaria a todos, teriam corrido o risco de que os enforcassem, ou pelo menos de que lhes dessem várias centenas de açoites. Ademais, teríamos que ficar brincando sempre de gato e rato com os navios do rei, porque, apesar de que, por senso comum, um geralmente se mantém fora da rota das esquadras, não pode ficar seguro de que se esquivará dos barcos que patrulham. Acho que não devo perguntar como o conseguiu.

— Mas lhe contarei de toda maneira porque quando se requer discrição você é como uma tumba — replicou Stephen —. Na viagem para a América do Sul espero estabelecer algumas relações que sejam úteis para o Governo, e o Almirantado sabe disto semi-oficialmente e também que não posso chegar lá em um barco ao qual lhe tiram os tripulantes; por isso me deram essa proteção. Eu teria contado muitas coisas que queria lhe dizer se não fosse porque estávamos longe e não eram adequadas para escrevê-las em uma carta. — Stephen fez uma pausa, olhou para uma distante gaivota e depois continuou — : Agora escute-me bem, Jack, porque vou usar toda minha capacidade mental para tentar explicar como estão as coisas atualmente. É difícil, pois não tenho total controle sobre o que posso dizer nem sobre o que me disseram confidencialmente e, por outro lado, não lembro de tudo o que lhe contei durante esse horrível período, pois tenho muitos detalhes confusos na mente. Apesar disso, incluindo o que obviamente sabe, eu lhe direi qual é a situação a *grosso modo*. O argumento para demonstrar sua inocência era que Palmer lhe estava muito agradecido e para corresponder ao seu favor lhe contou que se havia firmado um tratado de paz, que subiria o preço das ações na bolsa e que era aconselhável que

comprasse determinados títulos antes da subida. O argumento para demonstrar sua culpa era que não existia ninguém chamado Palmer e que você mesmo difundiu esse rumor; em resumo, que você manipulou fraudulentamente o mercado de valores. Naquele momento não pudemos apresentar Palmer e, além disso, não era possível ganhar o caso com o juiz que o instruía. Mas mais tarde, e agora cheguei a uma parte da qual acho que sabe pouco ou nada, alguns de meus colegas e eu, com ajuda de um caçador de ladrões sumamente inteligente, encontramos o cadáver de Palmer.

— Mas então...

— Jack, eu lhe rogo que não me peça que seja mais explícito nem interrompa o fio de meu pensamento. Como disse, não sou um agente secreto livre e tenho que avançar com muito cuidado por meu caminho. — Fez outra pausa e ficou pensativo um momento enquanto o bote se movia lentamente entre as ondas —. Palmer foi morto por seus chefes, os homens que o haviam encarregado de lhe enganar, porque um cadáver, sobretudo um cadáver mutilado, não pode comprometê-los. Seus chefes são ingleses que ocupam altos cargos na administração inglesa e espiões ao serviço da França, mas neste caso seu propósito era fazer dinheiro. Queriam manipular fraudulentamente o mercado de valores e que parecesse que era outra pessoa quem o havia feito. Um desses homens era Wray... Não me interrompa, Jack, eu lhe peço. Como ele conhecia perfeitamente seus movimentos e sabia que estava a bordo do barco com bandeira branca, traçou um plano em que se sucediam vários acontecimentos e o levou a cabo com assombroso êxito. Porém, apesar de que isso era óbvio depois do ocorrido, nunca teríamos descoberto que Wray e seu amigo eram os principais promotores se um ofendido espião a serviço da França, neste caso um francês, não os houvesse delatado.

Stephen ficou refletindo um pouco, depois pegou do bolso um grande diamante azul que ocupava a metade da palma de sua mão e, muito devagar, girou-o para que brilhasse sob a luz do sol. E continuou:

— Jack, vou lhe dizer uma coisa: o francês era Duhamel, aquele homem que vimos em Paris. Diana tentou que nos liberassem usando este bonito objeto, e parte do acordo ao qual chegamos

quando fugimos foi que o devolveriam. Duhamel o trouxe e, além disso, em pagamento a um serviço que lhe prestei, não só me revelou o nome de Wray e o de seu colega Ledward, Edward Ledward, como também lhes armou uma armadilha tão boa como a que Wray fez para você. Como ambos eram membros de Button's, ele se reuniu com eles na rua Saint James, justo diante do clube, e enquanto eu os observava da janela do Black's, ele lhes entregou um feixe de notas e recebeu um relatório sobre os movimentos da Armada e do Exército ingleses e sobre as relações da Inglaterra com o reino da Suécia. Meus colegas e eu cruzamos a rua pouco tempo depois, mas lamento, lamento profundamente ter que confessar que estragamos o caso. Quando perguntamos por Wray e seu amigo nos negaram a entrada porque eles não queriam receber visitas. Por desgraça, um de meus acompanhantes tratou de entrar à força e provocou um alvoroço, assim que quando conseguimos a apropriada ordem judicial, eles haviam escapado; ainda que não saíram pela cozinha nem pela porta que dava para o estábulo, já que tínhamos homens postados ali, mas por uma pequena clarabóia que havia no teto. Depois foram caminhando pelos parapeitos das sacadas até Mother Abbott's, onde uma das meninas lhes deixou entrar pensando que estavam brincando. Esconderam-se e, até o momento, nenhum dos encarregados do caso descobriu onde. É provável que Ledward suspeitasse que estava em perigo, pois meus colegas não encontraram nada revelador entre seus documentos. Eles pensam que, possivelmente, tinha há tempos um engenhoso plano para escapar. Wray, em troca, não foi tão cauteloso, e pelos documentos que encontraram em sua casa é evidente que estava implicado no caso da bolsa e que se beneficiou muito dele. O informe que entregaram a Duhamel é sumamente comprometedor, porque contém alguns dados que só podem proceder do interior do Almirantado. Bem, acho que lhe disse tudo o que posso. Resta acrescentar que meus colegas, que sempre pensaram que haviam cometido uma indiscrição com respeito a esses condenados títulos e ações, agora estão convencidos de sua inocência.

Durante os últimos dez minutos o coração de Jack havia batido com força e rapidez crescentes e agora parecia que lhe enchia o

peito. Jack respirou fundo e, controlando até certo ponto o tom de sua voz, perguntou:

— Isso significa que é possível que me reabilitem?

— Se houvesse justiça neste mundo, estou seguro de que o fariam, meu amigo — respondeu Stephen —. Mas não deve pensar que isso ocorrerá realmente nem conceber muitas esperanças, pois Ledward e Wray ainda não foram capturados e não podem ser julgados. Possivelmente alguém que ocupa um cargo mais alto do que eles os está protegendo, pois é estranho que alguns sejam resistentes a se mover... O caso é que os ministros não querem que a oposição se informe desse espantoso escândalo, e talvez considerem mais importante uma *raison d'état* que uma ação injusta contra um indivíduo, especialmente se esse indivíduo não tem influência política; ainda que o contrário também é possível. E com respeito a isso, permita-me dizer que a influência do general Aubrey é nefasta. Além do mais, quem tem autoridade é resistente a admitir os erros que cometeu. Por outro lado, qualquer amigo lhe aconselharia que não se desespერasse e, sobretudo, que não se deixasse vencer pelo desânimo. Como disse nosso querido Burton, não deve permanecer inativo nem ficar só. A solução, se existir, é a atividade, a atividade no mar.

— Lamento ter estado tão triste esta manhã — disse Jack —. A verdade é que... Não é que me queixe, Stephen, mas a verdade é que tive um sonho que parecia tão real que ainda agora tenho a impressão de que é algo tangível. No sonho eu via tudo o relacionado com o caso, o julgamento e o que seguiu depois, e depois me dava conta de que estava sonhando, o que me produziu um enorme regozijo e um grande alívio. Acho que foi minha imensa alegria que me despertou, mas inclusive então me parecia que ainda estava no sonho e procurei esperançado minha velha casaca do uniforme.

Subiu os remos e terminou de dar a volta ao redor da fragata enquanto observava a exércia. Reconhecia que Stephen tinha razão em tudo o que havia dito, e na parte irracional de seu ser uma suave luz dissipou sua infelicidade.

Quando remava em direção à fragata disse:

— Alegro-me de que tenha visto Duhamel outra vez. Eu simpatizava com ele.

— Era um bom homem — observou Stephen —. E a devolução do diamante, quando estava cortando os laços que o uniam ao seu país para ir ao Canadá, é um dos atos de generosidade mais assombrosos que já vi. Tenho muita pena.

— O pobre homem não morreu, não é?

— Não teria mencionado seu nome se estivesse vivo. Atendendo ao meu pedido Heneage Dundas ia levá-lo para a América do Norte, onde pensava ficar para se estabelecer na província de Quebeque, junto a um rio no qual abundam as trutas. Transformou sua nada desprezível fortuna em ouro e a colocou em uma faixa que levava presa na cintura. Quando foi para subir no navio em Spithead, onde as águas eram turbulentas, caiu entre ele e o bote, como me ocorreu algumas vezes. Sua fortuna o afundou e não foi possível resgatá-lo.

— Sinto muito — disse Jack, e começou a remar um pouco mais forte.

Refletiu sobre se devia falar de Diana e do diamante ou não, pois lhe parecia que deixar de fazê-lo não era uma reação humana normal, mas pensou que o assunto era muito delicado, que poderia cometer um desacerto e que era melhor guardar silêncio até que Stephen voltasse a mencioná-lo.

Quando estavam de novo a bordo da fragata, ordenou que pegassem os outros alvos. Agora se importava com os disparos da guarda de bombordo; os disparos foram um pouco melhores e os acompanharam duras críticas, conselhos e inclusive elogios desde o castelo de popa. Depois Jack consentiu em que a *Surprise* disparasse outra vez as duas baterias a uma distância muito menor, mas foram disparos a intervalos, em sucessão de proa a popa, porque as balizas eram muito velhas para suportar o impacto do fogo simultâneo e só o fariam em caso de emergência. Como nos barcos de guerra privados havia que poupar a pólvora porque era uma substância muito cara, na maioria deles o fogo das baterias, tanto a intervalos como de outra maneira, era algo exageradamente raro, e os tripulantes pensaram que se fazia para celebrar seu triunfo sobre o

*Viper.* O capitão e o condestável puseram fim à celebração disparando os canhões de proa, dois canhões longos de nove libras com o calibre perfeito, feitos de bronze e assombrosamente precisos, propriedade de Jack Aubrey. Ambos dispararam aos restos dos alvos que as baterias haviam destruído e que ainda se mantinham flutuando, e ainda que nenhum o fez admiravelmente, os dois provocaram calorosos gritos de júbilo. Quando Jack se aproximava da popa, Martin disse para Stephen:

— O capitão se parece cada vez mais com o homem que era, não acha? Ontem pela tarde ele me surpreendeu muito.

A infelicidade de Jack desaparecera, mas ainda estava preocupado e angustiado. Além das tediosas e necessárias reflexões que fizera sobre os problemas locais e legais o recrutamento da tripulação que podia originar (não era tão resistente e otimista como há um ano atrás), não advertira que era difícil, quase impossível, conseguir uma tripulação homogênea. Tampouco advertira que os anos que os tripulantes da *Surprise* haviam trabalhado em equipe e haviam manejado o mesmo canhão com os mesmos companheiros os haviam situado acima do nível normal. Os marinheiros procedentes de barcos corsários eram muito fortes e tinham brio, e era provável que nas práticas de tiro sem disparos reais (as que faziam geralmente porque a pólvora era muito cara) sacassem e guardassem os canhões com brio; contudo, era evidente que necessitariam de meses ou mesmo de anos para ter a rapidez, a coordenação e a capacidade de reduzir o esforço ao mínimo que haviam convertido os tripulantes da *Surprise* no terror de seus inimigos. Entretanto, ele teria que encomendar os canhões às antigas brigadas que os manejavam ou mudar sua estratégia. Em vez de tentar debilitar o seu oponente a distância, procurando derrubar um de seus mastaréis para depois se situar diante da proa ou da popa e fazer uma devastadora descarga e finalmente, se fosse necessário, abordá-lo, poderia seguir o conselho de Nelson: "Atacar com decisão". Mas Nelson dera esse conselho no início da última guerra, quando os franceses e os espanhóis eram muito inferiores no manejo dos canhões e na execução das manobras. Contudo,

atualmente, se uma embarcação tentasse se aproximar de um barco inimigo por barlavento quando o vento era fraco e o mar calmo, expunha-se a que este crivasse sua proa com os disparos de uma bateria durante vinte ou trinta minutos sem lhe permitir responder, pelo que quando chegasse a abordar-se com ele teria tantos danos que poderia ser capturada, quer dizer, o caçador seria caçado. Por outra parte, Jack fizera as práticas de tiro quando estava ao comando de barcos do rei e ainda que, naturalmente, gostasse de capturar mercantes e barcos corsários do inimigo, seu objetivo principal era apresar, queimar, afundar ou destroçar seus barcos de guerra. Agora a situação era distinta; agora suas presas mais cobiçadas eram mercantes ou barcos corsários, intactos se possível, e isso requeria um enfoque diferente. Certamente, sem nenhuma dúvida, ele gostaria de entrar em combate com um barco francês ou norte-americano de similar potência, um duro combate que não tivesse como motivo a obtenção de ganhos, já que se um barco corsário apressasse uma fragata inimiga alcançaria a glória. Porém, infelizmente, ainda que a *Surprise* fosse veloz, sobretudo navegando de bolina, tinha poucas possibilidades de alcançar a glória porque pertencia a outra era. Só restavam cinco fragatas de vinte e oito canhões na Armada Real, e dessas cinco, quatro já não estavam em serviço. A maioria das fragatas atuais deslocavam mais de mil toneladas de água e levavam trinta e oito canhões de dezoito libras e, ademais, caronadas; assim que a *Surprise* tinha uma potência tão pouco adequada para lutar contra elas como para lutar contra um navio de linha. Levava canhões de doze libras (e se não houvessem reforçado os vaus de bateria para suportá-los teria que usar canhões de nove libras) e, apesar de sua dotação estar completa, conforme o estipulado pela Armada Real, tinha menos de duzentos tripulantes, enquanto que as grandes fragatas norte-americanas tinham mais de quatrocentos. Porém, afinal de contas, era uma fragata e seu capitão não alcançaria a glória se capturava uma embarcação de classe inferior, como um barco correio, ainda que fosse o mais potente, ou uma corveta, tanto se levasse aparelho de navio como se não. — Talvez seria melhor voltar a pôr as caronadas — disse.

Em outro tempo, além dos canhões de proa, a *Surprise* só tinha caronadas, alguns objetos pequenos, largos e curtos que se pareciam mais a um morteiro que a um canhão e eram leves e fáceis de manejar (uma caronada que podia disparar uma bala de trinta e duas libras só pesava dezessete quintais, enquanto que um canhão de trinta e duas libras pesava trinta e quatro). Isso permitia à fragata lançar em cada bombardeio balas que pesavam conjuntamente 456 libras. Não obstante, não podia disparar com precisão esse conjunto de balas que pesava 456 libras, e tampouco muito longe, porque eram armas de curto alcance. Mas o manejo de uma caronada não requeria muita habilidade e, ainda que se lançavam grandes balas produziam um terrível efeito e podiam destruir ou afundar uma presa, se disparassem potes de metralha podiam cortar a exércia do inimigo e limpar eficientemente a coberta, sobretudo se estava cheia do marinheiros dispostos a abordá-la. Considerando que em cada pote havia quatrocentos fragmentos de ferro, uma bateria de catorze caronadas podia disparar mais de quatro mil, e quatro mil pequenas balas cruzando a coberta de um barco a 1674 pés por segundo produziam um efeito terrível, mesmo quando os marinheiros que as disparavam fossem inexpertos. Talvez essa fosse a melhor solução, ainda que significaria descartar os aspectos mais importantes de um combate entre dois barcos: colocar com grande habilidade as armas na posição correta, disparar os canhões mais precisos por separado e a grande distância, aumentar a freqüência dos disparos a medida que o inimigo se aproximava e crivá-lo no paroxismo da batalha, quando ambas embarcações lutavam penol a penol entre espessas nuvens de fumaça e incessantes gritos.

“Mas isso faz parte de um mundo completamente diferente — se disse —, e não acredito que tenha a sorte de voltar a vê-lo; contudo, comunicarei a Stephen o que penso.”

Quando era capitão de barcos do rei, Jack Aubrey nunca havia falado com ninguém deste tipo de assuntos. Sempre havia guardado silêncio sobre as questões estratégicas e as táticas adequadas para sustentar um combate, ainda que não porque seguisse nenhuma teoria, mas porque lhe parecia óbvio que um capitão estava ao

comando de um barco para mandar e não para pedir conselho ou presidir um comitê. Conhecia capitães que formaram conselhos para consultá-los sobre assuntos de guerra, e o resultado quase sempre fora uma prudente retirada ou a falta de um ataque decisivo. Mas agora as coisa eram diferente: já não estava ao comando de um barco do rei mas de um que pertencia ao doutor Maturin. Em toda sua mente, salvo na parte mais superficial, tinha a idéia de que era impossível que Stephen pudesse ser o dono da *Surprise*; mas isso era um fato, e ainda que desde o início ambos haviam acordado que ele atuaria como antes, quer dizer, que só o capitão teria a autoridade, achava justo consultar algumas coisas com o dono.

— Sei muito pouco de batalhas navais — disse Stephen depois de ter escutado atentamente os argumentos contrários e a favor das caronadas —, pois apesar de ter participado em Deus sabe quantas, quase sempre o fiz em um lugar afastado, abaixo da linha de flutuação, esperando aos pobres feridos ou atendendo-os, assim que não vale a pena que expresse minha opinião. Mas neste caso lhe perguntaria: Por que não tenta assobiar e chupar cana? Por que não adestra os novos tripulantes no manejo dos grandes canhões durante mais tempo e depois usa as caronadas se vê que isso não dá resultado? Sugiro isso porque, se não entendi mal, não quer que umas brigadas sejam formadas só por antigos tripulantes da *Surprise* e outras só pelos novos tripulantes.

— Exatamente. Essa seria a melhor maneira de fazer uma inadequada divisão entre os tripulantes, pois de um lado estariam os bons artilheiros e do outro, os desajeitados. Provavelmente terão ciúmes uns dos outros, ainda que, assombrosamente, demonstraram pouco até agora, e tenho que fazer qualquer coisa para evitar que aumentem, pois só um barco em harmonia é um barco de guerra eficiente. Mas fazer disparos alegremente, sem ter nada em conta, somente para que os artilheiros desajeitados cheguem a ser bons seria muito caro.

— Escute-me, meu amigo — disse Stephen —. Admiro seu afã por poupar inclusive um penique a nossa sociedade; mas também o deploro, porque em ocasiões o dinheiro poupado é menos importante que o fim ao qual se destina. Às vezes me parece que

tenta poupar mais que o devido, mais que o conveniente para nossa causa. Não vou lhe ensinar nada sobre sua profissão, mas se gastar uma dúzia de barris de pólvora diários pode ajudar a tomar uma decisão sobre uma questão tão importante, eu lhe peço por favor que os gaste. Por um lado, muito amiúde há comprado pólvora para seus barcos com o dinheiro obtido com as presas; por outro, qualquer observador imparcial estimaria que esse gasto é insignificante. Além disso, ao pensar nos canhões e nas outras peças de artilharia, deve considerar que poupamos muito graças à malícia de Pullings, pois não tivemos que comprar as caronadas.

Tom Pullings tinha tanta malícia em terra como seu capitão, e, como a ele, o haviam enganado vilmente. Mas conhecia muito bem o que poderia se chamar o mundo oculto, o dos medíocres oficiais de baixa graduação, como os ajudantes de contramestre e seus assistentes, que sempre ficavam com um pé na costa e outro no mar, e ainda que em todos os assuntos ordinários era muito honesto pensava, como muitos de seus amigos, que as propriedades do Governo eram um mundo à parte. Acompanhara Stephen quando a Armada vendeu a Surprise, comeu suntuosamente com muitos amigos no porto e, quando soube com certeza qual era o destino da fragata, falou em particular com os que estavam encarregados por ela e lhes disse que os canhões eram antiquados, que tanto o segundo reforço como o astrágalo da boca eram diferentes do estabelecido pela regulamentação atual e, além do mais, que não lhe surpreenderia que depois de um considerável desgaste estivessem em tão más condições que só pudessem lançar lascas de metal ou talvez não pudessem ser usados nunca mais. Seus amigos o entenderam perfeitamente e, apesar do dono da Surprise não ter recebido dinheiro em troca de que a fragata levasse seus próprios canhões até Shelmerston, entregaram-lhe como gratificação um conjunto de caronadas também defeituosas que agora eram uma pequena parte das cento e sessenta toneladas de lastro e estavam armazenadas na parte anterior e posterior do coberta inferior, em um lugar relativamente alto com o fim de que lhe dessem estabilidade.

— A verdade é que não — disse Jack, sorrindo, e depois de um momento continuou — : O conceito de moral dos membros da Armada é raro, e em alguns casos me custaria defini-lo. Apesar disso, acredito que quase todos os marinheiros sabem onde traçar a linha entre um ato aleivoso e um tradicional acordo amistoso. Ademais, Tom partiu com algo, mas não deixou sem nada os outros, pelo menos não sem lascas de metal, e, em minha opinião, esse não é um ato delitivo. Isso me lembra outra coisa: os castigos em um barco de guerra privado. Já sabe o que penso com respeito aos açoites e que odeio ter que ordenar que os dêem. Ocorreu-me pôr em prática o que costuma ser feito neste tipo de barco, que os próprios marinheiros ditem a sentença.

— Imagino que não serão muito duros com seus companheiros — anotou Stephen.

— Mas são sim, sabe? Nos grandes motins de 1797, os marinheiros mantiveram a ordem em seus barcos, e se algum tinha má conduta, quero dizer, má conduta de acordo com seu critério, preparavam um gradeado para açoitar-lhe. Não era raro que a sentença fosse de duzentas, trezentas ou quatrocentas chicotadas.

— Mas me parece que você decidiu não fazê-lo.

— Sim. É muito difícil, como bem sabe, que uma tripulação combinada se dê bem no início, e penso que se houver discórdia entre os marinheiros veteranos e os novos, em caso de que tenham que ditar sentença contra um dos antigos tripulantes da *Surprise* poderiam impor-lhe um castigo excessivamente duro, e eu não gostaria de ver nenhum de meus homens açoitado de uma forma assim.

— Confiemos em que o fato de disparar juntos e constantemente os canhões lhes convertam em amigos. Amiúde observei que os atos violentos e o ruído estrondoso fomentam a camaradagem e levantam os ânimos.

Quanto aos atos violentos e o ruído estrondoso, o cirurgião da *Surprise* e seu ajudante tiveram ocasião de senti-los nos dias seguintes. Jack tomou a palavra de Stephen e não só os tripulantes dedicaram a última parte da guarda da manhã a fazer fogo de

verdade, como quando recebiam a ordem de ocupar seus postos faziam preparativos de combate e algumas vezes disparavam de uma só vez as baterias de ambos os lados, cujas chamas atravessavam uma densa nuvem de fumaça que parecia um vulcão adormecido.

Martin era um homem tranqüilo e Maturin era quase igual. Ambos detestavam aquele ruído ensurdecedor, não só o que faziam as repetidas explosões como também o produzido pelas carretas quando rodavam rapidamente para sacar ou guardar os canhões e o ruído dos passos apressados dos marinheiros que iam e vinham da santa-bárbara e dos paióis das balas. Também detestavam as letais peças de artilharia e lhes molestava muito que tudo isso durasse até quase a entrada da guarda do segundo quartilho, em um momento em que a fragata entrava em águas que tinham muito interesse para um naturalista. O ruído a bordo da *Surprise* era tão forte que nenhuma ave, nenhuma medusa nem nenhum caranguejo do mar permanecia nas águas rodeadas pela mesma linha do horizonte que ela; e, além do mais, eles tinham que ficar na coberta inferior, no posto que deviam ocupar durante as batalhas e também nas práticas, já que muitos desafortunados marinheiros eram levados ali com hematomas, queimaduras, dedos das mãos e dos pés triturados e, às vezes, inclusive com alguma perna quebada.

Em ocasiões Stephen subia pela escada até a escotilha de popa e olhava para da proa para a popa para observar a atividade do convés. Sentia satisfação ao ver Jack correndo de um canhão para outro entre a fumaça, umas vezes iluminado pelas grandes línguas de fogo e outras com o aspecto de um enorme fantasma. Jack dava muitos conselhos aos gritos para os artilheiros ou indicava para os mais lerdos a posição correta ou segurava um aparelho para sacar um canhão ou movia uma alavanca para apontar outro, sempre com um olhar atento, e punha uma expressão satisfeita quando a bala atingia o alvo e os artilheiros festejavam.

As práticas provocavam muita tensão, pois eram uma excelente imitação de uma batalha real. Os canhões disparavam com tanta rapidez que logo começavam a se mover caprichosamente, a dar grandes saltos e a retroceder com grande violência. Em uma

ocasião, rompeu uma retranca e o aparelho que o sustentava o *Billy o Saltitante* por um lado e, como havia forte marejada e soprava o vento do sudoeste, o bloco letal que formavam o canhão e a carreta teria rodado sem controle pelo convés se Padeen, que era extraordinariamente forte, não o houvesse calçado com um alavanca até que seus companheiros lograram amarrá-lo. Trabalharam tão rápido como puderam, mas Padeen teve que ficar todo o tempo fazendo força com a mão esfolada sobre o canhão quente, tão quente que o sangue fazia um som sibilante ao correr pelo metal.

Bonden, o chefe da brigada, levou-o para baixo chorando de dor, e enquanto avançavam se ouvia como o consolava com a voz forte e clara que costuma ser usada com os enfermos, os estrangeiros (Padeen nesse momento entrava em ambas classificações) e outras pessoas que não são exatamente um nem outro.

— Não se preocupe, companheiro — tentou tranquilizá-lo —. O doutor lhe curará imediatamente. Que aspecto mais raro tem! Cheira a bife grelhado, companheiro. Estou seguro de que ele salvará sua mão e lhe acalmará a dor.

Depois, estendendo o braço para cima porque Padeen era muito mais alto, enxugou suavemente as lágrimas que corriam por suas bochechas.

O doutor combateu a dor, uma dor terrível, dando-lhe uma considerável dose de láudano, a tintura de ópio, um de seus remédios mais apreciados.

— Aqui tem a substância mais parecida com a panacéia que existe — disse em latim para seu ajudante, enquanto sustentava no ar um frasco com um líquido ambarino —. Às vezes eu mesmo a tomo e comprovei que tem um admirável efeito em casos de insônia, ansiedade mórbida, feridas dolorosas, dor de dentes e de cabeça e inclusive enxaqueca.

— Poderia ter acrescentado “em caso de ter o coração partido”, mas continuou — : Como provavelmente terá notado, administrei ao paciente uma dose de acordo com seu peso e a intensidade da dor. Dentro de pouco, se Deus quiser, verá como o rosto de Padeen recobra seu habitual gesto benévolo e, alguns minutos depois, como

cai sem dar-se conta em um estado de inconsciência produzido pelo ópio. Este é o componente da farmacopéia que tem mais valor.

— Tenho certeza de que é — disse Martin —. Porém, não é censurável tomar ópio? Não há a probabilidade de ficar viciado?

— A censura somente a fazem alguns poucos homens descontentes, sobretudo os jansenistas, que também condenam o vinho, a boa comida, a música e a companhia feminina. Inclusive são contra o café, por Deus! Suas objeções só são válidas no caso de algumas pobres almas que têm pouca força de vontade, as quais também podem se converter com facilidade em vítimas das bebidas alcoólicas, praticamente carecem de moral e amiúde têm outros vícios. Nos outros casos não causam mais dano do que fumar. — Colocou a tampa de cortiça no frasco, comprovou que tinha armazenadas dois garrafões dos quais poderia voltar a enchê-lo e prosseguiu — : Faz um tempo que deixaram de dar esses horríveis golpes, assim que poderíamos subir ao castelo de popa para fumar um charuto. Acho que ali não porão obstáculos a um pouco mais de fumaça. Como se sente agora, Padeen?

Padeen, a quem o latim havia apaziguado sua mente e o remédio, sua dor, sorriu, mas não disse nada. Quando Stephen repetiu a pergunta em irlandês sem melhores resultados, pediu a Bonden que lhe amarrasse o braço na maca para que não o movesse e depois se encaminhou para o castelo de popa.

Assombrou-se de que estivesse vazio, mas por fim viu West nos amantelhos do pau mezena olhando fixamente para o cesto da gávea do maior, onde o capitão e Pullings tinham seus telescópios dirigidos para barlavento.

— Tal vez hajam visto uma andorinha do mar Cáspio — disse Martin —. O senhor Pullings viu seu desenho no livro de Buffon que eu tinha aberto na câmara dos oficiais e disse que achava tê-las visto com freqüência nestas latitudes.

— Vamos subir pela exércia e lhes faremos uma surpresa — propôs Stephen, sentindo de repente uma extraordinária alegria.

A tarde era muito agradável e fresca, o céu estava dourado para o oeste, formavam-se ondas de intenso colorido azul e espuma branca nos lados da fragata e em seu rastro. Vários antigos

tripulantes da *Surprise*, que haviam sido pacientes seus durante muitos anos, aproximaram-se da popa correndo pelo corrimão e gritando:

— Não olhe para baixo, senhor!

— Não se agarre aos enfrechates! Agarre-se com as duas mãos aos amantilhos, os cabos grossos!

— Devagar, senhor!

— Faça o que faça, não se solte durante o balanço!

Pouco depois alguns angustiados marinheiros agarraram seus pés por baixo e os colocaram cada vez mais acima até situá-los a uma grande altura, já que o mastro maior da *Surprise* era o de um navio de trinta e seis canhões. Imediatamente dois rostos radiantes apareceram pela boca de lobo do cesto da gávea.

— Não se apressem; suas pernas ainda não se adaptaram ao movimento do mar! Este não é momento para jogos. Dê-me a mão.

Então subiu a Stephen para a plataforma e depois a Martin. Stephen se assombrou uma vez mais da força de Jack, pois ainda que seu peso era razoável, 125 libras escassas, Martin era muito mais robusto e, apesar disso, Jack o havia subido de um puxão e sem esforço, como se pegasse pelo cangote um cachorro de tamanho médio, passando-o pela boca de lobo e depois largando-o de pé no piso.

O que olhavam não era uma andorinha do mar Caspio, mas um barco que não estava muito distante.

— Que presunços são os capitães das corvetas de dezoito canhões! — exclamou Pullings em tom incômodo —. Olhem como navega essa a toda vela! Só lhe falta desdobrar as monterillas<sup>{1}</sup>! Aposto meia coroa que em cinco minutos perderá as alas da joanete de proa.

— Gostaria de vê-la, senhor? — perguntou Jack, oferecendo a luneta para Martin.

Martin o aproximou de seu único olho e imediatamente viu um petrel, mas guardou silêncio. Depois de uma pausa, exclamou:

— Há disparado um canhão! Posso ver a fumaça! Mas não se atreverá a nos atacar, não é?

— Não, não. É um dos nossos — afirmou, e nesse momento ouviram o canhonaço —. É um sinal para que paremos.

— Não seria possível fingir que somos surdos e começar a navegar em direção contrária? — inquiriu Stephen, que temia outro encontro.

— A maioria dos capitães de barcos de guerra privados se esquivam dos que realizam um serviço público — respondeu Jack —, e se me ocorreu fazer isso mesmo quando a avistamos. Mas como já virou cinqüenta graus para barlavento e trocou de rumo, pensei que provavelmente nos havia reconhecido, e se não nos detemos depois de ouvir um canhonaço, e este é o segundo, é possível que dê um mau informe sobre nós, e então poderíamos perder a patente de corso. A *Surprise* é muito fácil de se reconhecer por seu mastro maior. Pode ser reconhecida a dez milhas de distância, como um urso com um dedo polegar inchado. Tom, acho que deveríamos usar o pequeno mastaréu de reserva para navegar regularmente e colocar este para fazer determinadas perseguições.

Pullings não respondeu. Inclinou-se mais e mais para frente com o telescópio até que o apoiou na grade do cesto da gávea para poder enfocá-lo melhor, e imediatamente gritou:

— Senhor, senhor, é a *Tartarus*!

Jack pegou seu telescópio e depois de um momento, no tom que empregava quando expressava sua alegria, exclamou:

— Sim! Posso ver o chamativo colorido azul de seu mastaréu — acrescentou e, depois de ouvir outro canhonaço, prosseguiu — : Já se identificou, e dentro de pouco começará a fazer sinais. William sempre teve habilidade para usar as bandeiras.

Então, projetando a voz para abaixo, gritou:

— Senhor West, por favor, vamos nos aproximar da corveta com as maiores desdobradas! E diga ao encarregado dos sinais que se prepare!

Depois, quando viu aparecer uma distante fileira de bandeiras, seguiu falando com quem estava no cesto da gávea.

— Sim, aí está. Que fileira! Provavelmente poderá lê-la sem o livro, Tom.

Pullings fora o tenente encarregado dos sinais sob o comando de Jack e recordava grande parte da lista de memória.

— Tentarei, senhor — disse e em voz alta, lentamente, leu — : “Bem-vindos...”. Repito: “Bem-vindos... Alegro-me em ver-lhes... Rogo capitão jantar... Tenho mensagem... Espero...”. Agora está soletrando algo: “DOT”. O guarda-marinha que faz os sinais não sabe ortografia...

No castelo de popa, o ajudante do suboficial encarregado dos sinais, um marinheiro de Shelmerston, perguntou:

— Que querem dizer os da corveta com DOT?

— Se referem ao nosso médico, que não é um barbeiro-cirurgião comum mas um autêntico doutor com peruca e bastão de empunhadura de ouro.

— Não sabia — disse o marinheiro de Shelmerston, fixando a olhar no cesto da gávea.

— Não sabe muito, companheiro — disse o suboficial, mas não em tom depreciativo.

— A corveta que se aproxima está sob o comando do senhor Babbington — disse Stephen para Martin —. Lembra-se do senhor Babbington daquela partida de críquete?

— Oh, sim! — respondeu Martin —. Fez alguns cortes muito oportunos, e o senhor me disse que havia jogado com a equipe de Hambleton. Ficarei encantado em voltar a vê-lo.

Pouco depois voltou a vê-lo. As duas embarcações se puseram em par, mas não muito perto uma da outra porque havia marejada. O capitão da *Tartarus*, muito cortesmente, situou-a a sotavento da fragata e, com a cara avermelhada pela alegria e os esforços, gritou para Jack que não descesse os botes dos botalós porque a *Tartarus* tinha nas alhetas gavietes que desceriam o cúter em uma fração de segundo.

— Muito bem, William! — gritou Jack em tom tranqüilo, com uma voz que pôde ser ouvida do outro lado da faixa de água de cem jardas que os separava —. Mas minha visita será curta porque tenho que percorrer uma longa rota para o sul e é provável que faça mau tempo!

O cúter desceu, produzindo salpicos, e transportou aos convidados pela faixa de água. Jack esqueceu que não estava em situação de dar ordens e, para evitar as cerimônias, disse ao guardamarinha que o governava:

— Pelo costado de bombordo, por favor.

Mas se corrigiu quando engataram o croque do cúter e deu preferência a Stephen e Pullings, que eram oficiais do rei a momentânea situação estranha foi esquecida devido aos gritos do doutor Maturin, que protestava com indignação porque haviam preparado uma guindola para que subisse a bordo seco e sem angústia.

— Isto é uma injúria! Por que fizeram distinção comigo? Acaso não sou um veterano navegante, um curtido homem do mar?

Mas seu tom mudou por completo quando o deixaram sobre a coberta e viu que seu antigo companheiro de tripulação James Mowett estava ali para receber-lhe.

— Ah, James Mowett, quanto me alegro de ver-lhe! Porém, o que faz aqui? Achava que era o primeiro oficial da *Illustrious*.

— Eu sou, senhor. William Babbington vai levar-me para Gibraltar.

— Claro, claro! Diga-me, como vai seu livro?

A alegria que se refletia na cara de Mowett diminuiu ligeiramente de intensidade.

— Bem, senhor, os editores são uns malditos... — começou a dizer.

Nesse momento Babbington o interrompeu para dar as boas-vindas ao doutor, e depois conduziu a todos para a cabine enquanto falava e ria. Lá encontraram a senhora Wray, uma jovem gorducha e de pernas curtas que agora parecia muito bonita porque havia se ruborizado ao sentir uma mistura de sentimentos, alegria por vê-los e vergonha porque eles a haviam visto. Nenhum dos presentes se surpreendeu, pois todos se conheciam muito bem, especialmente os três mais jovens, que haviam viajado com Jack como guardas-marinhas quando estava ao comando de seu primeiro barco, e sabiam que Babbington amava a Fanny Harte (que era o nome dela antes de se casar com o senhor Wray), mais que a qualquer outra

de suas inumeráveis amadas. Era possível que lhes parecesse um pouco arriscado que Babbington navegasse em alto mar com a esposa do vice-secretário interino do Almirantado, mas sabiam que era rico em terra e que os votos de seus familiares no Parlamento eram suficientes para protegê-lo e conseguir que só o admoestassem por má conduta profissional. Ademais, todos sabiam mais ou menos que reputação Wray tinha. Ali a única pessoa surpresa, preocupada e incômoda era Fanny. Como Jack Aubrey a aterrorizava, sentou-se o mais longe possível dele, entre Stephen e um canto. Entre o ruído das potentes vozes Stephen a ouviu murmurar:

— ... Parece uma situação estranha, não é?, e quase comprometedora, porque estou muito longe de terra... Sinto-me incômoda... Vim por razões de saúde... O doutor Gordon insistiu em que devia fazer uma curta viagem pelo mar... Naturalmente, minha criada me acompanha... Oh, sim! Alegro-me de ver ao capitão Aubrey bastante bem depois do que o pobre homem deve de ter passado... Parece um pouco mais velho, mas disso ninguém se assombraria, e esquivo... Terei que sentar-me junto a ele durante a janta? Bem, William tem uma carta de sua esposa e talvez isso suavize sua atitude.

— Minha querida Fanny — disse Stephen —, ele não necessita suavizar sua atitude. Sempre sentiu simpatia pela senhora, e ainda que alguém pudesse lançar a primeira pedra, nunca seria ele que faria. Porém, diga-me uma coisa: a última vez que falamos do capitão Babbington a senhora se referiu a ele como Charles, o que me assombrou apesar de saber que tem vários nomes e que prefere esse aos outros.

— Não, não! — exclamou Fanny, ruborizando outra vez —. Esse dia estava perturbada e minha mente era, por assim dizer, um mar de confusões. Havíamos ido ao baile de fantasias na casa da senhora Graham, eu fantasiada de ovelha escocesa e William de herdeiro ao trono. Oh, meu Deus, como ele ria! Por isso segui chamando-lhe de Charles depois. Tinha um aspecto tão bonito com suas anaguinhas! Acho que o senhor pensará que sou muito tonta e simples, mas me alegro de que me haja dito que o capitão me tem simpatia. Agora

me sentarei junto dele com prazer. Espero que o pudim de sebo não esteja pouco cozinhado. William insistiu em que o preparassem para ele e garante que se pode fazer num instante em uma panela de pressão, mas quando eu era menina, os pudins demoravam horas para cozinhamos.

A janta foi muito alegre, e nela abundaram os risos e as anedotas. Ademais, do ponto de vista puramente culinário, para quem vinha da *Surprise* pareceu sumamente oportuna. Nesse momento nem o capitão nem os oficiais da fragata tinham cozinheiro; Jack com o fim de poupar, Stephen por distração e os oficiais porque estavam na miséria não haviam subido a bordo suas próprias provisões, assim que tinham que viver das da fragata, e como ainda estava em águas britânicas, não bebiam grogue senão cerveja de má qualidade, que cada dia ficava pior. Na grande cabine a única refeição abundante era o desjejum, o que Killick havia conseguido graças a sua autoridade. Durante a janta Babbington contou que a *Tartarus* havia perseguido por dois dias e duas noites uma escuna norte-americana muito veloz que provavelmente tentava violar o bloqueio e chegar a Brest ou Lorient.

— Mandei amarrar guindalezas e cabos delgados aos topos como o senhor costumava fazer, senhor — relatou —. E realmente acredito que a teríamos alcançado se a gávea maior e o velacho não se soltassem das relingas ao mesmo tempo. Mas pelo menos a obrigamos a se desviar de sua rota por trezentas ou quatrocentas milhas para o sul, e terá que voltar a passar as mesmas penalidades antes de avistar a costa francesa.

— Senhor Mowett, o que ia me dizer dos editores? — perguntou Stephen durante uma pausa na qual faziam lugar na mesa para o pudim e se passavam uns para os outros o vinho que o acompanharia (vinho de Fontignan e Canary).

— Ia dizer-lhe que são uns malditos vadios.

— Que horror! — exclamou Fanny —. E vão a locais especiais ou...?

— Quer dizer que são impontuais — disse Babbington.

— Oh!

— Sim. Supunha-se que o livro ia sair no glorioso primeiro de junho, mas adiaram a saída para o dia de Trafalgar, e agora dizem que atrairá mais ao público se for publicado no aniversário de Camperdown. Contudo, isto tem a vantagem de que posso polir o que escrevi e acrescentar um novo poema.

— Recite algum fragmento do novo poema, Mowett — rogou Pullings.

— Sim, por favor! — pediram Babbington e Fanny.

— Bem — disse Mowett com uma mistura de modéstia e satisfação —. É bastante comprido. Com sua licença, senhora — acrescentou, fazendo uma inclinação de cabeça para Fanny —, só recitarei os versos do final. O poema faz referência a uma batalha e estes versos narram o momento em que começa a matança:

*Rápido deslizam pelo mar as ligeiras esquadras  
E ambas, olhando-se com desaprovação, agora muito perto  
estão*

*"Rápido, façam preparativos de combate", grita o  
contramestre com sua escandalosa voz.*

*"Rápido, façam preparativos de combate", replica  
uma voz em cada um dos navios cheios.*

*As faces se tornam pálidas pelo extraordinário medo.*

*Tudo se detém um momento em meio de um  
grande assombro, de um sepulcral silêncio e de  
inconscientes olhares.*

Um estrondo que se produziu em algum lugar da proa e que se parecia com um disparo de um canhão de doze libras lhe interrompeu, mas só por um momento.

*A morte vai de um navio para outro com sua letal guadanha.  
Em todas os castelinhos os demônios da morte se retorcem  
e os demônios da matança deslizam pela  
massa de água pintada de púrpura,  
abrem suas destruidoras mandíbulas e bebem com  
fruição o sangue que corre...*

— Senhor, com sua licença! — irrompeu um assustado guarda-marinha alto e pálido da porta da cabine —. O senhor Cornwallis me ordenou lhe dizer que a máquina de pressão estourou.

— Há alguém ferido? — perguntou Babbington, pondo-se de pé.

— Acredito que ninguém morreu, senhor, mas...

— Desculpem-me — disse Babbington a seus convidados —. Tenho que ir dar uma espiada.

— Detesto os inventos estrangeiros — interveio Fanny durante a angustiante pausa.

— Não morreu ninguém — explico Babbington ao regressar —. Ademais, o cirurgião diz que as queimaduras que têm os homens não são importantes e que se curarão dentro de um mês, mais ou menos. Mas lamento ter que dizer, senhor, que o pudim se espalhou uniformemente por cima do cozinheiro, seus ajudantes e a coberta. Eles pensaram que ele cozinaria mais rápido se pusessem uma tampa de ferro na válvula de segurança.

— Foi uma lástima o que ocorreu com o pudim — disse Jack quando estavam de novo na cabine da *Surprise* —. Mas o jantar, em conjunto, foi um dos que mais desfrutei em minha vida. E ainda que Fanny Harte não seja Escila nem Caribdis, ambos se amam muito, e afinal de contas isso é o que importa. Quando William se dirigia para Pompey, passou por Ashgrove Cottage para perguntar a Sophie como estava e ela lhe deu uma nota para que me entregasse em caso de que nos encontrássemos. Em casa todos estão bem e minha sogra é menos incômoda do que poderia imaginar. Diz que me maltrataram e que tanto Sophie como eu merecemos sua benevolência. Não é que haja pensado nem por um momento que sou inocente, senão que aprova o que acredita que fiz. Diz que faria o mesmo se tivesse oportunidade, como qualquer outra mulher que preze o seu capital... Isso que está tocando não é *A marsehesa*, não é?

Há um tempo, Stephen estava tocando suavemente duas ou três frases musicais com variações, de uma forma semiconscente que não obstava sua capacidade de falar nem de escutar.

— É, ou tenta ser, a passagem da obra de Mozart que tinha em mente o músico francês quando a compôs. Mas me esqueci de algo ...

— Stephen, não toque nem uma nota mais, eu lhe rogo — pediu Jack —. Se não se me escapa, poderei interpretá-lo exatamente.

Tirou de um puxão o pano que cobria o estojo de seu violino, o afinou com rapidez e começou a interpretar justamente esse fragmento. Depois de alguns momentos, Stephen o acompanhou e, quando os dois se sentiram totalmente satisfeitos, deixaram de tocar. Depois de afinar bem os instrumentos e atritar as cordas *com* colofônio, interpretaram de novo a passagem, a tocaram ao revés, fizeram variações e floreios e às vezes um improvisava uma melodia e o outro o seguia, e vice-versa. Ficaram tocando até que um solavanco a sotavento quase fez Stephen cair do assento, o que fez com que seu violoncelo emitisse um chiado.

Ainda que Stephen se recompôs imediatamente e as cordas e o arco não sofreram danos, desapareceu a fluidez rítmica e pararam de tocar.

— É melhor assim — sentenciou Jack —. Dentro de pouco ia começar a desafinar. Estou esgotado porque durante as práticas com os canhões corri de um lado para outro sem parar, fazendo o trabalho que geralmente realizam meia dúzia de guardas-marinhas, cada um encarregado de um grupo de canhões. Nunca me dera conta de que essas pequenas bestas eram tão úteis. Agarre-se forte! — acrescentou enquanto segurava Stephen, que ia cair de novo, ainda que desta vez estava de pé —. Suas pernas ainda não se adaptaram ao movimento do mar?

— Não é uma questão das pernas se adaptem ao movimento do mar — respondeu Stephen —. Os movimentos da fragata são bruscos e violentos. Nestas circunstâncias, até um crocodilo cairia se não tivesse asas.

— Profetizei que ia fazer mau tempo esta noite — disse Jack, caminhando para o barômetro —, mas talvez seja pior do que pensei. É conveniente que nos preparemos para a tormenta também aqui abaixo. Killick, Killick!

— Senhor? — disse Killick, assomando-se imediatamente com um pedaço de tecido alcochado sob o braço.

— Guarde no paiol do pão o violoncelo do doutor e meu violino junto com esse artigo.

— Sim, senhor. Guardar no paiol do pão o violoncelo do doutor e seu violino junto com o “objeto”.

No início de seu matrimônio, Diana havia presenteado Stephen com uma magnífica mostra da arte e do engenho dos fabricantes de escrivaninhas. Podia ser um atril para as partituras, e geralmente se usava como tal, mas também podia se converter, por meio de várias alavancas e tabuleiros reclináveis, em um lavatório, em uma pequena mas útil escrivaninha, um estojo de remédios ou uma estante. Ademais, tinha em total sete gavetas e compartimentos secretos e continha um astrolábio, um relógio de sol, um calendário perpétuo, muitos frascos de vidro trabalhado e escovas e pentes do marfim. Mas o que mais Killick gostava era que as dobradiças, os adornos das fechaduras, as molduras e chapas de proteção das portas, as tampas dos frascos e todos os outros acessórios eram de ouro maciço. Killick o venerava (o pedaço de tecido alcochado era o primeiro dos três envoltórios com que o protegia do mau tempo) e pensava que o nome que o capitão lhe dava era inapropriado e tinha conotações depreciativas. Achava que “objeto” era o nome adequado, já que não tinha nenhuma relação com os urinóis mas tinha muita com a santidade, por exemplo em “objeto sagrado”, e há anos tratava de impô-lo.

Jack permaneceu ali alguns momentos, mexendo-se levemente com o balanço e o cabeceio. Tinha os lábios franzidos como se fosse assobiar, mas não tinha em sua mente nenhuma melodia senão um conjunto de cálculos relativos à posição, as correntes, a força do vento e a mutável pressão barométrica, e os comparava com os do passado imediato e com muitos outros de similar natureza feitos nessa parte do Atlântico. Pôs uma casaca curta, subiu ao castelo de popa e voltou a fazer cálculos, de maneira mais instintiva, em contato direto com o vento e o mar. Os marinheiros já haviam baixado os mastaréus, as escotilhas já estavam tapadas com barras,

as lanternas com portinhola colocados e os botes presos com cabos duplos. Então disse a Davidge:

— Quando chamarem os homens da guarda de bombordo, ordene-lhes rizar as gáveas. Avise-me se o vento mudar. O capitão Pullings vai substituí-lo, não é assim?

— Sim, senhor.

— Então, comunique-lhe o que eu disse. Boa noite, senhor Davidge.

— Boa noite, senhor.

Quando regressou à cabine, comentou:

— Provavelmente é esta a tempestade a que me referia quando disse que uma batalha ou uma tormenta uniam fortemente uma tripulação mista. Queria não ter falado como um tonto. Queria que ninguém tivesse achado que desejava uma tormenta realmente violenta.

— A tataravó de meu padrinho, que vivia em Ávila, em uma casa que mostrarei a você e a Sophie quando a guerra acabar, conheceu santa Teresa, e a santa lhe disse que se derramavam mais lágrimas pelos dons concedidos que pelos negados.

## CAPÍTULO 3

---

Era realmente a tormenta que havia pedido em suas preces. Durante três dias o vento aumentou de intensidade e mudou de orientação até que por fim se fixou ao chegar ao este-nordeste e ficou soprando sem variar um só grau durante duas guardas. Depois começou a rolar de forma errática para o leste e o oeste, ganhando mais força em cada vez, enquanto a *Surprise* avançava com o velacho aferrado e com uma vela de mau tempo aberta no estai do pau mezena. Foi então, pouco depois das três da madrugada, muito avançada a guarda de meia e quando a chuva caía como um grosso manto sobre o convés, quando Thomas Pullings saiu da maca, pôs a capa de lona alcatroada e subiu a escada para ver como Davidge contornava o temporal. A maioria dos marinheiros de guarda estavam no convés, sob a escada do castelo, protegendo-se da chuva, dos jorros de água do mar e da espuma, mas os quatro homens que levavam o leme e o oficial que estava situado atrás deles rodeando com um braço o mastro mezena, as três coisas asfixiantes lhes batiam de frente e tinham que manter a cabeça alta para poder respirar. Davidge era um marinheiro experiente e competente que havia visto algumas marejadas terríveis durante sua vida, porém, apesar disso, pondo as mãos ao redor de sua boca e colando-as na orelha de Pullings, gritou:

— Bastante bem, obrigado! Mas pensava em chamar o capitão porque cada vez que vira um pouco, o leme estremece como se os cabos que seguram a prancha deslizassem por ele ou roçassem em algo.

Pullings se colocou entre os marinheiros que estavam no leme, todos eles de Shelmerston, agarrou as cavilhas e esperou até que

uma grande onda fez mudar de bordo a fragata ao chocar contra ela por sotavento. Então sentiu o conhecido estremecimento, sorriu e gritou:

— Este é um dos ardis que faz quando o tempo é assim. Sempre faz. Podemos deixá-lo descansar em paz.

Nesse momento uma longa série de brilhantes relâmpagos iluminou a parte inferior das negras nuvens e a fragata; ouviram-se ensurdecedores trovões; e o vento rolou bruscamente, inchando a vela de estai e fazendo mudar de bordo a *Surprise* cinqüenta graus e avançar para uma parte do mar onde as ondas eram muito maiores e rápidas. Quando a fragata afundou a proa pela primeira vez as verdes águas chegaram ao castelo. Desceu com tanta força e se inclinou tanto que Jack, profundamente adormecido na maca depois de trinta e seis horas no convés, foi lançado violentamente contra os vaus que ficavam acima de sua cabeça.

“Duvido que volte a se estabilizar”, pensou Pullings. À luz da bitácula podia ver-se a mesma triste expectativa nos rostos dos marinheiros que levavam o leme. Tudo o que seguiu pareceu ocorrer muito devagar: o gurupés e parte do castelo emergiram como uma negra baleia em meio do redemoinho de espuma, e a enorme massa de água que estava no convés se lançou para a popa, inundando o castelo de popa e fazendo cair o anteparo da cabine para dentro. Sob a luz dos relâmpagos quase contínuos podiam ver-se grupos do marinheiros de guarda agarrados às cordas de segurança, que há tempo estavam colocadas de proa a popa entre os canhões. Antes de que a água terminasse de sair pelos embornais do castelo de popa, Jack Aubrey subiu a escada em camisa de dormir.

— Pode mudar de bordo? — perguntou, e sem esperar resposta pegou o leme.

Pelas leves vibrações que se produziam entre os impactos das sucessivas ondas contra a prancha, soube imediatamente que a fragata respondia como sempre o fizera. Desceu a vista para olhar a bússola e viu que o sangue que corria pelo vidro da bitácula a havia pintado de vermelho.

— Está ferido, senhor — disse Pullings.

— Maldita seja! — exclamou Jack, virando o leme para esquivar o vento —. Larguem o velacho! Eei, os de proa, movam-se! Soltem os palanquins do traquete!

Esse foi o último dos terríveis e caprichosos açoites da tormenta. Quando a guarda mudou, o vento voltou a rolar até o este-nordeste e levou as nuvens que ocultavam a lua. Então pôde ver-se um horrível espetáculo: a verga da cevadeira, o botaló da bujarrona e outros haviam caído, a espicha e a verga traquete estavam desprendidas e o botaló da carangueja, assim como numerosos cabos, estavam rompidos. A situação era deprimente mas não desesperada, pois não havia morrido nenhum marinheiro e entrara pouca água embaixo, ainda que a cabine estava úmida e quase vazia e carecia de intimidade, pois o anteparo havia caído. Mas na hora do café da manhã a fragata navegava a uns cinco nós só com as gáveas desdobradas e com um vento entre fraco e moderado. Os fogos da cozinha estavam de novo acesos e Killick recuperara o moedor de café, que provavelmente alguma absurda rajada de vento arrastou para a bodega quando o ajudante do carpinteiro desceu para ver a sentina.

Jack Aubrey tinha ao redor da cabeça uma sangrenta venda que lhe cobria um olho. Geralmente usava seu comprido e loiro cabelo preso atrás da nuca com uma larga cinta, mas até agora não havia tido tempo de tirar-lhe o sangue coagulado e as mechas endurecidas apontavam em todas as direções, o que lhe dava um aspecto inumano. Contudo, sentia-se satisfeito da maneira como os tripulantes haviam se comportado, pois não protestaram pela escassez de provisões nem por passar três dias comendo somente bolachas e queijo e bebendo cerveja de má qualidade; não vacilaram ao receber a ordem de subir na exércia; não trataram de esconder-se embaixo, e nunca puseram má cara. Por isso o olho que lhe restava descoberto tinha um olhar benévolo.

— É assombroso que em tantos anos no mar nunca tenha visto nenhum carpinteiro incompetente — disse durante o café da manhã —. Já vi alguns contramestres, porque normalmente se comportam como tiranos e deixam os marinheiros maus. Inclusive a alguns condestáveis a quem nem sempre se pode convencer de que

aceitem mudanças ainda que sejam mínimos. Mas a nenhum carpinteiro. Parece que nasceram com o ofício aprendido. O senhor Bentley já reparou a espicha e quase já terminou de colocar o botaló de bombordo, assim que podemos... Que demônios estão gritando os marinheiros no convés?

Inclinou-se para olhar para frente por debaixo do castelo de popa e viu que todos os marinheiros encarregados de reparar as velas estavam de pé e gritavam para o serviola que estava no tope.

— Peço desculpas por não ter tocado, senhor — disse Pullings, mas não há nada onde tocar. Há um barco a sotavento, senhor, e ainda não se lhe vê o casco.

— Ainda não se vê o casco? — perguntou Jack —. Então teremos tempo para terminar de tomar o café. Sente-se, Tom, e permita-me servir-lhe uma xícara. Tem um sabor um pouco estranho, mas pelo menos está quente.

— Sim, está quente, senhor — disse Pullings e depois, voltando-se para Stephen, acrescentou — : Suponho que deve ter passado uma noite horrível, doutor, pois sua cabine está desfeita, se me permite dizê-lo.

— Admito que houve um momento em que cheguei a me sentir muito mal — confessou Stephen —, quando me pareceu ver em sonhos a um malvado que havia deixado a porta aberta e que estava exposto a que a umidade me alcançasse. Mas depois me dei conta de que não havia porta e me preparei mentalmente para dormir.

Enquanto terminava o café da manhã, os tripulantes da *Surprise* guindaram os mastaréis. Logo perceberam que a presa não era importante, porém, apesar disso, Jack ordenou metodicamente abrir velas até que a *Surprise* fez aparecer ondas de proa de considerável tamanho e a água que passava sussurrando por seus costados descreveu uma grande curva e formou uma esteira profunda e reta como se a fragata perseguisse um galeão de Manila. Tinha o vento pela alheta de estibordo e agora só podia usar abertas as alas baixas. Essa era a primeira vez que Jack a governava desde que haviam saído de Shelmerston e a primeira vez que os novos tripulantes viram o que ela era capaz de fazer. Para todos os que estavam a bordo lhes agradava sua rapidez, mas não só isso como

também sua audácia, a forma com que lançava longe a água que passava sob a proa. O vento era mais fraco, mas soprava perpendicularmente à corrente e às ondas, provocando que a água fizesse estranhos movimentos; apesar disso, a fragata se movia pelas agitadas águas com mais leveza do que nenhuma outra embarcação. Quando soaram as quatro badaladas da guarda da manhã, um tripulante jogou a nacela da barquilha e comprovou que a velocidade era de dez nós e todos deram vivas. Ainda que era pouco provável que houvesse problemas, Jack ordenou que chamassem os marinheiros para almoçar cedo, mas um grupo de cada vez, e muitos deles regressaram a seus postos com toda a comida que podiam para não perder nada. Sabiam desde o princípio que a presa era uma embarcação que estava em más condições com velas triangulares, e à medida que se aproximava todos achavam mais provável que fosse a corveta de Babbington. No traquete, que estava intacto, estavam desdobradas a vela traquete, o velacho, e numerosas bujarronas, e os tripulantes se esforçavam para pôr um mastro provisório, ainda que isso não serviria de nada, pois ainda que colocassem nele uma vela maior, a fragata não tardaria em ultrapassar ao barco. Provavelmente teria ultrapassado à *Tartarus* quando ainda estava intacta, mas assim, em tão más condições e, sobretudo, navegando a um largo, não podia competir com a *Surprise*.

— Então isso é que é uma escuna — disse Martin quando ele e Stephen a observavam do castelo —. Porém, como sabe?

— Porque tem dois mastros. Estão tratando de colocar o segundo.

— Mas os bergantins, os sloops, as balandras, as galeotas e os dogres também têm dois mastros. Qual é a diferença?

— O maçarico-real real e o comum têm algumas semelhanças, e os dois têm duas asas, mas os bons observadores percebem a diferença que há entre eles.

— Eles se diferenciam no tamanho, no canto e na faixa ao redor do olho.

— Essas mesmas diferenças, com excessão da voz, encontram-se entre as embarcações de dois paus. Uma pessoa familiarizada

com elas distingue imediatamente o equivalente da faixa ao redor do olho, as linhas das asas e os dedos semipalmados — acrescentou Stephen não sem certa satisfação.

— Talvez eu chegue a distingui-las com o tempo — disse Martin —. Mas também são parecidos os lugres e os barcos destinados à pesca do bacalhau e do arenque — acrescentou e, depois de meditar, continuou — : É muito estranho que em tantos dias só tenhamos encontrado este barco, sem contar os dois navios de guerra que vimos e os sardinheiros que encontramos diante do cabo Lizard. Lembro que o canal ficava abarrotado de barcos. Havia enormes comboios que às vezes ocupavam várias milhas, pequenos grupos de embarcações e barcos isolados.

— Acho que há rotas marítimas estabelecidas de acordo com os ventos e o tempo de um lado a outro do oceano — disse Maturin —. Essas rotas podem ser seguidas sem preocupação, como um cristão pode caminhar pela rua Sackville, atravessar a ponte Carlisle, passar pelo Trinity College e chegar ao Stephen Green, morada de dríadas que rivalizam em beleza; contudo, o capitão Aubrey procurou evitá-las, como fizeram, sem dúvida, os barcos dedicados ao contrabando que o desagradável capitão do cúter procurava. E aposto que essa escuna é um deles.

Maturin estava errado nisso. A escuna era uma embarcação veloz e poderia fazer contrabando, mas alguém que a observasse com mais atenção observaria que parecia uma presa recuperada, ou a ponto de ser recuperada, pois enquanto os escassos tripulantes se esforçavam para colocar os brandais e a verga da gávea maior, vários homens mais e três mulheres que estavam junto ao coroamento gritavam e agitavam a mão no ar.

A *Surprise* se aproximou da escuna, parou junto dela de maneira que impedia que o vento inchasse suas velas e disparou um canhão para barlavento. Então a escuna arriou a bandeira.

— Companheiros de tripulação! — gritou Jack —. Todos sabem os termos de nosso acordo: o homem que roube ou maltrate a algum prisioneiro ou saqueie a escuna será tirado da fragata e levado ao cúter azul.

Mas a escuna, a *Merlin*, não era uma presa recuperada, e tampouco um barco corsário independente apesar do que dizia seu capitão, um estadunidense de Luisiana que falava francês. Dos relatos prolixos e concordantes dos prisioneiros liberados se desprendia que a escuna era a companheira de uma embarcação muito maior, o *Spartan*, um barco armado por um consórcio franco-estadunidense que tentava minar o comércio dos aliados com as Antilhas.

Jack conhecia muito bem o *Spartan*, pois o havia perseguido durante dois dias e duas noites, com bom tempo e também com muito mau tempo. A opinião que tinha de seu capitão como marinheiro era excelente, e, contudo, surpreendeu-se ao se informar de que durante sua última viagem havia capturado nada menos que cinco presas: dois barcos de Port Royal carregados de açúcar, que por sua lentidão haviam se separado do comboio ao qual pertenciam durante a noite, e três barcos que faziam o comércio com as Antilhas com carregamentos ainda mais valiosos, de anil, café, pau campeche, ébano, madeira tintórea e couros, os quais haviam se aventurado a navegar sozinhos confiando em sua velocidade. E se surpreendeu ainda mais ao saber que atracaram os cinco no porto Horta, em Faial, e haviam embarcado na escuna os seus capitães, os comerciantes que representavam a companhia e as esposas de alguns deles que os acompanhavam na viagem, para que os levasse para a França, onde deveriam fazer as diligências necessárias para conseguir o resgate, tanto dos barcos como dos carregamentos.

— Por que não regressou ao seu país rapidamente com um butim tão estupendo? — perguntou Jack —. Nunca havia visto a um barco privado ter tanto êxito em uma viagem curta... e tampouco em uma longa.

A resposta era óbvia, mas ninguém a encontrou até essa tarde. O capitão da escuna não dava nenhuma informação e seus poucos tripulantes tampouco podiam fazê-lo porque desconheciam o plano geral. Por outro lado, Jack e Pullings estavam muito ocupados com os antigos e os novos prisioneiros e o aprovisionamento da presa.

O capitão estadunidense, os comerciantes e suas esposas haviam subido a bordo da fragata imediatamente, e o correto era

que Jack os convidasse para almoçar; e, além disso, aproximava-se a hora em que os oficiais costumavam almoçar. Contudo, Jack não dispunha de uma cabine onde poder agasalhá-los e, ainda que a tivesse, não tinha nada que pôr na mesa.

— Senhor Dupont, agradeceria que me fizesse um favor — disse Jack ao capitão norte-americano quando foi levado discretamente para a popa para que mostrasse a documentação da *Merlin*.

— Com prazer farei o que esteja em minha mão, senhor — respondeu Dupont, olhando com desconfiança a figura que tinha diante de si —. Farei tudo o que possa, dentro de minhas escassas possibilidades.

Os capitães de barcos corsários tinham fama de cruéis e rapaces, e Jack, exageradamente magro e alto, sem se lavar, com cabelos hirsutos e loiros brilhando em sua cara sem barbear, com a venda ainda mais ensangüentada devido à recente atividade e com mechas de cabelo endurecidos pelo sangue pendurando ao redor da cara como se fossem de uma peruca de mulher mal pintada, era uma figura imponente, ante a qual haviam retrocedido as esposas dos comerciantes apesar de serem acostumadas à vida no mar.

— A verdade é que temos escassez de provisões e seria um descrédito para a fragata e para mim ter que oferecer ao senhor e a essas damas uma refeição consistente em carne de vaca salgada, ervilhas secas e uma cerveja de tão má qualidade que quase não se pode beber.

— Peça-me o que queira, senhor, lhe rogo — disse Dupont, que temia algo muito mais desagradável —. Disponho de muitas provisões, ainda que o chá quase já acabou. E apesar de meu cozinheiro ser negro, não carece de habilidade. Eu o comprei de um homem que rendia culto ao seu estômago.

Esse era um estranho culto, mas o capitão e os oficiais da *Surprise*, depois de ter suportado uma tormenta por tantos dias e de ter comido pouco mais que o pão da fragata durante esse tempo, pensaram que talvez tivesse fundamento. Inclusive os convidados tiveram uma agradável surpresa, pois, apesar do cozinheiro negro sempre lhes fizera coisas boas, agora havia se esmerado e a torta de

maçã era digna de elogio e o *vol au vent* fez semicerrar os olhos das damas.

Os oficiais da *Surprise* atribuíram isto à sua alegria e gratidão por Killick. Quanto subiu a bordo, Killick, que era quem se ocupava desse tipo de assuntos por ser o dispenseiro do capitão, o havia agarrado pelo braço e, ao mesmo tempo que fazia um gesto que indicava a retirada das algemas de um homem, para o caso dele não estar compreendendo bem, dissera lentamente:

— O senhor, livre. — queria fazê-lo entender que no momento que pusera um pé em um barco britânico deixara de ser um escravo e tocando-lhe no peito repetiu — : O senhor, livre.

O cozinheiro negro respondeu:

— Desculpe, senhor, mas meu nome é Smith.

Mas falou tão baixo por medo de ofendê-lo que suas palavras, em meio do alvoroço, quase não se ouviram.

A refeição teve lugar na câmara dos oficiais e Jack Aubrey, agora apresentável, sentou-se em um extremo da comprida mesa e Pullings no outro. Quando por fim terminou, Stephen e o homem que estava sentado à sua direita foram até o lado de sotavento do castelo de popa, onde fumaram cigarros feitos ao estilo espanhol e conversaram nessa língua, pois o homem, Jaime Guzmán, era um espanhol originário de Ávila, quer dizer, de Castelo Velho e, além do mais, sócio da companhia gaditana proprietária da maior parte do carregamento de madeira tintórea que um dos barcos capturados levava, o *William and Mary*. Tagarelava um pouco de inglês, mas há muito tempo não se comunicava de jeito nenhum com seus captores. Era um homem comunicativo, e depois de semanas sem falar, agora sua loquacidade era quase alarmante.

— Essas mulheres, essas odiosas mulheres, não me deixaram desfrutar disto nem ao menos na viagem de ida — disse, expelindo a fumaça pela boca e pelo nariz —. São como voluptuosas civetas, mas me parecem muito desagradáveis. Uma vez tive a intenção de ajudá-las a melhorar, mas logo pensei que quem dá pão a cachorro alheio perde o pão e o cachorro. Nenhuma dessas pessoas teria sido bem recebida em Ávila; a tataravó de seu padrinho nunca teria consentido em recebê-las. — Guzmán falou da Ávila de sua

juventude e isso o levou a fazer comentários sobre a cidade de Almadén, onde seu irmão se ocupava da parte comercial da exploração de minas de mercúrio, e sobre Cádiz, a cidade descuidada e depravada onde Guzmán se estabelecera.

— Dom Esteban — prosseguiu —, eu sou católico, como o senhor, e gosto muito de presunto, mas em Cádiz não se pode encontrar presunto. Por que? Porque lá todos são cristãos novos, metade mouros ou metade judeus. Não é possível dar-se bem com eles, como meu irmão comprovou. São desonestos, têm duas caras e, como a maioria dos andaluzes, têm uma desmedida ambição por dinheiro.

— Dizem que quem deseja fazer-se rico em um ano morrerá enforcado em seis meses — comentou Stephen.

— Não é freqüente que enforcem essas pessoas tão rápido — seguiu Guzmán —. Mas vou lhe contar o caso de meu irmão. Obviamente, ele tem que mandar mercúrio para o Novo Mundo, pois sem ele não se pode extrair ouro, e quando a Inglaterra e a Espanha estavam em guerra se enviava em fragatas. As fragatas eram apresadas com freqüência devido à traição dos malvados funcionários de Cádiz, que comunicavam aos judeus de Gibraltar a data em que zarpavam e inclusive a quantidade de bolsas que levavam, pois o senhor deve saber, Dom Esteban, que o mercúrio se transporta em bolsas de pele de ovelha de meio quintal. Agora que a guerra mudou, não podemos prescindir das fragatas, e muito menos dos navios de linha; assim que meu irmão, pressionado por todos os lados, depois de esperar durante anos decidiu fretar o mais potente e confiável barco corsário da costa, um barco que o nome de *Azul*, de dimensões similares a esta fragata, para levar cento e cinqüenta toneladas para Cartagena. Cento e cinqüenta toneladas, Dom Esteban! Seis mil bolsas! O senhor pode imaginar seis mil bolsas de mercúrio? — Ambos estiveram alguns momentos tratando de imaginar seis mil bolsas de mercúrio e depois Guzmán continuou — : Mas me parece que esses homens agiram agora com a mesma má fé. O capitão do *Spartan* sabia muito bem que o *Azul* ia zarpar há oito dias e que vai fazer escala nos Açores. Talvez já a tenha pegado. Mas o importante é outra coisa, algo que sei porque os oficiais do

*Spartan* são menos discretos que o senhor Dupont: que no final do mês a fragata norte-americana *Constitution* e uma corveta chegarão aos Açores vindos do sul e o *Spartan* e sua flotilha de presas se unirá a elas para regressar para os Estados Unidos sob sua proteção.

Jack Aubrey tinha a rara virtude de escutar os relatos sem interromper, e nesta ocasião inclusive esperou para ouvir os comentários.

— Eu lhe contei isto tal como me relataram, Jack. Tenho razões para acreditar que Guzmán, que deseja ansiosamente a reintegração do Santo Ofício, está equivocado com respeito aos judeus de Gibraltar; contudo, não é improvável que o consórcio franco-estadunidense conheça a existência desse carregamento de mercúrio. Por outro lado, acho que a boa fé de Guzmán está fora de toda dúvida. Que acha do que disse sobre a *Constitution*?

— Se o senhor Hull ainda está ao comando, é provável que chegue na data prevista. É famoso por sua pontualidade. Certamente, não podemos lutar contra ela, pois leva quarenta e quatro canhões de vinte e quatro libras e dispara um bombardeio de 768 libras. Seus gabaritos são como os de um navio de linha e a chamam *A Invencível*. Contudo...

Continuou falando enquanto cruzava por sua mente a carta marinha da zona do Atlântico compreendida entre os trinta e cinco e os cinquenta graus de latitude norte, com os Açores no centro. O *Spartan* patrulharia a área situada entre São Miguel e Santa Maria pela parte de onde vinha o vento, pois assim teria vantagem em relação ao *Azul* quando aparecesse, e nessa época do ano o vento soprava do oeste ou do noroeste. Era possível que a recente borrasca houvesse detido ao *Azul* ou que o tivesse feito avançar, mas provavelmente haveria atrasado à *Constitution*, o que era um fator fundamental do plano que estava ideando; o plano para fazer o capitão do *Spartan* acreditar que a *Surprise* era o *Azul*, pelo menos o tempo suficiente antes de entabular combate. Pensou sucessivamente nas datas, o recente temporal, a provável velocidade do *Azul*, que navegava sem pressa ainda que a tripulação fosse eficiente, e a posição atual da *Surprise*, e lhe pareceu que se a

fragata avançasse cento e vinte e cinco milhas diárias havia possibilidades de que chegasse lá a tempo. Não muitas, mas valia a pena fazer o esforço.

“Se o vento seguir soprando com força”, pensou. Ultimamente o barômetro havia tido subidas e descidas erráticas e era impossível fazer uma previsão do tempo, assim que só o que podia fazer era continuar navegando snela.

Uma vez mais, Stephen ouviu as palavras “não há nem um momento a perder” e depois Jack correu para o convés para ordenar a Pullings que pusesse imediatamente todos os marinheiros a fazer os trabalhos de reparação da *Merlin*. Quando regressou, perguntou a Stephen:

— Teria a amabilidade de servir de intérprete, se faço perguntas sobre o *Azul* a esse cavaleiro?

Por suas relações e sua profissão, Guzmán sabia muito mais de barcos que um homem de terra adentro comum, e a informação que deu sobre o *Azul* foi convincente: que tinha três mastros, aparelho de brigue-barca e um calado de quinhentas toneladas. Também foi a descrição que fez: estava pintado de um bonito colorido azul e tinha as portalós negras, como as de um barco de guerra. Jack meditou sobre isso. Embora pôr exércia de brigue-barca na *Surprise* não apresentava dificuldade, porque quase o único necessário era substituir as vergas da mezena e a sobremezena por velas triangulares no mastro mezena, essa viagem era só uma prova e a fragata levava muito poucas provisões. Quanto às portalós negras, era uma sorte, pois a fragata já as tinha, nunca havia deixado de ser pintada ao estilo de Nelson, em quadros brancos e negros; contudo, os costados azuis eram farinha de outro saco.

— Chamem ao senhor Bentley — ordenou.

Depois, quando o carpinteiro chegou, perguntou:

— Quanta tinta azul temos, senhor Bentley?

— Tinta azul, senhor? Apenas temos suficiente para dar ao cúter duas demãos finas, muito finas.

Jack permaneceu pensativo um momento e depois disse:

— Stephen, por favor, pergunte se o azul é escuro ou claro;.

Quando soube que o *Azul* era de claro, tão claro como o céu na alvorada, voltou-se para o carpinteiro para lhe perguntar de quanta tinta branca dispunham. A resposta foi quase tão desalentadora como a anterior: apenas um quintal.

— Bem, bem — disse Jack —. Faremos o que possamos. Digame, senhor Bentley, como está a escuna?

— Oh, senhor! — exclamou o carpinteiro, e seu rosto se iluminou —. Logramos pôr-lhe um estupendo mastro maior usando quase o melhor mastaréu que tínhamos com um dado colocado na base e dando um ou outro retoque na enora.

— O senhor e seus ajudantes trabalharam muito, senhor Bentley.

— Trabalhado? Mais que as abelhas.

No dia seguinte também trabalharam como as abelhas, porque enquanto Jack dava seu passeio noturno pelo convés, havia encontrado a solução para o problema de mudar o aspecto externo da *Surprise*. Necessitavam várias demãos de tinta branca para tapar as faixas negras que ficavam por cima e por baixo da faixa branca com as portalós negras, e com a tinta que tinham só podiam dar uma demão na metade de um custado, o que não seria suficiente para cobrir o negro. Mas se pudesse pintar uma lona... Se pudesse estender muito bem uma lona branca sobre os costados, alguém com boa vontade podia conseguir que muito pouca quantidade rendesse muito.

Assim que se fez de dia chamaram os homens que limpavam a coberta, Jack teve uma longa conversa com o veleiro para averiguar qual era a lona mais fina e mais branca e se era abundante. Tiveram que sacrificar certa quantidade de lona do número 8, mas a maior parte da que escolheram estava quase passada e só servia para reparar os joanetes e os sobrejoanetes, pois a *Surprise* havia sido vendida com todos seu apetrechos e em sua última missão pela zona tropical do Pacífico a lona para as velas havia se desbotado com o sol e gastado.

Quando o convés estava seco (pois somente se suspendia a limpeza da fragata em caso de uma iminente batalha), os marinheiros desenrolaram a lona, mediram-na, voltaram a medir,

estenderam-na de uma ponta a outra do casco pela parte exterior, marcaram-na com precisão, voltaram a estendê-la, cortaram-na e a pintaram. Fizeram o trabalho no castelo de popa, que cobriram por completo, já que à velocidade da fragata e com o mar tão agitado não podiam pintar a lona amarrada por fora do casco. Por outro lado, o castelo estava muito cheio e no convés, além dos botes e das plataformas em que ficavam apoiados deixarem pouco espaço livre, sempre havia homens no corrimão, porque o tempo era muito variável e o bendito vento do nor-nordeste, ainda que ainda fosse forte, havia rolado tanto durante a noite que soprava em uma direção que fazia necessário puxar constantemente das braças e as bolinas e mover o leme com sumo cuidado para que a fragata navegasse o melhor possível.

Portanto, quando Stephen subiu para o convés encontrou a popa da fragata muito cheia e os tripulantes muito ocupados. Como ocorria amiúde, havia passado boa parte da noite acordado, pensando em Diana ao mesmo tempo que via nítidas imagens dela, entre as quais destacava uma em que conduzia seu cavalo a uma enorme cerca ante a qual haviam retrocedido muitos homens e saltava por cima dela sem pensar duas vezes. Havia tomado seu remédio habitual às duas da madrugada, havia dormido até muito tarde e se despertou aturdido. O café o despertou, e ficaria sentado um pouco mais para bebê-lo se não houvesse olhado seu relógio e percebesse que teria que estar cumprindo com sua obrigação, que era atender aos enfermos com Martin; Padeen, seu ajudante temporal, não tardaria em golpear uma bacia de cobre junto ao mastro maior cantando: “Que os enfermos se reunam neste lugar se querem se consultar com o nosso querido doutor!”. E o diria cantando porque gaguejava ao falar, mas podia cantar muito bem.

Apesar disso, primeiro Stephen queria ver o céu, dar bom dia para seus companheiros e saber se a *Merlin* ainda os acompanhava. Quando terminou de subir a escada, enquanto notava uma sensação de calor e olhava a brilhante luz do sol, o luminoso céu e uma torre de velas de um branco resplandecente que quase chegava até ele, apagou o sorriso do rosto ao ouvir frases em tom desaprovatório:

— Senhor, afaste-se, senhor!

— Retroceda, doutor! Retroceda, pelo amor de Deus!

— Vai tropeçar na lata!

Os marinheiros novos eram tão veementes como os antigos tripulantes e muito mais grosseiros (um deles lhe chamou de asno), pois muito logo compreenderam o que estava em jogo; tinham enormes desejos de combater com o *Spartan* e faziam diligentemente os preparativos para a luta, ainda que não fosse mais que uma hipótese.

— Quietos! — gritou Jack, pegando-o pelos cotovelos —. Não se mova! Padeen, Padeen, traga outros sapatos para seu amo! Oviu?

Quando os sapatos chegaram, Stephen os pôs. Então olhou as faixas pintadas de azul que se estendiam até o coroamento e os rostos de expressão mal-humorada e compassiva ao mesmo tempo que estavam voltados para ele e exclamou:

— Oh, sinto muito, Jack! Não deveria ter olhado para o céu! — e acrescentou — : Padeen, pelo que vejo, sua cara inchou outra vez.

Com efeito, sua cara havia inchado. O pobre homem, que tinha a bochecha tão inflamada que a pele estava brilhante, limitou-se a responder com um gemido.

Soaram as cinco badaladas e Padeen começou a golpear a bacia e a cantar a cançãozinha com uma voz apagada. Apesar de que na *Surprise*, como em todos os barcos, havia certo número de hipocondríacos, os homens estavam tão atentos ao seu trabalho e o faziam com tanto afã que Padeen foi o único paciente que compareceu à enfermaria.

Stephen e Martin o olharam com pena porque fazia tempo que suspeitavam que tinha incrustada a dente do siso e sabiam que nesse caso não podiam fazer nada. Então o doutor Maturin lhe tomou o pulso, voltou a olhar o interior de sua boca e a garganta, deu-lhe uma generosa dose de seu remédio habitual, amarrou-lhe um lenço ao redor da cara e o dispensou de suas tarefas.

— Isso é quase a panacéia — disse Martin, referindo-se ao láudano.

— Pelo menos faz algo — disse Stephen, encolhendo os ombros e abrindo os braços —. Não podemos fazer nada mais... — acrescentou e depois de uma pausa continuou — : outro dia

encontrei uma palavra que não conhecia e que me encantou: *psychopannychia*. Significa o sono do mundo durante a noite. Provavelmente o senhor a conhece há tempos por seus estudos de religião.

— Associo a palavra com o nome de Gauden — disse Martin —, que pensava que isso era errôneo.

— Eu a associo com a idéia de bem-estar — disse Stephen, acariciando a garrafa —, um bem-estar profundo e duradouro, ainda que não sei se alguma doutrina aprova esse estado. Vamos ao castelo? Não acredito que nos molestem ali.

Estavam todos muito ocupados para incomodá-los. Pintavam a lona e a faixa branca na parte posterior da serviola no lado de barlavento, inclinados perigosamente para fora das portalós. A cobertura do castelo estava inclinada onze ou doze graus para o sol, e a temperatura ali era muito agradável, em contraste com o longo inverno inglês que acabava de passar.

— O mar é azul, o céu é azul, as nuvens são brancas e tudo brilha — disse Stephen —. Que outra coisa pode ser mais agradável? Um pouco de espuma das ondas de proa não tem importância, além do mais, é refrescante. Ademais, o calor do sol penetra até os ossos.

Depois do almoço, que foi frugal e rápido e que todos abordaram sem muito apetite, os marinheiros voltaram ao seu trabalho, e desta vez se sentaram comodamente em almofadas de fio. A *Merlin*, que até então navegara como devia fazê-lo, na esteira da fragata e a um cabo de distância, a ultrapassou, pois era mais rápida que ela navegando de bolina e alcançou oito nós de velocidade, enquanto a *Surprise* navegava a seis. Quando passou junto da fragata o capitão informou aos gritos de que pescavam tantas cavalas quanto queriam, mas nem mesmo isso, que era o passatempo preferido dos marinheiros (e algo muito conveniente quando a comida era escassa) logrou afastar sua atenção do trabalho. Alguns dos novos marinheiros tinham conhecimentos de navegação e a maioria dos antigos tripulantes da *Surprise* sabiam onde a fragata devia situar-se para ter possibilidades de encontrar o *Spartan* a tempo, e por essa razão haviam visto com satisfação que os oficiais mediam a altura do sol ao meio-dia, que Davidge dizia:

“Doze em ponto, senhor, com sua permissão. Quarenta e três graus e cinqüenta e cinco minutos de latitude norte” e que o capitão replicava: “Obrigado, senhor Davidge”.

Isso significava que deviam avançar seis graus de latitude em três dias. Ainda que talvez fosse necessário mudar de bordo um pouco para o oeste, coseguiriam se a fragata navegasse a uma velocidade média de cinco nós, e até agora, desde que se havia medido a velocidade, o resultado fora superior a seis. Provavelmente entrariam em combate, um combate proveitoso, na quinta-feira, e todos pensavam que era uma estupidez perder a oportunidade de lutar contra o *Spartan* para pescar um punhado de cavalas, sobretudo se eram espanholas.

Contudo, entre duas mãos de tinta, Bonden correu para a proa com uma cesta cheia de cabos e Stephen e Martin, sustentando em meio dos dois uma série de tiras de um lenço vermelho a modo de isca, começaram a sacar as cavalas do mar. Já tinham a cesta meio cheia quando conceberam esperanças de pescar bonitos ao ver vários perseguirem as cavalas, e nesse momento se ouviu um grito:

— Homem ao mar!

— Movam as escotas! — gritou Jack, saltando por cima das faixas pintadas e subindo para o anteparo cheio de macas.

Os marinheiros foram pegar os cabos que lhes correspondiam com rapidez mas com muito cuidado, e um minuto depois se ouviu o ensurdecido ruído dos golpes das velas quando o vento deixou de inchá-las. Jack olhou atentamente para o homem, um dos pintores, que se inclinara demais para fora, e viu que estava nadando. Também viu que a *Merlin* virava para bombordo e que seus homens lançavam um bote na água desde a popa, assim que voltou a abotoar a casaca que estava a ponto de tirar.

— Girem o velacho! — gritou.

A *Surprise* começou a ganhar velocidade imediatamente, o que para todos acharam estranho depois de haver-se acostumado ao seu rápido e rítmico movimento.

O bote da *Merlin*, com o homem resgatado a bordo, aproximou-se da fragata e os marinheiros lhes advertiram aos gritos que não tocassem seus costados, assim que os tripulantes

engancharam o croque na proa. Pullings subiu a escada seguido de alguns homens com bolsas e do homem empapado objeto da preocupação de todos, um antigo tripulante da *Surprise* chamado Joe Plaice. Mas o homem não foi bem recebido apesar de ter muitos amigos e inclusive parentes a bordo nem ninguém lhe felicitou por estar vivo.

— Acho que este marinheiro de água doce também deixou cair a maldita broxa — disse um de seus companheiros de tripulação quando passou por seu lado.

— É conveniente que vá se trocar, Plaice — disse Jack friamente —. Espero que, apesar de seus imprudentes costumes, ainda tenha roupa seca.

Depois, alçando a voz, deu uma série de ordens para que a fragata voltasse a pôr-se em movimento. Parecia que algo imprevisto havia estragado as joanetes, mas o que ocorria era que o vento havia amainado.

— Como vai, Tom? — perguntou, assinalando a *Merlin* com a cabeça.

— Suave como a seda, senhor — respondeu Pullings —. É estanque, navega de bolina com rapidez e vira com facilidade.

Porém, senhor, as mulheres criaram um grave problema, pois insistem em que as levemos para a Inglaterra imediatamente. Ameaçaram de se queixarem de nós para que nos julguem e nos deportem para Botany Bay.

— Achei ouvi-las gritar quando nos avisou de que havia cavalas — disse Jack —. Pode dizer-lhes que tudo terminará logo. Não podemos ficar em alto mar nem mais um dia depois da quinta-feira ou teremos que comer os cinturões e as solas dos sapatos. De toda maneira, terei que reduzir as rações dos marinheiros. Porém, ainda que nos restasse, acho que não teríamos oportunidade de encontrar o nosso homem depois da quinta-feira. Além do mais, acredito que o último dia em que poderíamos achá-lo é na quinta-feira, ou talvez antes.

— Com respeito aos cinturões e aos sapatos, senhor — explicou Pullings —, tomei a liberdade de trazer-lhe algumas provisões nessas bolsas. Eles as deram voluntariamente —

acrescentou ao ver que Jack o olhava com receio, pensando que havia comparado à sua mente a palavra “pilhagem”.

— Obrigado, Tom — respondeu Jack, pensativo, e imediatamente deu um passo para frente e arranhou um brandal enquanto assobiava —. Se o vento voltar a rolar para o norte e a soprar com força, e espero e rogo que assim seja...

— Amém, senhor — disse Pullings arranhando ele também o brandal.

— Provavelmente lhe deixaremos para atrás, mas não avance a uma velocidade muito alta para se manter junto de nós, quer dizer, que seja superior à que as gáveas podem suportar. Nos encontraremos nos 37° 30' N e 25° 30' O. E obrigado pelas provisões.

— Nos 37° 30' N e 25° 30' O, senhor — disse Pullings e passou por cima do coroaumento.

Apesar dos assobios e dos arranhões no brandal (não houve nenhum marinheiro que não seguisse o exemplo de seu capitão), o vento amainou durante o dia e a noite, assim que a *Merlin* não só não se ficou para trás como seus tripulantes tiveram que arriar todas as velas, exceto a traquete, em que fizeram dois rizes para que se mantivesse em sua posição.

— Avançamos com dificuldade — anunciou Davidge na câmara dos oficiais —, ainda que, pelo aspecto que tinha o dia, teria jurado que o vento ia rolar para o norte. O capitão opinou o mesmo, apesar das estranhas oscilações do barômetro. Talvez um brinde aos Bóreas nos ajudasse.

Verteu ponche nas taças (entre as provisões que Pullings havia trazido havia uma garrafa de conhaque para cada oficial) e exclamou:

— Cavalheiros, aos Bóreas!

— Aos Bóreas! — repetiu West —. Mas que sopra com moderada intensidade, não com tanta que seja necessário usar as gáveas aferradas na guarda da alvorada.

— Aos Bóreas! — exclamou Stephen —. Mas eu gostaria que não soprasse durante uma hora mais ou menos pela manhã, pois assim o senhor Aubrey poderia dar-se o prazer de nadar e o senhor

Martin e eu o de pegar espécimes no bote. Esta tarde atravessamos uma autêntica flotilha de medusas ainda não descritas e nenhuma podia ser colhida com a rede.

— Nós lhe agradecemos muito as cavalas e os bonitos — interveio de novo West —, mas acho que os homens que estão a bordo desta fragata não deixariam de avançar nem uma milha para o sul nem por todas as medusas do mundo. Não, não deixariam de avançar nem cem jardas ainda que lhes pusessem um barril de ostras em cada mesa.

Sem embargo, na terça-feira apareceu o sol sobre o mar opalescente, cuja superfície só se movia onde o bote formava uma pequena esteira, e iluminou aos cirurgiões, que olhavam o fundo do mar através das translúcidas águas e recolhiam pequenos organismos e algas flutuantes. Jack Aubrey não se deu o prazer de nadar, ainda que desejasse muito fazê-lo porque passara a noite sem dormir, tratando de forçar a fragata a avançar apesar do vento fraco e que a cada meia hora, quando se media a velocidade, desenrolava-se menos corda da barquilha, até que chegou um momento em que nem um só nó se separou do carretel, pese a os esforços do suboficial encarregado dos instrumentos.

Jack não nadou e quando houve luz suficiente começou a organizar a colocação de plataformas nos costados. Pouco depois do café da manhã, a fragata ainda tinha todas as velas flácidas, mas parecia uma colméia outra vez.

— Isto é perfeito! — gritou Jack para que Pullings pudesse ouvir-lhe da *Merlin*, que se encontrava paralela à fragata a um quarto de milha de distância e virava um pouco para evitar afastar-se —. Isto é o que pedi em minhas preces!

— Que Deus o perdoe! — murmurou Killick na reconstruída cabine, a poucos pés abaixo dele.

— Agora poderemos terminar de cobrir a faixa negra superior e começar a tapar a inferior. Poderemos chegar até as placas de cobre.

Essas palavras podiam enganar a alguns dos mais tontos marinheiros de Shelmerston, mas não aos que navegavam há tempos com o capitão Aubrey, que fizeram sinais com a cabeça ou sorriram uns para os outros porque sabiam muito bem que, às

vezes, um capitão tinha que falar assim, igual a um pastor que tinha que pregar aos domingos. Ainda que eles não acreditassem, não deixaram de perseguir seu objetivo, e apesar de que a calma lhes fizera perder o entusiasmo que tinham no início, seguiram trabalhando com afinco. Pensavam que se a fragata tinha a possibilidade, ainda que fosse remota, de chegar aos Açores na quinta-feira, não seria culpa sua que não estivesse preparada para lográ-lo. Ao meio-dia a lona já estava colocada sobre as faixas negras superior e inferior, estendida e presa com pregos de cobre por cima e por baixo da linha de flutuação, e para consegui-lo fora necessário mover os canhões alternativamente de um lado e de outro do convés para inclinar a fragata. Os marinheiros usaram até a última gota de tinta azul e a estenderam calmamente com o fim de cobrir a maior parte da superfície possível. Ainda que a pintura azul não a cobria toda, isso não tinha importância, porque por debaixo se viam a sujeira e as manchas formadas pela gordura da cozinha, como era habitual nos barcos. Guzmán, no bote de Stephen, disse que a fragata e o *Azul* se pareciam com duas gotas de água.

Agora o único que faltava era pôr-lhe aparelho de brigue-barca e tirar-lhe o mastaréu de popa, que era muito alto e facilmente reconhecível, mas Jack tinha pensado deixar essa operação para o último momento porque esse aparelho faria diminuir a velocidade, que naquele momento era o mais importante.

Sem dúvida era o mais importante; contudo, ao meio-dia a fragata estava imóvel e apenas havia avançado oitenta milhas desde a última medição. E a situação foi pior, muito pior, quando o vento por fim começou a soprar, porque vinha do sul e pela proa, e ademais aumentava de intensidade hora após hora.

A *Surprise*, como era seu dever, avançava com o vento em contra dando bordejadas, mas os marinheiros faziam girar as pesadas vergas e ajustavam as velas o melhor possível sem entusiasmo.

Stephen e Martin subiram para a coberta quando ouviram pela segunda vez o grito "Todos a mudar de bordo!" depois de terem passado um longo tempo observando os crustáceos pelágicos,

alguns deles ainda não descritos e, portanto, desconhecidos da ciência.

— Que agradável é estar em movimento outra vez! — exclamou Stephen —. Que saltos dá a fragata!

Então notou que Jack Aubrey tinha um olhar sombrio e franzira a boca tratando de conter sua raiva. Também se deu conta de que os marinheiros que estavam no convés e na popa tinham uma expressão triste e que o silêncio era geral. Quando ouviu o grito “Leme para bombordo!”, murmurou:

— Voltemos para baixo.

Sentaram-se sob a luz que entrava pelas grandes janelas de popa, e quando Killick entrou Stephen lhe disse:

— Por favor, Killick, conte-me qual é a situação.

— Bem, senhor; pelo que eu vejo — começou Killick —, seria melhor que recolhêssemos tudo e regressássemos para casa. Aqui estamos, tentando avançar para barlavento tão rápido como podemos. Trabalhamos duríssimo e os marinheiros viram a fragata a cada meia hora, e quanto avançamos? Não mais de uma milha por hora para o sul. E se o vento aumentar muito de intensidade e tivermos que tirar as joanetes, perderemos terreno. Ainda que a fragata navega muito rápido de bolina, às vezes deriva um pouco, e se o vento chega a ser muito forte, retrocederá parte do que já avançou para o sul.

— Mas se o vento nos atrasa, também atrasará ao *Azul*, não é assim? — perguntou Martin.

— Oh! — gritou Killick de tal maneira que parecia uivar —. Porém, o senhor não vê que o *Azul* navega rumo oeste, que vai de Cádiz para São Miguel? Portanto, tem o vento pelo través. Pelo través — repetiu, assinalando o lado da fragata para que a explicação fosse mais clara —. E aí estão esses sacanas que vão com as velas aferradas. Têm os braços cruzados, cospem para sotavento como se fossem deuses e fazem navegar seu barco, nossa presa de lei, a seis ou sete nós como se tal coisa...

Então a indignação afogou suas palavras.

Foi o mesmo Killick que, com a cara sorridente, aproximou-se da maca de Stephen na manhã seguinte, na manhã da quarta-feira, e sacudiu as cordas que o seguravam enquanto repetia:

— O capitão lhe manda saudações e pergunta se quer ver...

Quando Stephen desceu da maca notou que a coberta estava inclinada pelo menos vinte e cinco graus. Depois de pôr os calções e uma horrível e velha casaca verde apoiando-se contra o anteparo, emergiu, e a brilhante luz do dia lhe fez pestanejar.

A *Surprise* estava abatida, a borda de sotavento coberta de espuma e a água caía a jorros desde o pescante de proa. Como o vento era muito forte e chegava justamente pela proa, não se podiam desdobrar as alas, porém, graças ao velho costume de Jack de amarrar ao cesto da gávea guindalezas e cabos delgados como contraestais, a fragata podia levar desdobradas as joanetes e navegava a grande velocidade. Os marinheiros, muito alegres, estavam agrupados no corrimão de barlavento e no castelo, onde se ouviam risos.

— Ah, já está aqui, doutor! — exclamou Jack —. Bom dia. Não acha maravilhoso? O vento rolou levando um negro aguaceiro pouco depois de que se deitou, começou a soprar do sudoeste na guarda da alvorada e acredito que rolará outra vez para o noroeste. Mas venha comigo. Cuidado com o degrau.

Levou Stephen, que ainda pestanejava e estava aturdido, até o coroamento.

— Ali está — disse —. Por isso lhe despertei.

A princípio Stephen não podia distinguir nada, mas depois se deu conta de que as águas mais próximas por sotavento estavam completamente infestadas de baleias. Havia um grande bando de baleias azuis que as atravessavam em uma direção, passando por cima, por debaixo e por entre as baleias cinzentas de outra bandada que as cruzavam em direção contrária. Onde quer que olhasse via figuras gigantescas e escuras que saíam da água ofegando e algumas vezes ficavam flutuando na flor de água e outras, a maioria, voltavam a mergulhar imediatamente, e ao fazê-lo podiam ver-se suas enormes barbatanas por cima da superfície. Algumas passaram

tão perto que ele pôde ouvir sua respiração: a exalação que parecia uma explosão e a forte inalação.

— Meu Deus! — exclamou —. Meu Deus! Que maravilha da criação!

— Alegro-me muito de que tenha visto — disse Jack —. Dentro de cinco minutos teria sido tarde demais.

— Queria ter avisado a Martin.

— Já está aqui, no cesto da gávea do mezena, como pode ver.

Efetivamente, ali estava o intrépido Martin, e ambos agitaram os lenços para se cumprimentar. Quando Stephen foi guardar o seu, olhou de soslaio para o sol, que se encontrava à esquerda, não muito longe do horizonte, o que significava que a fragata navegava para o sul, como todos desejavam ansiosamente. Sem temor a equivocar-se disse:

— Eu lhe felicito por ter conseguido o vento favorável.

— Muito obrigado — disse Jack, sorrindo mas negando com a cabeça —. Bem, melhor tarde do que nunca. Vamos tomar café.

— Parece que não tem muitas esperanças — disse Stephen na cabine, tratando equilibrar uma xícara.

— Confesso que não muitas — confirmou —. Mas acredito que poderemos percorrer a distância que nos falta se o vento rolar para o norte e se mantiver. Bem, se não desprender nada — acrescentou tocando o tabuleiro da mesa.

Nada havia se desprendido quando fizeram as medições do meio-dia e comprovaram que a *Surprise* avançara oitenta e sete milhas para o sul, a maioria delas desde o início da guarda da alvorada. Ainda que o vento era um pouco mais; fraco, seguia rolando, e pouco depois do almoço se desdobraram as primeiras alas. Todos os marinheiros observaram com atenção como se inchavam, e pouco depois, quando se fez a medição com a barquilha e ouviram informar: “Dez nós e três braças, senhor com sua permissão”, todos riram satisfeitos no corrimão de barlavento e no castelo.

Na fragata, todos menos Padeen voltaram a ficar alegres e a ter esperanças. Pela manhã Stephen lhe pusera um cataplasma com o fim de que expulsasse o pus que possivelmente tinha; ao meio-dia

lhe dera sopa a colheradas e lhe pusera outra; mas agora, na guarda da tarde, a dor era mais intensa. Padeen se levantou da maca, aproximou-se do estojo de remédios e se administrou láudano ele mesmo. Ficou pensativo olhando o frasco, um frasco comprido e delgado com marcas de um lado, e, depois de refletir entre um acesso de dor e outro, meteu-lhe na jaqueta e foi até a cabine do Martin. Não havia ninguém naquela parte da fragata, porém, ainda que tivesse alguém, passaria despercebido, porque servia a Martin além de ao doutor. Ao chegar lá pegou a garrafa de conhaque de Martin, encheu o frasco de láudano com uma mistura de conhaque e água até a marca onde o remédio chegava anteriormente, voltou a pôr a garrafa e o frasco em seu lugar e se meteu de novo na maca. Estava sozinho porque a maioria dos marinheiros se encontravam acima observando com satisfação o avanço da fragata e além disso, acabava de se ouvir o grito "Barco à vista!" procedente do tope de um mastro e todos os que estavam ocupados na bodega, a parte da coberta inferior onde se guardavam as amarras da âncora e da bodega de proa também haviam subido.

O barco se achava a umas cinco milhas a sotavento e já se via desde o convés; contudo, a *Surprise* tinha tanto velame aberto e a água do mar varria o castelo com tanta freqüência que não era fácil vê-lo, nem sequer dos cestos das gáveas. Mas Jack, sentado na cruzeta do maior, por cima da joanete, (um lugar que conhecia desde sua juventude, desde que era um guarda-marinha nessa mesma fragata), podia ver todo o horizonte. Ainda que o barco tinha aparelho de navio, estava seguro de que não era o *Spartan*, sobretudo porque navegava muito ao norte. Apesar de portar bandeira espanhola, o mais provável é que fosse britânico, pois era construído ao estilo britânico, com a proa quadrada. Provavelmente era um barco que fazia o comércio com as Antilhas. Havia começado a desdobrar velas desde que ambas as embarcações haviam se avistado uma à outra, e nesse momento Jack o viu mudar de bordo repentinamente para sotavento com o velame golpeando porque o mastaréu de sobremezena se desprendera.

Se quisesse, a *Surprise* podia mudar de bordo e chegar do seu lado em meia hora, porém, ainda que era possível que fosse uma

presa de lei, essa meia hora era muito valiosa para desperdiçá-la. Moveu a cabeça de um lado para o outro, trocou de posição na cruzeta e dirigiu o telescópio para o norte. A *Merlin* podia ser vista bem na guarda da manhã, mas agora não era mais que um ponto no horizonte.

Regressou para o convés apoiando os pés nos delgados amantelhos, que se curvavam sob seu peso, e depois saltou do parapeito para uma caronada e desta para o castelo de popa. Aproximou-se da bitácula enquanto os tripulantes o observavam em silêncio, olhou a bússola e disse:

— Muito bem. Não mudaremos.

Não iam mudar o rumo e os marinheiros, ao se informarem, sofreram uma decepção. Alguns suspiraram de tristeza e imediatamente se ouviu um rumor geral que parecia a respiração de duas ou três baleias próximas, mas não era um rumor de desaprovação nem de descontentamento.

Quando terminou a tarde, o vento diminuiu mais de intensidade, voltou a rolar e se fixou no oeste-noroeste, quase pela alheta da fragata. À medida que amainava, os tripulantes da *Surprise* abriam mais velas, e apareceram sucessivamente as alas superiores e inferiores, as sobrejoanetes, a sobrecevideira, que raras vezes se usava, todas as bujarronas e uma nuvem de velas de estai. Era digna de se ver e nesse momento todos os marinheiros a admiraram por sua formosura, não só por ser um meio para alcançar um fim. Mas Jack, que observava as monterillas<sup>1</sup>, compreendeu que isso não serviria de nada quando, movendo-se para o oeste, o sol se metesse atrás de um grande banco de nuvens que havia a estibordo. Inclusive percebeu que antes de trocar de guarda teriam que arriar muitas velas para evitar ter que chamar os marinheiros no meio da noite se ocorresse uma brusca mudança do vento, pois, apesar do vento ter se fixado na direção noroeste, poderia mudar de intensidade. Era importante que todos os marinheiros passassem uma noite tranqüila, pois haviam trabalhado muito duro desde que a terrível borrasca a semana anterior lhes açoitara, e ainda que, em geral, estavam animados, não se sentiriam assim que se levassem três dias perseguindo a um inimigo que pudessem ver, pois em tal

caso poderiam seguir trabalhando sem comer nem descansar. Ademais, Jack viu que alguns estavam exaustos. Seu próprio timoneiro estava abatido e parecia mais velho. Geralmente, os marinheiros não dormiam muito e não era conveniente despertá-los pela noite enquanto descansavam, especialmente antes de uma batalha.

Sempre tiveram poucas possibilidades de entabular um combate no dia seguinte, e agora tinham ainda menos, mas só um tonto provocaria que diminuíssem ainda mais ou as eliminassem depois de tanto trabalho e de ter adiantado tanto. Por outro lado, tampouco era conveniente ser muito precavido, pois isso só poderia ser levado a cabo se a *Surprise* chegasse a se situar em algum ponto entre São Miguel e Santa Maria por barlavento. “Tenho que levar em consideração todas estas coisas”, pensou Jack caminhando de um lado para outro. O resultado de sua reflexão foi que durante a noite a *Surprise*, em vez de navegar com as joanetes aferradas e com um riz nas gáveas como era o habitual, devia fazê-lo com as joanetes desdobradas. A fragata fizera um notável avanço durante o dia e, se navegasse ainda que fosse a cinco nós pela noite, ainda poderia percorrer um total de duzentas milhas desde as medições do meio-dia desse dia até as do dia seguinte, e, portanto, avistariam o rochedo situado na parte leste de São Miguel.

— Jack, acabo de fazer uma adaptação de um dueto de Sammartini para violino e violoncelo — disse Stephen, levantado a vista do papel pautado —. Gostaria de tocá-lo depois do jantar? Killick nos prometeu que trará purê de ervilhas da cozinha e torradas com queijo feitas por ele mesmo.

— É longo?

— Não.

— Então, com muito prazer. Mas quero deitar-me cedo. Tom está na escuna, e me encarregarei da guarda de meia.

Como muitos marinheiros, Jack Aubrey havia adquirido desde muito cedo o hábito de dormir quase quando punha a cabeça no travesseiro, mas essa noite não foi assim. O motivo não era outra vez a tortura da recordação de sua desgraça ou a dos julgamentos

que tinha pendentes já fazia tempo e que poderiam causar-lhe a ruína; o motivo era que, apesar de seu cansaço físico e mental, deslizava pela superfície de seu presente imediato escutando o som da água ao passar pelos costados da fragata, os rangidos do casco e a onipresente voz do vento ao passar através dos tensos cabos da exércia. Ao mesmo tempo, seguia mentalmente as passagens da peça musical que havia tocado, ainda que em ocasiões se distraía e ouvia as badaladas, e em todo momento sabia como soprava o vento. Encontrava-se em um estado estranho, muito estranho, descansando tanto como se estivesse adormecido e mais tranqüilo e alegre que em nenhum outro momento desde o julgamento.

Já estava levantado e vestido quando Bonden foi chamá-lo e imediatamente subiu para o convés.

— Bom dia, senhor West — cumprimentou, olhando para a lua corcunda, que se destacava nitidamente no céu.

— Bom dia, senhor — disse West —. Tudo vai bem, mas o vento amainou um pouco. É um alívio que haja chegado, senhor.

— Dê a volta no relógio! — ordenou o suboficial que estava governando a fragata.

Então Plaice, reconhecível por seu ofego, avançou e tocou oito badaladas.

Enquanto a guarda mudava, Jack observou a tabuinha de navegação. O vento não havia mudado de direção nem um só grau, ainda que, como ele sabia muito bem, amainara, e o resultado da medição da velocidade era com mais freqüência inferior a seis nós.

Mesmo que o vento soprasse do noroeste, a noite era cálida e quando Jack foi até o coroamento viu com satisfação que a esteira era comprida e luminosa. Aquela era a primeira esteira fosforescente que via esse ano.

Escutou os habituais informes: na sentina havia seis polegadas de água (muito pouca, apesar da forte tempestade, porque a fragata era estanque) e a velocidade, conforme a última medição com a barquilha, era quase de sete nós. Então pensou que o vento ia aumentar de intensidade.

A guarda não podia transcorrer mais tranqüilamente. Não foi necessário ordenar que movessem as escotas e as braças. Somente

se moveram os homens que levavam o leme e os suboficiais que se ocupavam dos instrumentos e só se ouviram os serviolas falando uns com os outros, a medição feita com a barquilha e as badaladas. De vez em quando algum marinheiro ia até a proa, mas a maioria deles ficou agrupada no castelo, alguns falando em voz baixa e outros dormindo sobre uma prancha de madeira não muito dura.

Jack passou a maior parte dela olhando o hipnótico movimento da esteira, milha depois de milha, ou olhando passar as bem conhecidas estrelas. De vez em quando aumentava a força do vento, e em uma ocasião pôde apontar na tabuinha "sete nós", mas seu aumento nunca foi tão grande para causar mudanças no velame nem alterou o prazeroso movimento da fragata, pelas escuras águas sob a noite debilmente iluminada pela lua e as estrelas, salvo para fazê-lo ainda mais agradável.

Às quatro da madrugada Davidge o substituiu, acompanhado pelo grupo de marinheiros da guarda de estibordo, e, depois de dar ordem para que o chamassem ao mesmo tempo que aos homens que limpavam o convés, desceu e imediatamente caiu em um profundo sono.

Quando amanheceu subiu para o convés outra vez. O vento seguia quase igual ao que havia deixado, só havia rolado um pouco para oeste, e a maior parte do céu estava limpo e somente a estibordo se viam nuvens e névoa. Os homens que limpavam o convés, fedorentos e sem se lavar nem se pentear, já estavam agrupados ao redor das bombas, e Vênus, que acabava de aparecer em cima do horizonte sobre o céu azul claro, parecia mais nítida em comparação com eles. Depois de dar os bons dias para os oficiais que estavam no castelo de popa, Jack disse:

— Senhor Davidge, hoje limparemos o convés somente com esfregões e depois a secaremos. Depois, aproveitando que os incapacitados ainda estarão aqui, pois provavelmente não tardarão mais de dez minutos em bombear a água, começaremos a desdobrar mais velas.

Essa era uma das vantagens de uma tripulação dessa classe: com as únicas excessões do cirurgião e seu ajudante, todos, inclusive os homens que limpavam a coberta, que estavam isentos

de fazer guarda, eram marinheiros de primeira e conheciam com perfeição seus ofícios. Entre estes homens estavam o veleiro e seus ajudantes, o armeiro, o condestável e seus ajudantes, o carpinteiro e seus ajudantes, o toneleiro e todos os outros que realizavam trabalhos especializados. Enquanto Jack subia sem pressa pela exércia de barlavento do cesto da gávea do maior ou mesmo mais acima, com tanta facilidade e despreocupação com a altura como um homem que subia a escada do ático de sua casa, pensou que outra vantagem era que os tripulantes estavam desejosos de agradá-lo, mas não forçados pela disciplina mas por medo de serem recusados, algo que não havia visto nunca durante os anos passados no mar. Faltava aproximadamente uma hora para que os marinheiros subissem as macas para o convés e, sem necessidade de empurrá-los, insultá-los nem açoitá-los, as poriam no anteparo devidamente enrolados em cinco minutos, e em muitos dos barcos do rei isso era impensável.

— Bom dia, Webster — disse Jack ao serviola que estava na cruzeta da joanete.

— Bom dia, senhor — respondeu Webster, movendo-se pelos amantinhos de sotavento para deixar a cruzeta livre —. Não vi nada pelo oeste, mas talvez com seu telescópio...

Era um bom telescópio, um Dolland acromático. Jack se sentou na cruzeta, cuidadosamente o dirigiu para o oeste e percorreu com a vista o semicírculo limitado pelo horizonte, mas onde devia estar São Miguel havia um banco de nuvens ameaçadoras, nuvens negras com frisos roxos e cinzas que pareciam impenetráveis. Depois de um tempo baixou o telescópio, pendurou-o no ombro, cumprimentou com a cabeça o serviola e regressou para a coberta.

Ali, enquanto repassava mentalmente as cifras obtidas durante o percurso noturno, mandou desdobrar mais velas. Muito antes que os marinheiros subissem as macas, a *Surprise* superou os oito nós de velocidade, e quando Jack desceu para fazer novamente os cálculos em um papel e extrapolá-los para a carta marítima, tendo em conta o abatimento e a margem de erro, disse: "É absurdo que esteja tão ansioso. Pareço uma velha".

— Coberta! — gritou Webster desde o tope do mastro —. Terra a trinta e cinco graus pela amura de estibordo!

Sua aguda voz, depois de atravessar o ruído que faziam os marinheiros movendo-se de um lado para o outro e falando mais do que era habitual em um barco do rei, entrou pela porta aberta da cabine de Jack, que, pela carta marítima que tinha em frente e a bússola delatora pendia de um vau justo acima de sua cabeça, soube que o cabo Ribeira de São Miguel estava situado ao sul-sudoeste, exatamente a trinta e cinco graus pela amura de estibordo.

Nesse momento ouviu que golpeavam uma das jambas da porta e imediatamente West entrou.

— Terra à vista, senhor — anunciou —. A trinta e cinco graus pela amura de estibordo. Pude vê-la um momento desde o convés porque a névoa está se dissipando. Acho que está a umas dez léguas de distância.

— Obrigado, senhor West — disse Jack —. Irei vê-la dentro de um momento.

Pouco depois o contramestre tocou o apito para chamar todos os marinheiros para desjejuar, e no mesmo momento Stephen entrou correndo, como se houvesse esperado para ouvir esse som.

— Por Deus, Jack diga-me que terra é essa! — gritou para que sua voz pudesse ser ouvida apesar do estrondoso ruído de passos —. Espero que não seja o cabo Fly-Away.

— A menos que o cabo Fly-Away se encontre exatamente dez léguas ao sul-sudoeste. este cabo está na parte nordeste de São Miguel — explicou Jack, mostrando-lhe a carta marítima com as réguas paralelas sobre as linhas que delimitavam a posição.

— Contudo, não parece entusiasmado.

— Estou contente, mas não entusiasmado. Meus sentimentos estão muito estranhos, vão e vêm. De qualquer maneira, este é só um pequeno passo e ainda nos resta muito para percorrer.

— Com sua licença, cavalheiros — interrompeu Killick —. Aqui lhes trago um par de peixes voadores recém pescados que devem ser comidos quentes.

— Os peixes voadores frescos têm uma suave textura — disse Stephen, começando a comer —. Importa-se de me passar o pão, Jack? Diga-me uma coisa, disse que este cabo está na parte nordeste da ilha?

— Sim. Chama-se Ribeira e há uma grande cruz colocada nele que espero que vejamos dentro de uma ou duas horas.

— Supunha que, se tivéssemos sorte e chegássemos a São Miguel (que não é mais que um ponto no vasto oceano), bordejaríamos a costa ocidental e nos situaríamos em um lugar a meio caminho entre São Miguel e Santa Maria por barlavento.

— Indubtavelmente, esse é o lugar em que queremos situar-nos, mas devemos chegar a ele desde o leste, como se viéssemos de Cádiz. Minha idéia é chegar até os 37° 30' N ou um pouco mais além; depois, esquivando Formigas, mudar de bordo para o oeste; e depois, com a esperança de encontrar o *Spartan* nos esperando, isto é, esperando ao *Azul*, mudar de bordo para barlavento como se quiséssemos fazer escala em Horta.

— Quais são nossas possibilidades agora?

— Quase tudo depende do vento do sul que nos atrasou na terça-feira. Se soprava aqui também, mas *não* com tanta força como para obrigar ao *Azul* a pôr-se em paio, o haverá feito avançar rapidamente para o oeste e, por isso, chegaremos tarde demais. Se não soprava aqui ou se soprava do sudoeste procedente das ilhas, é possível que encontremos ao *Spartan* esperando. Mas tanto se o encontrarmos como se não, poderá ver São Miguel, e se bordejarmos as ilhotas e os arrecifes de Formigas poderá ver algas e criaturas muito curiosas. — Fez uma pausa e depois prosseguiu — : Diga-me, Stephen...

Ia continuar perguntando: “Já teve alguma vez a impressão de que o que faz não é real, de que está representando um personagem e que o que parece ser o presente realmente não tem importância? Isto ocorre com freqüência ou é um sinal de má saúde ou mesmo o princípio da loucura?”. Contudo, pensou que isso pareceria uma queixa e o mudou para:

— Como está Padeen?

— Ainda tem a cara muito inchada, mas sua fortaleza é assombrosa.

— Querem outro peixe voador? — perguntou Killick —. Estão caindo aos montes no convés.

Durante a guarda da manhã, a maior parte dos tripulantes olharam para São Miguel quando não estavam ajustando as velas ou fazendo silenciosas práticas de tiro com os canhões sem balas. A ilha de São Miguel estava cada vez mais perto e se via cada vez mais claramente, e ao meio-dia, justo pelo través, todos puderam ver a grande cruz recortando-se sobre o céu.

O vento havia rolado para o oeste e havia amainado, pelo que o resultado da última medição com a barquilha indicou só cinco nós; contudo, isso não os desanimou, pois as medições do meio-dia (cujo resultado todos ouviram muito bem) indicaram que haviam percorrido duzentas e dez milhas desde o meio-dia de um dia ao do seguinte. Uma vez mais, todos deram vivas e, uma vez mais, Padeen não pôde escutá-los, já que estava na coberta inferior guardando o frasco de láudano, que desta vez havia completado com mais quantidade de líquido.

— O senhor Bulkeley se ocupou de preparar os cabos e os moitões, assim que não acredito que nos leve muito tempo.

Também deviam trocar o mastaréu de joanete maior, e assim que os marinheiros terminaram de almoçar começaram a tediosa tarefa de subir as vergas necessárias; uma dura tarefa, porque os botes estavam colocados em cima delas e antes tinham que pendurá-los nas vergas do mastro maior e do traquete e depois descê-los. Stephen e Martin, que tinham uma especial habilidade para ficar no meio quando se faziam manobras desse tipo, mas que resistiam a ficar na coberta inferior em um dia como aquele (especialmente agora que podiam ver muitas das aves que costumam se aninhar nos arrecifes), decidiram ir-se para o castelo com suas almofadas e seus cabos para pescar.

— Agora vamos muito mais devagar — observou Martin.

— Fiz esse mesmo comentário ao capitão — explicou Stephen —, mas ele me disse que não me preocupasse; isto se deve a

estarmos a sotavento da ilha e dentro de uma hora mais ou menos estaremos navegando tão rápido como sempre.

Quando a *Surprise* começou a rebocar o esquife, a pinaça e o bote, já havia dobrado o cabo de Madrugada, e perto dali, seguindo uma rota que logo cruzaria a sua, navegava um atuneiro de São Miguel pintado de cores escandalosas.

— Mudem de orientação o velacho! — gritou Jack.

A *Surprise* perdeu velocidade consideravelmente e o atuneiro mudou o rumo para corresponder ao óbvio convite do capitão.

— Digam ao doutor que venha — ordenou e depois, quando o doutor chegou, perguntou — : Doutor, sabe falar português, não é?

— Falo bastante bem — confirmou Stephen.

— Então, por favor, compre-lhes pescado se têm e pergunte que ventos sopraram por aqui esta semana. Se considerar oportuno, pergunte também pelo *Spartan*, mas o que realmente é importante saber é se o vento, sobretudo o que soprava na terça-feira, vinha do sul e se era forte.

O barco se abordou com a fragata. Subiram as cestas com pescado (prateados bonitos de quase três pés de comprimento) e desceram com moedas contadas cuidadosamente e em voz alta para evitar erros. Então o doutor Maturin passou a conversar com o capitão do barco e enquanto isso West e Davidge desceram a falua e os dois cúteres.

Jack foi para sua cabine, e lá Stephen lhe deu as más notícias: na terça-feira soprava o vento do sul e era muito forte, e, no dia anterior, o tio do capitão do atuneiro vira passar um brigue-barca com rumo oeste, como se fosse de Cádiz para Faial. Mas o velho cavalheiro não mencionou o nome da embarcação e, além de dizer que usava bandeira espanhola, não dera mais detalhes dela.

— Bem, bem... — disse Jack —. Pelo menos fizemos o possível para conseguir. Mas vamos beber uma cerveja para celebrar o pescado que comeremos. Não há nada melhor que uma rodela de bonito grelhada. Killick, Killick! Traga duas latas de cerveja e bolachas para que desça melhor.

A essa hora do dia a cerveja fria não lhes resultou desagradável, e enquanto bebiam Jack disse:

— Se fosse supersticioso, diria que eu mesmo provoquei isto por elogiar tanto o percurso de ontem, o fato de ter avistado terra exatamente onde havia previsto e o tempo excepcionalmente bom.

— Não lhe ouvi elogiar nada.

— Mas o destino sim. Creia-me, Stephen, esse tipo de coisas não são simplesmente contos de velhas viúvas nem uma bobagem como passar por debaixo de uma escada. Acredito que deve-se tratar o destino ou a sorte, ou como queira que se chame, com o devido respeito. Os homens não devemos alardear e tampouco desesperar-nos, porque isso não estaria bem; assim que pode rir se quiser, mas penso em continuar a mudança do aparelho e patrulhar a zona compreendida entre São Miguel e Santa Maria durante o resto do dia. Amanhã, depois de ter desfeito a troca, poderemos ir para casa e, se quiser, passaremos por Formigas e lhe deixaremos em terra entre uma mudança da maré e outra.

A *Surprise*, convertida agora em uma brigue-barca de cor azul claro, navegava lentamente com o vento em contra entre as duas ilhas. Na metade da guarda de primeiro quartilho chegou à posição que o capitão considerava ideal, mas o *Spartan* não apareceu. Na realidade, ninguém tinha esperanças de encontrá-lo, pois muitos marinheiros entendiam um pouco o português e, combinando uns com os outros o que haviam compreendido, chegaram à conclusão acertada. Seu respeito por Jack Aubrey fez com que trocassem o aparelho da fragata com grande rapidez e precisão e não protestassem nem deixassem de fazer as coisas com prontidão, enquanto a fragata navegava de um lado para outro, dando trabalhosamente muitas voltas, umas mais lentas e outras mais rápidas. Essas voltas não eram muito diferentes das que dava o capitão, que percorria milhas caminhando do coroamento até um parafuso que ficava do outro lado do corrimão, um parafuso prateado ao qual o salto de seu sapato lhe havia dado brilho ao girar.

Essa tarde não passaram em revista. Nos casos como esse, os marinheiros passavam a guarda do segundo quartilho tocando

música e cantando no castelo, mas esse dia a passaram conversando tranquilamente e desfrutando da cálida tarde.

O sol se pôs, criando uma luz rosácea durante um tempo; os marinheiros desceram as macas; a guarda mudou, e começaram as tarefas noturnas de rotina na fragata, que navegava alternativamente para o norte e para o sul com os botes a reboque. De acordo com as normas de Jack, os tripulantes deveriam ter subido os botes a bordo; mas estavam cansados e desalentados e no dia seguinte, para a viagem de regresso, teriam que pôr tudo o que haviam mudado como estava antes, teriam que fazer esse trabalho pesado duas vezes, assim que Jack deixou as coisas como estavam.

Quando estava sentado em sua escrivaninha na grande cabine começou uma nova página de uma carta que escrevia para Sophie, uma espécie de diário que ela também poderia ler:

Minha querida Sophie:

Aqui estamos, ao sul de São Miguel, navegando pelas águas quentes como o leite. Queria que aí o tempo fosse a metade de bom que é aqui. Se é assim, a roseira amarela do muro que dá para o sul estará florescendo. Espero ver-lhe dentro de mais ou menos uma semana, porque iniciaremos a viagem de regresso amanhã. Não tivemos tanta sorte como pensávamos na viagem, porém, como lhe disse, capturamos uma valiosa presa, a *Merlin*, e os novos tripulantes se adaptaram muito bem.

Stephen diz que raras vezes viu uma tripulação mais sã (na lista de enfermos só figura Padeen, que tem dor de dentes) e atribui isso ao fato de que têm muito pouco o que comer e só tomam cerveja. Neste momento ele e Martin estão nos botes que vão a reboque pegando insetos fosforescentes com uma rede e uma peneira e tenho que confessar que...

Interrompeu a carta e deixou de um lado a caneta ao ouvir algo parecido a um canhão. Um instante depois voltou a se ouvir o ruído e Jack subiu correndo para o convés, onde se encontravam Davidge e West com os telescópios apoiados na borda de sotavento.

— Justo pelo través, senhor — informou West —. Agora dispararam de novo.

— Estão a dez milhas de distância — afirmou Davidge quando o ruído chegou por fim até onde se achavam.

— E pelo menos a meia milha de distância um do outro — acrescentou West.

Houve uma comprida pausa na qual observaram com grande atenção o horizonte ao leste, uma pausa durante a qual o barco que estava à esquerda disparou duas vezes e o da direita, que estava ao sul, três.

— Senhor Davidge, situe a fragata com o vento em popa — ordenou Jack.

— Quer que suba os botes a bordo, senhor? — presumiu Davidge.

— Ainda não, porém, por favor, suba ao doutor — respondeu Jack antes de descer correndo para buscar sua luneta.

A fragata virou devagar com a suave brisa e dirigiu a proa para o leste. Jack podia ver uma grande extensão do mar desde a verga do traquete e, ao olhar pela luneta de noite, comprovou que era verdade o que antes lhe parecia quase certo: aquilo era um combate entre dois barcos. O perseguidor navegava na esteira do perseguido, a meia milha de distância, e ambos disparavam com grande precisão; o primeiro com os dois canhões de proa e o segundo com os dois de popa e provavelmente um do castelo de popa. A lua não sairia até passadas algumas horas, mas sua luz já se difundia ao redor do zênite e, quando Jack, que tinha focado o primeiro barco com a luneta, viu um clarão, notou que o perseguido era uma brigue-barca. O clarão do canhão do castelo de popa (realmente havia um canhão no castelo de popa) iluminou a carangueja e pôde ver que o barco não tinha sobremezena. Jack comprovou isso outra vez e depois gritou:

— Convés! Convés! Todos a mudar de bordo!

Era possível que os barcos fossem de nacionalidade francesa e britânica, ou estadunidense e britânica, ou francesa e espanhola, e que sua certeza de que o perseguido era o *Azul* e o perseguidor o *Spartan* não tivesse mais fundamento que seu desejo de que assim

fosse; contudo, quase nenhum barco de guerra da Armada Real usava aparelho de brigue-barca, e raras vezes o usavam os de outras armadas. De qualquer maneira, ainda que estivesse equivocado, só perderiam uma noite de descanso.

De baixo ouviu então os berros do contramestre e os gritos: “acima, acima! Levantem-se, dorminhocos!”.

Desceu da verga e tomou o governo da fragata. Sabia perfeitamente como navegava melhor com esse vento, o único vento que não era desfavorável para ela em seu atual estado, sem uma sobremezena. Agora navegava com o vento em popa e levava desdobradas a cevadeira, a traquete com as alas de ambos os lados, a gávea e a joanete maiores com suas alas e a sobrejoanete maior.

— E os botes, senhor? — perguntou Davidge em tom ansioso —. Quer que os subamos a bordo?

— Não. Com o vento em popa, perderíamos mais tempo do que pouparíamos. Mas vejo que já trouxe o doutor. Doutor, quer vir comigo ao cesto da gávea do traquete para ver o que passa? Bonden, ajude ao doutor e traga-me o estojo com o telescópio especial.

Como o velacho estava aferrado, desde o cesto da gávea do traquete havia boa vista.

— Ali! — exclamou Jack —. Viu? Não tem sobremezena e isso significa que seu aparelho é de brigue-barca, já que com este vento pelo través o capitão haveria desdobrado a sobremezena se a tivesse. Isso é o lógico. Se quiser lhe digo o que penso que ocorreu e espero que minha suposição esteja certa.

— Sim, por favor.

— Penso que o *Azul* se pôs em paio na terça-feira, que o *Spartan*, ainda que navegasse rumo leste para encontrá-lo, derivou para o norte mais do que devia, e que se avistaram na última hora desta tarde. Suponho que o *Azul* orçou para fugir porque nessa posição navega com mais rapidez, mas que o *Spartan* além de mais veloz e conseguiu chegar a uma posição da qual seus canhões podem alcançá-lo. Acredito que desde então estão disparando os canhões quase continuamente com a esperança de derrubar algo.

— Que acha que ocorrerá?

— Se o *Azul* não conseguir derrubar algo do *Spartan*, o barco o alcançará e ambos começarão a disparar-se com as baterias. Então tudo dependerá principalmente da habilidade que tenha cada um para manejar as armas, ainda que se o *Spartan* puder aproximar-se o suficiente sem perder nenhum pau importante, não há dúvida de que suas caronadas de quarenta e duas libras sacarão as tripas do *Azul*.

— Não vamos ser meros espectadores, não é?

— Penso que não, mas duvido que possamos alcançar-lhes antes de que o *Spartan*, pois assim eu o chamo, alcance ao *Azul*, porque navegamos com o vento em popa e nenhuma embarcação, nem mesmo a *Surprise*, pode avançar muito rápido nestas condições. Com um pouco de sorte, poderemos entrar em combate com ele pouco depois, sabe?, pois como devemos avançar pelo sul para segui-los, teremos o vento pela alheta e poderemos desdobrar mais velas. É possível que entabulemos combate com ele e que o capturemos.

Houve uma pausa.

— Me alegro de não ter trocado os canhões longos por caronadas, como pensei em fazer uma vez — acrescentou —, porque assim poderemos disparar-lhe a distância em vez de aproximar-nos de suas caronadas de quarenta e duas libras. Se temos que persegui-lo, soltarei os botes e deixarei Bonden e um punhado de bons marinheiros na pinaça. Porém, naturalmente, há centenas de possibilidades. O *Azul* pode orçar e cruzar pela frente do *Spartan* disparando-lhe de proa a popa e depois abordá-lo em meio da fumaça. Podem suceder centenas de coisas.

Nesse momento guardaram silêncio e o mesmo fizeram os marinheiros que abarrotavam o castelo, justo debaixo deles, e que contemplavam a distante batalha enquanto os barcos avançavam lentamente para o oeste na escura noite, que parecia ainda mais escura em contraste com os clarões dos canhões. O perseguidor deu uma guinada para disparar a bateria e com o resplendor todos viram que tinha aparelho de navio.

— Aposto cem libras que é o *Spartan*.

— Por que essa luneta é especial? — perguntou Stephen.

— Porque tem a lente dividida em duas e, por isso, se vêem duas imagens. Se as imagens se separam, isso quer dizer que o barco está se afastando, e se se sobrepõem, isso significa que se aproxima.

Passou uma hora, uma hora e meia, e muito lentamente o perseguidor percorreu o vão que havia deixado de avançar ao dar a guinada, começou a encurtar a distância que o separava do outro barco. Agora disparava com os canhões de proa e da *Surprise* se via a meio caminho do horizonte.

O estrondo dos canhões e seu eco se ouviam quase continuamente desde que os dois barcos chegaram a ficar quase paralelos e se formou uma espessa nuvem de fumaça justo detrás do *Azul*. Era realmente o *Azul*, pois Jack vira pelo telescópio seus costados de cor azul claro com o resplendor do bombardeio do *Spartan*, uma devastadora descarga. Quando o *Spartan* se encontrava a meia milha por barlavento, o *Azul* virou bruscamente como se fosse situar-se com o vento em popa e depois voltou a dirigir a proa para o outro lado. Então o *Spartan* disparou contra a desprotegida popa. Jack achou que a distância era muito grande para que os disparos das caronadas fossem efetivos e que o *Spartan* não estava tão bem governado como da última vez que o vira, já que avançou um vão muito grande antes de orientar as velas para seguir perseguindo o *Azul*.

— Talvez consiga escapar — disse Jack, alçando a voz —. É possível que o *Spartan* tenha perdido um mastro.

Mas algo estranho havia ocorrido. Parecia que o *Azul* não se movia e Jack dirigiu para ele seu telescópio especial. A imagem não mudava, depois o barco ficou imóvel. Ademais, viam-se luzes movendo-se de um lado para o outro do convés, e ainda que o *Spartan* estivesse se aproximando por fim, os tripulantes do *Azul* estavam descendo não um bote, mas dois.

— Meu Deus! — exclamou Jack —. Ele encalhou em Formigas!

Até agora a presa navegara para o sul, e Jack havia mudado o rumo de acordo com isso; contudo, agora mandou arriar velas de modo que só ficassem abertas a traquete e a maior, a mínima

quantidade de velame desdobrado que a fragata devia usar, e mudou o rumo cinco em graus.

Seguiu observando a batalha de pé no cesto da gávea, com as mãos apoiadas na grade, e a via cada vez mais de perto. A lua saiu e iluminou as brancas e enormes nuvens de fumaça, e Jack viu com assombro que o *Spartan* se aproximava do costado do *Azul* mais distante da *Surprise*, o costado de estibordo, e seus tripulantes engatavam nele os ganchos e o abordavam.

Desceu para a coberta rapidamente, ordenou que subissem os baús com as armas e os poucos faróis que restavam e depois foi correndo para a proa. Nas distantes águas a batalha alcançou seu ponto culminante: cada barco disparou três ensurdecedoras descargas seguidas, as duas últimas quase simultâneas. Depois se ouviram alguns canhonaços e tiros de mosquete e depois se fez o silêncio. Jack viu então que muitos homens saltavam das portalós iluminadas do *Azul* para os botes situados junto ao costado de bombordo e se afastavam remando, aparentemente tratando de se ocultar do *Spartan*.

Ao voltar ao castelo de popa gritou:

— Todos os marinheiros a popa!

Quando os homens se reuniram ali, explicou:

— Companheiros de tripulação, o *Azul* encalhou em Formigas! O *Spartan* tem enganchados os ganchos em seu costado e nós vamos capturar a ele e a sua presa nos botes. Senhor West, ordene ao armeiro que entregue a todos pistolas, sabres e machados de abordagem conforme sua vontade. Eu irei na frente na falua e me seguirão o senhor Smith no cúter azul e o senhor Bulkeley no vermelho. Abordaremos o *Azul*, lembrem, o *Azul*, pelo pescante de proa. O senhor Davidge irá na pinaça, o senhor Bentley no esquife e o senhor Kane no bote, e os três o abordarão pelo pescante de popa. Todos os botes estarão unidos de proa a popa por um cabo. Abordaremos o *Azul*, atravessaremos o convés, como a ponte de Nelson, recordam?, e depois atacaremos os tripulantes do *Spartan* pela proa e pela popa. Não profiram nem um só som, nem um só, enquanto nos aproximamos, mas gritem quando abordarem o barco, e quando estejam a bordo a contra-senha será "Surprise!". Atenção

— acrescentou, alçando a voz, ao ouvir o primeiro burburinho — : que não se ouça nenhum som até que estejamos lá. Senhor West, lamento dizer-lhe que o senhor deverá ficar na fragata com dez homens. Terá que aproximar-se de nós quando fazemos um sinal com três lanternas, mas nunca a menos de meia milha. Partiremos dentro de cinco minutos.

Foi para a cabine buscar seu sabre, pôs por escrito as ordens que dera a West para se fosse morto ou a expedição fosse um desastre e depois desceu para a falua. A escuridão se encheu de sussurros que confirmaram sua idéia de que os homens que o rodeavam tinham muitos brios. Participara de muitos ataques surpresa, mas em nenhum vira tanta fúria nem tão grande expectativa, ainda que talvez “fúria” não fosse a palavra mais apropriada.

— Prontos? — perguntou com voz suave para cada embarcação.

E de cada uma chegou a resposta: “prontos, senhor”.

— Adiante — ordenou.

Havia pequenas ondas que vinham do sul e o vento soprava pela popa. Os botes deslizavam com rapidez pelo mar sem mais ruído que os rangidos da bancada e do tolete e o burburinho dos remos. Aproximavam-se cada vez mais e se mantinham juntas. Quando percorriam as últimas cem jardas, Jack estava quase seguro de que um monte de metralha ia sair de repente da cobertura inferior do *Azul*, na qual havia muita luz e se viam marinheiros caminhado de um lado para outro. Inclinou-se para frente e disse em voz baixa:

— Mais rápido agora. Mais rápido.

Então desembainhou o sabre e, quando Bonden situou a falua debaixo do pescante de proa do *Azul*, subiu nele de um salto. Depois saltou por cima da borda e, dando um forte grito, caiu no castelo, ocupado somente por três cadáveres. Imediatamente a multidão de homens que vinha atrás dele o empurrou para frente e, ao mesmo tempo, ouviu as vivas dos homens do outro grupo ao subir a bordo e os gritos: “Surprise! Surprise!”.

Alguns marinheiros com expressão horrorizada apareceram pelas três escotilhas iluminadas e imediatamente desapareceram.

— Vamos, vamos, ajudem-me! — gritou Jack passando a correr pelo corrimão e saltando por cima dos ganchos para passar para o *Spartan*.

Ainda que o ataque fosse totalmente inesperado, vinte e cinco ou trinta tripulantes do *Spartan* opuseram resistência no castelo de popa, pegando todas as armas que puderam encontrar e formando uma massa compacta. Um arrancou o sabre da mão de Jack com uma bala de mosquete; outro lhe fez uma fenda em um lado do pescoço com uma lança e outro muito baixo e robusto lhe deu um soco no queixo, tombando-o para trás sobre um cadáver. Jack se voltou para um lado e disparou com a pistola no homem robusto. Depois pegou um pedaço da despedaçada borda de uns seis pés de comprimento e arremeteu contra o grupo com inusitada fúria. Os homens retrocederam, tropeçando uns nos outros, e imediatamente Jack lhes desferiu um forte golpe e derrubou os três. Estava a ponto de dar-lhes outro golpe, um revés, quando Davidge pegou seu braço e disse:

— Senhor, senhor, eles se renderam, senhor.

— Ah, foi? — perguntou Jack, ofegando. Seu rosto perdeu a expressão feroz —. Tanto melhor. Alto! Parem de lutar! — acrescentou, olhando para um grupo de homens que estavam no castelo, e depois, deixando cair sua arma, que parecia uma grande jamba de carvalho, perguntou — : Onde está o capitão?

— Morreu, senhor. O *Azul* o matou. Este é o único oficial que resta.

— O senhor responde por seus homens, senhor? — perguntou Jack ao homem de cara pálida que tinha em frente.

— Sim, senhor.

— Todos exceto os feridos descerão imediatamente para a bodega. Onde estão os tripulantes do *Azul*?

— Escaparam nos botes antes que nós o abordássemos, senhor. Mas não restavam muitos.

— Senhor Davidge, traga três lanternas da coberta inferior e pendure-as nos amantilhos.

À luz das lanternas pôde ser visto um desolado cenário. Sem dúvida, o *Azul* havia disparado com grande precisão e as potentes

balas do *Spartan*, disparadas a curta distância, haviam destruído tudo o que tocaram. As baixas tinham que ser forçosamente grandes, sobretudo na entrecoberta; contudo, pelo que Jack pôde ver ao caminhar entre os cadáveres, nenhum de seus homens havia morrido, ainda que Webster, que estava dobrado sobre si mesmo, tinha uma ferida no estômago, e o condestável tinha um braço ensangüentado e seus ajudantes estavam lhe pondo uma tipóia.

— Senhor — disse o jovem —, peço que corte os cabos do barco, pois não poderá manter-se flutuando por mais de cinco minutos. Estávamos esperando terminar de sacar as últimas bolsas de mercúrio.

— Sinto muito que tenha perdido, Tom — disse Jack Aubrey quando desjejuava na cabine com Pullings, que, tal como haviam acordado, compareceu ao encontro pouco antes de que saísse o sol —. Foi a melhor *surprise* que possa imaginar. E não havia outra maneira de fazer as coisas porque, naturalmente, eu não ia meter a fragata entre esses obstáculos durante a noite. Esses arrecifes são terríveis. O *Azul* se afundou em um lugar de dez braças de profundidade pouco depois de pegarmos os feridos. Nunca compreenderei como esse jovem insensato pôde se aproximar dele sem sofrer danos.

— Lamento que o tenham ferido, senhor — respondeu Pullings —. Espero que a ferida não seja tão grave como parece.

— Não tem importância. Inclusive o doutor diz que não tem importância, e quando a fizeram não senti nada. Não foi mais que uma roçadura com a lança. Quase não sofremos danos, mas o *Spartan* e o *Azul* se destruíram um ao outro. Foi a batalha curta mais sangrenta que já vi. As cobertas estavam cheias de sangue, completamente cheias. No *Azul* só havia um pequeno grupo de homens capazes de caminhar, um grupo que cabia em dois botes; e no *Spartan*, além dos feridos, havia duas vintenenas de homens. É verdade que muitos homens foram enviados para tripular as cinco grandes presas, porém, apesar de tudo, houve uma carnificina.

— Aqui está o contramestre, senhor — informou Killick.

— Sente-se, senhor Bulkeley — ordenou Jack —. O que queria lhe perguntar era se temos muitas bandeiras francesas.

— Somente três ou quatro, senhor.

— Então, se quiser, poderia fazer algumas mais. Não digo que tenha que fazê-las, senhor Bulkeley, porque isso suporia ser muito presunso, só digo que pense na possibilidade de fazê-las.

— Sim, senhor. Pensarei nessa possibilidade — disse o contramestre e pediu permissão para se retirar.

— Bem, Tom — continuou Jack —, voltando às presas, não temos nem um minuto a perder. Sei que o doutor proferirá juramentos — acrescentou, olhando pela janela a ilha, pela qual Stephen e Martin andavam a gatas depois de ter deixado os feridos com os cirurgiões —, mas zarparemos rumo a Faial tão logo o *Spartan* esteja em condições de navegar, e a verdade é que tem muitos cabos e provisões de todo tipo. Avançaremos tão rápido como possamos, a toda vela, porque o final do mês e a *Constitution* estão mais perto a cada dia. Navegaremos rumo a Faial, porque as cinco presas do *Spartan* estão ali, atracadas no porto de Horta. O *Spartan* aparecerá frente ao porto acompanhado de um barco que se parece muito com o *Azul*, e, certamente, não entrará na longa baía porque perderia muito tempo manobrando; contudo, a *Merlin*, que todos conhecem muito bem, entrará, disparará duas salvas e dará o sinal de saída. As presas recolherão âncoras e se reunirão conosco em alto mar, onde substituiremos seus tripulantes, e então as levaremos para a Inglaterra com uma bandeira francesa içada em cada uma para enganar à *Constitution* se nos encontrarmos *com* ela. Entende o que quero fazer, Tom?

## CAPÍTULO 4

---

O doutor Maturin e seu ajudante estavam em uma farmácia e revisaram o que haviam comprado para o estojo de remédios da *Surprise*.

— Acho que isto é tudo, além da sopa em pó, os retratores duplos e um par de saca-balas para extrair balas de mosquete, que poderemos encontrar na loja de Ramsden.

— Não se esquece do láudano? — perguntou Martin.

— Não. Há uma razoável quantidade a bordo. Mas agradeço por me lembrar.

A razoável quantidade estava distribuída em garrações de onze galões protegidas por um tecido de vime e o conteúdo de cada uma equivalia a quinze mil doses como as que administravam normalmente nos hospitais. Stephen pensou nelas com satisfação.

— A tintura de ópio, administrada adequadamente, é um dos remédios mais efetivos que temos — afirmou —, e por isso procuro não ficar nunca snela. Às vezes a uso eu mesmo como sedante. Porém, sabe de uma coisa, Martin? — perguntou depois aproximar a lista da luz e revisá-la de novo —. Acho que seu efeito diminua. Como está, senhor Cooper?

— Como está o senhor, senhor? — perguntou o desdentado boticário, e em seu tom e sua pálida cara se notava uma grande satisfação —. Acredito que está *surpreendentemente* bem, ah, ah, ah! Quando a senhora Cooper me disse que o cirurgião da *Surprise* estava na farmácia eu lhe disse: “Vou descer para felicitar o doutor Maturin por sua *surpreendente* viagem”. Então ela me disse: “Cooper, não acredito que vá tomar a liberdade de brincar com o doutor”. E eu lhe repliquei: “Querida minha, nós nos conhecemos há

muitos anos, e ele não se importará que lhe faça uma brincadeira". Eu lhe felicito, senhor, felicito de todo coração.

— Obrigado, senhor Cooper — disse Stephen, apertando sua mão —. Agradeço muito por sua amabilidade.

Quando ambos estavam de novo na rua, Stephen continuou:

— Seu efeito diminui consideravelmente, ainda que não sei o motivo. O senhor Cooper é um homem confiável e usei a tintura que prepara em muitas viagens. Sempre a preparou da mesma forma, sempre. É feita com bom conhaque em lugar de álcool, assim que esse não é o problema. A explicação tem que ser outra, mas não sei qual, e como estou decidido a tomar só uma dose moderada, salvo em caso de emergência, tenho que resignar-me a passar uma noite sem dormir de vez em quando.

— Que dose o senhor considera moderada? — inquiriu Martin por curiosidade.

Sabia que a dose normal era de vinte e cinco gotas e vira Stephen dar a Padeen sessenta para poder acalmar sua terrível dor, mas também sabia que tomá-lo habitualmente podia provocar certo grau de tolerância e queria averiguar se o grau era muito alto.

— Uma dose que não parece muito grande para alguém acostumado a tomá-lo. Não mais de... não mais de mil gotas, mais ou menos.

Martin reprimiu uma exclamação de horror e para ocultar sua expressão chamou um coche que passava.

— Tendo em conta que a chuva parou, o céu está limpo e só temos que caminhar uma milha inglesa, não lhe parece que isto é desnecessário, colega? — perguntou Stephen.

— Querido Maturin, se o senhor houvesse sido tão pobre como eu e durante tão longo tempo, ao fazer por fim fortuna desfrutaria dos luxos da boa vida. Somente os mesquinhos são incapazes de sentir prazer.

— Bem — disse Stephen; pôs o pacote no coche e depois subiu nele —. Mas espero que o senhor não se torne orgulhoso.

Pararam em Ramsden, arrumaram as provisões que faltavam e se separaram. Martin foi buscar uma tecido que combinasse com um

pedaço de seda pintada de sua esposa e Stephen se foi ao seu clube.

Os porteiros do Black's eram muito discretos, mas eram inconfundíveis seus expressivos sorrisos e reverências, o tom comprazido com que lhe deram bom dia e lhe entregaram uma nota de sir Joseph Blaine, que era outra vez o chefe do Serviço secreto naval. Nela sir Joseph lhe dava as boas-vindas a Londres e confirmava o encontro dessa tarde.

“Às seis e meia — pensou Stephen, olhando de soslaio o relógio Tompion que havia no saguão —. Terei tempo para ir ver como está a senhora Broad.”

Então olhou para o porteiro do saguão e disse:

— Ben, por favor, guarde-me este pacote até que regresse, e não deixe que me reúna com sir Joseph snele.

Depois perguntou ao cocheiro:

— Conhece o Grapes, no distrito de Savoy?

— A hospedaria que queimou e que estão reconstruindo?

— A mesma.

Se houvesse névoa, como costumava ocorrer nas margens do rio, ou a tarde estivesse avançada, o Grapes haveria sido o mesmo lugar, porque o estavam reconstruindo sem introduzir nenhuma mudança e Stephen poderia ter encontrado seu quarto com os olhos vendados; contudo, os tijolos novos não tiveram tempo de recobrir-se de uma capa de sujeira londrina e as janelas sem vidros dos pisos superiores davam ao lugar um aspecto sinistro que não merecia. Até Stephen entrar na sala de estar não se sentiu como em sua casa. Ali tudo estava sempre muito limpo e, além do odor de gesso fresco, não se observava nenhuma diferença. Conhecia a hospedaria perfeitamente bem e mantivera reservado um quarto permanentemente durante anos. Era muito tranquilo e conveniente para os membros da Royal Society, a Sociedade de Entomólogos e outras organizações de intelectuais, e além disso ele sentia grande estima pela dona.

Nesse momento diminuiu um pouco sua estima pela senhora Broad, pois de um dos pisos superiores chegou sua voz escandalosa em uma profusão de frases em tom furioso. Os gritos das mulheres

sempre o deixavam nervoso, e ficou ali de pé com a cabeça baixa, as mãos atrás das costas e uma expressão de desgosto. Aparentemente tinham o mesmo efeito nos dois vidraceiros que desceram a escada nesse momento respondendo em tom submisso à torrente de palavras que caía desde cima: “Sim, senhora. Desde já, senhora. Imediatamente, senhora. Sem falta, senhora”. Ao chegar à porta, ambos colocaram bem os chapéus de papel na cabeça, olharam-se com angústia e se afastaram rapidamente.

Podia-se ouvir como a senhora Broad resmungava enquanto descia a escada:

— Malditos preguiçosos! Radicais! Jacobinos! Pilantras! Canalhas!

Chegou à sala de estar e sua voz subiu ainda mais de tom quando disse:

— Não, senhor, não podemos servir-lhe! A hospedaria não está aberta ainda nem o estará nunca por culpa desses malditos monstros. Oh, meu Deus! Mas é o doutor! Deus lhe abençoe, senhor. Sente-se, lhe rogo.

Nesse momento sua habitual expressão alegre apareceu em sua cara como o sol assomando por trás de uma nuvem roxa e ela apoiou seus gordos braços no braço de uma poltrona.

— Então o senhor está na cidade, senhor. Lemos coisas sobre o senhor nos jornais, e na vitrina de Gosling havia desenhos e uma gravura... meu Deus, quantos sucessos! Espero que ninguém tenha ficado ferido. E como está o capitão? Acho que vou chorar de raiva porque esse sem-vergonha me prometeu instalar as janelas dos pisos superiores, entre as quais se encontram as de seu quarto, faz três semanas. Três semanas, e como vê, ainda não há janelas. A chuva entrou e estragou os pisos que as meninas poliram, e isso é suficiente para fazer uma mulher chorar. Mas o senhor não traz nada nas mãos. A que há vindo, senhor? Para brindar pelo novo Grapes?

— Para bendizer a hospedaria e a sua dona, senhora Broad — respondeu Stephen —. E eu gostaria de tomar uma taça de uísque.

A senhora Broad, mais tranqüila, regressou com uma bandeja sobre a qual havia uma torta e copos (ela ia tomar licor de uva vermelha porque estava um pouco rouca) e um pacote de

guardanapos de papel sob o braço. Sentaram-se, um de cada lado da chaminé; o doutor Maturin fez a benção, e a senhora Broad perguntou se tinha notícias do norte.

Ela e Diana haviam tentado que Stephen ficasse saudável, bem alimentado, vestido de acordo com a estação, com roupas íntimas limpas e com roupa bem escovada, e durante aquela comprida e infrutuosa campanha haviam chegado a ser amigas, ainda que já desde o início haviam simpatizado. A senhora Broad sabia bastante bem o que ocorria entre o doutor e a senhora Maturin, mas admitia tacitamente como certa a falsa afirmação de que Diana se havia ido ao norte por problemas de saúde enquanto Stephen viajava pelos mares.

— Não — respondeu Stephen —, mas é possível que vá ali dentro de pouco.

— Eu tive notícias no dia da Anunciação — disse a senhora Broad —. Um cavalheiro da legação me deu isto — acrescentou, desenbrulhando uma boneca sueca com uma peliça de marta zibelina —. Ela dizia na nota que comunicasse ao doutor que estavam lhe fazendo uma capa a prova de água em Swainton e que se esquecera de dizer. Também dizia que teve que tecê-la de forma especial, mas que provavelmente já estará terminada. A peliça é de autêntica marta zibelina — acrescentou, alisando a roupa da boneca e seu loiro cabelo.

— Ah, é? — perguntou Stephen, pondo-se de pé e olhando a rua pela janela —. De autêntica marta zibelina?

Teria sido melhor romper definitivamente com Diana do que andar de um lado para outro com seu enorme diamante no bolso, como se fosse um talismã, e tremendo ao ouvir seu nome. Havia amputado muitos membros no passado, e não só literalmente. Do outro lado da rua viu o seu velho amigo, o cachorro do açougueiro, sentado no umbral e coçando-se a orelha com perseverança canina.

Pegou um pedaço de torta e saiu da hospedaria. O cachorro fez uma pausa, olhou à direita e à esquerda com seus olhos míopes enquanto retorcia o nariz e o viu. Então cruzou a rua subindo e descendo a cabeça e movendo a calda. Stephen o acariciou a cabeça, observou seu horrível sorriso e notou com tristeza a capa

com que os anos haviam coberto seus olhos. Depois lhe deu palmadas nas ancas misturadas e gordas e lhe ofereceu o pedaço de torta, que pegou devagar pelo extremo. Imediatamente se separaram. O cachorro regressou para o açougue, onde, depois de olhar ao seu redor, colocou o pedaço de torta intacto debaixo de um monte de lixo e se jogou no solo. Stephen voltou ao Grapes e disse à senhora Broad:

— No que se refere ao meu quarto, não se preocupe nem um pouco. Não vim para buscar um quarto para mim mas para Padeen, meu servente. Vão operá-lo amanhã em Guy's. Infelizmente, será uma extração difícil, e não quero que fique em uma sala comum. Provavelmente a senhora terá algum quarto na planta baixa.

— Vão extrair-lhe um dente? Pobrezinho! Sem dúvida, já está preparado um pequeno quarto que se encontra debaixo do seu, mas também Deb pode ficar com Lucy; o que talvez seja melhor, porque o seu quarto é melhor ventilado.

— Padeen é um bom homem, senhora Broad. É do condado de Clare, em Irlanda. Não fala muito inglês e quando fala o pouco que sabe gagueja e demora cinco minutos antes de dizer cada palavra, que com freqüência não é a correta. Contudo, é obediente como um cordeiro e sempre está sóbrio. Agora tenho que deixá-la, porque tenho um encontro do outro lado do parque.

Em seu percurso tinha que passar pela rua Strand, que ficava cheia de gente, e também por Charing Cross, que ficava ainda mais cheia, pois além de três ruas de muito tráfego confluírem para ali, havia caído um cavalo que puxava um carro, obrigando a deter-se ao seu redor carruagens, caleches e diligências, e entre eles e os passageiros que haviam descido passavam ginetes, liteiras e coches pequenos. O cocheiro permanecia sentado sobre a cabeça do animal esperando que o garoto que o ajudava desatasse todas as fivelas desnecessárias. A multidão, entre a qual Stephen passou lentamente, estava de bom humor, e que rodeava ao garoto e ao cavalo dava ao primeiro muitos conselhos em tom humorístico. Era composta por pessoas muito diversas, que se diferenciavam sobretudo pelos uniformes, majoritariamente vermelhos. Aquela maré humana produzia uma agradável sensação, sobretudo para

quem acaba de regressar do mar; contudo, havia que esforçar-se e empurrar muito para passar por ela, e Stephen sentiu alívio ao voltar a entrar no parque. Recolheu seu pacote em Black's e foi até o mercado Shepherd, perto do qual vivia sir Joseph em uma casa que tinha a porta verde, um curioso apagador de velas duplo e um aldravão em forma de delfim que parecia de ouro polido.

Levantou a mão para pegar a calda do animal, porém, antes que pudesse fazê-lo, a porta se escancarou e apareceu sir Joseph, em cujo largo e pálido rosto se refletiu uma alegria maior do que muitos de seus colegas acreditariam ser capaz de expressar.

— Bem-vindo, bem-vindo outra vez para casa! — exclamou —. Estava olhando pela janela do salão para ver-lhe chegar. Entre, meu querido Maturin, entre.

Ele o conduziu pela escada até a biblioteca, a habitação mais agradável da casa, que tinha as paredes atapetadas de livros e pequenos armários com gavetinhas para guardar insetos, ofereceu-lhe uma cômoda cadeira que pôs de um lado da chaminé e se sentou do outro lado. Ficou olhando para Stephen com expressão satisfeita até que a primeira pergunta deste a apagou de sua cara:

— Tem notícias de Wray e Ledward?

— Foram visto em Paris — respondeu —. Me envergonha dizer que lograram escapar. O senhor pode dizer que, apesar de todos os serviços secretos que temos, somos um bando de estúpidos, porque os deixamos sair do país. E não negarei que a primeira operação, a que fizemos em Button's, foi muito mal dirigida. O senhor já sabe: quando algo concerne a todos os serviços secretos, qualquer coisa é possível, além de cometer estupidez.

Stephen olhou para Blaine por um momento. Conhecia ao seu chefe o bastante para compreender que não só queria dizer que não confiava na discricção e na competência de alguns dos serviços secretos do reino, como também que estava convencido de que Ledward e Wray tinham pelo menos um comparsa e protetor que ocupava um alto cargo na administração. Deu isso por subentendido e se limitou a dizer:

— Mas o senhor tem de novo a autoridade em sua própria casa, não é mesmo?

— Acredito que sim — respondeu sir Joseph, sorrindo —, porém, como o senhor sabe muito bem, a organização estava quase em ruínas e tem que ser refeita de cima abaixo. Ademais, apesar de minha posição no Almirantado estar mais sólida do que nunca, não estou muito contente com alguns de nossos colegas e correspondentes e... Bem, neste momento não vou lhe propor nenhuma missão no continente. Acho que tem muito mais valor sua informação sobre as possibilidades que temos na América do Sul.

— Eu lhe fiz estas perguntas indiscretas porque me preocupam e porque têm estreita relação com a reabilitação do capitão Aubrey.

— Jack Aubrey *o Afortunado* — disse Blaine, sorrindo outra vez com grande satisfação —. Meu Deus, nunca se viu um golpe semelhante! Como o senhor deixou?

— No seio de sua família e muito contente com relação às questões monetárias; porém, como o senhor sabe, isso lhe importa muito pouco em comparação com aparecer de novo no *Boletim Oficial da Armada*.

— Quanto ao processo formal, indubtavelmente, não pode começar até que um tribunal condene a Wray e a Ledward e Aubrey obtenha o perdão pelo que não fez, quer dizer, que o veredito de culpabilidade seja revogado. Também há processos informais e, no que se refere a eles, ele conta com todo meu apoio, naturalmente; contudo, inclusive em assuntos em que as influências contam, meu apoio tem pouca importância, e em um deste tipo, não tem nenhuma. Ele tem o apoio de outros homens, e se alguns podem favorecê-lo muito mais, outros, como o duque e vários dos almirantes que mais simpatizam com os radicais, podem fazer-lhe mais estrago que bem. Na Armada e entre os cidadãos a opinião geral é que foi humilhado, e o fato de que tanta gente se alegre de seu êxito é uma clara prova disso. A propósito, o senhor sabia que o comitê não aceitou sua renúncia a ser membro do clube?

— Não. Porém, diga-me, não acha que seu êxito atual terá algum efeito? Não acha que ajudará a mudar a opinião das autoridades? Pelo amor de Deus, é um êxito assombroso, como o senhor mesmo reconheceu.

— Uma mudança? Oh, não! Conforme as autoridades, ter êxito fazendo o curso não tem importância para o país nem para a Armada Real. Cometeram um erro, como todo mundo sabe, e daqui a vinte anos quando já tenham morrido todos os funcionários da atual geração e, certamente, todos os ministros atuais, é provável que alguém faça algum gesto. Porém, por enquanto não é possível submeter Wray a um julgamento, algo que caso ocorra seria vergonhoso para os ministros devido à série de escândalos que se produziram; por isso a culpa não pode recair sobre outra pessoa e, portanto, os funcionários só poderiam salvar a cara se ele fizesse algum ato cuja importância para a nação fosse evidente e justificasse o perdão do rei, a revisão do caso ou a reabilitação. Se, por exemplo, o capitão Aubrey entabulasse um combate com um navio da Armada francesa ou da estadunidense que eles pudessem fazer passar por embarcações de igual ou maior potência que a sua, e se ele os capturasse ou seu barco sofresse muitos danos, ou ambas as coisas, poderiam reabilitá-lo dentro de um ano em vez de esperar à próxima coroação. Do contrário não o farão. Porém, como já disse ou quis dizer, fazer o curso tem suas próprias recompensas. E que recompensa ele teve neste caso! Conforme o preço atual do mercúrio, Maturin, ele deve de ser um dos mais ricos marinheiros na ativa, e isso sem contar o resto do butim. Além disso, dizem que a quem tem lhe dão, e ouvi dizer que os homens que fazem o comércio com as Antilhas lhe presentearam com uma louça de prata em agradecimento por ter capturado o *Spartan*.

— Indubtavelmente, ele nunca mais temerá que o prendam por não pagar dívidas — disse Stephen —. Além disso, quando regressou para sua casa soube que o tribunal de apelações havia decidido em seu favor em um caso muito grave cujas custas só Deus sabe a quanto ascendem. Nesse caso esteve enfrentado os herdeiros e cessionários de um malvado ladrão durante anos, desde que...

— Meu Deus, que golpe! — exclamou de novo sir Joseph sem lhe prestar atenção e olhando fixamente o fogo —. Na Armada e na cidade não se falava de outra coisa. Diziam que Jack Aubrey fez uma viagem de prova com poucas provisões para onde durante meses só se capturaram algumas falucas e quechemarines e voltou com sete

abundantes presas e o valioso carregamento de mercúrio saindo pelos costados de seu barco. Ah, ah, ah! Alegro-me quando penso nisso.

Blaine pensou nisso um momento, rindo para seu interior, e depois perguntou:

— Diga-me, Maturin, como induziram às presas do *Spartan* a saírem de Horta?

— Interroguei os prisioneiros franceses da forma habitual e me informei de que um era o encarregado dos sinais do *Spartan* — respondeu Stephen —. Então o chamei à parte e lhe propus que em troca da liberdade e de uma recompensa me dissesse com que bandeiras haviam acordado fazer os sinais, pois, como o senhor sabe, Horta está situado ao fundo de uma profunda e intrincada baía e era óbvio que os barcos iam se comunicar a grande distância. Ademais, eu o adverti que se não me dissesse, tinha que ater-se às consequências de sua negativa, ainda que não especifiquei quais eram. Ele riu e disse que com muito gosto me comprazeria em troca disso e que ganharia muito por muito pouco. Isso era verdade, porque o sinal consistia em desdobrar a bandeira de saída e fazer uma salva para barlavento, o que indubitavelmente teríamos feito de qualquer maneira. Sim, esse era o sinal, e a escuna entrou na baía com o vento em contra, içou a bandeira, fez a salva e as presas saíram tão rápido como puderam.

— Creio que isso os encheu de regozijo, ah, ah, ah!

— Nos encheu de regozijo, mas nos esforçamos para ser discretos porque tínhamos medo de dizer alguma palavra ou fazer algum gesto inapropriado. Atuamos com cautela, pois cabia a possibilidade de que tudo se desse a perder; a situação era precária como uma fina capa de gelo. Tínhamos que tomar o controle de uma presa depois de outra e devíamos mandar um grupo de tripulantes para bordo de cada uma delas; cada vez tínhamos um maior número de prisioneiros descontentes e menos homens para mantê-los debaixo do convés e manobrar ao mesmo tempo. Por outro lado, duas das presas, a *John Busby* e a *Pretty Anne*, eram tão pesadas e lentas que tivemos que rebocá-las e temíamos que a *Constitution* aparecesse a qualquer momento. Foram momentos

horríveis, ainda que o vento quase sempre foi favorável. Não pudemos respirar até que atravessamos o banco de areia de Shelmerston, cortamos os cabos de rebocar, fizemos salvas com todos os canhões e mandamos os marinheiros para terra para celebrar o êxito.

— Os marinheiros devem estar muito contentes com o capitão Aubrey.

— Sim, estão. Engalanaram a fragata e dedicaram vivas ao capitão até que chegou à praia. Com excessão de alguns poucos homens que ele expulsou por pilhagem e má conduta, em Shelmerston todos o veneram.

— Também aqui teriam dado vivas em sua honra nas ruas se houvesse vindo — disse Blaine —. Havia dúzias de panfletos e cartazes por toda parte. Guardei alguns para o senhor.

Aproximou-se de uma mesa baixa sobre a qual havia um monte de papéis, e enquanto rebuscava neles Stephen viu cair um anúncio impresso colorido com um balão desenhado. Stephen tinha os balões em mente desde que passou por Pall Mall em seu percurso, pois ali vira vários trabalhadores reparando os condutos que levavam o fedorento gás obtido do carvão para os postes das ruas e pensou que talvez ele poderia ser usado no lugar do hidrogênio, que era muito mais perigoso. Comentaria isto com sir Joseph se ele não tivesse se apressado em tapar o anúncio e a metê-lo sob o tabuleiro da mesa. Em lugar disso, Stephen se pôs de pé e pegou o pacote.

— Aubrey não quis vir à cidade, mas me disse que lhe apresentasse seus respeitos e me deu isto para que lhe entregasse. É o diário de navegação do *Spartan*, e me parece que o senhor encontrará nele valiosa informação sobre os espiões franceses e estadunidenses, já que ambos iam a bordo dele amiúde. Quando o estava envolvendo, incluí os interrogatórios que fiz aos prisioneiros, que não carecem de interesse.

— Estou muito agradecido ao senhor Aubrey — disse Blaine, pegando o pacote imediatamente —. Diga-lhe que agradeço de todo coração e, se achar adequado, apresente meus respeitos à sua esposa, a quem recorde de Bath e considero uma das jovens mais

bonitas que conheci. Desculpe-me um momento; quero ver o que diz o diário no mês de julho do ano passado, quando acredito que...

Sir Joseph não disse o que achava, mas era evidente que era algo mau. Quando começou a passar as páginas, Stephen apoiou a costas no respaldo da cadeira e se pôs a observar os desenhos que o lume formava na cúpula de latão, no tapete turco e nos livros encadernados em marroquim que formavam longas filas sob a brilhante luz, oculta atrás das elegantes molduras de gesso do teto. Em sua juventude vira tetos de estilo românico e gótico que podiam reter a umidade do inverno durante o caloroso verão catalão, e durante seu breve matrimônio com Diana, na rua Half Moon, pelo menos de um estádio de distância, vira tetos com pinturas de estilo elaborado debaixo dos quais seria apropriado distribuir pequenas cadeiras douradas e celebrar muitas festas; contudo, a maior parte de sua vida passara em estranhos alojamentos e barcos, e nunca teve uma habitação tão tranqüila, cômoda e elegante como essa. Nem ao menos a tivera em Melbury Lodge, a casa que compartilhou com Jack durante o período de paz. Estava pensando em quais eram as condições necessárias para tê-la quando entrou a governanta e comunicou a sir Joseph que a janta estaria servida ao cabo de cinco minutos.

A janta foi excelente e sóbria: lagosta fervida, o prato favorito de Blaine, com uma taça de moscatel, seguida de moelas e aspargos com uma taça de excelente clarete e depois torta de morango. Enquanto comiam, Stephen encenou para sir Joseph a batalha ao estilo da Armada, com pedacinhos de pão sobre a toalha da mesa, e voltou a falar da imensa alegria dos tripulantes da *Surprise* quando viram pelos telescópios que as presas saiam de Horta “como ovelhas que iam para o matadouro”, conforme palavras de Aubrey.

— Meu Deus, que golpe! — voltou a exclamar sir Joseph —. Só com o mercúrio pode obter uma quantidade dez vezes superior ao valor da fragata. Ademais, não tem que dar uma parte ao almirante! Desculpe-me, Maturin, porque pensar em semelhante fortuna e na alegria que produz tê-la conseguido me faz esquecer as normas de educação. Confio em que este golpe de sorte não interferirá no plano para a América do Sul.

— Certamente que não! Aubrey não poderá ser feliz em terra, ainda que seja rico, a menos que o reabilitem. E mesmo que não fosse assim, ele prometeu cumprir o compromisso de fazer esse viagem na fragata e pensa fazê-lo passe o que passe. Também me pediu que depois lhe venda. Meu ajudante, o senhor Martin, a quem o senhor recordará...

— O pastor que escreveu esse desafortunado opúsculo sobre os excessos na Armada?

— Ele mesmo, que é ademais um especialista ornitólogo. Também ele disse que cumpriria o compromisso, ainda que esteja recém casado e agora tenha o que chama de fortuna, uma quantidade suficiente para viver comodamente. Alegra-me muito a atitude de ambos.

— Não duvido. Porém, querido Maturin, peço que me desculpe outra vez por ter a pouca delicadeza de falar de dinheiro. Sei muito bem que esse é um tema inapropriado, mas acho muito interessante e gostaria de saber que quantidade de dinheiro o senhor Martin considera uma fortuna.

— Não sei quanto é, mas meu banqueiro de Londres, a quem ele consultou, disse para ele que se investisse tudo em títulos da dívida pública, menos algumas centenas de libras para equipamento e *menus plaisirs*, receberia um benefício de duzentas e vinte e cinco libras por ano.

— Bem, acho que isso é mais do que gana normalmente um pastor de paróquia rural, e indubtavelmente é muito mais do que um coadjutor espera receber. E o ganhou em quinze dias fazendo o curso! Que Deus lhe abençoe! A esse passo, logo será arcebispo.

— Acho que não lhe entendo, Blaine.

— Estou tão contente que me permito brincar. Talvez não deveria falar assim de um cargo sagrado, mas é um fato que o doutor Blackburne, que era arcebispo de York em tempos de meu pai, anteriormente fazia o curso nas costas dos territórios espanhóis da América, e o senhor Martin e o senhor estarão nessas mesmas latitudes. Quer que voltemos para a biblioteca? Tenho uma garrafa de vinho de Tokay e queria que o provasse depois do café. A senhora Barlow nos servirá alguns doces.

Durante a ausência de ambos, a senhora Barlow ou o corpulento negro que era o único servente que residia ali além dela, haviam aceso o fogo. A conversa havia se interrompido, Stephen e Blaine se sentaram a olhá-lo como se fossem dois gatos e assim passaram um bom momento. Depois Stephen disse:

— Lamento muito a morte de Duhamel.

— Eu também — respondeu Blaine —. Era um homem extraordinariamente hábil.

— E correto — acrescentou Stephen —. Não lhe disse que me devolveu o diamante que Diana teve que deixar em Paris, o diamante azul.

Então pegou o diamante do bolso.

— Recordo que uma noite que o senhor teve a amabilidade de convidar-me para sua casa de Half Moon, ela o usou como pingente. Ademais, recordo muito bem as circunstâncias que a obrigaram a deixá-lo em Paris. Não esperava voltar a vê-lo. É uma jóia maravilhosa e talvez estivesse melhor na caixa forte de um banco, não acha, Maturin?

— Talvez — respondeu Stephen e, depois de uma pausa, acrescentou — : Mas tenho remuído o assunto e pensei que, se fosse possível prolongar o período em que os tripulantes da fragata não podem ser recrutados forçosamente, iria para Suécia para devolver a pedra preciosa antes de zarpar para a América do Sul.

— Naturalmente que sim.

— Diga-me, Blaine — pediu Stephen, cravando nele seus olhos claros—, tem alguma informação sobre a atual situação de lá?

— Não fiz nenhuma pergunta sobre a senhora Maturin através da rede de espionagem, absolutamente nenhuma pergunta como profissional — respondeu Blaine em tom grave —. Absolutamente nenhuma. Porém, extra-oficialmente, como um homem comum, ouvi os rumores que correm pela cidade, e às vezes algo mais.

— Conforme esses rumores, ela fugiu com Jagiello porque lhe fui infiel no Mediterrâneo, não é assim?

— Sim — respondeu Blaine, olhando-o atentamente.

— Pode dizer-me algo sobre Jagiello?

— Sim — respondeu sir Joseph —. Conforme os serviços secretos, é uma pessoa confiável e, ainda que sua influência política seja mínima, como pode imaginar, é a favor da aliança conosco. Mas sei algo mais importante para o caso que nos ocupa, algo que não tem nada a ver com esses rumores, mas que soube por um homem da legação: parece que Jagiello vai se casar com uma jovem dama da Suécia. Também me informei de algo mais, ainda que não me o disseram diretamente senão que o deduzi, assim que não posso afirmar que seja verdade, e inclusive é possível que seja totalmente falso. Eu me informei de que as relações entre ele e a senhora Maturin não eram de natureza... não eram como as que geralmente os outros supunham que eram. Por outro lado, não acredito que me equivoque muito ao dizer que atualmente ela está muito longe de ser rica, ainda que também seja possível que as pessoas subam em um balão só por seu espírito aventureiro.

Aproximou-se da mesa baixa, meteu a mão sob o tabuleiro e pegou o anúncio impresso que antes havia ocultado. Nele se via um balão azul entre enormes nuvens rodeadas de grandes pássaros vermelhos que pareciam águias, e na nacela havia uma mulher de cabelo loiro e faces rosadas montada em um cavalo que sustentava uma bandeira britânica e uma sueca. No texto escrito em tom exclamatório que havia debaixo ressaltava o nome Diana Villiers, que estava repetido três vezes em letras maiúsculas e entre sinais de exclamação. Esse era o nome de Diana quando ele a conheceu e também o que geralmente recordava ao pensar nela, já que seu matrimônio, celebrado a bordo de um barco de guerra e sem a presença de um sacerdote, não convenceu a nenhum dos dois.

Durante um tempo observou o desenho. Os cabos que rodeavam o balão e sustentavam a nacela estavam cuidadosamente desenhados; a figura, que parecia de madeira, tinha o rosto inexpressivo e uma postura teatral, porém, ainda que parecesse absurdo, tinha algo de Diana. Ela era uma magnífica amazona e, ainda que nunca se sentasse assim, nem mesmo sobre um animal que parecia um cruzamento entre um asno e uma mula, e tampouco adotasse uma postura ridícula, a improvável existência do desenho,

a consideração do cavalo como símbolo e a indiferença da figura tinham muita relação com ela.

— Obrigado, Blaine — disse depois de um tempo —. Estou muito agradecido por esta informação. Tem algo a acrescentar, ainda que seja insignificante?

— Não, nada. Porém, não lhe parece significativa a ausência de rumores para um lugar como a Suécia atual?

Stephen assentiu com a cabeça, observou de novo o desenho e tentou compreender o comportamento dos suecos.

— Eu gostaria de subir em um balão — disse.

— Quanto eu estava na França, antes da guerra, vi como subiam Pilâtre de Rozier e um amigo dele — contou Blaine —. Tinham dois balões, um Mongolfier que ficava justo em cima da nacela e outro maior cheio de gás em cima. Subiram a grande velocidade, mas quando chegaram a três ou quatro mil pés de altura todo o conjunto se incendiou. Não acredito que Ícaro se fizesse em pedaços com tanta rapidez.

Sir Joseph lamentou ter dito aquelas palavras quando as pronunciou, mas pensou que qualquer explicação e qualquer frase atenuante só serviriam para piorar as coisas, assim que foi para um canto buscar o vinho e serviu um copo para cada um.

Falaram do vinho em geral e do de Tokay até tomarem a metade da garrafa, e então Stephen disse:

— O senhor falou da Suécia atual como de um lugar cheio de rumores.

— Se parar para pensar, não é surpreendente que assim seja. Bernadotte foi escolhido herdeiro da Coroa e se rebelou contra Napoleão, mas não deixa de ser um francês, e os franceses não desistem de conseguir que mude de novo. É possível que lhe ofereçam a Finlândia e a Pomerânia, ou seja, grande quantidade de terra, e também podem influir nele porque tem meia dúzia de filhos naturais em Pau, Marselha e Paris. E se isso não dê resultado, podem utilizar aos numerosos seguidores da legítima família real afastada do trono, os Vasas, para que provoquem um golpe de estado. Ademais, os melhores suecos desaprovam o Tratado de Abo. Naturalmente, os russos e os dinamarqueses também estão muito

preocupados, bem como os estados do norte da Alemanha; assim que, apesar das alianças, Estocolmo está cheio de agentes secretos de um país ou de outro que tentam influir em Bernadotte, sua corte, seus conselheiros e seus opositores atuais ou potenciais, e o que fazem ou o que se supõe que fazem dá muito o que falar. Nosso departamento não toma parte nisso, graças a Deus, pois vi Castlereagh com a cabeça oculta pelo monte de informes, porém, naturalmente, ouvimos algo.

O pequeno relógio com a borda do mostrador prateado deu a uma, e Stephen se levantou.

— Não abandone nunca uma garrafa quando ainda resta a metade — Blaine lhe admoestou. Que vergonha! Sente-se outra vez, por favor.

Stephen se sentou, ainda que para ele dava no mesmo tomar aquele vinho ou chocolate, e quando se serviram do último copo, perguntou:

— Quer que lhe fale de um curioso exemplo do poder do dinheiro?

— Sim, por favor — respondeu Blaine.

— Meu servente, Padeen, a quem o senhor conhece, tem um dente siso incrustado e está sofrendo terrivelmente por isso. Eu não estou preparado para fazer a operação que necessita, assim que o levei ao melhor dentista de Plymouth, mas nada o convenceu de que abrisse a boca e preferiu suportar a dor. Contudo, agora que o trouxe a Londres para que lhe atenda o senhor Cullis, de Guy's, a situação mudou. Agora abre a boca de boa vontade e suporta sem proferir uma queixa que lhe espetem com lancetas e agulhas e lhe metam uma sonda na boca, mas não porque o senhor Cullis seja o dentista do príncipe regente, o que não significa nada no condado de Clare, mas porque a operação custa sete guinéus e ademais há que dar meio guinéu ao ajudante, e essa soma, que é maior que todas as que Padeen vira antes do golpe da *Surprise*, não só dá certa importância a um homem como implica que deve sentir bem-estar.

— Quer dizer que não o está esperando abaixo? — inquiriu Blaine —. Quer dizer que voltará ao clube andando e com o grande

diamante no bolso? Suponho que a companhia de seguros declinará toda responsabilidade nestes casos.

— Que companhia de seguros?

— Não me diga que não está assegurado!

— Não.

— E creio que o que vai me dizer a seguir é que o barco tampouco está assegurado.

— Ah! — exclamou Stephen ao pensar nisso —. Sim, também há um seguro marítimo. Amiúde ouvi falar dele. Talvez devesse contratar um.

Sir Joseph juntou as mãos, mas se limitou a dizer:

— Vamos, eu o acompanharei até a esquina de Picadilly. Ali sempre há um monte de garotos com tochas. Dois deles podem acompanhá-lo ao clube e dois podem vir comigo até aqui.

Quando ambos estavam caminhando, explicou:

— Quando falei da possibilidade de que o senhor Aubrey combatesse com um barco de outro país de potência similar à de sua fragata não falava por acaso, ainda que parecesse. Se não me equivoco, ele conhece bem o porto de Saint Martin.

— O inspecionou duas vezes e participou no bloqueio durante muito tempo.

— Há possibilidades... Pode ficar na cidade por uma semana?

— Sim, certamente, e sempre poderá encontrar-me no Black's. Porém, de qualquer maneira, nós nos encontraremos no almoço da Royal Society na quinta-feira, antes de minha conferência. O senhor Martin me acompanhará.

— Será um prazer encontrar-lhe ali.

Para ambos foi um prazer se encontrarem. Stephen sentou Martin entre ele e sir Joseph, e os dois falaram sem parar até que começaram os brindes. Martin admitiu que não prestou muita atenção aos coleópteros, mas assegurou que havia aprendido muito sobre os hábitos e as formas das espécies da América do Sul porque as observara atentamente em seu hábitat, e os dois falaram somente dos escaravelhos, sobretudo dos luminosos, e Blaine propôs uma nova classificação baseada em princípios científicos.

Na reunião da Royal Society, Stephen leu seu trabalho sobre a osteologia das aves aquáticas com voz apagada e seu habitual tom baixo. Depois, os colegas que puderam ouvir-lhe e entendê-lo o felicitaram, Blaine o acompanhou ao grande pátio e, em um aparte, perguntou-lhe por Padeen.

— Oh, a operação foi terrível! Alegro-me de não ter tentado fazê-la. Tiveram que partir-lhe o dente e sacar os pedaços de nervo, que podiam ver-se um a um. A suportou melhor do que eu imaginava, mas ainda tem muita dor, ainda que consegui que diminuísse com tintura de ópio. Ademais, tem uma grande fortaleza.

— Então, valeu a pena que o pobre homem gastasse sete guinéus — disse Blaine e depois, mudando de tom, acrescentou — : Falando de marinheiros, seria conveniente que seu amigo se preparasse para fazer uma viagem curta que lhe proporão com pouca antecedência.

— Quer que lhe mande uma carta urgente?

— Sim, contanto que lhe faça saber que não é realmente um compromisso. É possível que eu tenha mal interpretado algo e que tudo seja falso, mas seria uma lástima que não estivesse preparado se fosse verdade.

Ninguém escolheria Ashgrove Cottage como residência, pois ficava situada em uma colina despovoada, árida, muito úmida e de frente para o norte. Ademais, a única via de acesso era uma profunda vala, a maior parte do ano coberta de barro, que se tornava intransitável depois de um aguaceiro. Contudo, do cume, onde ficava o observatório, podia-se ver Portsmouth, Spithead, a ilha de Wight, a parte do Canal do outro lado da ilha e uma grande quantidade de barcos. Por outro lado, quando a fortuna sorriu para Jack Aubrey, apresentou-lhe muitas coisas e duplicou o tamanho da casa. No terreno onde antes se levantavam arbustos raquíticos destacava agora um bosque de árvores jovens, e ainda que a casa não podia se comparar com o nobro estábulo, que tinha uma garagem para dois carros e várias filas de amplos compartimentos, tinha várias habitações confortáveis. Em uma delas, a sala onde se tomava o café da manhã, Jack Aubrey e Sophie estavam sentados

compartilhando uma cafeteira grande. Haviam passado alguns anos desde que sir Joseph viu Sophie em Bath, mas ainda podia descrevê-la como uma das jovens mais bonitas que conhecia. Apesar de conviver com um homem de caráter um pouco difícil, intrépido, hiperativo e sem idéia dos negócios como seu esposo, um homem que podia ficar ausente durante anos, fazendo o possível para arriscar sua vida e seus membros em mares distantes, e apesar de que trazer ao mundo seus três filhos a havia afetado e de que o horrível processo ao qual a submeteram e sua desgraça acabaram com sua louçaria, nem a bonita forma de seu corpo nem seus olhos nem sua cabelo haviam mudado. Ademais, seu enorme esforço mental e espiritual para manter em ordem a casa em sua ausência e para tratar com homens de negócios, às vezes pouco escrupulosos, apagara de sua cara todo rastro de expressão insípida ou cândida. E a recente maré de ouro, que voltava a encher de vida a casa (agora parecia difícil acreditar que pouco antes essa cálida, luminosa e alegre habitação estava fechada com chave e tinha os postigos tirados e os móveis tapados com lençóis) também fizera maravilhas com sua pele, que agora parecia a de uma menina.

Mas Sophie Aubrey não era tonta, e ainda que soubesse que somente a derrota na eterna guerra e a bancarrota do Estado poderiam lhe causar graves problemas econômicos, também sabia que Jack não seria realmente feliz até que seu nome voltasse a figurar no *Boletim Oficial da Armada*. Jack estava contente e se alegrava de estar com ela e as crianças, e, naturalmente, o desaparecimento da angústia que sentia por aquele aparentemente interminável pleito haviam influído muito nele; contudo, ela sabia perfeitamente bem que ele tinha muito menos vontade de viver do que antes (percebeu isso, entre outras coisas, por evitar de ir caçar e por no estábulo só haver dois cavalos e serem de carga) e que com relação aos diferentes aspectos de sua vida podia se dizer que estava desolado. Convidavam muito poucas pessoas para almoçar e quase nunca comiam fora, em parte devido a que a maioria de seus companheiros de tripulação estarem navegando, mas em parte porque recusava todos os convites exceto os que lhe faziam pessoas

às quais estava muito agradecido ou que lhe haviam dado provas de amizade durante o processo.

Era muito sensível, e muito pouco tempo atrás Sophie havia passado alguns momentos difíceis com os membros do comitê dos comerciantes que se dedicavam ao comércio com as Antilhas. Havia lhe falado do presente que iam dar a Jack, ou melhor, do escudo e da inscrição que iam gravar nele, que já estava na oficina de Storr. Ela lhes rogou que omitissem “antigo membro da Armada Real”, “antigo barco de sua majestade” e a palavra “corsário”, que aparecia repetidas vezes, mas os cavalheiros pareciam muito satisfeitos com o que escreveram e convencidos de que não era possível melhorá-lo, assim que ela duvidava que fizessem alguma mudança.

Um grupo do marinheiros passou pela frente da janela quando se dirigiam para o salão para limpá-lo ao estilo da Armada, quer dizer, tirando tudo o que havia dentro, esfregando e polindo tudo o que estava à vista e voltando a colocar tudo, cadeiras, mesas e estantes, em perfeita ordem. Quando estava no mar, normalmente faziam isso na cabine do capitão, e achavam normal fazer o mesmo em sua casa quando estava em terra. Ademais, desde o fim de semana de licença que passaram em Shelmerston entregues aos prazeres, haviam repintado tudo o que era de madeira no interior de Ashgrove Cottage e haviam branqueado todas as pedras que beiravam o caminho da entrada e as veredas do jardim.

Apenas passaram, um melro que estava pousado em uma árvore do outro lado do terreno coberto de grama começou a cantar. Ainda que estivesse muito longe seu bonito canto podia ser ouvido bem, pois a casa, apesar de seus inconvenientes, tinha a vantagem de ser um lugar muito tranquilo.

— Quanto eu gostaria de poder cantar assim! — murmurou Jack, cheio de admiração.

— Meu amor— disse Sophie, apertando-lhe a mão —, você canta muitíssimo melhor.

O pássaro interrompeu seu canto e então ouviram às crianças que se aproximavam gritando.

— Venha, George, bunda gorda! Dê uma mão, Charlotte, você vai?

— Já vou! — replicou George, e sua voz parecia mais débil e distante —. E verá como tem que me esperar.

— Charlotte, não deve falar assim perto de casa porque não é correto e podem ouvir — disse Fanny tão alto como se soprasse um vento forte que obrigasse a rizar as gáveas.

Para qualquer observador teria parecido que falavam muito alto e que suas palavras eram rudes e seu tom agressivo, mas o que ocorria era que quando estavam sozinhos falavam como os marinheiros, em parte porque foram criados por homens do mar, que substituíam os serventes em Ashgrove Cottage. Mas seus insultos eram puramente convencionais, pois todos se queriam muito, o que se fez evidente quando da janela puderam ver os três saltando alegremente, as duas meninas levando pela mão ao seu irmão pequeno.

— Já chegou! — gritaram, mas não ao mesmo tempo, produzindo um conjunto de sons discordantes —. Já chegou!

— Já chegou, senhor — disse Killick abrindo a porta bruscamente —. Já chegou, senhora.

Killick desempenhava a função de mordomo em Ashgrove, e em sua opinião os mordomos podiam sorrir e fazer sinais com o polegar para cima.

— Está em um coche fechado que o cocheiro levou para o estábulo vigiado por dois tipos com arcabuzes — continuou —. Havia um cavalheiro encarregado de pronunciar um discurso, mas encheu a cara, e perdão pela expressão, em Godalming, assim que eles chegaram sozinhos. O discurso está escrito em um papel e o senhor mesmo poderá lê-lo. Eles me perguntaram se quer que tragam os baús para aqui, senhor.

— Não. Leve-os para a cozinha, mas diga-lhes que têm que descarregar os arcabuzes antes de pôr um pé na casa. Dá-lhes cerveja, pão, queijo, presunto e bolo de porco. Você e Bonden trarão os baús e também uma chave de fenda e uma alavanca.

Chegaram os baús, escoltados pelas crianças, e no corredor que dava para a cozinha gritaram:

— Podemos abri-los, papai?

— George — disse seu pai, observando os baús selados e assegurados com tiras de couro que tinham pintado na tampa: Senhor John Aubrey, Ashgrove Cottage, Hants Muito Frágil —, tenha a amabilidade de ir para o quarto de sua avó e diga-lhe que chegou algo de Londres.

Antes que a senhora Williams se penteasse e se vestisse adequadamente e descesse devagar a escada, já haviam aberto a tampa do primeiro baú e uma extraordinária quantidade de palha e lascas de madeira haviam coberto as três quartas partes da habitação. Gritou horrorizada e sua potente voz percorreu a sala de desjejum. Jack Aubrey acabava de tocar as folhas de papel de seda que envolviam o conteúdo importante do baú e procurava uma separação entre os amontoados pacotes. Sophie, com o coração encolhido, observou como levantava, pegava e desenbrulhava o volumoso pacote que estava no meio, deixando à vista de todos uma brilhante sopeira.

— Espere um momento, senhora — disse Jack, em um tom capaz de afogar as palavras de indignação da senhora Williams e entregou a sopeira para sua esposa.

A sopeira, trabalhada conforme o estilo moderno, era tão pesada que Sophie quase a derrubou. Quando pegou a outra alça olhou o fundo e, antes de pô-la na horizontal, viu que a inscrição dizia o que ela desejava e então a leu em voz alta:

*Ao capitão de marinha mais distinto,  
o senhor John Aubrey, a Associação  
de Comerciantes que faz o comércio  
com as Antilhas lhe presenteia com esta louça  
em agradecimento pela incalculável ajuda  
e a proteção que deu ao comércio do país,  
que é sua seiva, em todas as latitudes  
e em ambas guerras, e sobretudo pela captura  
do spartan, o barco corsário maior,  
temível e rapace dos de sua classe.*

Debaixo da inscrição estava a frase "*Debellare superbos*", a cujos lados havia gravados dois leões que olhavam para ela.

— Muito bem dito: a seiva — disse a senhora Williams —. Muito bem dito. Parabéns, senhor Aubrey — acrescentou apertando-lhe a mão como amostra de seu sincero afeto e, tirando a sopeira das mãos de sua filha, acrescentou: — Deve pesar umas cento e cinqüenta onças.

— Oh, senhor, acho que há outra igual! — exclamou Charlotte, pondo-se na ponta dos pés —. Por favor, por favor, deixe-me pegá-la.

— Pode pegá-la, querida — concedeu Jack.

— É muito pesada e delicada para que uma menina a pegue — interveio a senhora Williams inclinando-se rapidamente para frente para sacar a segunda sopeira —, mas ela pode pegar a tampa, que está do lado.

— Eu também posso tirar algo, papai? — sussurrou Fanny, puxando a manga de Jack.

Era justo que também o fizesse, e pouco depois a tarefa de abrir os pacotes se converteu em uma espécie de jogo, pois todos pegavam por turnos uma coisa e diziam seu nome: molheira, concha pequena, concha grande, pires, tampa, fruteira enorme... pegaram montes de pratos grandes e pequenos e continuaram pegando coisas até que encheram com elas as mesas e sobre o tapete não restou nenhum lugar em que não houvesse palha, lascas, papel de seda ou algodão. A habitação parecia a caverna de um bandido, já que os homens que faziam o comércio com as Antilhas haviam sido muito generosos, exageradamente generosos.

— Terá que buscar um ajudante ou dois para lhe ajudar a polir — disse Jack para Killick, que olhava ao seu redor assombrado da quantidade de superfícies que ia ter que esfregar com calcário e um pedaço de camurça.

Como todos os marinheiros, Killick tinha a obsessão de fazer brilhar os metais, e já havia reduzido as velhas bandejas de prata de Jack quase a uma lamela de metal.

— Agora ela deve ser toda lavada com água quente e sabão, porque as crianças estavam com as mãos sujas — disse a senhora

Williams —. E quando esteja completamente seca deve ser envolvida em pedaços de feltro e guardada no sótão debaixo de chave. É boa demais para ser usada.

— Charlotte — disse Jack —, esta colher é para você. E esta para você, Fanny.

— Oh, obrigado, senhor! — exclamaram, fazendo uma reverência e ruborizando de satisfação.

Como eram gêmeas, puseram a mesma expressão e ruborizaram, falaram e fizeram os mesmos movimentos ao mesmo tempo. A coincidência de todas essas coisas parecia absurda e tinha algo de comovente.

— E esta é para você, George. Necessitará de uma quando se aliste pela primeira vez em um barco.

A senhora Williams expressou sua opinião sobre a educação naval. Jack a conhecia porque ela a havia repetido frequentemente desde que George se punha calções e a ouviu sem prestar atenção.

— Mãe, omitiste a frase final: *Debellare superbos* — observou Fanny, olhando a inscrição do fundo. O que significa?

— É latim, querida — respondeu Sophie —. Isso é tudo o que sei. Terá que esperar que o doutor Maturin ou a senhorita O'Mara venham.

A senhorita O'Mara, a filha de um oficial morto no Nilo, era a futura tutora, e seu nome geralmente entristecia o dia das meninas, mas desta vez quase não influiu em Fanny.

— Perguntarei a papai — acrescentou.

— Ei, os do salão! — gritou Dray, que tivera que ficar na cozinha porque sua bota estava cheia de barro (usava só uma porque a outra perna era de madeira).

— Que foi? — perguntou Killick.

— Carta urgente para o capitão!

— Chegou uma carta urgente para o senhor, senhor — anunciou Killick.

— Uma carta urgente? Que poderá ser? — perguntou a senhora Williams, levando seu lenço à boca.

— Vá à cozinha para buscá-la, George, por favor — pediu Jack.

— O garoto caiu do cavalo no caminho e está coberto de sangue — disse George com certa satisfação quando regressou —. E a carta também.

Jack foi até a sacada e, em meio do silêncio que havia produzido o assombro (uma carta urgente em Ashgrove Cottage era algo muito raro), ouviu sua sogra sussurrar para Sophie:

— Isto é de mau agouro. Espero que a carta não diga que o banco do senhor Aubrey quebrou, mas estou quase segura de que o sangue no envelope significa que o banco do senhor Aubrey quebrou. Nenhum banco está seguro hoje em dia. Quebram por toda parte.

Jack se ficou pensativo por alguns momentos. Pensou que faltava pouco para terminar de armar a *Surprise* e que se Tom Pullings, um marinheiro tão confiável e diligente, tivesse ficado a bordo, estaria pronta para zarpar em questão de horas; contudo, Tom não teria que se apresentar ali até a terça-feira. Também pensou que Davidge e West eram oficiais competentes e experientes, porém, como não os conhecia bem, não podia deixar que decidissem conforme seu critério a preparação para o combate, um combate que provavelmente ocorreria no final da viagem que Stephen lhe propunha com tão pouca antecedência, pois não a teria chamado de viagem curta se não houvesse essa probabilidade.

Enquanto contemplava todas as possibilidades percebeu que seu silêncio e os burburinhos da senhora Williams estavam embaçando a cena e que as crianças o olhavam muito sérias.

— Sophie — disse, metendo a nota no bolso —, acho que terei que ir ver a fragata amanhã pela manhã em vez de esperar a terça-feira. Mas vamos levar estas coisas para a sala de jantar e pô-las como se fôssemos dar um banquete.

Acrescentando duas folhas à mesa da sala de jantar, podiam sentar-se comodamente nela catorze pessoas, e para servir a catorze pessoas fazia falta uma grande quantidade de pratos. A louça era mais volumosa, rebuscada e empetecada que qualquer uma que Jack e Sophie teria escolhido, e quando apenas a metade estava colocada, a mesa parecia muito luxuosa, sobretudo porque as cortinas estavam abertas e as velas acesas para fazê-la brilhar mais.

As crianças iam de um lado para o outro como formigas quando ouviram um ruído lá fora. Então olharam por entre as cortinas e viram um coche puxado por quatro cavalos.

Stephen desceu do carro com as costas encurvadas e câimbras provocadas por uma viagem tão longa e depois desceu Padeen com uma bolsa na mão. As crianças, cheias de emoção, passaram juntos gritando com todas suas forças:

— O doutor Maturin veio em um coche com quatro cavalos e um deles está babando muita espuma, e Padeen tem a cara vendada!

— Stephen! — exclamou Jack, descendo a escada —. Quanto me alegro em vê-lo! Não poderia ter escolhido um momento mais oportuno. Estamos a ponto de celebrar um banquete. Padeen, espero que esteja melhor. Killick lhe ajudará a subir a bagagem do doutor para seu quarto.

O coche se foi para Goat and Compasses, onde o cocheiro esperaria até que voltassem a chamá-lo. Stephen entrou na casa, beijou Sophie e os dois pequenos rostos de olhar expectante inclinados para cima, e depois ele e George se cumprimentaram com uma inclinação de cabeça.

— Eu me alegro de lhe encontrar aqui — disse a Jack no corredor —. Temia que se tivesse ido a Shelmerston ontem ou anteontem.

— Recebi sua carta urgente faz só uma hora.

— Boa tarde, senhora — cumprimentou Stephen, fazendo uma inclinação de cabeça para a senhora Williams na sala —. Pode acreditar nisto, senhora? Mandeí há dois dias uma carta urgente da cidade de Londres, não do remoto Ballymahon nem dos pântanos de Cambridge, e chegou apenas duas horas antes que eu. Desperdicei dezesseis xelins e oito peniques e mais a meia coroa que dei ao recadeiro.

— É claro que acredito, senhor! — exclamou a senhora Williams —. Isso faz parte do plano do governo para arruinar o país. Hoje em dia nos governam demônios, senhor, demônios.

— Tenho uma colher de prata, senhor — interveio George, sorrindo —. Gostaria de vê-la?

— Sophie, esta é a melhor oportunidade de fazer o batismo da louça — disse Jack —. Stephen não comeu e nós tampouco. Tudo está preparado ou quase preparado como se um almirante fosse fazer uma inspeção. Não poderíamos cozinhar um ou dois pratos simples e almoçar suntuosamente? Tem cabeça de javali conservada em vinagre...

— Naturalmente que podemos, querido! — exclamou Sophie sem vacilar —. Dê-me uma hora e pelo menos porei algo sob cada tampa.

— Stephen, entretanto nós iremos para a sala de fumar e nos tomaremos um copo de vinho Madeira. Provavelmente quer fumar um charuto depois da viagem.

Depois, quando estavam na sala de fumar, disse:

— Parece que Padeen foi para a guerra. Foi muito dolorosa a operação?

— Sim. Muito dolorosa e muito longa. Mas os galos e roxos que tem conseguiu em uma briga em Black's. Na habitação onde se reúnem os serventes dos membros, três homens zombaram de sua venda e lhe perguntaram se seu pai era um asno ou um coelho e ele os destroçou. Quebrou a perna de um, fraturando a tíbia e o perônio; ao outro o jogou sobre um grande aquecedor de gás antigo e o manteve sobre ela um bom momento, e ao terceiro o perseguiu até que se jogou no lago do parque Saint James e não o seguiu porque usava uma roupa negra muito elegante. Afortunadamente, há alguns membros que são magistrados de Middlesex e pude tirá-lo dali.

— Um não pode meter-se com ele. É como um leão; isto é, como um lobo em pele de cordeiro. Eu o vi abordar o *Spartan* e se comportou como um autêntico herói.

— Sim — disse Stephen e depois se aproximou do fogo, acendeu o charuto e acrescentou — : Jack, temos a possibilidade de tomar parte em uma batalha naval, de atacar uma fragata da Armada francesa. Asseguraram-me que uma vitória ou uma derrota digna em um combate assim poderiam influir favoravelmente nas autoridades para que lhe incluam de novo no *Boletim Oficial da Armada*.

— Juro por Deus que daria meu braço direito por isso — replicou Jack.

— Por favor, meu amigo, não diga essas coisas — pediu Stephen —. Isso é desafiar o destino. Certamente, meu amigo não me garantiu nada, mas é um fato que um combate com um barco de guerra de um país tem valor para as autoridades, enquanto que um combate da mesma magnitude com um barco de guerra privado não tem nenhum. Em poucas palavras, a situação é a seguinte: entre os barcos atracados em Saint Martin há uma fragata de trinta canhões chamada *Diane*, que será preparada e aprovisionada para fazer uma viagem muito parecida com a nossa para a América do Sul, e concretamente para o Chile e Peru, mas talvez cruze também o Pacífico sul para atacar nossos baleeiros. Já estão a bordo quase todas as provisões e quase todos os representantes da França, tanto oficiais como não oficiais, e zarpará no dia treze com a baixa-mar, quando ainda não haja saído a lua, para atravessar o Canal antes que se faça de dia. Durante algum tempo a fragata e vários dos outros barcos que se encontram em Saint Martin tiveram que permanecer ali porque o porto estava bloqueado por uma pequena esquadra entre as que se encontravam a *Nymph*, que poderia enfrentar-se com ela e com qualquer dos bergantins ou as canhoneiras que saíssem para ajudá-la; contudo, a situação atual é crítica e nem a *Nymph* nem sua habitual acompanhante, a *Bacchante*, podem largar outras operações mais importantes em outra parte e a esquadra se há reduzido à *Tartarus* e à desconjuntada *Dolphin*. Tentaram ocultar essa debilidade enviando o barco aprovisionador *Carriel* e outra embarcação para a zona, mas o inimigo conhece nossos movimentos e pensa levar a cabo seu plano. Meu amigo acredita que se a *Surprise* puder intervir, todos os que tenham relação com o caso se beneficiarão.

— Oh, Stephen, não poderias ter-me trazido melhores notícias! — exclamou Jack, apertando-lhe a mão —. Posso dizer a Sophie?

— Não, não pode dizer nem a ela nem a ninguém até que estejamos navegando, ou pelo menos a ponto de recolher âncoras. Quero que demos uma *surpresa*. Agora escute-me: tomei a liberdade de dar seu consentimento...

— Você fez bem. Ah, ah, ah!

— ... à operação, à operação proposta, e também ao caráter oficial que deve ter. Emprestamos, isto é, alugamos a fragata à Coroa, e o Almirantado nos deu um documento para o caso de encontrarmos algum oficial de serviço de caráter difícil ou legalista. Como nosso querido amigo William Babbington é agora o oficial de mais antiguidade, as possibilidades de desacordo são remotas, mas é conveniente ter o documento e acredito que é o melhor modo de proteger-nos em nossa viagem para a América do Sul. O documento começa: “Os comissionados para executar as ordens do lorde almirante supremo da Grã-Bretanha, etcétera”. Destina-se: “aos oficiais dos navios insígnia, aos capitães de corveta e de navio dos barcos de sua majestade, aos quais se deve apresentar”. E o texto é: “Enviamos o senhor Jack Aubrey para cumprir uma missão na fragata *Surprise*, alugada por sua majestade, e pela presente se ordena não lhe exigir que mostre as instruções que lhe havemos dado para realizar a dita missão nem atrasá-lo por nenhum motivo senão, pelo contrário, prestar-lhe a ajuda que necessite para que possa seguir fielmente as instruções”. Está assinado por Melville e outros dois lordes do Almirantado e também, por ordem sua, por Croker, esse maldito ladrão. Como vê, leva data e selo.

Jack pegou o papel com a solenidade com que teria agarrado algo sagrado e as lágrimas assomaram aos seus olhos. Como Stephen sabia que os ingleses eram muito propensos a pôr-se em uma situação embaraçosa por exteriorizar suas emoções, disse em tom áspero:

— Mas devo dizer que a *Diane* está sob o comando de um capitão excepcional, o irmão de Jean-Jaques Lucas, o que lutou tão valentemente na *Redoubtable* em Trafalgar. Permitiram que escolhesse seus tripulantes e ele os treinou conforme os métodos de seu irmão. Para muitos observadores entendidos na matéria, a agilidade com que esses homens mudam as velas e fazem outras operações lhes parece surpreendente, e ainda mais a rapidez e a precisão com que disparam os canhões e as armas leves. É muito provável que haja a bordo alguns civis com certos documentos que é

importante conseguir intactos. Tem algum mapa ou alguma carta marinha que represente esse lugar que possamos estudar?

— Tenho a segunda e a fiz eu mesmo — disse Jack —. Vamos ao que eu chamo, talvez equivocadamente, de biblioteca. Pegue sua taça de vinho.

Jack Aubrey era meticuloso e metódico em casos desse tipo e em menos de dois minutos abriu uma folha de papel amarelada na mesa da biblioteca. Disse que fizera a carta marinha em 1797 com o senhor Donaldson, o oficial de derrota do *Bellerophon*, o melhor hidrógrafo da Armada e depois acrescentou:

— A medição com a bússola variou trinta e um segundos para o leste desde então e há que comprovar a profundidade de alguns lugares, mas me atreveria a entrar no porto e atracar a fragata perto das baterias sem ajuda de um piloto.

Na carta marinha aparecia um porto comprido e estreito, um porto que media menos de um quarto de milha de largura na entrada e duas milhas de comprimento. Tinha uma bateria com seis canhões ao fundo e um quebra-mar havia reduzido a entrada. Os dois lados eram escarpados, mas o lado sul, que terminava em um amplo cabo, era muito mais, exceto na parte em que o cabo se unia à ilha. No cabo havia um farol e o istmo era protegido por uma enorme fortaleza. A cidade se estendia pela parte do cabo situada ao leste do farol e pelo outro lado do porto; os barcos de guerra estavam atracados em um magnífico cais de pedra na parte sul do porto e os mercantes, em geral, na outra parte. Na cidade habitavam quatro ou cinco mil pessoas além da guarnição e havia três igrejas, vários armazens de material de guerra e um estaleiro de muita fama.

— Aqui foi onde desembarcamos no início da guerra — indicou Jack, assinalando o istmo —. Os atacamos pelas costas e incendiámos o estaleiro e um barco de vinte canhões que estava em construção. Meu Deus, que chamas! Soprava o vento do sul e o breu, a pintura, a madeira e a lona arderam imediatamente. Inclusive se houvesse podido ler com facilidade. Depois dessa jogada eles colocaram esta bateria. Como vê, os bancos de areia dificultam que um barco de tão grande calado como uma fragata

entre e saia do porto movendo-se em linha reta, e como o capitão da *Diane* não quer se encontrar com a esquadra, que está mais ao norte, e terá que rumar para sudoeste dentro de pouco, a tirará por aqui com a baixa-mar — acrescentou enquanto assinalava um escarpado cabo —, e aqui é onde vamos esperá-la com todas as luzes apagadas. Chamamos esse cabo de Bowhead.

Fez alguns comentários sobre a maré e sobre o modo com que os ventos que soprariam ali a afetariam.

Quando Stephen gravou em sua memória onde ficavam o porto e as montanhas que o rodeavam e quais eram seus acessos, Jack guardou a carta marinha e olhou pela janela para a costa que levava para seu pequeno observatório rematado por uma cúpula dourada. Importava-lhe muito a opinião que seus filhos tinham dele e pensava que lhes mostrar a louça de prata que os comerciantes com as Antilhas lhe presenteara influíra nela muito mais do que podia imaginar. Eles sabiam que algo ocorrera, ainda que ele ignorasse que era exatamente o que sabiam e o que pensavam disso. Ainda que só fosse por eles, daria o braço direito para voltar a aparecer no *Boletim Oficial da Armada*, e a idéia de que essa possibilidade terminasse sendo uma realidade o transtornava. Estava disposto a falar de suas reflexões de forma geral e impessoal, quando Killick, vestido com uma casaca de gala, abriu a porta e anunciou:

— O almoço está servido, senhor, com sua permissão.

A senhora Williams não era dotada de um alto grau de observação, mas se assombrou tanto como sua filha quando viu Jack entrar depois de Stephen e sussurrou:

— Se não conseguir que Killick mantenha as garrafas longe do senhor Aubrey, teremos que deixar os cavalheiros sozinhos no início da refeição.

## CAPÍTULO 5

---

Jack Aubrey nunca gostou do costume que muitos homens da Armada tinham de subir a bordo sem avisar para pegar os tripulantes desprevenidos; contudo, desta vez não teve opção, já que nem sua falua nem seu timoneiro estavam no porto. Mas se alegrou de fazê-lo, pois quando se afastou dali junto com Stephen em um esquife viu que a *Surprise* era um modelo de laboriosidade. Ainda penduravam dos costados alguns andaimes e os últimos traços de tinta azul haviam desaparecido sob uma capa de tinta branca ainda fresca. O senhor Bulkeley e seus ajudantes caminhavam pela exércia como enormes arranhas repondo os olhais e assegurando com tiras de pele vermelha as vinhateiras maiores, que adquiriam um bonito aspecto. Ainda que o velame não estivesse desdobrado exatamente como desejava (pois a proa estava um pouco mais afundada), era evidente que já tinha dentro a maior parte dos barris de água. A água de Shelmerston era a melhor que havia ao sul do Tâmis para ser levada em uma viagem para o estrangeiro, mas não era fácil pegá-la; por isso, em sua ausência os tripulantes da *Surprise* deviam de ter feito muitas viagens nos botes.

Enquanto contemplava a fragata escutava pela metade ao barqueiro, cujo filho (como muitos outros habitantes da pequena cidade) estava desejoso de navegar com o capitão Aubrey. O garoto era um bom navegante e fizera três viagens para Cantão e uma para Botany Bay, e desde o início fora qualificado como marinheiro de primeira. Tocava muito bem o violino, sempre estava sóbrio e só brigava quando estava no convés de um barco inimigo. Pertencia à Igreja anglicana e (com ênfase) sempre obedecia as ordens.

— Estou seguro de que é um jovem bom — disse Jack —, mas já temos todos os marinheiros que necessitamos, sabe? Contudo, é possível que sujam vagas quando o resto do butim chegar e o repartamos, pois me parece que alguns querem pôr um negócio ou comprar uma taberna.

— E aqueles tipos desajeitados que o senhor rechaçou, sua senhoria?

— Bom homem, outros os substituíram essa mesma tarde. Diga ao seu filho que venha me ver ou ao capitão Pullings quando tudo haja terminado, aproximadamente dentro de duas semanas, e lhe daremos uma espiada. Como se chama?

— Abel Hayes, senhor, com sua permissão — respondeu —. Abel, não Set — acrescentou o barqueiro lançando-lhe um olhar significativo, mas Jack não compreendeu a que se referia.

— Dê uma volta ao redor da fragata antes de abordar-se com ela.

O esquife passou em frente da popa da fragata a um cabo de distância e depois pela frente do imaculado costado de estibordo, onde se via claramente o nome Set pintado na coxia sobre a faixa branca, justo entre as negras portalós dos canhões doze e catorze. Jack não fez nenhum comentário, mas seu rosto rosado, que durante a viagem ao porto havia adquirido uma expressão quase tão alegre como a que habitualmente tinha, ficou cinza e tenso e uma expressão de irritação substituiu a alegre mais uma vez.

— Para o pescante central de bombordo! — ordenou depois de uma pausa.

Ao chegar lá subiu rapidamente pelo costado e foi até o castelo de popa, um de tantos castelos de popas onde fazia menos de trezentos anos haviam colocado um crucifixo. Então fez a saldação obrigatória aos oficiais e lhe responderam Davidge, West e Martin, que se haviam apresentado ali no sábado para evitar ter que viajar no domingo, algo que não molestava a Jack nem a Stephen. Os três estavam muito melhor vestidos que no momento em que se alistaram na fragata e, evidentemente, eram mais ricos; contudo, tinham uma expressão angustiada e preocupada.

— Boa tarde, cavalheiros — Jack os cumprimentou—. Vou descer, senhor Davidge, e gostaria de escutar seu relatório dentro de cinco minutos.

Na cabine o esperavam várias mensagens e cartas. Na maioria destas havia petições de admissão na fragata, mas algumas continham felicitações e bons augúrios de antigos companheiros de tripulação, alguns dos quais se encontravam em um lugar tão distante como o hospital de Greenwich. Quando ainda estava lendo uma delas, Davidge entrou e disse:

— Senhor, lamento sinceramente ter que lhe informar de um motim a bordo.

— Um motim? Pelo aspecto da fragata deduzo que não foi geral. Quem participou dele?

Percebera que não ouvira risos nem conversações alegres e vira muitos homens com expressão triste e preocupada, ainda que não ressentida. Tanto quando menino como adulto presenciara vários motins e sabia que se haviam produzido muitos mais (eram muito freqüentes na Armada) além dos grandes distúrbios de Spithead e Nore, mas nunca ouvira que se produzisse um a bordo de um barco próspero e ativo e cujos tripulantes podiam desfrutar de um comprido período de licença e de todos os prazeres que o dinheiro podia comprar.

— Slade, os irmãos Brampton, Mould, Hinckley, Auden e Vaggers, senhor.

— Oh, meu Deus!

Esses marinheiros estavam entre os melhores de Shelmerston. Dois deles eram timoneiros, um era ajudante do condestável e os outros eram marinheiros de primeira. Eram homens tranquilos e confiáveis, e excelentes navegantes.

— Sente-se, senhor Davidge, e resuma o ocorrido — acrescentou.

Mas a mente de Davidge funcionava de uma maneira que lhe impedia fazer um resumo completo, em ordem cronológica e coerente. Era um oficial competente, que não vacilava em dar ordens com rapidez para agir em uma situação perigosa provocada por uma tempestade ou pela proximidade de uma costa a sotavento,

mas divagava tanto ao fazer uma narração que Jack não estava seguro de ter se informado de tudo quando terminou de forma brusca as numerosas repetições e parêntese. O que entendeu foi que no domingo pela manhã os sete homens, que eram seguidores de Set ("Que significa "seguidores de Set", senhor Davidge?", perguntou, e ele respondeu: "Acho que são tipos extravagantes parecidos aos metodistas, senhor, mas não indaguei muito sobre isso".), haviam ido todos ao local onde se reuniam em seu povoado de origem, o antigo Shelmerston, que ficava situado no interior da região. Depois comeram na costa e regressaram para a fragata, onde alguns, ou todos, subiram no andaime que ainda pendurava do costado de estibordo e pintaram a ofensiva palavra.

Davidge não a viu imediatamente, pois estava na câmara dos oficiais onde se celebrava um banquete em honra da senhora Martin, porque era a primeira vez que visitava a fragata; contudo, a viu claramente a uma grande distância quando regressou para a *Surprise* depois de acompanhar os Martin para a costa, já que a fragata havia virado ao mudar a maré, e ordenou apagá-la de imediato. Aparentemente, ninguém sabia quem a havia pintado. Ademais, ninguém queria apagá-la nem tapá-la com tinta porque todos deram inumeráveis desculpas, entre outras que as broxas já estavam limpas, que tinham posta sua melhor roupa, a roupa do domingo, e que iam nesse momento à proa porque tinham o estômago revirado de tanto comer caranguejos. Finalmente, Auden admitiu que havia pintado o nome mas se negou a apagá-lo alegando que sua consciência não lhe permitia, e os outros seis homens o apoiaram. Não estava bêbado nem usou um tom violento nem blasfemou, mas tanto ele como os outros asseguraram que se um marinheiro tentasse apagar o nome, o primeiro movimento que fizesse seria o último. Davidge e West não contaram com o apoio do contramestre nem do condestável nem do carpinteiro, e muito menos com o dos marinheiros, que ainda que não quisessem ter uma atitude rebelde diziam que não fariam nada que trouxesse má sorte para a fragata. Davidge não deu ordens terminantes para não complicar a situação nem pôs grilhões aos sete homens porque não havia infantas da marinha a bordo. Ademais, a fragata não estava

navegando nem se regiam pelo Código Naval, e nem ele nem West estavam seguros do que deviam fazer. Contudo, substituiu os homens em suas tarefas até que o capitão chegasse e lhes proibiu de subir ao convés. Disse que talvez devesse tê-los mandado para terra imediatamente, que se se equivocara pedia desculpas por isso e que apelava pela benevolência do capitão Aubrey.

— Consultou ao senhor Martin? — inquiriu Jack.

— Não, senhor, porque regressou apenas alguns minutos antes do senhor.

— Compreendo. Acredito que atuou bastante bem nesta difícil situação. Por favor, pergunte aos doutores se têm um momento para falar comigo.

Durante o curto período que os esperou passaram por sua mente várias possibilidades, mas os argumentos contra e a favor de cada uma estavam quase em equilíbrio quando a porta da cabine se abriu.

— Senhor Martin — disse —, provavelmente já se informou do atual problema. Por favor, diga-me tudo o que sabe dos seguidores de Set. Não ouvi falar deles.

— Bem, senhor, provêm dos gnósticos valentinianos, mas a vinculação é tão remota e confusa que seria inútil tratar de achá-la. Na atualidade estão agrupados em pequenas comunidades que, conforme acredito, são independentes; quer dizer, não estão governadas por nenhum organismo, ainda que é difícil sabê-lo com certeza, porque foram perseguidos como hereges durante tanto tempo que são muito reservados e com relação a muitas coisas ainda se comportam como membros de uma sociedade secreta. Acreditam que Caín e Abel nasceram por desígnio dos anjos e que Set, que, como o senhor recordará, nasceu depois do assassinato de Abel, foi criado pelo próprio Todo-poderoso e não só é antepassado de Abraão e de todos os homens vivos, senão a viva imagem de nosso Senhor. Veneram a Set e acreditam que cuida muito de seus seguidores; contudo, têm uma má opinião dos anjos porque pensam que eles... como lhe diria?, que eles, por causa de suas impurezas, provocaram o dilúvio em tempos de Noé. Acreditam que isso poderia

ter acabado com seus descendentes, mas que alguns se salvaram na arca e que são eles, não Set, os antepassados dos maus.

— É estranho que nunca tenha ouvido falar deles. Se fazem ao mar com freqüência?

— Acho que não. A maioria dos poucos que encontrei e dos poucos de que ouvi falar vivem em pequenos grupos isolados em lugares remotos, no interior da região ocidental do país. Às vezes gravam o nome de Set em suas casas e estão divididos em duas escolas diferentes rivais entre si: a velha escola, que escreve o s ao revés, e a nova, que a escreve como nós. Além disso e de sua resistência a pagar o dízimo, têm fama de ser sóbrios, honestos e confiáveis, ao contrário dos quacres. Também diferem destes por não terem aversão à guerra.

— Mas são cristãos, não é?

— Quanto a isso — respondeu Martin olhando para Stephen —, devo dizer que alguns gnósticos assombrariam a São Pedro.

— Os valentinianos tiveram a bondade de dizer que os cristãos poderiam se salvar — interveio Stephen —, assim que deveríamos devolver-lhes o amável gesto.

— De toda forma — continuou Martin —, esta gente largou há muito tempo o gnosticismo de Valentín, e quase o esqueceu. Seus livros sagrados são os nossos e acho que podemos considerá-los cristãos, ainda que estejam em desacordo com alguns pontos da doutrina.

— Alegra-me sabê-lo. Agradeço por suas explicações, senhor. Maturin, tem algum comentário a fazer?

— Não. Não posso ensinar nada sobre teologia a Martin, que conhece tão bem à Divindade.

— Então irei dar um passeio pelo convés e depois falarei com os seguidores de Set.

Deu o passeio desfrutando da agradável tarde e quando regressou para a cabine, mesmo que ainda não decidira como ia enfocar o problema, mandou chamar os amotinados. Nas relações públicas não era um Maquiavel, assim que com total sinceridade lhes disse:

— Eu lhes asseguro que temos um grave problema. Que demônios... quer dizer, o que lhes induziu a pintar o nome Set no costado da fragata?

Os sete homens permaneceram ali, de costas para a fragata, formando uma perfeita linha reta sobre a lona de quadros brancos e negros que cobria o piso. A luz que entrava pela ampla janela de popa lhes batia em cheio, e Jack, de costas para ela, podia vê-los muito bem. Tinham o semblante grave e estavam nervosos e um pouco assustados por encontrar-se ali, mas não pareciam chateados nem muito menos ressentidos.

— Vamos, Slade — disse Jack —, o senhor que é o mais velho, conte-me como tiveram essa idéia.

Slade olhou alternativamente para os companheiros que tinha a direita e a esquerda e todos consentiram com a cabeça. Então, com o forte sotaque da região ocidental, respondeu:

— Bem, senhor, nós pertencemos ao grupo de seguidores de Set.

— Sim. O senhor Martin acaba de me falar deles e diz que constituem um respeitável grupo cristão.

— Sim, senhor. No domingo comparecemos ao local onde celebramos nossas reuniões no velho Shelmerston...

— Justo depois de passar na ferraria — interveio o mais tonto dos irmãos Brampton.

— ... e lá nos recordaram que Set — continuou e, quando disse seu nome, ele e todos os outros moveram o polegar da mão direita para cima e para um lado — fora muito generoso conosco em nossa última viagem.

— Sim — assentiram seus companheiros.

— E quando estávamos comendo no William pensamos que se desde tempos imemoriais nossa gente há gravado seu nome em suas casas como prova de agradecimento pelos dons recebidos, nós devíamos gravá-lo na fragata quando regressássemos.

— Compreendo. Mas quando lhes ordenaram que o apagassem, os senhores não o fizeram.

— Não, senhor. Para nós o nome é sagrado e não se deve apagar nunca. Nenhum de nós levantará a mão para fazê-lo.

— Sim — afirmaram seus companheiros.

— Compreendo seu ponto de vista — disse Jack —. Porém, digam-me, o que beberam durante a refeição?

— Não estávamos bêbados, senhor — replicou tranqüilamente Slade.

— Isso me hão dito; contudo, os senhores não comeram sem beber nada e é lógico que com ouro no bolso não bebessem água nem soro de leite. O que beberam?

A resposta, que deram com uma precisão religiosa, foi que todos haviam tomado pouco mais de um quarto de galão de cerveja ou de sidra exceto Slade e Auden, que haviam compartilhado uma garrafa de vinho.

— Isso é beber moderadamente, sem dúvida — disse Jack —, mas é assombroso como um par de taças de vinho podem afetar a capacidade de julgar de um homem sem que ele se dê conta. Se os senhores não tivessem tomado álcool, teriam pensado que a *Surprise* é um barco de guerra privado e que é necessário que passe despercebida e engane ao inimigo. Mas não é possível que passe despercebida nem que engane ao inimigo se tem esse nome claramente pintado na coxia. Além disso, todos os cristãos sabem que devem tratar aos outros como gostariam de ser tratados. Os senhores têm mais de uma centena de companheiros de tripulação: acham adequado privá-los da oportunidade de conseguir um butim por seu costume peculiar? Isso não seria justo. O nome tem que ser tirado. Não, não — acrescentou ao ver que os homens punham um gesto austero e baixavam os olhos —, não quero dizer que há que tocá-lo nem apagá-lo nem tapá-lo com pintura. O cobriremos com um pedaço de excelente lona, como a que pusemos quando nos dirigíamos a São Miguel, e talvez voltemos a pintá-la se fizer mau tempo, mas o nome ainda estará lá.

Viu que a maioria dos marinheiros fizeram um gesto afirmativo e depois, quando Slade olhou a direita e esquerda, assentiram com a cabeça.

— Bem, senhor — interveio de novo Slade —, como vai ser assim, estamos satisfeitos. E lhe agradecemos muito que nos tenha escutado, senhor.

— Lamentaria ter que despedir a bons marinheiros — disse Jack —. Mas ainda resta uma coisa para fazer. Os senhores replicaram ao senhor Davidge e resmungaram, assim que devem se desculpar.

Hesitaram alguns momentos e se olharam uns para os outros inquisitivamente. Mas Auden disse:

— A verdade é que ele é um cavalheiro muito fino, senhor, e nós somos uns toscos e não sabemos o que dizer.

— Todos devem se apresentar diante dele e tirar os chapéus, que é o correto — respondeu Jack —. Um dos senhores deve dizer: “Nós lhe pedimos perdão, senhor, por replicar-lhe e por resmungar”.

— É estranho que Killick não esteja aqui e que não chegue até amanhã — disse Jack para Stephen quando lhe servia um grande pedaço de bolo de bezerra e presunto que Sophie lhes entregara para a janta —, mas precisamente esta tarde não me houvesse gostado tê-lo aqui nem por cem libras. Ele gosta de ficar escutando, sabe?, e ainda que falei sinceramente aos seguidores de Set, não poderia ter-lhes dado uma lição de moral se ele estivesse escutando.

— Quando chegarão os homens de Ashgrove? — inquiriu Stephen.

— Em torno das quatro da tarde, se tudo sair bem e o coche não virar. Mais ou menos na mesma hora que Pullings.

— Essa é uma má notícia. Esqueci de pôr uma camisa limpa e de trocar esta na semana passada, e os oficiais, que agora estão cheios de orgulho e têm alguns guinéus, vão nos convidar para almoçar amanhã para que conheças à senhora Martin. Sinto um grande respeito por ela e não queria parecer um tipo saído de um presídio.

Observou os punhos da camisa, que estavam um pouco sujos antes de fazer aquela longa viagem durante a noite no imundo coche e agora eram a vergonha da fragata.

— Que tipo mais raro você é, Stephen! — exclamou Jack —. Depois de tantos anos no mar ainda não sabe nada da vida a bordo de um barco. Dê a camisa a qualquer um dos antigos tripulantes da *Surprise* que você curou de sífilis ou de gripe, a qualquer um deles,

a Warren, a Hurst, a Farrell ou a qualquer outro, e verá como a lavarão com a água doce do barril de onde todos bebem, secarão na cozinha e amanhã pela manhã lhe darão ela limpa. Entretanto pode usar uma camisa de dormir. Tenho vontade de conhecer esta senhora, sobretudo porque é raro que elogie uma mulher. Como ela é?

— Não se gaba de ser bela nem culta nem de ter disposição para a arte ou o trato social. Às vezes usa óculos e não é alta nem magra. Mas tem um caráter tão doce e tão bom humor que resulta uma agradável companhia.

— Lembro que me disse que cuidou de Martin devotamente quando lhe abriu a barriga. Alegro-me de conhecê-la na hora do almoço porque várias horas depois seria muito tarde, e não queria que pensasse que não lhe dou atenção. Quando Pullings, Bonden, Killick e os outros chegarem zarparemos, ainda que seja possível que antes carreguemos as poucas provisões que faltam e escolha a um cozinheiro. Entraremos no Canal durante a próxima mudança da maré ou na seguinte.

— Você me surpreende, meu amigo. Estou realmente assombrado. A *Diane* não zarpará até o dia treze e hoje é quatro, e em um período mais curto que esse poderíamos ir até Saint Martin, isto é, até o lugar do oceano onde pensa interceptá-la.

Jack desenvolveu outra garrafa de vinho e depois de alguns momentos explicou:

— Pela noite, enquanto vínhamos, fiquei pensando nesse assunto, e desde então segui pensando nele e recordei o que você me disse sobre seu capitão e sua tripulação escolhida. Acredito que é melhor ir ao seu encontro do que esperar que chegue em frente ao cabo, expostos aos temporais, aos fortes ventos e arriscando-nos a perder a posição vantajosa. Ademais, é muito provável que uma corveta ou um bergantim a acompanhem até a saída do Canal. A artilharia francesa é muito boa e, ainda que os antigos tripulantes da *Surprise* poderiam lutar contra ela, com o atual complemento da tripulação não poderíamos disparar ao mesmo tempo com as baterias dos dois costados com a rapidez necessária.

— Então, por que não contrata mais homens, pelo amor de Deus? Por acaso não há marinheiros que nos perseguem pelas ruas rogando-nos que os admitamos?

— Stephen, creia-me que isso não serviria de nada. Não se pode converter um homem em um artilheiro em uma semana nem em muitas. Por outro lado, não podemos sair pela rua e chamar aos infantes da marinha com um apito. Poderá dizer que são simples soldados, e é verdade, mas são homens fortes, adestrados e disciplinados, e os trinta e tantos que costumavam nos acompanhar nas batalhas proporcionavam uma valiosa ajuda. Basta se recordar como disparavam as armas leves.

Stephen pensou perguntar a Jack por que o complemento da tripulação da *Surprise* não era similar ao de antes e por que não incluía homens comparáveis aos infantes da marinha, fosse qual fosse o nome que lhes desse ao subir a bordo, mas a resposta era óbvia, pois tanto nisto como em muitas outras coisas Jack tentava poupar.

— Meu Deus! — exclamou Jack —. Eu lhe disse que havia falado com sinceridade aos seguidores de Set e lhes disse exatamente o que pensava, mas meu afã de não perder sete marinheiros de primeira fez com que atuasse com menos dureza do que se todo o complemento da tripulação estivesse respaldado pelo Código Naval. Porém, por outro lado, devo dizer que adotar uma postura muito dura em um caso como este incomoda mais, muito mais à tripulação do que os oficiais déspotas, os açoites excessivos ou a suspensão da licença para descer a terra.

— Estou seguro de que fez o adequado — disse Stephen —. Os homens estão dispostos a ir à fogueira por nomes menos respeitáveis do que Set. Então pensa zarpar imediatamente.

— Sim, porque me parece que o melhor é sacar ou tratar de sacar essa fragata do porto durante a noite. Apesar de que um patrulhe uma zona durante um longo tempo e muito perto da costa para encontrar com um barco, é possível que no final não o encontre, o que é imprescindível se se quer entrar em batalha com ele.

— Não posso negá-lo, meu amigo.

— Pretendo recolher âncoras amanhã no máximo, sabe? Então direi aos tripulantes o que vamos fazer e desenharei uma grande carta marinha para mostrar-lhes qual é a posição, a forma de Saint Martin e a profundidade das águas que a rodeiam. Marcarei nela onde estará situada a *Diane* e onde nós estaremos. Depois iremos até Polcombe ou outra dessas enseadas solitárias, dependendo do tempo, e atracaremos a fragata. Então praticaremos como tirá-la dali usando os botes noite depois de noite, até que todos os homens saibam exatamente onde devem se colocar e o que devem fazer.

— Aplaudo seu plano — disse Stephen —. E seria estupendo que durante esse tempo a fragata não estabelecesse comunicação com a costa, pois os planos deste tipo são facilmente descobertos, sobretudo em um litoral onde há muitos barcos fazendo contrabando. Além disso, sugiro que contrate a alguns desses tipos forçados e desalmados para esta operação, se o consideras oportuno.

— Estou de acordo no que diz sobre a comunicação, e eu também havia pensado nisso; contudo, com respeito a esses rufiões, acho que não são necessários porque William e seus companheiros nos proporcionarão todos os voluntários que caibam em suas lanchas e esses homens estão acostumados a observar a disciplina naval. O que temo é que... — Jack se interrompeu e tossiu — que haja muitos homens, e também que falem ou façam ruído.

Como havia dito antes nesse dia, mesmo um pouco de vinho era capaz de afetar a capacidade de julgamento de um homem. Esteve a ponto de dizer que lhe horrorizava que Babbington, por ser diligente e para demonstrar sua amizade (ainda que neste caso demonstrar sua amizade era terrivelmente prejudicial) se unisse à expedição, porque, então, todos acreditariam que a *Diane* fora tirada do porto pelo capitão Babbington, que governava a corveta *Tartarus*, da Armada Real, com ajuda dos botes dos barcos de guerra que tinha sob seu comando e de um barco corsário. Tampouco podia recusar a oferta que temia, pois a captura da *Diane* converteria a William Babbington, agora um simples capitão de corveta, em um capitão de navio, o que era um passo fundamental para chegar a ser um almirante e ter um alto comando. Jack esteve a ponto de dizer

isto a Stephen, mas não teria servido de nada fazê-lo. Se William chegasse a compreendê-lo, tinha que compreendê-lo por si mesmo. Jack não duvidava do afeto e da lealdade de William, que haviam sido demonstrados tantas vezes, mas pensava que seu bom coração não era acompanhado de uma inteligência brilhante, uma inteligência que lhe permitisse dar um valor relativo à probabilidade de uma ascensão e à remota possibilidade da reabilitação. Mas Babbington era muito bem relacionado e contava com o apoio de muitos parlamentares, pelo que estava certo de que conseguiria uma ascensão logo, e Jack, em troca, talvez não voltasse a ter uma oportunidade como essa em toda sua vida. Jack dirigiu o olhar para o outro lado da mesa e o fixou em Stephen, que disse:

— Fazer práticas pela noite é uma excelente idéia.

— Espero que sejam úteis. Pelo menos é melhor que perseguir um touro em uma louçaria sem um plano. Lutar com o *Spartan* era diferente, porque nesse caso só tínhamos que derrotar ao inimigo; enquanto que neste temos que derrotá-lo e, além do mais, sacar seu barco do porto sob o fogo das baterias e dos barcos de guerra que haja ali. Se não se faz muito bem é melhor não fazê-lo. Diga-me, Stephen, acredita que Babbington tem uma inteligência aguda?

Stephen esteve a ponto de rir e em tom alegre respondeu:

— Aprecio a William Babbington, mas acho que ninguém mais que a senhora Wray se atreveria a dizer que tem uma inteligência, uma mente ou um entendimento agudo. Não há dúvida de que é sagaz nas duras ações de guerra e quando se enfrenta com os perigos do oceano; contudo, não tem reflexos para perceber com rapidez os assuntos mais complexos. Está perfeitamente capacitado para as práticas noturnas que se propõe fazer, que requerem ir de um ponto estabelecido a outro entre a umidade e a escuridão com um claro propósito. E como lhe disse, acho uma estupenda idéia fazê-las.

Todos os marinheiros compartilhavam a opinião do doutor Maturin e todos, enquanto a fragata avançava para Polcombe com poucas velas desdobradas, observaram com grande atenção a grande carta marítima que Jack desenhara com giz entre o pau de mezena e o coroamento. Alguns haviam estado em Saint Martin durante a paz e

corroboraram que, em geral, o porto, o estaleiro e os canais navegáveis não haviam mudado. Assim como seus companheiros, estavam de acordo com Jack em que a parte mais difícil da entrada era onde se encontrava o quebra-mar, um quebra-mar situado no lado sul do porto, junto ao escarpado onde ficava o farol, e que protegia o lugar das ondas do oeste e por cuja rampa patrulhavam vários sentinelas. Os botes tinham que passar forçosamente muito perto dele, porém, por sorte, na tripulação da *Surprise* havia dois homens de Jérsei, Duchamp e Chevènement, e Jack sugeriu que dissessem rápido algo breve como “marinheiros e provisões para a *Diane*” em caso de que lhes pedissem que se identificassem.

Quando chegaram a Polcombe o vento amainou e tiveram que rebocar a fragata pelas águas pouco profundas. A levaram até um lugar tão recôndito que provavelmente também teriam que sacá-la a reboque, pois ali não chegava nem uma pitada de vento que pudesse inchar suas velas, porque o alto escarpado o impedia de entrar. Ademais, durante a maré-cheia as ondas chocavam com força contra o arrecife de Old Scratch, uma ilhota rochosa que protegia a entrada da enseada (que podia ser considerada uma pequena baía) das fortes ondas do sul e do sudoeste. Ali, observados por um milhar de curiosas ovelhas da borda superior do escarpado, que estava coberto de capim curto e espesso, e por um assombrado pastor, os marinheiros a atracaram com cabos às amarras da âncora e começaram a pôr bóias para delimitar um espaço como o porto de Saint Martin, de acordo com as distâncias e os ângulos que o tenente Aubrey medira com tanta exatidão anos atrás. Também colocaram marcas que representavam a ponta do cabo onde ficava o farol e o quebra-mar com sua pronunciada rampa. Quando terminaram a tarde já estava muito avançada, mas todos estavam tão animados que rodearam com suas lanchas a de Jack e, deixando-se levar por seu bom humor e alentados porque os rodeava a escuridão e estavam longe da fragata, tomaram a liberdade de pedir permissão a Jack para remar até um ponto de alto mar que distasse dessa costa tanto como o lugar em que se situaria a fragata do cabo e depois “fazer uma tentativa”.

— Muito bem — disse Jack —, mas temos que fazer a operação completa. Formaremos uma linha colocando a proa de um bote atrás da popa do outro. Todos devem remar devagar e com suavidade para não molhar a pólvora das armas de seus companheiros. Não podem falar nem sequer emitir um maldito burburinho, porque não estamos em Bartholomew Fair. O primeiro homem que fale terá que voltar para sua casa a nado.

Os botes avançaram para o alto mar até que Jack achou que haviam chegado no lugar indicado para atracar a *Surprise* diante do cabo Bowhead. Ali repetiu três vezes sem a menor variação onde cada bote devia se colocar para que seus tripulantes abordassem a fragata e o que cada grupo devia fazer. Depois repetiu com maior ênfase o pedido de silêncio. As estrelas já assomavam no claro céu, e guiando-se por Vega, Arturo e a bússola, conduziu a fileira de botes até a baliza que indicava o cabo, depois até a do quebra-mar, onde descreveram uma pronunciada curva e Duchamp gritou: “Novos marinheiros para a *Diane*”, e depois até o desprevenido barco. Os marinheiros remaram suavemente milha depois de milha enquanto a maré subia e por fim Jack murmurou: “Cortem e afastem-nos”. Os botes, já soltos do cabo que os mantinha unidos, aproximaram-se rapidamente dos pontos de ataque: a roda de proa, os pescantes de proa, centrais e de popa e a escada de popa. Então os tripulantes invadiram a fragata simultaneamente fazendo um ruído ensurdecedor. Alguns dos gavieiros mais jovens e ágeis subiram rapidamente pela exércia e soltaram as maiores e as gáveas; Padeen e um negro tão forte como ele correram para as amarras da âncora e subiram nelas simulando que tinham um machado nas mãos; dois timoneiros pegaram o leme; e Jack Aubrey desceu correndo para a cabine, ainda que isto não só o fez para dar os passos necessários para apresar o capitão e os civis e apoderar-se de seus documentos, como também para saber a hora. — Acredito que demoramos uma hora e quarenta e três minutos — anunciou —, mas não estou seguro de quando começamos. Da próxima vez eu levarei uma lanterna com portinhola. Surpreenderam-se com a gritaria?

— Muito — respondeu Stephen.

— Foi realmente uma surpresa — disse Martin.

— Assustaram-se?

— Talvez nos houvesse assustado mais se tivessem rido menos.

O tempestuoso riso de Plaice podia ser reconhecido a grande distância.

— Não seria mais desconcertante um ataque silencioso? — perguntou Martin —. Não acham que a violência sem nada que a inicie ou a anuncie é contrária ao contrato social, conforme o qual deve precedê-la pelo menos um desafio? Mas o ataque, tal como se fez, aterrorizou ao seu novo cozinheiro, senhor. Estávamos falando com ele para que preparasse *pilaff* para a janta quando começou o vozerio e então gritou algo, provavelmente em armênio, saiu correndo da cabine e se agachou mais do que o humanamente possível em um canto.

— *Pilaff*. Que boa idéia! Agrada-me comer um bom *pilaff*. Espero que possamos desfrutar de sua companhia, senhor Martin.

Os dias seguintes foram muito alegres. As tarefas de rotina se reduziram ao mínimo, e os marinheiros, além de atacar a fragata duas vezes por noite, se esforçavam para adquirir destreza no manejo dos sabres, machados de abordagem e pistolas. O restante do tempo, como os dias eram ensolarados, passavam deitados no castelo ou nos corrimãos com uma despreocupação que raras vezes se via em um barco de guerra, tanto público como privado. Os observadores que se haviam unido ao rebanho de ovelhas no alto do escarpado se assombraram com isso, e para as aldeias próximas correu o rumor de que um barco pirata estava atracado na enseada Polcombe e que seus homens iam destruir os campos e levar as donzelas de Berbería. Ao ouvir isso, as jovens que habitavam várias milhas ao redor correram para a borda do precipício com a intenção de ver seus raptos e, se fosse possível, implorar piedade. Além disso, o capitão de um cúter que perseguia contrabandistas se aproximou dali suspeitando que levavam artigos sem declarar e teve que suportar a humilhação de que o ajudassem a desenganchar o cúter da ponta do arrecife situado em frente ao Old Scratch com duas amarras presas ao cabrestante da *Surprise*.

Jack estava muito ativo, o que muito lhe convinha. Durante os ataques noturnos costumava acompanhar a fileira de botes no esquife de Stephen e observava atentamente como remavam os homens de cada um e media com exatidão, até o último segundo, o tempo de cada uma das fases da operação. Depois do primeiro ataque, que levaram a cabo principalmente para entreter-se, organizou uma espécie de resistência. Só consentia aos defensores usarem como armas os esfregões, mas o atraso que causavam lhe permitia fazer um cálculo mais exato da duração provável. Como era justo, fazia que se revezassem os dois grupos de guarda e misturava seus componentes, de modo que cada homem em uma noite era atacante e na seguinte um defensor. Todos os marinheiros gastavam grande quantidade de energia, e seu capitão, como devia ser, gastava ainda mais. Nadava muito bem, e durante sua carreira na Armada raras vezes realizara uma missão em que não salvasse algum marinheiro ou algum infante da marinha de morrer afogado. Pelo menos meia dúzia dos antigos tripulantes da *Surprise* que estavam a bordo estariam mortos se não fosse por ele. Mas durante estas manobras Jack superou a si mesmo, pois quando ele e seus companheiros repeliam aos homens que abordavam a fragata os empurravam para trás, para o mar, e só em uma noite tirou cinco da água. Os pegava sem esforço, só estirando seu braço de orangotago dos pescantes ou da borda de um bote e levantando-os pelo pulso.

A intensa atividade física fez muito bem ao seu corpo (seu robusto corpo necessitava de mais exercício do que a vida rotineira de um barco lhe oferecia a oportunidade de fazer), mas ainda mais ao seu coração ferido e à sua mente, já que não lhe deixava tempo para a triste retrospectiva nem para as fantasias relacionadas com um hipotético êxito que amiúde pugnavam por encontrar uma forma de expressão.

Essa combinação lhe devolveu o apetite que tinha antes do processo, e teria sido uma pena que não fosse assim, porque Killick comprou para seu capitão uma quantidade de provisões de acordo com sua recém adquirida fortuna e o cozinheiro do capitão, Adi, merecia ter estado no navio insígnia de Lúculo. Adi era um homenzinho gorducho, de cabelo grisalho, doce, tímido e propenso a

chorar. Era inútil como combatente, já que não havia modo de induzi-lo a que atacasse ou defendesse a fragata, mas conhecia todos os tipos de cozinha naval de Constantinopla a Gibraltar. Fazia bastante bem o pudim de sebo e ainda que seus *maids of honor* recordassem mais a baía de Rosia que Richmond Hill, eram muito bons.

Na opinião de Maturin, esses dias também foram felizes. Não podia fazer nada com respeito à seus planos futuros, como não tinha mais relação com Londres do que quando estava no Pacífico, e ainda que não parasse de pensar em Diana (levava seu talismã no bolso de seus calções) agora se dedicava a tomar tanto sol como seu pequeno corpo pudesse absorver. Esteve privado dele durante o longo inverno inglês e nesses brilhantes dias detestava até o último momento que passava entre as cobertas ou na sombra.

Ele e Martin, que não formavam parte das brigadas que abordavam ou defendiam a fragata, teriam morrido de chateação se não estivessem perto do Old Scratch, um lugar capaz de deleitar a qualquer naturalista ou amante do sol. Tempos atrás haviam chegado ali ovelhas e coelhos, e as ovelhas haviam desaparecido há muito tempo, mas os coelhos ainda estavam lá. Justamente nos terrenos cobertos de capim habitados por eles, na parte sul, era onde Stephen tomava sol quando ele e Martin não estavam deleitando-se com muitas outras coisas, como, por exemplo os charcos que a maré formava, as focas que viviam em cavernas na costa norte, plantas raras como a bisnaga, as fárdelas que aninhavam em tocas de coelhos e os petréis, cujos amigáveis berros chegavam dos buracos com odor de almíscar.

Em uma dessas tardes perfeitas, quando as grandes ondas do sudoeste golpeavam suave e ritmicamente a parte de Old Scratch mais próxima do mar aberto, sentaram-se na grama para observar as séries de pequenas ondas que se originavam depois de cada impacto e chegavam à enseada em forma de sucessivos semicírculos que iam diminuindo regularmente até que chegavam a acariciar a fragata. Formavam um desenho de rara beleza.

— Na fragata há um surpreendente número de crenças — observou Martin —. Não duvido que em outros barcos de seu

tamanho haja muitas, mas provavelmente em nenhum serão tão variadas. Confesso que estava preparado para encontrar ali a judeus e muçulmanos, e também a gnósticos, anabatistas e seguidores de Set, Muggleton e mesmo de Joana Southcott, mas me surpreendeu encontrar a um devoto de Satanás.

— Um autêntico devoto de Satanás?

— Sim. Só menciona o nome do demônio sussurrando e com a boca rodeada pela mão arqueada, e se refere a ele como *o pavão real*. Seus devotos têm um pavão real desenhado nos templos.

— Seria uma indiscrição perguntar qual de nossos companheiros de tripulação tem uma crença tão excêntrica?

— Não, em absoluto. Ele não me disse que era um segredo. É Adi, o cozinheiro do capitão.

— Achava que por ser armênio era um cristão gregoriano.

— Eu também. A verdade é que ele é um dasni, quer dizer, do território que se encontra entre Armênia e o Curdistão.

— Porém, acredita em Deus, essa criatura?

— Oh, sim! O e seu povo acredita que Deus fez o mundo e que Nosso Senhor é de natureza divina e, além do mais, reconhecem a Maomé como profeta e a Abraão e aos outros patriarcas; contudo, acreditam que Deus perdoou Satanás e voltou a pô-lo em seu lugar. Conforme eles, é Satanás que controla os assuntos mundanos e seria uma perda de tempo render culto a outro ser.

— Contudo, parece um homem afável e aprazível. E, sem dúvida, é um grande cozinheiro.

— Muito amavelmente estava me ensinando a fazer os autênticos caramelos turcos, pelos quais Deborah sente fraqueza, quando me falou. Também me falou das montanhas peladas de Dasni, onde se encontram as casas meio subterrâneas onde vivem seus habitantes, que vivem perseguidos por armênios e curdos. Parece que as famílias se querem muito e são muito unidas e conservam inclusive os laços de afeto que as unem aos parentes mais distantes, mas é evidente que os dasnis não praticam o que pregam.

— E quem o faz? Se Adi conhecesse a fundo o credo que dizemos professar e o comparasse com nosso modo de vida nos

olharia com tanto assombro como nós a ele.

Stephen pensou perguntar a Martin se não notara certa analogia entre a opinião que os dasnis e os seguidores de Set tinham dos anjos, mas a sensação de bem-estar e o calor do sol haviam embotado sua mente e se limitou a dizer:

— Vejo uma fárdela voando com três peixes no bico, e me pergunto como pôde pegar o segundo e o terceiro.

Martin tampouco tinha uma explicação, e os dois permaneceram sentados em silêncio observando o sol até que se ocultou detrás do distante cabo. Então os dois ao mesmo tempo que dirigiram o olhar para a fragata, onde os marinheiros faziam uma das manobras mais estranhas que se realizavam nos barcos: descer os botes pelo costado. Primeiro se afastavam dos calços subindo-os, depois passavam por cima da borda e depois desciam com moitões fixos aos penóis da verga maior e da verga traquete. Era um processo laborioso que desde tempo imemorial ia acompanhado de gritos, sons retumbantes e chapas e, nesta ocasião, além disso, dos gritos que os marinheiros de Shelmerston emitiam cada vez que pegavam uma corda. Nas noites tranqüilas, quando soprava o terral, era possível que se ouvisse em terra aquele ruído ainda que se produzisse em alto mar, e que fracassasse a operação tão bem planejada e silenciosa exceto nessa fase. Jack Aubrey tratou de que os marinheiros realizassem a manobra sem fazer ruído; contudo, isso supunha ir contra a corrente, contra os velhos costumes, e os marinheiros se puseram nervosos e seus movimentos se tornaram lentos e desajeitados, tão desajeitados que a popa de um bote chocou-se com estrondo contra a superfície da água quando a proa ainda se encontrava a uma braça de distância dela. Então o espantoso grito do capitão "Atenção os de proa! Soltem essa maldita corda!" encheu a enseada até que foi afogado pelo ruído ainda mais forte que produziram os risos, no início reprimidos e depois incontrolados, que entorpeceram de novo a todos os marinheiros.

Esses raios de sol foram quase os últimos que Stephen viu na enseada Polcombe e esses risos quase os últimos que ouviu. O mau tempo chegou do sudoeste e trouxe consigo chuvas que às vezes eram fortes e outras exageradamente fortes, quase cegantes, e

também grandes ondas que chegavam a ser gigantescas na maré-cheia e se transformavam em horríveis ondas pequenas e cruzadas na baixa-mar. Durante esse tempo os marinheiros e oficiais da *Surprise* continuaram atacando e defendendo a fragata duas vezes a cada noite, mas não era uma tarefa fácil fazer a abordagem vestidos com trajes ou capas de lona alcatroada e quase sem luz depois de afastar-se da fragata e aproximar-se de novo dela remando entre as agitadas águas. Depois de vários acidentes e de um homem estar a ponto de se afogar, Jack teve que suspender a viagem ao alto mar e a defesa.

Contudo, as baixas aumentaram. Muitos marinheiros sofreram deslocamentos, esfolaram as canelas ou romperam as costelas ao cair dos escorregadios costados dos botes, e alguns inclusive quebraram ossos, como Thomas Edwards, que sofreu uma fratura complicada de fêmur que causou grande preocupação a Stephen e a Martin. Thomas era um dos gavieiros encarregados de subir imediatamente depois da abordagem até as vergas das gáveas para soltá-las, mas ignorava que os defensores haviam amarrado linhas de vida e caiu de costas. Ia caindo com a cabeça para baixo, mas mudou de posição quando bateu no estai do pau mezena, justo acima do castelo de popa, e conseguiu salvar a vida, mas quebrou a perna.

Stephen e Martin se revezavam na enfermaria, e noite depois de noite chegavam os acidentados para aquele lugar úmido e cheio de ar fétido (pois as escotilhas ficavam fechadas a maior parte do tempo), e, ainda que não houve nenhum caso tão grave como o de Edwards, cuja perna teria que ser cortada ao menor sinal de gangrena, nenhum foi trivial.

Chegou um momento em que Maturin se encheu das práticas e pensou que, ainda que arriscasse tanto, talvez Jack não deveria deixar que continuassem entre a umidade, o frio, os perigos e as terríveis incomodidades, já que todos os marinheiros já haviam repetido várias vezes todas as fases em todas suas variantes. Também pensou que os marinheiros, que já não mostravam alegria, mas ainda conservavam suas forças, e como só iam ganhar dinheiro e provavelmente não muito (muito menos que o que haviam

ganhado com a gloriosa captura recente), talvez não deviam pôr tanto zelo no que faziam.

Comentou isso a Martin quando estavam sentados um de cada lado de Tom Edwards e enquanto apalpava sua ferida com sua mão esquerda para ver se notava o frio que indicava a gangrena e lhe tomava o pulso, que, por sorte, era rápido e regular. O fez em latim, e Martin, na mesma língua, isto é, em uma cômica variante dessa língua com influência inglesa, respondeu:

— Talvez o senhor esteja tão familiarizado com seu amigo que não se dá conta que os marinheiros o consideram um grande homem. Se ele pode se mover com rapidez debaixo da chuva torrencial, desafiando os elementos, e eles não puderem fazer o mesmo, sentir-se-iam envergonhados. Ainda que tenha visto a alguns quase chorando no segundo ataque ou quando lhes ordenaram que voltassem a praticar o uso dos sabres. Duvido que fizessem igual por nenhuma outra pessoa. Essa qualidade só alguns homens possuem.

— Acho que tem razão — disse Stephen —, mas se ele me pedisse que subisse a um bote em uma noite como esta, ainda que usasse roupa a prova de umidade e uma casaca de cortiça, eu me negaria.

— Eu nunca teria a coragem de fazê-lo. Que acha desta perna?

— Tenho muitas esperanças — respondeu Stephen, inclinándose sobre ela e cheirando-a —. Muitas esperanças.

Então, em inglês, disse a Edwards:

— Está melhorando, meu amigo. Até agora estou muito satisfeito. Senhor Martin, vou à minha cabine. Se houver mais acidentados no segundo ataque, não hesite em me chamar. Não vou dormir.

O doutor Maturin estava satisfeito do estado da fratura complicada e de muito poucas coisas mais. O mau tempo, que agora era quase tão mau como o que fazia no cabo Horn mas não oferecia a possibilidade de ver um albatroz, havia lhe impedido de ir ao Old Scratch justo quando um pássaro ostreiro fêmea ia pôr ovos; o láudano lhe fazia cada vez menos efeito e, como estava decidido a não aumentar sua dose habitual, passava grande parte da noite

pensando, e raras vezes em coisas alegres; e além disso estava incomodado com Padeen. Via pouco ao seu servente, que dedicava muito tempo a ensaiar seu papel de homem que passa para abordagem com um machado, mas lhe desgostava do via. Não fazia muito havia se encontrado com Padeen, que regressava da bodega onde guardava seu baú levando uma garrafa de conhaque sob a casaca. Apesar da tartamudez de Padeen, entendeu ele dizer que era uma garrafa vazia, mas pelo rubor que cobriu seu rosto, soube que era culpado e que estava cheia.

Nos barcos do rei não era permitido tomar bebidas alcoólicas a excessão do grogue, que estava autorizado oficialmente, e Stephen não sabia qual era a norma em um barco corsário com respeito a isso nem lhe importava. O que sabia era como o álcool podia afetar a seus conterrâneos e desde então tratava de encontrar a maneira de afastar Padeen dele, que até esse momento era abstêmio. O comportamento do jovem havia mudado, e ainda que sua conduta ainda fosse correta, tinha tendência a tomar demasiada confiança (um comportamento não muito bem visto pelos irlandeses) e às vezes fazia surpreendentes manifestações de alegria.

A verdade era que Padeen se convertera em um bebedor de ópio e tomava sessenta gotas diárias. Quando estava em terra tentou comprá-lo várias vezes, mas não teve êxito, pois só recordava ter ouvido a palavra "tintura" e não sabia ler nem escrever. Os farmaceuticos lhe disseram: "Há centenas de tinturas, marinheiro. Qual quer?", mas ele não tinha nenhuma resposta. O álcool foi mais fácil de conseguir. Desde que começou a tomar a tintura ouvira o doutor Maturin dizer que era composta de bom conhaque, e diluía regularmente a que Stephen tomava com o melhor conhaque produzido nas destilarias. Regularmente a diluía, porém, como o fazia de forma gradual, Stephen nem suspeitava. Tampouco suspeitava que abria seu estojo de remédios e, contudo, com sua extraordinária força, nada podia ser mais fácil. A *Surprise* havia começado sua vida sendo a fragata francesa *Unité*, e seu estojo de remédios ficava embutido e tinha uma porta de madeira maciça segura por gonzos de estilo francês, e um homem forte podia sacá-la deles movendo-a para cima em linha reta.

Mas na manhã seguinte já não estava insatisfeito. Levantou-se muito cedo e com a cabeça limpa, algo raro nele, ainda que cada vez menos porque o efeito da dose que tomava pelas noites havia diminuído muito. Fez uma rápida ronda pela enfermaria e comprovou que, quase com toda segurança, Edward poderia conservar a perna e que nenhum dos outros casos necessitava de nada urgente. Subiu para o convés e notou que o ar era cálido. No céu limpo observou os restos da noite acima da ilha e viu que a parte oriental da abóbada celeste tinha um delicado colorido violeta com diversos matizes, que eram cada vez mais pálidos até chegar ao azul claro no horizonte. Os marinheiros encarregados da limpeza estavam muito ocupados e avançavam para ele. Já haviam chegado à grade do castelo de popa e Tom Pullings, o oficial de guarda, estava sentado sobre o cabrestante com as calças arregaçadas para protegê-las da iminente inundação.

— Bom dia, doutor — ele o cumprimentou —. Venha sentar-se comigo em terreno neutro.

— Bom dia, estimado capitão Pullings — respondeu Stephen —. Vejo que meu pequeno esquife está atracado a essas gruas da popa e já faz tempo penso...

Por sua forma, a *Surprise* não podia levar gavietes como os que geralmente eram usados nessa época e que todas as embarcações modernas de seu tamanho empregavam; contudo, levava outros dois na popa e eram esses os que sustentavam o esquife do doutor.

— deixem a limpeza e desçam o esquife do doutor! — ordenou Pullings —. Doutor, suba nele para o centro, sente-se e fique quieto. Devagar, devagar!

Os marinheiros o desceram lentamente até as tranqüilas águas e ele começou a remar em direção ao Old Scratch. Remava ao seu estranho estilo, de frente para o lugar aonde queria ir e empurrando os remos, e justificava seu estilo dizendo que era muito melhor olhar constantemente para o futuro que ver sempre o passado, mas a verdade era que esse era o único modo de evitar dar voltas.

A ilha não havia sido prejudicada pelo mau tempo, pelo o contrário. Ainda que nunca se poderia dizer que fosse empoeirada nem que necessitasse de uma limpeza, agora estava especialmente

limpa e brilhante. A grama havia adquirido um colorido verde muito mais intenso, e agora que o sol estava bastante alto para que seus raios passassem por cima do escarpado da parte mais próxima ao mar aberto, milhares de margaridas descobriam seus inocentes rostos buscando sua primeira aventura, e eram um deleite para os sentidos. Stephen subiu pela ladeira rochosa até a borda do escarpado, e diante dele, estendendo-se por ambos os lados, contemplou o imenso mar em calmaria. Não se achava muito acima de seu nível, mas estava sentado com os pés pendurando no vazio, a uma altura da qual lhe pareciam muito pequenas as fârdelas que estavam abaixo dele e que voavam com rapidez para o mar ou regressavam com suas presas.

Durante algum tempo contemplou as aves: as fârdelas, alguns pássaros bobos e mergulhões, muito poucas gaivotas, ainda que de vários tipos, algumas rolas, uma revoada de gralhas e os pais dos ostreiros, que, a julgar pelas boas condições em que se encontravam as cascas dos ovos das quais haviam saído, encontravam-se bem. Depois observou o mar, onde pôde distinguir as diversos veredas que cruzavam sua enorme superfície e que não pareciam seguir nenhum modelo nem levar a nenhuma parte, e voltou a sentir a alegria que experimentava tão amiúde quando era menino e que agora sentia de vez emquando, e só ao amanhecer. Não era causada pelo azul nacarado do mar (ainda que sentisse prazer em vê-lo) nem um milhar de circunstâncias mais que podia mencionar, mas algo inexplicável. Uma parte de sua mente o instou a averiguar a origem desse sentimento, mas ele não queria fazê-lo, em parte por medo da blasfêmia, já que a frase “estado de graça” lhe parecia grotesca se aplicada a um homem de sua condição, e sobretudo porque não desejava fazer nada que pudesse alterar esse estado.

Aquela inoportuna idéia desapareceu tão de repente como surgiu. Uma rola que voava devagar pela sua frente mudou de orientação de repente e começou a voar mais rápido e em direção norte; um falcão peregrino desceu do alto com estrondo, arrancou um monte de penas da rola e a levou até o escarpado da ilha grande, além de onde se encontrava a *Surprise*. Quando Stephen observava o falcão, que ainda voava com rapidez apesar da carga,

ouviu tocar as oito badaladas na fragata. Foram seguidas pelos apitos com que chamavam os marinheiros para desjejuar, quase não perceptíveis, e os gritos dos famintos marinheiros, muito mais fortes. Um momento depois Stephen viu a Jack Aubrey jogar-se ao mar do coroamento como sua mãe o trouxe ao mundo e começar a nadar em direção ao Old Scratch, com seu cabelo loiro flutuando a suas costas. Quando Jack estava na metade de caminho, uniram-se a ele duas focas, dois desses animais exageradamente curiosos, e às vezes mergulhavam e saíam para a superfície diante dele, quase ao alcance da mão, para olhá-lo na cara.

— Eu lhe felicito por ter vindo com as focas, meu amigo — disse Stephen quando Jack caminhava pela dourada areia da pequena praia onde se encontrava o esquife, agora seco e imóvel —. Os bons e os sábios opinam que nada traz melhor sorte que a companhia das focas.

— Sempre me agradaram — disse Jack sentando-se na borda jorrando —. Se pudessem falar, estou seguro de que diriam algo agradável. Porém, Stephen, esqueceu o café da manhã?

— Não. Já faz algum tempo acaricio a idéia de tomar café, muito café, e de comer papa de aveia, pudim, bacon e torradas com geléia.

— Contudo, não poderia ter tido nada disso até muito depois da hora de almoçar, sabia?, porque seu esquife está enalhado.

— O mar recuou! — exclamou Stephen —. Estou surpreso!

— Dizem que nesta zona faz isso duas vezes por dia — contou Jack —. E isso é conhecido com o nome de maré.

— Vá ao diabo, Jack Aubrey! — exclamou Stephen, que se havia criado nas praias do Mediterrâneo, um mar onde a maré não baixava, e depois, golpeando-se a frente com a mão, acrescentou — : Algo deve me de falhar aqui, mas algum dia me acostumarei a pensar na maré. Diga-me, Jack, notou que o esquife estava, por assim dizer, enalhado, e por isso se jogou na água?

— Acho que quase todos a bordo notaram. Vamos, agarre-o pela borda e juntos o desceremos. Quase posso cheirar o café daqui.

Quando estavam terminando a segunda cafeteira, Stephen ouviu o estridente som de um violino em um lugar da proa pouco

distante, e depois das primeiras notas ouviu as graves vozes dos marinheiros de Shelmerston cantando: “Dá-lhe a volta e dá-lhe a volta assim. Dá-lhe a volta. Dá-lhe a volta e dá-lhe a volta assim. E ele a volta dá”.

Provavelmente ao fio da memória restaram o grito “Todos a desamarrar a fragata!” e os familiares apitos que ouvira, pois nesse momento disse:

— Acho que essas criaturas estão recolhendo a âncora.

— Oh, Stephen, peço que me perdoe! — exclamou Jack —. Queria lhe falar disto quando subíssemos a bordo, mas a gula me transtornou. O que vamos fazer agora é recolher a âncora, sacar a reboque a fragata ao final da baixa-mar e avançar para o leste com o pouco vento que sopra. Que lhe parece?

— Minha opinião sobre esse assunto vale tanto quanto a sua sobre a amputação da perna do jovem Edwards, que, a propósito, provavelmente a conservará, se Deus quiser; contudo, sei que me fala assim só porque quer ser amável comigo. O único comentário que tenho a fazer é que esperava e temia que, como a *Diane* zarpará no dia treze, ainda tivéssemos que passar pelo menos outras duas noites infernais.

— Sim, vai zarpar no dia treze — confirmou Jack — ; mas já sabe que deste lado do Canal muitas vezes nos detivemos porque o vento soprava em uma direção inadequada ou muito forte, sobretudo em Plymouth, e me partiria o coração chegar tarde demais. Ademais, ocorreu-me na guarda de meia que se os oficiais e os guardas-marinhas de mais antiguidade da *Diane* são como os nossos, passarão a noite do dia doze em terra com seus amigos, pelo que será um pouco menos difícil sacá-la do porto. E se derramará menos sangue, muito menos sangue.

— Tanto melhor. Já pensou como vai levar a cabo o ataque?

— Não fiz outra coisa desde que saímos de Shelmerston. Como provavelmente saberá, a esquadra se aproxima da ilha pela manhã e se afasta dela pela noite, e espero reunir-me com ela em alto mar no dia onze pela noite para falar com Babbington. Se chegamos a um acordo, a esquadra se aproximará ao amanhecer, como sempre,

e nós ficaremos longe e passaremos o dia trocando os canhões por caronadas. No dia doze pela noite eles se retirarão com todos os faróis acesos e nós nos reuniremos outra vez com eles, e quando os voluntários estejam a bordo nos aproximaremos da ilha com todas as lanternas apagadas e ancoraremos em águas de vinte braças de profundidade em um lado do farol, muito perto da costa mas fora do alcance dos canhões da fortaleza. A fileira de botes já terá avançado na escuridão, e quando tenhamos notícias deles começaremos a disparar contra o extremo oriental da cidade como se quiséssemos desembarcar no istmo, tal como fizemos em outra ocasião, e queimaremos o estaleiro. Os homens dos botes farão seu trabalho enquanto nós disparamos tão rápido como possamos carregar as armas, ainda que não em um alvo, porque assim evitaremos derrubar as casas das pessoas, que sempre achei um ato mesquinho. Este é o plano geral, mas não me ocuparei dos detalhes até conhecer a opinião de Babbington. Inclusive é possível que não esteja de acordo com o plano geral.

— Nunca duvidará da boa vontade de Babbington, não é?

— Não — respondeu Jack, e depois de uma pausa acrescentou — : Não, mas a situação não é a mesma de quando ele era meu subordinado.

Em meio do silêncio Stephen ouviu um gritou na proa:

— Acima e abaixo, senhor.

Depois ouviu outro homem responder desde o cabrestante muito mais alto:

— Prontos para recolher a âncora.

Pouco depois apareceu Tom Pullings sorrindo e informou de que a fragata estava desamarrada, que o bote e os dois cúteres estavam na frente puxando o cabo para rebocar e que, aparentemente, em alto mar soprava o vento do oeste.

— Muito bem — disse Jack —. Continue com seu trabalho, senhor Pullings, por favor. — Então, com um tímido sorriso e em tom vacilante, acrescentou — : O vento é favorável para ir à França.

## CAPÍTULO 6

---

Durante a brumosa noite da quinta-feira, um serviola da *Surprise* permanecia no alto da exércia e de repente, da verga velacho, gritou:

— Convés! Acho que já os vejo!

— Onde estão? — perguntou Jack.

— A dez graus pela amura de bombordo e a não mais de dois ou três milhas.

A fragata navegava com todas as velas desdobradas, com um vento fraco e instável, cuja direção, a maior parte do tempo, formava um ângulo de vinte e cinco graus com a alheta; portanto, dos cestos das gáveas grande parte do que tinha adiante ficava oculto. Devido a isso, Jack subiu com seu telescópio de noite pelos amantilhos tensos e úmidos pelo orvalho até a cruzeta do mastro maior. Ficou olhando para frente um tempo, mas não pôde ver nada até que de repente se fez um claro na névoa, e lá, muito mais perto do que esperava, viu quatro barcos alinhados, eqüidistantes uns dos outros e com as velas amuradas para bombordo que, indubtavelmente, formavam a esquadra de Saint Martin. Como o mar estava em calmaria e a noite era cálida, a maioria das portalós estavam abertas e a luz saía por elas. Jack contou as portalós e teve tempo para perceber que a terceira embarcação era a corveta *Tartarus*, de dezoito canhões, antes que a névoa os envolvesse de novo e as convertesse em quatro borrões amarelos que pareciam cada vez menores e finalmente desapareceram. Quando reapareceram, todas as portalós da proa estavam escuras, já que acabavam de soar as oito badaladas, e na *Tartarus* só se via luz em alguns escotilhões, na portaló da cabine e no farol de popa. O velho

e machucado sino da *Surprise* deu oito badaladas e Jack ouviu os ajudantes do contramestre ordenar da escotilha que apagassem as luzes. Chegou ao convés quando mudavam a guarda.

— Alguém deve de ter dado a volta no relógio muito rápido na *Tartarus* — disse a Pullings depois de indicar-lhe o rumo —, pois nos adiantaram em dois ou três minutos.

Foi para a cabine e ao entrar exclamou:

— Oh, Stephen, que alívio! Os barcos da esquadra estão situados a noroeste e seus cascos já podem ser vistos, assim que poderemos falar com eles dentro de uma hora.

— Alegro-me muito — disse Stephen, levantando a vista da partitura que estava arrumando —. Agora acho que poderia sentar-se e comer a janta em paz, a menos que prefira convidar Babbington e a senhora Wray para jantar. Adi preparou uma magnífica *bouillabaisse* e há suficiente para quatro ou mesmo seis comensais.

— Não. A junta de guerra deve celebrar-se a bordo da *Tartarus*.

— É verdade. Além disso, comer algum alimento lhe ajudará a se tranquilizar. Estava muito nervoso, meu amigo, e poucas vezes lhe vira tão impaciente.

— Bem, acho que hoje teria sido um dia esgotador para qualquer capitão — disse, sorrindo e deixando-se cair em sua poltrona.

Pensou em tentar explicar para Stephen quais foram as dificuldades que a *Surprise* tivera que enfrentar: a falta de vento durante a maior parte do dia e as correntes contrárias. Como a primavera estava próxima, as correntes que se formaram naquelas águas eram contrárias ao seu movimento e, ainda que aparentemente a fragata avançara a uma velocidade razoável quando foi rebocada por todos os botes e os tripulantes remavam como heróis, só havia deslizado para frente com relação à superfície, e toda a massa de água que formava o mar, com a fragata e os botes nela, durante intermináveis horas realmente se movera para trás, para a terra que não era visível. Na mente de Jack, além desta preocupação, remoia como um torvelinho o medo de que o capitão da *Diane* tivesse se informado de que a esquadra era muito débil e

houvesse zarpado vários dias antes. Por outro lado, a névoa e a chuva impediram que se fizesse as medições do meio-dia, e como não se via o litoral não se pôde averiguar a posição exata da fragata, o que era necessário para chegar ao ponto de reunião essa noite. Só se pôde fazer uma estima, ainda que foi muito complicado devido às correntes e às freqüentes mudanças de rumo que ordenou para aproveitar os ventos fracos e variáveis. Além disso, Jack não sabia com certeza qual era o rumo que Babbington seguia essa noite, e se a *Surprise* não tivesse se encontrado com a esquadra, teria que procurá-la na manhã seguinte perto da costa de Saint Martin, observada por todos os franceses que tivessem um telescópio, tanto os marinheiros como os soldados como os civis, o que eliminaria um fator que lhe parecia decisivo, o fator surpresa. Mas Stephen não podia adentrar-se com ele nessas profundidades. Ninguém que não conhecesse a fundo a náutica poderia entender a frustração que ele tinha que superar; ninguém que não conhecesse bem o mar poderia saber quais eram as inumeráveis coisas que podiam sair mal em uma viagem tão simples como essa e a enorme importância que tinha lograr que saíssem bem (neste caso, ter conseguido que todas essas coisas saíssem bem e encontrar-se com a esquadra em alto mar não era um triunfo em si mesmo, mas uma condição necessária para o triunfo). Só um homem que arriscasse tanto como ele poderia entender por que sentia alívio ao ter cumprido pelo menos esse objetivo.

Lamentava ter se mostrado impaciente, e agora, enquanto pegava a garrafa de vinho de Madeira, disse:

— Stephen, proponho que comamos a *bouillabaisse* depois de um aperitivo. E depois poderemos tocar sua obra até que falemos com a *Tartarus*.

— Muito bem — murmurou Maturin, e em seu rosto, que geralmente tinha um gesto difícil de interpretar, apareceu uma expressão satisfeita —. Killick! Ei! Que comece o festim enquanto Adi frita os *croûtons*.

A obra era uma série de declinações que Stephen havia escrito sobre um tema de Haydn, e ainda que fosse harmoniosa e fluida não era particularmente interessante até a última página, em que a

criação de Stephen e a de Haydn se uniam para formar uma curiosa frase musical cujos dois suaves compassos eram muito comoventes. Primeiro tocou o violino, e enquanto o violoncelo lhe respondia ambos ouviram a pouca distância deles o grito:

— Ei, do barco! Que barco é?

imediatamente, justo acima deles, ouviram uma potente voz responder:

— *Surprise!*

O violoncelo fez uma pausa e depois terminou a frase. Então ambos combinaram seu trabalho para aproximar-se do final. A porta se abriu e apareceu Pullings, que ficou imóvel de pé. Jack assentiu com a cabeça e seguiu tocando com Stephen até chegar ao enormemente satisfatório final.

— A *Tartarus* se encontra a barlavento, senhor — informou Pullings quando eles baixaram os arcos.

— Alegro-me muito de ouvi-lo. Por favor, desça o esquife do doutor. Stephen, você me emprestará seu esquife, não é? E Bonden me levará até ela. Killick, traga minha melhor casaca azul.

pegou do escaninho a carta marítima que representava a zona onde ficava Saint Martin e em um aparte perguntou:

— Não acha que deveria vir também, Stephen?

— Não acho, pois não devo dar a conhecer a sutil relação que tenho com a espionagem — respondeu Stephen —. Com respeito aos detalhes do ataque que tenham a ver com ela, poderemos pôr-nos de acordo nós sozinhos. Mas desta vez eu gostaria de participar no ataque, se decidirem levá-lo a cabo.

— Bem-vindo a bordo outra vez, senhor! — exclamou Babbington —. seja duplamente bem-vindo, pois não esperava ver-lhe antes que mudasse a maré.

— Verdadeiramente, estive a ponto de não me ver — respondeu Jack Aubrey —. Buscar-te em uma noite brumosa como esta pode comparar-se a buscar uma agulha em um palheiro, mas um remendo a tempo poupa cento, como muito bem sabe, e zarpamos com bastante antecedência. Podemos descer?

Ao chegar à pequena cabine de Babbington procurou com a vista algum sinal da presença de Fanny Wray e o único que viu foi um pedaço de lona com a frase “Que o céu proteja a nossos marinheiros” bordada com ponto de cruz.

— Assim que estava me esperando — disse Jack.

— Sim, senhor. O capitão de um cúter me informou da parte do almirante que possivelmente, se o tempo e o vento o permitiam, o senhor viria no dia treze e que eu tinha que ajudá-lo em qualquer ataque que planejasse empreender contra a *Diane*, que atualmente está ancorada no porto de Saint Martin.

— Ainda segue ancorada lá, não é? Ainda não zarpou, não é verdade?

— Oh, não, senhor! Ainda está junto ao cais, atracada aos cabeços pela proa e a popa. Não vai zarpar até que haja lua nova, no dia treze.

— Está certo disso, William? Quero dizer, de que ainda está ancorada lá.

— Oh, sim, senhor! Quando nos aproximamos da costa pela manhã, subo com freqüência na exércia para observá-la. Já faz mais de uma semana tem as vergas colocadas. E quanto ao dia treze... Bem, nunca molestamos aos barcos pesqueiros e alguns nos trazem caranguejos, lagostas e excelentes linguados quando voltam para a costa ao entardecer, antes de afastar-nos para passar a noite em alto mar. Seus homens sabem muito bem o que vale a pobre *Dolphin* apesar de a terem calafetado, pintado e adornado com grinaldas recentemente, e também que armamento levam o transporte *Carriel* e o bergantim *Vulture*, e nos pediram que no dia treze fiquemos em alto mar o mais longe possível e não prestemos atenção à *Diane*. Dizem que é nova e rápida, que tem gabaritos como os de um navio de quarenta canhões e que leva peças de artilharia tão potentes que poderia afundar qualquer um de nossos barcos com uma só descarga. Contam que os tripulantes manejam com grande destreza os canhões e as armas leves e que os cestos das gáveas estão cheias de atiradores como os da *Redoutable*, que acabou com Nelson. Ademais, asseguram que uma potente corveta vai esperará-la frente ao cabo e a protegerá até que saia das águas pouco

profundas porque poderia encontrar-se com a *Euryalus*, que regressa de Gibraltar a meados do mês. É possível que exagerem um pouco a desgraça que pode nos ocorrer, mas acredito que o fazem com boa vontade. Simpatizam muito com Fanny, que é quem falou com eles em francês quase sempre, e, conforme dizem, seu sotaque é magnífico, muito parecido ao dos parisienses.

— Vou ter o prazer de vê-la esta noite?

— Oh, não, senhor! A mandei para casa no cúter. Não é correto que a leve comigo a uma batalha, não é, senhor? Lembro claramente, ainda que o ouvi há quase um século, que o doutor me disse que não havia nada pior para o corpo feminino que o fogo de artilharia. Lamento que ele não tenha vindo.

— Pensou que estaria fora de lugar em uma junta de guerra.

— Eu teria gostado de comunicar aos dois uma boa notícia que tenho, mas provavelmente o senhor terá a amabilidade de dá-la por mim.

— Eu o farei com muito gosto, se me disser qual é.

— Bem, senhor... Envergonha-me comunicá-la antes de falar-lhe de coisas muito mais importantes, mas a verdade é que vão me nomear capitão de navio. — Então riu alegremente e acrescentou — : E a antiguidade a contarão desde o dia primeiro deste mês.

Jack se pôs de pé de um salto (por passar toda a vida no mar, mesmo agora sua cabeça estava protegida contra os vaus), apertou a mão de Babbington e disse:

— Felicito-lhe de todo coração, William. Durante muitos dias não ouvi nada que me produzisse maior prazer. Não acha que deveríamos brindar por sua ascensão?

Enquanto bebiam, Babbington explicou:

— Sei muito bem que isto se deve principalmente às relações que tenho no Parlamento. O senhor ficou sabendo que meu tio Gardner foi nomeado par na semana passada? Meu Deus, o Governo deve necessitar de muito dinheiro! Apesar de tudo, alegro-me muito. E minha querida Fanny também se alegra.

— Estou seguro disso. Mas não siga atribuindo sua promoção às suas relações. É melhor do que pelo menos a metade dos que estão na lista como navegantes e como oficiais da marinha.

— O senhor é muito amável, senhor, muito amável. Mas não vou falar eternamente de meus próprios assuntos. Poderia dizer-me se pensa empreender um ataque contra a *Diane* e, se é assim, como posso lhe ajudar melhor?

— Sim, penso empreender um ataque e refleti sobre ele durante algum tempo. Eu lhe contarei grosseiramente meu plano, e posso lhe falar sem reservas porque lhe nomearão capitão de navio. Mas quero acrescentar isto, William: é o oficial de mais antiguidade na esquadra e se não gostar que seus barcos e seus homens façam algo que está em meu plano, diga-me abertamente. Podemos resolvê-lo antes da junta geral.

— Muito bem, senhor, mas me estranharia muito que não estivéssemos de acordo.

Jack o olhou com afeto. O que Babbington dizia era verdade, especialmente agora, porque sua ascensão era certa.

— Bem... — começou a dizer —. Minha idéia é sacá-la do porto, e agora está justificada por outra razão, já que me disse que uma corveta vai se reunir com ela em frente ao cabo. — desdobrou a carta marítima —. Se há um oficial de derrota inteligente na esquadra, William, peça-lhe que comprove as medidas da profundidade da água, pois são as únicas que poderiam ter mudado. A *Surprise* jogará âncora aqui — acrescentou, assinalando o lado sul do cabo Bowhead — e amarraremos um cabo da alheta para a amarra. Se logramos situá-la na posição adequada... Quando falarmos dos detalhes tem que me dizer exatamente que correntes haverá perto da costa no dia doze...

— Dia doze, senhor?

— Sim. Espero que na noite antes de zarpar a maioria dos oficiais esteja molhando a faringe em terra, e isso evitará que morram e que animem seus homens a adotar uma postura extrema.

— Brilhante — anotou Babbington, que sabia que nenhum homem, nem sequer no porto do margate, passava de outra maneira a noite antes de fazer-se ao mar.

— Como lhe dizia, se logramos situá-la na posição adequada, esta elevação do terreno a resguardará da fortaleza que protege o istmo. Jogaremos a âncora quando hajam transcorrido três quartos

do período da maré-cheia e então os botes dobrarão o cabo. É provável que tenham dificuldades no quebra-mar, mas confio em que o passem. Em caso de que não possam, nos avisarão com um tiro de mosquete, e ao ouvi-lo começaremos a disparar os canhões contra o istmo. Na realidade, será Tom Pullings que disparará, pois eu penso encabeçar o grupo que vai fazer a abordagem. Fará o mesmo se lançamos um foguete azul dos botes, já que isso quererá dizer que estamos a ponto de abordar. Disparará muito seguido, o que provavelmente distrairá o inimigo, pois, como recordará, foi pelo istmo por onde os invadimos uma vez, e dará tempo para que os botes tirem a *Diane* do porto esquivando as baterias do fundo da baía, quer seja navegando, se o vento for favorável, quer seja a reboque, se não for. Acho que, de toda forma, teremos que rebocá-la, porque este tipo de coisa têm que ser feita rápido. Nesse momento a maré estará baixando, e isso será uma grande ajuda. Queria que os barcos de sua esquadra estivessem perto da costa em caso de emergência e que me proporcionassem quatro botes para ajudar a rebocar a fragata.

— Não acha que também deveríamos abordá-la?

— Não, William. Pelo menos não no primeiro assalto. Nas últimas semanas os tripulantes da *Surprise* praticaram todos os passos da abordagem de uma fragata duas vezes a cada noite; sabem exatamente o que fazer e cada um tem uma tarefa designada, assim que a presença de outros homens só serviria para distraí-los. Porém, naturalmente, se os tripulantes da *Diane* forem muito rebeldes, pediremos ajuda.

Babbington ficou pensativo por um momento e de vez em quando olhava para seu antigo capitão.

— Bem, senhor — disse —, o plano me parece excelente e não tenho nenhuma sugestão que possa melhorá-lo. Quer que faça o sinal para que todos os capitães venham agora?

— Sim, William, por favor. Mas há um detalhe que quase havia me esquecido: amanhã, quando se aproximar da costa, eu ficarei em alto mar. Pela noite, quando regressar ao alto mar, deve se encarregar de que todos os barcos estejam muito bem iluminados, porque quando esteja ali passarei por seu lado sem acender

nenhuma luz e levarei a reboque seus botes. Resta dizer que se os tripulantes de algum barco pesqueiro se informarem de que a *Surprise* está aqui, é preferível que regressemos para casa em vez de avançar para a costa com as maiores desdobradas com a esperança de pegar os homens da *Diane* desprevenidos.

— Eu me ocuparei disso, senhor.

— Mas discretamente, William, discretamente. Não os trate mal nem lhes faça sinais para que se vão, porque suspeitariam que passa algo.

— Eu mesmo conversarei com eles e não permitirei que ninguém mais fale.

Subiu para o convés ordenar que fizessem o sinal e quando regressou, Jack lhe disse:

— Recordo quando o doutor falou das mulheres e o fogo de artilharia. Foi na última guerra, quando estávamos diante do cabo de Creus e apresamos uma corveta francesa com um carregamento de pólvora. O capitão havia levado sua esposa para navegar com ele e ela estava dando a luz. O doutor ajudou no parto da criança. Meu Deus, como eram felizes aqueles dias! O almirante nos encarregava uma missão atrás da outra.

— E nós capturávamos uma presa atrás da outra. Que maravilha! Capturamos o *Cacafuego*! Lembra que nós tiznamos a cara na cozinha e o abordamos gritando como loucos? Mowett escreveu um poema sobre isso.

Ainda estavam falando animadamente da última guerra quando o primeiro dos botes se abordou com a corveta, e os outros o seguiram quase imediatamente.

— Senhor — disse Babbington quando cessaram os ruídos da obrigada recepção, o guarda-marinha fez os pertinentes anúncios e a procissão pela escada terminou —, permita-me apresentar-lhe ao capitão Griffiths, da *Dolphin*, o senhor Leigh, capitão do *Carnet*, e o senhor Strype, capitão do *Vulture*.

— Boa noite, cavalheiros — Jack os cumprimentou, olhando-os atentamente.

Griffiths era um homem baixo, de cabeça redonda e olhos brilhantes. Era um capitão jovem e fazia pouco que haviam lhe dado

o comando daquela velha corveta que não deveria seguir navegando. Leigh era um homem alto e velho e tinha um único braço. Era tenente e não tinha esperanças de conseguir uma ascensão, mas se alegrava de estar ao comando de um transporte em vez de ter que viver em terra com uma família numerosa e com menos de cem libras de soldo por ano. Strype, o capitão do bergantim *Vulture*, estava tão pálido e silencioso que era quase inexistente e tinha um aspecto estranho com o uniforme da Armada Real.

— Bem, cavalheiros — disse Babbington, e Jack se assombrou ao notar que empregava com naturalidade um tom autoritário, pois sua conversa lhe recordara aquele garoto do camarote de guardas-marinhas da *Sophie* a quem ainda tinha que dizer que assoasse o nariz —, tenho ordem de cooperar com o senhor Aubrey, capitão da *Surprise*, em um ataque que se propõe empreender contra a *Diane*. Vou pedir que ele faça um esboço de seu plano para que os senhores estejam bem informados, mas antes devo dizer-lhes que ele e eu estamos totalmente de acordo com os aspectos gerais da estratégia. Tenham a amabilidade de escutá-lo sem fazer nenhum comentário até que ele lhes pergunte quais são suas observações, que só farão referência aos aspectos concretos sobre os quais tenham informação especial, tais como as correntes, a profundidade das águas ou a posição do inimigo.

Jack voltou a descrever seu plano, assinalando ao mesmo tempo os diversos pontos da carta marítima, e terminou dizendo:

— Se algum oficial tem alguma pergunta ou alguma observação a fazer, escutarei com muito gosto.

Houve um comprido silêncio, rompido apenas pelas ondas ao acariciar os costados da *Tartarus*, até que o grisalho tenente se levantou e, colocando seu gancho sobre o quebra-mar, explicou:

— A única observação que tenho que fazer é que quando a maré sobe ou desce se forma uma corrente em direção contrária à rampa. Muitas vezes vi pequenas embarcações tratando de esquivá-la ou roçando-a quando entravam no porto. Acho que deveria considerar isto, senhor, se quer que os botes passem despercebidos.

— Obrigado, senhor — disse Jack —. Esse é um detalhe muito importante. Capitão Griffiths, queria dizer algo?

— Só que, se o capitão Babbington me permitisse, dirigiria o grupo de botes, senhor.

Imediatamente Babbington interveio:

— O senhor Aubrey e eu combinamos que os capitães se ficarão em seus barcos. A esquadra se aproximará da costa quando a operação começar e é possível que tenhamos que tomar decisões importantes no caso de que... se não sair tudo bem.

Jack pensou: "Deus te abençoe, William. Não sabia que era tão astuto". E depois, em voz alta e em resposta à pergunta que flutuava no ar, disse:

— O capitão Pullings, que me acompanha como voluntário e é o oficial da Armada Real de mais antiguidade nestas águas, tomará o comando da *Surprise* em minha ausência. Quer fazer algum comentário, senhor Strype?

— Sim — respondeu, e pela primeira vez notou-se que estava bêbado, bêbado como um gambá de genebra —. Que parte nos corresponde do butim?

Disse isso com um olhar malicioso e os outros se ruborizaram de vergonha. Jack o olhou com indiferença e replicou:

— Isso é vender o urso... Isso é vender a pele do urso... — Vacilou um momento e depois continuou — : Bem, acho que é prematuro falar deste assunto e que pode trazer má sorte. Certamente, será repartido de acordo com o costume no mar. Os que ajudam obtêm o mesmo que os que capturam.

— É o justo — interveio Leigh —. Foi assim na última guerra e anteriormente, na guerra com os Estados Unidos.

— Agora, voltando ao tema dos botes — prosseguiu Jack —, quero determinar algo. O capitão Babbington e eu estamos de acordo de que os maiores de cada barco, e sobretudo as pinaças e os botes longos, serão os melhores. Têm que ter a tripulação completa e remadores suplentes porque há que percorrer um vão muito comprido remando, e todos os homens devem ir bem armados para abordar a fragata, ainda que espero não precisar que o façam. Também devem levar cabos com ganchos e todos os apetrechos

necessários, e é conveniente que um contramestre ou um ajudante do oficial de derrota de certa antiguidade esteja ao comando deles. E mais importante que tudo isto é que os homens compreendam que o silêncio é fundamental. Naturalmente, devem forrar os toletes, mas sobretudo não devem falar, não devem dizer nem uma palavra. Deterão os botes quando eu os solte e não se moverão nem falarão até que os chamem por seu nome, tanto para rebocar como para ajudar a vencer a resistência. Já que é possível que tenham que abordar a fragata, deveriam usar uma faixa branca para colocá-la no braço no último momento, assim como os tripulantes da *Surprise*. A contra-senha é "Feliz Natal" e a resposta "Próspero Ano Novo". Acredito que isso é tudo, cavalheiros.

Jack se levantou. Vira demasiadas reuniões desse tipo em que o resultado havia ficado escurecido por intermináveis discussões sobre detalhes sem relação com o assunto principal e achava melhor deixar o esboço de seu plano na forma mais simples possível. Mas quando os capitães se foram, sentou-se com Babbington e o oficial de derrota da *Tartarus* para comprovar as medidas da profundidade das águas e a posição dos lugares, e para saber em que ordem estavam atracados no porto os barcos franceses: um imprestável bergantim, duas canhoneiras com canhões de trinta e duas libras, a *Diane* e dois mercantes de considerável tamanho que há pouco haviam abandonado o fundo da baía, provavelmente com a intenção de escapular atrás da fragata. Fizeram três cópias de um desenho dos barcos e dos bancos de areia que deviam evitar na saída do porto e, além disso, da explicação das sucessivas fases da operação na linguagem mais concreta e simples que puderam encontrar. Quando terminaram as cópias, Jack Aubrey disse:

— Bem, acho que fizemos tudo o que podíamos. William, me farás um grande favor se as entregar aos capitães e lhes ordenar que as examinem amanhã durante todo o dia para que as memorizem e ensinem bem aos tripulantes. Agora irei afastar ainda mais a fragata da costa. Recolherei os botes amanhã quando me aproxime dela. Espero lhe ver amanhã à meia-noite ou pouco depois se tudo sair bem. Mas se não nos vermos, William, se algo sair mal, não deve, repito, não deve me seguir nem deixar que nenhum de

seus barcos o faça. Se a operação tardar tanto que os franceses percebam que não estamos invadindo a ilha pelo istmo, dispararão tanto na estreita passagem que nenhum barco poderia sair incólume. Eu disse o mesmo para Tom Pullings e ele está de acordo.

— Bem, senhor, farei o que o senhor diga — respondeu Babbington de má vontade —. Mas desejaria ir com o senhor.

Durante o curto trajeto que percorreu para regressar à fragata, Jack escrutinou o céu. A névoa, como um véu, ainda o cobria, mas se dissipava com rapidez e na parte mais alta se viam alguns cirros que vinham do oeste-sudeste passando devagar entre as estrelas.

— Queria que não fizesse mau tempo antes do amanhecer — disse a Bonden com o propósito de afastar a má sorte.

— Não fará, senhor — Bonden o tranqüilizou—. Nunca vi uma noite tão bonita.

Depois de dar as ordens necessárias para que a *Surprise* avançasse um pouco para o noroeste e permanecesse ali duas horas, navegando de um lado para o outro, Jack desceu. A cabine estava iluminada mas vazia. Stephen já havia ido para a cama e havia largado ali algumas notas sobre questões médicas, três livros com uma página marcada, uma partitura inacabada, uma lupa e perto dela três bolachas de Nápoles que os ratos já haviam atacado. Jack jogou as bolachas pelo escotilhão, observou o barômetro pingente e notou que havia subido um décimo de polegada e que a borda da coluna de mercúrio tinha uma profunda convexidade, o que confirmava seus prognósticos. Abriu a tampa de sua escrivaninha, onde se encontrava ainda aberta a carta que escrevia para Sophie. Sentou-se e escreveu:

Minha querida:

Acabo de chegar da *Tartarus*. William foi nomeado capitão de navio e está tão contente como eu. Esta noite é uma das mais belas que já vi. O vento sopra do OSO ou um pouco mais para S e o barômetro subiu um pouco. Deus lhe abençoe, minha querida. Estou a ponto de me deitar. Estive muito ocupado hoje e espero ficar ainda mais amanhã.

Depois acendeu sua lanterna de mão e foi para a cama. Pendurou a lanterna em uma fenda que tinha ao alcance da mão. Feixou a portinhola quase completamente e só saía dele um débil raio de luz que iluminava dois pés do teto. Observou tranqüilamente o raio de luz durante uns dois minutos. Pensou que havia cumprido com seu dever, que se o tempo fosse bom no dia seguinte teria muitas possibilidades de triunfar, que a operação era justificada mesmo que dependesse dela algo muito menos importante e que a realizaria em quaisquer circunstâncias. Sabia que seus companheiros não eram infalíveis, que podiam interpretar mal ou desobedecer a ordem mais simples e que a má sorte sempre podia intervir, mas agora a sorte estava lançada e tinha que esperar o resultado.

Ao mesmo tempo que olhava o raio de luz percebia os distantes sons da fragata enquanto navegava para o nordeste com o vento em popa, o burburinho da exércia (tensa, mas não demais) e os ocasionais rangidos do leme, e também a mistura do odor da madeira esfregada, a brisa marítima, a água da sentina, os cabos alcatroados e a lona úmida das velas.

A última parte da manhã do dia doze, um dia cinzento e aprazível em que o vento soprava frouxo do oeste-sudeste, o único lugar cômodo da *Surprise* era o cesto da gávea do mastro mezena. O convés estava cheio de grupos de marinheiros que desciam os canhões para a bodega, subiam as últimas caronadas e as prendiam para que estivessem preparadas para disparar pela noite. As caronadas podiam disparar mais rápido que os canhões e, por isso, faziam mais ruído no ataque, e, por outro lado, para manejá-las bastavam dois homens, enquanto que para manejar os canhões era necessário um grupo de seis ou oito. Na cabine estavam o capitão, os oficiais e os timoneiros dos botes ultimando os detalhes. Por tudo isso, os doutores decidiram subir pela exércia muito cedo com livros, telescópios e fichas de xadrez. Sobre um tabuleiro traçado no piso do cesto da gávea jogaram uma partida não muito agressiva que terminou em empate e agora estavam recostados nas alas dobradas.

Em uma revoada de gaivotas que voavam devagar contra o vento e com as asas inclinadas, Stephen distinguiu a *Larus canus*,

abundantes no oeste da Irlanda, onde havia passado parte de sua juventude. Lá aninhava um grande número delas no arrecife e nas praias solitárias, mas era estranho encontrá-las nestas águas, e quando estava a ponto de dizer: “Eu vi uma gaivota comum”, Martin lhe perguntou:

— Como traduziria *peripeteia*?

— Como “revés”. Mas provavelmente se refere ao seu significado na dramática. Não acha que pude usar a palavra *peripety*? Os franceses têm a palavra *péripétie*, ainda que não a usam com propriedade, mas com o significado de “vicissitude ordinária”.

— Acho que vi a palavra *peripety*, mas quase não se usa na linguagem comum, e não acredito que esclareça nada a Mowett.

Entregou a Stephen um livro fino, a *Poética* de Aristóteles, dizendo:

— Prometi traduzi-lo.

— O senhor é muito generoso.

— Seria realmente generoso se tivesse percebido que era difícil fazê-lo. Eu o lera na universidade com meu tutor, que Deus o tenha. Era um homem excelente, um intelectual com uma grande capacidade para fazer aos menos agudos entender tudo, e inclusive amar um texto. Com sua ajuda compreendi o essencial do livro e o recorde, mas me parece que fazer uma tradução fiel e em um tipo de linguagem bastante comum, que qualquer cristão compreenda, é uma tarefa que está acima de minhas possibilidades.

— Pelo que me lembro da estranha natureza do livro e seus numerosos tecnicismos, também estaria acima das minhas.

— O orgulho e a precipitação me põe a perder. Quando Mowett me disse que queria escrever uma ambiciosa obra intitulada *A tragédia do oficial da marinha* baseada na vida do capitão Aubrey, suas vitórias e suas desgraças, eu lhe disse que confiava em que lhe pusesse um final feliz. Então me replicou: “Isso não é possível, porque se é uma tragédia tem que terminar com uma desgraça”. Eu lhe disse que lamentava discordar dele e que me respaldava a máxima autoridade na matéria no mundo civilizado, o próprio Aristóteles, que dizia que apesar da tragédia dever ter

necessariamente um assunto sério e relacionado com as ações de homens e mulheres de idéias elevadas, não devia ter forçosamente um final triste. Depois citei um fragmento que me atrevi a traduzir: "A natureza da trama da tragédia requer que o âmbito em que se desenrola alcance a maior amplitude possível sem escurecê-la, e a provável ou necessária sucessão de acontecimentos que mudam o estado de uma pessoa de triste para alegre ou de alegre para triste deve ser formada pelo menor número possível deles" e depois lhe disse que se fixasse em que não só é possível a mudança do mau como do bem nas tragédias, senão que Aristóteles o mencionava em primeiro lugar.

Duas badaladas. Na *Surprise* se havia relaxado consideravelmente a disciplina naval. Os oficiais e os contramestres já não golpeavam os marinheiros com varas ou cabos com nós para que se movessem rápido; a colocação das macas na antepara a cada manhã já não era uma desenfreada carreira; nenhum marinheiro era castigado com açoites por descer por último de uma verga e todos caminhavam pela fragata tranqüilamente, falando ou mastigando tabaco. Mas ainda perdurava o obsessivo afã pela limpeza e se respeitavam as guardas e as horas de troca como se fossem sagradas, assim como o ritual das refeições. Durante a última parte da partida de xadrez haviam perdido a concentração ao ouvir abaixo deles um alvoroço quando os marinheiros foram chamados para almoçar, um alvoroço em que o estrondo das bandejas e das vasilhas que iam da cozinha para a popa com a carne de vaca salgada se somou ao ruído surdo das jarras de couro quando chegou a cerveja do tonel que estava junto à escotilha (a *Surprise* ainda não havia chegado nas águas onde era permitido servir grogue e os marinheiros tinham que se contentar com um galão de cerveja por dia repartido em duas rações, e, respeitando as tradições, a serviam em jarras de couro). Agora o homem que tocava o tambor (que não era um infante da marinha, mas um marinheiro com bastante talento que trabalhava no mastro traquete) deu um forte golpe e começou a tocar sua versão particular de *Roast Beef of Old England*, o equivalente das badaladas que anunciavam a refeição dos oficiais, para avisar de que o almoço não tardaria a ser servido.

Os dois se levantaram de um salto e, enquanto recolhiam os livros, os papéis e as fichas de xadrez, Stephen disse:

— Alegro-me que me tenha contado o que Aristóteles escreveu. Havia esquecido ou passado por alto essas palavras. Li o livro superficialmente e muito incomodado porque naquela época tinha antipatia pelos comentários triviais que fizera sobre as aves e porque havia educado a Alejandro, aquele bárbaro arrogante tão nocivo para a sociedade como Bonaparte. Mas sem dúvida era um homem exageradamente instruído.

Passou os pés pela boca de lobo e, apoiado na borda com os cotovelos, procurou com eles os amantilhos que ficavam debaixo dele enquanto pensava: “Talvez Jack faça uma importante peripécia esta noite. Meu Deus, quanto eu gostaria que esta tragédia tivesse um final feliz e que...”. Nesse momento vários amáveis marinheiros o agarraram pelos tornozelos e guiaram seus pés até onde podia apoiá-los firmemente.

Ao chegar à cabine surpreendeu-se ao ver que Jack Aubrey o estava esperando ali de pé, muito sério. Parecia chateado e muito mais alto vestido com uma casaca de cor verde garrafa e uma reluzente gravata recém amarrada.

— Como você é, Stephen! — exclamou —. Fomos convidados para almoçar na câmara dos oficiais e você se comporta como alguém recém enviado de um barco recrutador. Padeen! Padeen venha!

— Barbeie e penteie o seu amo imediatamente — ordenou a Padeen quando este assomou a cabeça —, e depois pegue do baú sua melhor casaca, seus calções de cetim negro, suas meias de seda e seus sapatos com fivelas prateadas. Tem que estar aqui dentro de cinco minutos.

Cinco minutos depois estava ali, sangrando por três pequenos cortes e um pouco perturbado. Jack enxugou o sangue de Stephen com um lenço, endireitou sua peruca e o colete e o conduziu até a câmara dos oficiais, onde seus anfitriões deram as boas-vindas no momento em que soavam as três badaladas da guarda da tarde.

Na realidade, era a primeira vez que o capitão da *Surprise* era convidado para almoçar com os oficiais desde que a fragata se

converteu em um barco de guerra privado. Antes de capturar o *Spartan* e suas presas, os oficiais eram muito pobres para convidar-lhe, e durante os esgotadores dias que passaram na enseada Polcombe não lhes foi possível acolhê-lo. A refeição foi magnífica, porque o cozinheiro dos oficiais estava decidido a superar Adi. Ainda que a mesa estivesse cheia de lagostas, caranguejos do rio e do mar, linguados e mexilhões, tudo conseguido na *Tartarus* mediante subornos e preparado de três maneiras diferentes, houve irritantes esperas entre os pratos. Jack conhecia essa mesa há muitos anos e com freqüência vira a muitos comensais ao seu redor, e inclusive às vezes cotovelo com cotovelo; contudo, agora não havia ali nem um oficial de derrota, nem um contador, nem um capelão, nem oficiais de Infantaria da marinha nem convidados do camarote dos guardas-marinhas ou de outros barcos, e ele sozinho ocupava um lado inteiro, à direita de Pullings, enquanto que Stephen e Davidge estavam sentados no outro e Martin em uma cabeceira, e no início todos estranharam. Ainda que Jack Aubrey conhecesse West e Davidge e soubesse que eram excelentes profissionais, nunca os vira fora do serviço e não se sentia a vontade com eles (nem com qualquer outro estranho, depois de seu processo). Jack os intimidava e estavam aflitos porque os haviam despojado de seu cargo, de seu sustento e de seu futuro. Eram conscientes (mais conscientes que os que iam participar) de que dentro de umas horas os outros teriam que zarpar e acreditavam que as amostras de alegria estavam fora de lugar. Os que iam tomar parte na operação também se sentiam tensos, e Jack Aubrey, ainda que tivesse participado de mais batalhas que qualquer marinheiro de sua idade, tampouco estava tranqüilo. Notou com assombro que tremia o pedaço de lagosta que sustentava com seu garfo enquanto esperava que Davidge terminasse uma frase, e o comeu rápido. Depois, com a cabeça inclinada e um sorriso de cortesia, seguiu escutando a desconexa história que lentamente avançava para o desastroso final. Davidge havia viajado para a França durante a paz e em uma ocasião quis comer em uma famosa pousada situada entre Lyon e Aviñón, mas estava cheia e lhe recomendaram uma da mesma qualidade perto da catedral. Falou com o hospedeiro sobre essa catedral e outras e

comentou que lhe surpreendera a beleza de um dos meninos do coro, e o homem, que era um pederasta, interpretou mal suas palavras e lhe fez uma proposição pouco dissimulada. Davidge, sem se ofender, recusou-a, e ele, que gostou dele, negou-se a lhe cobrar a esplêndida refeição e ambos se despediram amistosamente. Mas quando Davidge chegou por fim ao Ródano, depois de fazer inumeráveis parênteses, pensou que a sodomia, que era algo divertido em si mesmo e justificava a narração de uma anedota por longa que fosse, não agradaria ao solene e atento capitão. Então tentou mudar a história para que não parecesse muito estúpida, uma vã tentativa da qual o resgatou o prato seguinte, consistente em focinho de porco em conserva (o prato favorito de Jack) e perna de quarto de cordeiro, que encarregaram a Martin que trinchasse. Como Martin, até seu recente matrimônio, costumava almoçar em casas especializadas em costeletas e bifés, nunca havia trinchado nenhuma; tampouco a trinchou agora, pois empurrou o garfo com tanta força que lançou o cordeiro no colo de Davidge. Desse modo, Davidge saiu da difícil situação, ainda que ao preço de sujar seus calções; um preço baixo, em sua opinião, e passou silenciosamente a perna de cordeiro para Stephen, que a cortou adequadamente ao modo dos cirurgiões.

O cordeiro estava bom, pois estava bem condimentado e cozinhado à perfeição, e o acompanharam com um magnífico clarete de Fombrauges que Jack gostou tanto que depois da primeira taça disse uma das poucas coisas que recordava do curto período de aprendizagem em terra:

— *Nunc est bibendum*<sup>{2}</sup> — disse, lançando um triunfante olhar para Stephen e para Martin —. Estou seguro de que não poderíamos pedir um vinho melhor.

Depois disto, a refeição se animou, ainda que a tensão não desapareceu por completo, já que se ouviam os chiados de duas pedras de amolar que haviam colocado no convés quando o armeiro e seus ajudantes afiavam sabres e machados de abordagem, o que lhes recordava o futuro imediato. Apesar de tudo, o almoço não foi harmonioso, pois os comensais se dividiram em dois grupos, um formado por Aubrey e Pullings, que falaram de antigos companheiros

de tripulação e de viagens anteriores, e outro por Stephen e Davidge, que falaram do difícil que era para um estudante do Trinity College de Dublin manter-se vivo. Davidge tinha ali um primo a quem haviam ferido três vezes, duas com espada e a outra com pistola.

— Não sou um brigão nem tenho inclinação para mostrar-me ofendido e, contudo, no primeiro ano me bati uma vintena de vezes — dizia Stephen —. Acho que agora a situação é melhor, mas naquela época era desesperador.

— Isso diz meu primo. Quando veio visitar-nos na Inglaterra, meu pai e eu lhe demos algumas lições. Estivemos todo o verão rebatendo, fazendo contra-ataques e defesas e ganhando os terços da espada, e pelo menos há sobrevivido.

— Pelo que vejo, o senhor é um excelente espadachim.

— Eu não, mas meu pai sim, e logrou que fosse bastante competente. Isso me foi útil depois, quando, infelizmente, tive que deixar a Armada e Angelo me contratou para trabalhar em seu *salle d'armes*.

— Ah, foi? Eu lhe agradeceria muito que fizéssemos alguns lances com a espada depois de almoçar. Estou destreinado e não queria que me matassem como a um estúpido esta noite.

Stephen não era o único que pensava isso na *Surprise*: quando o almoço terminou e ambos foram tomar ar no castelo de popa, ouviram uma sucessão de estampidos na proa, onde os marinheiros disparavam com suas pistolas contra garrafas colocadas a curta distância. Todas as caronadas já estavam prontas, os botes, colocados paralelos uns aos outros, iam a reboque amarrados na popa e as armas estavam preparadas. O mar, o vento e o céu estavam quase o mesmo que haviam estado até então: tranqüilo o primeiro, estável o segundo e cinzento o terceiro. O dia parecia não evoluir.

Jack observou as tabuinhas de navegação enquanto assobiava quase para si e depois se voltou para o oficial de guarda e lhe indicou:

— Senhor West, quando soem as oito badaladas viraremos e poremos rumo ao este-sudeste com as velas de estai desdobradas.

Depois de dar algumas voltas foi para a cabine pegar seu pesado sabre de cavalaria, e depois de fendir o ar com ele durante um tempo foi para a proa para que o armeiro o afiasse como uma navalha de barbear.

— Bem, doutor, quer praticar um pouco? — perguntou Davidge.

— Com muito prazer — respondeu Stephen, jogando para o mar a guimba, que durante um momento fez um som sibilante.

— Estas eram o orgulho de Angelo — disse quando desataram a gravata e puseram suas casacas dobradas em cima do cabrestante —. Amarram-se à ponta das espadas para que não firam, de maneira que um não tem que trocar de espada. São melhores que qualquer tipo de botão.

— Glória a Deus! — exclamou Stephen.

Ambos se cumprimentaram e ficaram alguns momentos em uma postura apropriada, fazendo movimentos ameaçadores quase imperceptíveis com o pulso e a ponta da espada. Então Stephen golpeou o piso duas vezes com o pé, como um toureiro, e se lançou sobre Davidge com ferocidade. Davidge fez uma defesa e os dois começaram girar ao redor de seu adversário chocando as espadas, umas vezes acima e outras abaixo, e umas vezes com os corpos quase roçando-se e outras tão distantes que tinham que estender os braços.

— Espere! — gritou Stephen, saltando para trás e levantando a mão —. Meus calções desabotoaram os. Por favor, Martin, abotoe-me a fivela.

Quando a fivela já estava abotoada, cumprimentaram-se outra vez, e de novo Stephen, depois de ficar alguns momentos imóvel e com o olhar fixo como um réptil, avançou gritando:

— Aaah!

A mesma defesa, os mesmos giross e o mesmo choque de espadas, cujos movimentos eram tão rápidos que só os dois espadachins podiam segui-los. De novo os mesmos golpes no piso com os pés, o mesmo ofego nas estocadas, a mesma agilidade... Mas de repente mudou o ritmo e um leve erro provocou que a espada de Davidge caísse no parapeito.

Davidge olhou com assombro sua mão vazia um instante e imediatamente, pondo a melhor expressão que pôde, em meio dos aplausos, gritou:

— Bem feito, bem feito! Sou um homem morto, sou mais um cadáver, não há dúvida —. Depois recolheu sua espada e quando comprovou que não havia quebrado perguntou — : Posso ver a sua?

Stephen lhe entregou e Davidge lhe deu voltas examinando a empunhadura e o guarda-mão.

— O guarda-mão é flexível, não é?

— Exatamente. Recebo a lâmina da espada de meu adversário aqui e tudo é questão de controlar o tempo e fazer alavanca.

— É um arma letal.

— Afinal de contas, as espadas são para matar. Mas lhe agradeço de todo coração por este combate, senhor. O senhor é a amabilidade personificada.

Soaram as oito badaladas e imediatamente se ouviu o grito: “Todos a mudar de bordo!”

A *Surprise* virou descrevendo uma grande curva até que a proa ficou situada em direção este-sudeste e depois começou a avançar devagar para o lugar onde seu rumo convergiria com o da esquadra de Babbington, que navegava em direção ao alto mar. O sol ia se pôr na guarda do segundo quartilho, e todos sabiam que esse era o último vão que percorreriam antes de subir aos botes para empreender a longa rota que bordejava o cabo Bowhead. A bordo a atmosfera era tensa, ainda que alguns dos gavieiros mais jovens, pouco mais que meninos, brincavam no alto da exércia seguindo um companheiro saltando do tope de um mastro para outro e descendo até a cruzeta e depois até o estropo dos botalós. Jack e Stephen arrumaram suas coisas, como faziam usualmente antes das batalhas, e entregaram seus documentos a Pullings. Todos os oficiais haviam feito isso muito amiúde (era uma prática habitual antes dos combates) e, contudo, hoje lhes parecia um pouco mais que uma conscienciosa precaução, um pouco mais que uma reverência ao destino.

As badaladas se sucederam; o sol se pôs quando se via por debaixo da verga do traquete; chamaram os marinheiros para jantar.

“Pelo menos não tem que guardar tudo na bodega”, pensou Stephen, colocando uma partitura no móvel de Diana, que era ao mesmo tempo um atril e uma escrivaninha. Tocou algumas notas estridentes que fizeram vibrar as janelas de popa e depois começou a interpretar uma peça musical nova para ele, uma sonata de Duport. Ainda estava no andante, com o nariz quase roçando a partitura, quando Jack entrou exclamando:

— Mas está sentado na escuridão, Stephen! Se segue assim estragará a vista. Killick, Killick! Acende uma lanterna.

— Suponho que o sol já se pôs.

— Conforme dizem, faz isso de vez em quando. O vento aumentou de intensidade e estamos navegando só com as velas de estai abertas.

— Isso é bom?

— Fazemos isso para que se alguém, enquanto passeia pelo cabo Bowhead, vê a silhueta da fragata na escuridão, pense que é uma embarcação de velas triangulares sem importância. Vou trocar de roupa.

— Talvez deveria fazer igual — disse Stephen —. Tenho que preparar o revólver de Duhamel, uma arma realmente mortífera. Ainda estou penalizado por Duhamel. Era um homem muito afável... meu Deus, quase me esqueço disto! — exclamou, tocando o bolso dos calções.

Correu para a cabine de Pullings e lhe disse:

— Tom, por favor, junte isto ao pequeno pacote que lhe dei em caso de que tenha que entregá-lo, que Deus não o queira. É uma magnífica e valiosíssima jóia, assim que lhe rogo que cuide dela e nunca a tire do bolso.

— Eu a guardarei no bolso do relógio — disse Pullings —, mas estou seguro de que amanhã voltará a estar em seu poder.

— Isso espero, meu amigo, isso espero. Agora, diga-me, o que um deve pôr para uma ocasião assim?

— Botas *hessianas*, calças largas, uma casaca de beira, uma bandoleira para pendurar o sabre e um cabo ao redor da cintura para pendurar as pistolas. Oh, doutor, quanto eu gostaria de ir com o senhor!

Quando regressou para sua cabine, Stephen revirou a pouca roupa que tinha tratando de encontrar peças equivalentes a essas e sem muito bom resultado. Ademais, mas com melhor resultado, refletiu sobre se nessas circunstâncias devia desbedecer a regra relativa à dose de láudano e aumentá-la. Não queria usá-lo como soporífero (nada mais longe de isso), senão como um meio para eliminar a angústia ilógica, quase instintiva, que poderia perturbar-lhe e para ter agudeza mental suficiente para enfrentar-se às contingências que poderiam apresentar-se na nova situação. Se em vez da tintura de ópio tivesse as benditas folhas de coca que havia encontrado na América do Sul, não teria dúvidas, pois era inquestionável que estimulavam o organismo, aumentavam sua resistência e tranqüilizavam o nervosismo, enquanto que a tintura tinha certa tendência a induzir à contemplação. Mas fazia muito tempo que havia comido, isto é, mastigado, todas as folhas de coca e, por outro lado, era inegável que a tintura sempre fazia efeito nas emergências e suas virtudes compensavam suas pequenas desvantagens. Ademais, os estímulos que forçosamente teria em um combate desse tipo contrariariam a ligeira sonolência que pudesse produzir. A julgar pelo destino da *Diane*, provavelmente teria a bordo um importante agente secreto e, como era muito importante aprisionar-lhe, seria um erro desperdiçar qualquer fator que contribuísse para consegui-lo. Nada era pior que supor que havia uma contradição entre o dever e a inclinação.

Terminou de beber o copo de láudano, mas sem muita satisfação, e se sentou para fazer a metódica operação de carregar seu revólver enquanto Killick e seus companheiros colocavam ruidosamente os postigos na grande cabine. Quando subiu para o convés já estava escuro. Ao sudeste se viam os barcos da esquadra, que com seus portalós iluminados e seus faróis de popa brilhando avançavam para alto mar formando uma fileira. E para lá dos barcos, muito além, via-se o oscilante raio de luz do farol Bowhead.

Todos os oficiais estavam no castelo de popa olhando silenciosamente os barcos. Jack estava sozinho junto ao lado de barlavento com as mãos atrás das costas e se inclinava para contrariar o balanço e o cabeceio. Não havia nenhuma luz a bordo

além do resplendor da bitácula e havia pouca no céu, pois a velha lua, que estava em seu último dia, já havia se ocultado e a névoa escurecera todas as estrelas exceto as mais brilhantes, que agora não eram mais que manchas borradas. Era uma noite muito escura. Ainda que a costa estivesse muito longe, os poucos homens que falavam o faziam em voz baixa. A desagradável voz nasal de Killick podia ser ouvida enquanto discutia com o cozinheiro do capitão abaixo, nas entranhas da fragata.

— Você faze a maldita empanada agora e eu farei as torradas com queijo no último momento, enquanto você bate um ovo em uma taça de vinho do marsala. O doutor diz que há que protegê-lo do que chamamos a umidade da noite, mas ele não quer descer até que hajamos recolhido os botes.

Killick tinha razão, porque nada além da chegada do dia do juízo final poderia afastar Jack Aubrey do costado antes que levasse a reboque os botes da esquadra. De vez em quando Jack gritava para o serviola que estava na cruzeta:

— Atento, serviola!

E por fim o homem gritou:

— Convés! Acho que vi uma luz descer pelo costado da *Tartarus*!

Passou meia hora. A fila de barcos estava cada vez mais perto. Por fim Jack encheu seus pulmões de ar e gritou:

— *Tartarus*?

— *Surprise?* — gritou alguém em resposta —. Soltaremos os botes imediatamente e se dirigirão para o sudoeste. Podem acender uma luz?

Jack abriu a portinhola de sua lanterna um momento e ouviu a ordem:

— Soltem os botes!

Depois, quando as embarcações partiram, ouviu outra voz, a de Babbington, que dizia:

— Deus o abençoe, senhor!

A esquadra seguiu avançando e pouco depois pôde perceber-se a luz das lanternas dos botes, que estavam cobertas para que não fossem vistas do distante litoral. Depois se ouviram gritos não muito

altos quando os marinheiros que cuidavam a fileira de seis botes da *Surprise* amarraram os dos recém chegados. Jack, inclinado sobre o coroamento, gritou:

— Que subam a bordo os capitães dos botes!

Seus olhos haviam se acostumado à escuridão e pôde vê-los muito bem à luz que se refletia na bússola: o robusto oficial de derrota da *Tartarus* e os contramestres dos outros três barcos. Todos eles eram marinheiros experientes, marinheiros do tipo que ele apreciava. Cada um disse o nome de seu barco e o número de tripulantes que havia em seu bote; e das respostas às perguntas de Jack se deduzia que sabiam o que deviam fazer lá, e de seu olhar, que era muito provável que o fizessem.

— Todos os marinheiros jantaram antes de sair dos barcos? — perguntou Jack —. Se não é assim, podem jantar agora. Em assuntos como este ter a barriga cheia é ter ganho a metade da batalha.

— Oh, sim, senhor! — responderam.

Haviam lhes dado carne de porco fresca e na *Tartarus* lhes serviram pudim de passas.

— Senhor, por favor — interveio Killick em seu habitual tom lamuriento justo atrás dele —, a empanada está pronta e as torradas com queijo se estragarão se não forem comidas quentes.

Jack olhou para a distante costa, assentiu com a cabeça e desceu. Stephen já estava lá, sentado junto a uma vela.

— Isto não é muito diferente do que estar em um palco esperando para que se levante a cortina — observou Stephen —. Pergunto-me se os atores também percebem o tempo distorcido, se acham que o presente realmente avança, mas quase de forma imperceptível, como a sombra da barra de um relógio de sol, e que pode inclusive voltar atrás.

— Talvez sim — opinou Jack —. Contam que a comida dos banquetes que há no cenário é feita de papelão: salsichas de papelão, pernas de cordeiro de papelão, presunto de papelão. E dizem que também as taças em que aparentam beber estão feitas de papelão. Stephen, juro por Deus que este bolo de Estrasburgo é excelente. Já o provou?

— Não.

— Deixe-me servir-lhe um pedaço.

Geralmente o ópio reduzia tanto o apetite de Stephen que depois de uma considerável dose não desfrutava da comida; contudo, esta vez deu o prato a Jack para que lhe desse outro pedaço dizendo:

— Está realmente muito bom.

Depois chegaram as torradas com queijo e as comeram acompanhadas de uma garrafa de vinho de Hermitage. Ambos eram muito aficionados ao vinho e ambos sabiam que essa garrafa poderia ser a última que beberiam. Em caso de que fosse assim, pelo menos teriam um final digno, porque aquele era um vinho generoso que se achava em seu melhor momento, um vinho que suportava o constante movimento do mar. Beberam-no lentamente, sentados à luz da vela sem falar, pois preferiam ficar em silêncio, simplesmente fazendo-se companhia, enquanto a fragata se aproximava do litoral a uma velocidade constante.

Já fazia mais de uma hora que não soava nenhuma badalada, mas Jack ouviu que o timoneiro foi substituído no final da guarda.

Terminou de beber a taça de vinho e, ainda com seu sabor na boca, pegou um compasso para medir o azimute que ele mesmo havia desenhado.

— Vou calcular nossa posição — disse a Stephen.

Os barcos da esquadra ainda podiam ser vistos muito longe pela popa, ainda que menos claramente agora porque haviam apagado os faróis pouco depois do encontro. Pela proa se via a silhueta do cabo Bowhead, uma massa mais escura que a própria escuridão a umas três milhas de distância. Cada dois minutos, os que observavam o litoral deixavam de vê-lo, pois lhes batia de cheio a luz do farol e os cegava. Quando o risco de luz se afastava, todos voltavam a ver na escuridão, e podiam distinguir as luzes de terra e a forma do litoral ao norte-nordeste do cabo Bowhead. Não tardariam em ver as grandes ondas rompendo na costa, especialmente ao redor do cabo, porque havia forte marejada e a maré estava mudando. Jack conhecia bem a configuração do litoral, pois tinha uma excelente memória visual e a vira muitas vezes na

carta marítima, e sabia que em torno de meia hora poderia rumar para o lugar onde pensava ancorar, um lugar em cujo fundo a âncora agarraria bem e a fragata estaria protegida do fogo dos canhões que defendiam o vulnerável istmo.

— Senhor Pullings, a âncora já está preparada no pescante? — perguntou.

— Sim, senhor, e também um cabo de manobra na popa.

— Então desça-a polegada a polegada até o escovém para jogá-la sem que se produza um chape. Vou dar uma espiada nos botes.

Entregou o compasso ao suboficial encarregado dos aparelhos de navegação e se dirigiu para a popa. estava tão familiarizado com a *Surprise* como com *Ashgrove* ou até mesmo mais, e saltou por cima do corramento e desceu pela escada de popa sem pensar um segundo. Passou pela fileira de botes até que chegou à da *Tartarus*.

— Ânimo, tripulantes da *Tartarus*! — disse em voz baixa.

— Ânimo, senhor! — replicaram todos no mesmo tom suave.

Jack notou os toletes forrados.

— Bom, muito bom — disse —. Zarparemos dentro de pouco. E recordem: nem uma palavra, nem uma só palavra, e remem suavemente. Quando soltem os botes, deixem de mover os remos, ponham as faixas ao redor do braço e preparem-se para lutar como heróis quando os chame, nem um momento antes.

— Estaremos preparados, senhor — murmuraram.

Deu a mesma saldação e a mesma mensagem aos tripulantes da *Dolphin*, do *Camel* e do *Vulture*, e a todos pareceu impressioná-los muito que fosse necessário guardar silêncio. Quando regressou a bordo da fragata começou a fazer medições para determinar a posição. Já podia ver as grandes ondas rompendo na costa, e agora o oscilante raio de luz era muito útil porque a aba do chapéu protegia seus olhos. Parou junto ao leme e, em voz baixa, deu algumas instruções ao timoneiro. Depois, quando soube exatamente a latitude e a longitude, ordenou diminuir o velame, e o avanço da fragata entre as ondas, só com as velas de estai maior e de proa abertas e o vento pela alheta de estibordo, tornou-se quase imperceptível. Passaram silenciosamente pela frente do alto

escarpado onde ficava o farol, muito perto dos escolhos onde rompiam as ondas, tão perto que os marinheiros contiveram o fôlego. Quando dobraram o volumoso cabo, os escolhos onde rompiam as ondas estavam a bombordo a um tiro de pistola. Estavam à sombra do escarpado e nem sequer chegavam a eles os dispersos lampejos do raio de luz, mas o raio iluminava a colina que lhes servia de escudo deste lado da fortaleza. Afrouxou as escotas e murmurou:

— Preparados para jogar a âncora.

A *Surprise* se movia de um lado para o outro com a corrente; o raio de luz deu a volta e iluminou a colina; a fragata se achava exatamente no lugar que ele desejava. Então, em voz muito alta, ordenou:

— Joguem a âncora!

A âncora afundou silenciosamente em águas de dezoito braças de profundidade; os marinheiros desenrolaram um longo tramo da amarra falando baixo e se comunicando com gestos. Quando ficou agarrada no fundo, moveram o cabo de manobra até que o costado ficou situado diante do istmo, onde podiam ver-se algumas luzes da parte sul da cidade.

Jack olhou seu relógio à luz da bitácula e ordenou:

— Que desçam os tripulantes do cúter azul.

Os tripulantes, reunidos no corrimão de estibordo há mais de meia hora, passaram em fila por seu lado com o contramestre. Depois passaram os tripulantes do cúter vermelho, que estavam no corrimão de bombordo, com o condestável, e depois, de um corrimão e outro alternativamente, passaram os tripulantes da pinaça com Davidge, os do esquife com West, os do bote com Beattey, o carpinteiro, e por último os de sua falua. Quando Bonden passou, Jack o pegou por um braço e lhe sussurrou:

— Mantenha-se muito perto do doutor quando abordarmos.

Depois desceu para a cabine, onde Stephen estava jogando xadrez com Martin, à luz da vela, e com o sabre diante dele em cima da mesa.

— Quer vir comigo? — perguntou Jack —. Já estamos indo.

Stephen, sorrindo, levantou-se e pôs a bandoleira, e Martin, com uma expressão preocupada, abotoou-lhe por trás. Jack o guiou até o castelo de popa e depois até o coroamento, e Pullings e Martin foram até lá para desejar-lhes que Deus os protegesse e esperar que descessem a escada de popa. Os botes já estavam colocadas formando uma longa corrente que a falua do capitão precederia, e quando Jack subiu nela, o único membro da expedição que faltava chegar, Bonden a desamarrou e Jack murmurou:

— Retroceda.

No início tiveram que remar contra a corrente, as ondas e o vento moderado, mas seu zelo contrariou tudo isso durante os primeiros três quartos de hora. Psicionaram-se diante do cabo Bowhead, longe dos escolhos onde as ondas rompiam, remando com força e a um ritmo constante, e até então os toletes não haviam rangido nem se ouvira nenhum ruído além de uma tosse reprimida. Depois de olhar para Bowhead, Jack dirigiu a vista para o alto mar e não viu a esquadra, ainda que provavelmente Babbington avançava devagar para a costa.

Em frente ao cabo e sobretudo quando fizeram rumo ao leste, a corrente estava a seu favor. Jack ordenou que diminuíssem a velocidade, que havia chegado a ser excessiva, e mandou passar a ordem de trocar os remadores até o último bote da fila.

Passaram outros vinte minutos e então viram uma parte do lado mais distante do porto, que estava muito iluminada. Imediatamente puderam ver uma parte maior e depois todo o lado norte, com o fundo da baía muito bem iluminado, e, o que era mais importante, puderam ver o quebra-mar. Mais perto, cada vez mais perto. Remavam suavemente. Quando passaram o quebra-mar viram uma débil luz que oscilava e se aproximava com rapidez deles, Era possível que só fosse a de um barco pesqueiro que saía para pescar de noite. Jack abriu a portinhola da lanterna.

— *Ohé du bateau!* — disse uma voz desde a embarcação.

— *Ohé* — respondeu Stephen, a quem Jack pôs a mão no ombro —. *A Diane, où est-ce-que'elle se trouve à présent?*

— *Au quai toujours, nom de Dieu! T'es Guillaume?*

— *Non, Etienne.*

— *Bien, je m'en vais. Qu'est-ce que tu as là?*

— *Des galériens.*

— *Ah, les bougres! Bon. Au plaisir, eh?*

— *Au plaisir, et je te souhaite merde, eh?*

Seguiram remando, ainda que não tão regularmente. Agora podia ver-se o quebra-mar, com luzes nos parapeitos que rematavam a rampa da parte mais próxima de terra. Era evidente que na rampa se celebrava uma festa, pois se ouviam música e vozes cantando e rindo. Jack tomou o leme das mãos de Bonden e notou a corrente (a maré estava começando a baixar). Então o virou para passar o mais longe do quebra-mar que fosse possível sem se chocar com o banco de areia do outro lado. A falua não teve dificuldades. A segunda embarcação não teve dificuldades e tampouco a terceira... Nenhuma teve dificuldades. Todos haviam conseguido entrar no porto, ou talvez em uma armadilha. Jack, alçando a voz para ser ouvido apesar da algaravia da rampa, disse a Bonden:

— Prepara o foguete azul.

Estava de pé e na difusa luz distinguiu uma parte do cais onde havia barcos atracados. Aproximaram-se um pouco mais e os viram quase claramente: um bergantim, umas embarcações de outro tipo, a *Diane* e dois mercantes. Agora estavam mais próximos, apenas movendo os remos, e pôde ver que os objetos que estavam diante da *Diane* eram canhoneiras atracadas em paralelo.

— Muito bem — disse Jack —. *Tartarus, Dolphin, Camel e Vulture*, detenham-se. Bonden, lance o foguete azul.

Bonden aproximou da mecha do foguete uma chama. O foguete se elevou com um movimento ondulante e depois começou a subir em linha reta, e seguiu subindo até que estourou e formou uma estrela azul que avançou para sotavento seguida por sua própria fumaça. Um segundo depois pôde ver-se na parte sul do céu o resplendor que produziram os disparos da bateria da *Surprise*.

— Soltem os botes e separem-se — ordenou Jack.

Quando os botes começaram a se mover, chegou até eles o ruído estrondoso das caronadas, cujo eco ia de um lado para outro do porto e voltava para trás de novo.

Os botes foram rapidamente ocupar seus postos. A falua se abordou com estrondo com o pescante central; ouviu-se o grito: "*Mais que'est-ce qui se passe?*" e um homem se assomou por cima da borda, mas imediatamente os marinheiros que subiram pelo costado para fazer a abordagem o derrubaram. Os poucos homens mais que formavam a guarda do porto e estavam conversando com seus amigos do cais, foram descidos pelas escotilhas pelos grupos de homens que chegaram pela proa e popa. Stephen, seguido de Bonden, foi correndo não para a grande cabine mas para a que ele ocuparia se estivesse nessas mesmas circunstâncias, e lá encontrou a um homem de meia idade que estava sentado escrevendo em uma mesa. O homem levantou a vista e o olhou com uma mistura de raiva e surpresa.

— Segure-o, Bonden — ordenou Stephen, apontando com a pistola para a cabeça do homem —. Amarre suas mãos e meta-o em um bote. Não deixe que grite nem que escape.

Equanto isso Padeen e Johnson o *Moreno* correram para as pranchas colocadas na proa e na popa para descer ao cais e cortaram as amarras das âncoras; os gavieiros subiram pela exércia e cortaram os brios e os chafaldetes para largar o velacho; os tripulantes de três botes correram para a cobertura inferior e sacaram das macas os marinheiros que estavam descansando e os levaram para a bodega junto com as mulheres que estavam com eles. A *Surprise* seguia disparando e fazendo um ruído estrondoso, como um barco de linha; os sinos da igreja soavam e soavam; ouviam-se tambores e trompetes em uma dúzia de pontos diferentes e se viam fileiras de tochas aproximando-se do istmo.

Finalmente, os homens que abordaram a *Diane* juntaram todos os tripulantes isolados que encontraram na cobertura superior e na inferior, os conduziram também para a bodega e levantaram o gradeado para deixá-los entrar.

— O senhor, senhor Bulkeley, e o senhor, condestável — ordenou Jack, que estava junto aos homens escolhidos para levar o leme —, subam nos cúteres e puxem a proa com uma corda para virá-la para fora.

Os tripulantes dos cúteres desceram imediatamente pelo costado, estenderam um cabo e começaram a remar com brio, mas devido a sua diligência e de uma inoportuna rajada de vento que inchou o velacho, a proa da *Diane* se meteu entre as canhoneiras que estavam atracadas diante. Jack foi correndo até a proa e olhou para as águas anegradas que estavam justo abaixo.

— Senhor West — disse —, vá com um grupo de homens desamarrar a canhoneira de fora para que se mova para onde flue a água.

— Senhor, está amarrada com uma corrente na proa e outra na popa — informou West ao regressar empapado, ofegante e com a cara negra.

— Muito bem — disse Jack e notou que Davidge estava junto dele e que havia marinheiros de uma ponta a outra dos corrimãos —. Os senhores vão com os tripulantes de seus botes e movam esses dois mercantes que estão atrás. Não acho que tenham muitas dificuldades para fazê-lo.

Não as tiveram, mas quando os barcos se moviam para onde fluía a água o panorama mudou por completo. Por uma rua que ia da colina ao centro do cais vinha um grupo de marinheiros a cavalo que eram os oficiais da *Diane*. Corriam a galope, golpeando com fúria os paralelepípedos, e os seguiam os marinheiros que estavam de licença e um grupo de soldados.

Jack se inclinou sobre a borda de estibordo e gritou com força:

— Davidge! West! Virem a popa para fora! Agite uma mão! Estão me ouvindo?

Não havia mais tempo. Na *Diane* ainda estavam colocadas as pranchas e, ainda que não tivesse obstáculos por trás, tinha a parte de bombordo da proa metida entre as canhoneiras, que estavam amarradas ao cais. Ademais, a baixa-mar contribuía para que se metesse mais para dentro.

O oficial da frente fez saltar seu cavalo até o castelo de popa da fragata e apontou sua pistola para o timoneiro, mas o cavalo perdeu o equilíbrio e ele caiu. Jack agarrou o homem, o arrastou pelo convés e o jogou no mar. Mas outros oficiais a cavalo o seguiram (pelo menos cinco) e muitos marinheiros subiram a bordo

pelas pranchas de proa e de popa. Alguns marinheiros puxaram os brios e os chafaldetes porque lhes permitiria manobrar as velas com o comando, mas estavam cortados; outros correram pelo corrimão para tomar parte na violenta luta que havia no castelo de popa. Ali os cavalos que haviam caído chutavam como loucos e formavam uma barreira, mas dois deles lograram pôr-se em pé, e no espaço que deixaram se produziu um feroz ataque encabeçado pelo capitão da *Diane*. Jack, encurralado pela multidão junto ao cabrestante, viu como Stephen disparou em seu ombro e o atravessou com a espada a sangue frio. Depois a luta se tornou mais violenta e os marinheiros se apertaram ainda mais uns contra os outros; os golpes se ouviam mas não se viam. De baixo e dos botes chegaram muitos tripulantes da *Surprise* gritando: "Feliz Natal!", que se uniram ao grupo brandindo seus sabres e seus machados de abordagem. Agora havia muito mais gente no cais. Parecia que as coisas se voltavam contra os tripulantes da *Surprise*, pois seus adversários, que os superavam em número, tentavam encurralá-los entre o leme, o mastro mezena e o costado.

Jack conseguiu chegar até o centro da primeira fila, onde não havia espaço para a esgrima. Os homens se atacavam furiosamente com armas leves e os sabres chocavam produzindo o mesmo ruído que o de uma ferraria, e assim seguiram até que um cavalo enlouquecido passou por entre os dois bandos. No amplo espaço, um soldado francês que tentava se levantar do convés, onde havia caído ao tropeçar, moveu a espada para cima e feriu acidentalmente uma perna de Jack acima do joelho. Seus amigos, que avançavam a empurrões para frente, o derrubaram de novo e um deles lançou-se para Jack, e, ainda que este tenha se defendido, fez um pouco tarde e a ponta da espada lhe fez um furo no antebraço. Ao fazer a investida, o homem se aproximou muito de Jack, e ele o pegou com a mão esquerda, deu-lhe um golpe com a empunhadura do sabre que o deixou aturdido e o lançou contra seus companheiros com tanta força que três deles caíram. No breve descanso, quando havia se virado pela metade para chamar os botes da esquadra, recebeu um golpe pelas costas que lhe pareceu um chute. "Um cavalo", pensou e encheu os pulmões para gritar, mas nesse momento os

tripulantes da *Diane* e os soldados pararam de dar os furiosos gritos de guerra para lançar uma ameaça gritando com todas suas forças: “Corram, corram enquanto possam!”. Mas era tarde demais. Agora Davidge e West tinham fortemente segura a popa da fragata e, quando puxaram ela, a prancha de popa primeiro e a de proa depois se descolaram do cais e caíram pelo lado. Alguns dos tripulantes da *Diane* saltaram para o cais quando a separação não era muito grande; outros saltaram, mas não chegaram a ele; outros seguiram lutando de costas para o coroamento até que por fim, ao ficar em desvantagem, jogaram suas armas.

Mas ainda lhes disparavam com pistolas e mosquetes desde o cais e Jack correu para as caronadas do castelo gritando:

— Vamos, Plaice! Vamos Killick!

Verificou as pederneiras, moveu uma caronada para apontar para os soldados e, ainda que seu braço jorrasse sangue, puxou o rabicho. Estava carregada com balas, não com um pote de metralha, que causava mais estrago, mas a bala destroçou os tijolos e a fachada de uma casa e provocou a dispersão dos soldados.

— E, já que estamos aqui — disse Jack —, aposto que podemos apresar as canhoneiras também.

Enquanto dizia isso, os inimigos abriram fogo com a bateria do fundo do porto, mas seus próprios barcos dificultavam que alcançassem seu objetivo, e as balas só destruíram a comandância do porto e parte do cais. O objetivo de Jack era muito claro.

— Parem! — gritou para os que puxavam a popa e apontou com a caronada seguinte para um poste de amarração.

Voltou a puxar o rabicho e, com grande estrondo, saiu da caronada uma língua de fogo que quase alcançou o alvo. Quando a fumaça se dissipou, o poste de amarração desaparecera, as canhoneiras haviam começado a se mover com a maré e suas correntes estavam quebada.

— Senhor Bentley, vá com seus homens no bote e se encarregue das canhoneiras.

A *Diane* estava se movendo. Os homens que se encontravam no castelo de popa conseguiram pegar o leme e outros haviam aberto as gáveas e a vela de estai de proa, e com o movimento da

maré, os puxões dos cúteres e o vento moderado começou a se separar lentamente do cais. Nesse momento Jack chamou os tripulantes da *Tartarus*, da *Dolphin*, do *Camel* e do *Vulture*, pois tinha cinco presas e necessitava tirá-las do porto antes que os franceses apontassem as peças de artilharia para o cais.

Não apontaram as peças de artilharia e eles avançaram como uma solene procissão, cada vez mais rápido, enquanto a maré baixava e o vento aumentava de intensidade. Na apertada passagem os inimigos os atacaram repentinamente com mosquetes, mas uma descarga da *Diane* os fez desistir, e conseguiram sair imediatamente para o alto mar. Navegavam entre as familiares ondas enquanto o impassível raio de luz do farol fendia o ar por cima de suas cabeças, e lá, a menos de uma milha de distância, com os faróis dos cestos das gáveas acesos, achavam-se a *Surprise* e os barcos da esquadra.

## CAPÍTULO 7

---

Jack Aubrey logrou subir a escada de popa com ajuda de Bonden, que o empurrava por trás, mas Tom Pullings se surpreendeu a palidez marmórea de sua cara quando o iluminou com a lanterna. Ao mesmo tempo que desaparecia sua expressão alegre e triunfal, Pullings se adiantou para pegá-lo no braço perguntando:

— Está bem, senhor?

— Só são alguns cortes — respondeu Jack quando avançava para o castelo de popa, onde suas botas empapadas de sangue deixavam uma marca a cada passo —. Que é isto? — perguntou ao ver um enorme buraco que havia no costado de bombordo, justo no final da popa.

— Uma bomba, senhor. Os franceses lograram subir um morteiro para a colina quando estávamos recolhendo a âncora. Mas só causou danos no jardim, não abaixo.

— Então poderemos pôr... — começou a dizer Jack e se virou para ver melhor a parte ferida, mas o desafortunado giro lhe causou tanta dor que teve que se agarrar a um brandal para não cair e se passaram alguns momentos antes que pudesse continuar — : pôr gavietes modernos por fim.

— Venha, senhor, tem que descer imediatamente — disse Pullings, segurando-o fortemente —. Já faz mais de meia hora que o doutor subiu a bordo e está na coberta inferior com o senhor Martin. Ajude aqui, Bonden.

Jack não pôde resistir e só murmurou:

— Nós nos aproximaremos da *Tartarus* com as maiores desdobradas.

Depois deixou que eles o levassem até a iluminada coberta inferior, onde Stephen e Martin estavam atendendo aos feridos. Sentou-se em uma maca enrolada e se pôs dobrado e encolhido, pois era a única posição em que sentia alívio. Provavelmente perdeu a consciência, pois quando voltou a si, estava desnudo em cima dos baús cobertos com uma lona ensangüentada e Stephen e Martin examinavam a parte de abaixo de suas costas.

— Não é aí onde me dói — disse com uma voz assombrosamente forte —. Me dói a maldita perna.

— Bobagem, meu amigo — replicou Stephen —. Essa é uma dor refletida pelo nervo ciático. Estamos no ponto correto. Tem uma bala de pistola alojada entre as duas vértebras — acrescentou apalpando a região.

— Aí? Pensei que um cavalo me dera um coice. Naquele momento quase não notei nada.

— Todos somos falíveis. Agora quero que me escute, Jack, por favor. Temos que tirá-la imediatamente e, se Deus quiser e tudo vai bem, só terá que passar uma semana rígido, nada mais. Mas quando eu pegar a bala com o saca-balas e começar a movê-la, sentirá muita dor, mais do que poderá suportar sem se mover, assim que tenho que lhe amarrar. Aqui tens uma almofadinha de couro para pôr entre os dentes. Bem, já está atado. Morda duro e relaxe as costas todo o possível. A dor não durará muito. Martin, pode passar-me o saca-balas longo?

Para Jack pareceu que o fato de que fosse longo ou curto não tinha nenhuma relação com a agonia que seguiu a essas palavras. A dor foi tão grande que, apesar de sua foça, retorceu-se debaixo das amarras forradas de couro e ouviu sair de sua boca um bramido semelhante ao de um animal, e depois outro, e outro... Mas a agonia terminou por fim e Martin soltou as amarras enquanto Stephen tirava a almofadinha de sua boca e secava o suor que cobria sua testa. A dor ainda estava ali e se estendia em ondas pelo seu corpo, mas era só uma sombra do que fora e cada vez as ondas tinham menor alcance; eram como a baixa-mar.

— Bem, meu amigo, já terminou — disse Stephen —. A bala saiu bem e, se não fosse assim, sua perna não teria muito valor.

— Obrigado, Stephen — murmurou Jack, ainda ofegando como um cachorro quando eles lhe puseram uma faixa e o viraram para curar as outras feridas: a do antebraço direito, superficial mas espetacular, e a da coxa, um talho bastante profundo. Não notara quase nada quando lhe fizeram, ainda que tenham provocado uma grande perda de sangue. Agora tinha tão pouca sensibilidade como então, e ainda que notasse como Stephen futucava nelas e as espetadas que lhe dava com a agulha ao cosê-las, ou seja, que via, ouvia e notava Stephen trabalhando, quase não sentia nada.

— Qual foi o saldo de feridos? — perguntou.

— Muito alta para uma batalha tão curta — respondeu Stephen —. Não houve mortos, mas três homens têm feridas abdominais que não me gostam nada e o senhor Bentley tem todo o corpo machucado porque tropeçou em um balde e caiu pela escotilha central. E há muitos, muitos mais do que pareceria razoável em uma batalha naval, que sofreram lesões pelos coices e as mordidas dos cavalos. Tome um trago disto.

— O que é?

— Um remédio.

— Tem sabor de conhaque.

— Tanto melhor. Padeen, tu e Bonden tirarão o capitão daqui neste lençol. Não o dobrem. Têm que pô-lo estendido na maca. O caso seguinte.

Stephen estava acostumado a ver seu amigo cair em melancolia depois da euforia da batalha e quando foi ver como estava na guarda de meia, depois de fazer a ronda com uma lanterna na mão, encontrou-lhe acordado e disse:

— Jack, é possível que a angústia que sentias faz pouco, a perda de sangue, a dor que tens e a incômodo que as suturas produzem tenham feito seu ânimo decair; mas deve pensar que apresou uma fragata do Governo francês mais potente do que a sua junto com duas de suas canhoneiras, que possuem valiosos canhões, e também dois mercantes que pertencem aos nossos inimigos.

— Querido Stephen — começou Jack, e seus dentes brilharam na penumbra —. Estive pensando precisamente nisso desde que me

costurou e por isso não consegui dormir. — Fez uma pausa e depois acrescentou — : A verdade é que pensei que havia perdido a pele nessa batalha. Quase não notei nada ali e quando cheguei aqui eu estava morrendo, ou pelo menos pensava assim.

— Indubtavelmente, a dor deve ter sido muito intensa, mas não tem nada que temer porque a bala saiu. Não tinha fragmentos de tecido e entrou em linha reta e sem produzir lacerações, e saiu exatamente da mesma forma que entrou. Também saiu um considerável fluxo de sangue, mas a ferida é mínima. Quanto às outras, são dois cortes horríveis, mas já teve uma dúzia deles muito piores e nenhum lhe causou prejuízos permanentemente. Se beber isto, você relaxará e dormirá, amanhã pela manhã se sentirá um pouco melhor. Poderá voltar a trabalhar, ainda que com moderação, assim que lhe tire as suturas, e já sabe que quase sempre a cicatrização de suas feridas é boa.

Raras vezes o doutor Maturin fizera uma profecia tão acertada. No dia treze pela manhã subiram Jack Aubrey em uma poltrona para o castelo de popa, e lá sentado, sob os suaves raios do sol, contemplou a fileira de presas e recebeu felicitações.

— Oh, senhor, isto é comparável à captura do *Cacafuego!* — exclamou Babbington —. Não poderia ter conseguido maior êxito, mas confio em que não haja pago um preço muito alto.

— Não, não. O próprio doutor diz que isto não é nada.

— Bem, se ele chama a isto de nada — observou Babbington, assinalando com a cabeça seu braço na tipóia, sua perna vendada e sua cara, que estava branca como a cera —, que Deus nos ajude quando nos diga que temos feridas graves.

— Amém — disse Jack —. William, examinou a *Diane*?

— Sim, senhor. É uma embarcação muito bonita, de elegantes linhas, e tem a proa muito estreita, ainda que esteja tão afundada na água que parece que não avança.

— É que tem provisões para doze ou treze meses porque ia para longe, muito longe. Mas me referia a todas essas jovens que estão caminhando pelo convés. As observou?

— Oh, sim, senhor! — respondeu Babbington, que era um homem lascivo e as estava olhando pela luneta desde que

apareceram —. Há uma vestida de verde justo atrás da grade do castelo de popa que é singularmente bonita.

— Sempre foi um puteiro, William — sentenciou Jack.

Todos na Armada sabiam que o jovem Aubrei havia sido degradado, quando estava em frente ao Cabo a bordo do navio *Resolution*, porque escondera uma jovem negra na parte da cobertura inferior onde se guardavam as amarras da âncora. Ademais, sendo tenente, capitão e capitão de navio, nunca se havia comportado como um modelo de castidade.

— Recordo que no mar Jônico, quando estava ao comando da *Dryad*, levava a bordo um harém de jovens gregas — acrescentou —. Mas a minha intenção era sugerir que as mandasse para a Inglaterra junto com os feridos em um barco com bandeira branca.

— É uma boa idéia, senhor — disse, afastando com desânimo a vista da jovem vestida de verde —. Provavelmente o doutor me dirá quando os feridos poderão ser movidos. Mas agora que o penso, não o vi em toda a manhã.

— Nem acredito que o veja até o meio-dia. O pobre lutou ontem à noite como um herói no ataque, onde, por certo, matou ao capitão francês limpamente. E depois passou o restante da noite costurando aos franceses que espetara e aos nossos homens. Justo depois de mim, operou a um oficial francês a quem lhe saía sangue aos borbotões dos pulmões.

— O que ele fez no senhor, senhor?

— Bem, envergonha-me dizer que ele tirou uma bala da parte baixa de minhas costas. Provavelmente a dispararam quando me virei para chamar mais marinheiros, o que não fiz, graças a Deus. Nesse momento pensei que havia sido atacado por um dos cavalos que andavam atrás do leme.

— Porém, senhor, não é possível que um cavalo haja disparado uma pistola.

— Contudo, alguém a disparou. Diz o doutor que a bala estava alojada junto ao nervo ciático.

— O que é nervo ciático?

— Não tenho idéia, mas quando deixou de ficar, por assim dizer, paralizado e eu, com um movimento desajeitado, fiz com que

a bala se aproximasse ainda mais, a questão... Não poderia descrever o mal-estar que senti até que o doutor a tirou.

Babbington, com uma expressão grave, negou com a cabeça e depois de alguns momentos disse:

— Os norte-americanos chamam de estai ciático ao que vai do mastro maior ao tope do traquete.

— Sim, eu me recordo. Provavelmente é porque lhes causa uma verdadeira agonia colocá-lo.

— Aqui vem o senhor Martin, ele nos poderá dizer quantos franceses feridos podem se mover.

Meia hora depois o conjunto de barcos com suas presas, um impressionante conjunto de dez embarcações que ocupavam uma grande extensão do mar, estava situado a umas duas milhas ao sudoeste do cabo Bowhead com as velas amuradas para bombordo, em meio do vento do nor-nordeste, e se movia somente o suficiente para poder manobrar. Os botes iam de um lado para outro. Os feridos foram descidos com cuidado para o bote da *Tartarus* e as jovens, junto com uma velha desagradável que aparentemente era uma alcoviteira, para a pinaça da *Surprise*. Ambas embarcações colocaram os mastros, desdobraram as velas e se dirigiram para Saint Martin com uma bandeira branca.

A esquadra havia virado duas vezes e ao passar outra vez pela frente da entrada do porto puderam ver à altura do quebra-mar os botes que regressavam. Nesse momento o doutor Maturin subiu para o convés com uma xícara de café na mão. Depois de dar os bons dias aos seus companheiros de tripulação, de perguntar a Jack como se encontrava e de ouvi-lo dizer: “Muito bem, enquanto estou sentado. Agradeço muito seus cuidados. Quer dar uma espiada na bonita popa da *Diane*?”, voltou-se para Tom Pullings e disse:

— Capitão Pullings, meu amigo, poderia fornecer-me um bote para ir à *Diane* para ver o meu prisioneiro? Disse a Bonden que o metesse na bodega com os outros para que não atrapalhasse enquanto rebocávamos a fragata.

— O próprio Bonden o levará, senhor. Chamem a Bonden.

Uma vez mais Stephen foi de coche do Grapes para o mercado Shepherd e uma vez mais sir Joseph abriu a porta e lhe deu as boas-vindas, mas desta vez ambos tiveram que levar documentos e pacotes de papéis para a biblioteca.

— Sente-se, querido Maturin, e bebamos uma taça de vinho de Madeira enquanto recobramos o fôlego. Mas antes quero felicitá-los ao senhor e a Aubrey por sua grande vitória. Só vi o sucinto relatório que ele enviou ao Almirantado, porém, pelo que li nas entre linhas, soube que esse foi um dos brilhantes ataques surpresa nos que nosso amigo é um especialista, e, sem dúvida, também ouvi o estrepitoso aplauso do público. Contudo, a julgar por sua expressão grave e, perdoe-me que o diga, melancólica, acho que apesar da operação ter permitido a Aubrey lograr seus fins, não permitiu o mesmo ao senhor. Por acaso não era verdade tudo o que se sabia da *Diane*?

— Oh, sim! Em efeito, tinha a missão de ir às colônias espanholas e de interceptar-nos, e nestes papéis estão os nomes de todas as pessoas com quem os agentes secretos franceses poderiam haver-se posto em contato, assim como grande quantidade de informação sobre outras coisas; por exemplo, as somas entregues a distintos oficiais. Ademais há pastas com papéis que ainda não decifrei e que provavelmente contenham comentários dos residentes das povoações sobre a situação atual nelas.

— Bem, meu angelical doutor, o que mais o senhor pode pedir? — perguntou sir Joseph, deslizando com enorme prazer sua mão para os documentos e lendo rapidamente o encabeçamento —. Aqui está todo o trabalho feito por nós: todos seus agentes e seus planos descobertos. Como é possível que esteja tão triste?

— Porque deveria ter trazido também ao Almirante Vermelho, o autor da metade destas notas.

O Almirante Vermelho era um oficial de marinha francês nomeado Segura que era famoso por sua participação nos massacres que sucederam à evacuação dos aliados de Toulon, e que havia ingressado em um dos serviços secretos franceses. Não era um almirante de verdade, mas era cruel e sanguinário e um dos membros mais importantes de sua organização.

— Eu o tinha atado de pés e mãos no fundo do bote no início do ataque, mas depois, como tinha que rebocar a *Diane*, ordenei que o metessem na bodega com os outros prisioneiros. Cometi a imperdoável leviandade de deixá-lo ali até o dia seguinte, mas o maldito porco pôs um condenado trapo na cabeça e uma saia e desceu para terra com as mulheres e os homens com feridas leves. Buscamos e buscamos e por fim encontramos seus calções, que tinham na cintura a inscrição: Paul Segura.

— Quantas maldições terá proferido, querido Maturin! Isso deve de ter doído na alma. Acho que eu ficaria a ponto de cortar meu pescoço ou pagar a alguém para que me enforcasse. Mas provavelmente, quando teve tempo de refletir, não deixou de advertir que sua presença não era realmente importante e que sua ausência não desmerece em absoluto seu triunfo. Nem ao menos sob uma grande pressão nos teria dito mais do que está escrito nestes papéis, porque, ou muito me equivoco, ou contêm as considerações de todos os membros de seu departamento sobre este assunto e as instruções dos agentes secretos.

— talvez houvéssemos podido induzi-lo a nos dizer onde escondeu o dinheiro com que ia convencer os funcionários na América do Sul, uma quantia equivalente à enorme soma que recuperamos na última viagem. Acho que equivale ao valor de um de seus navios de linha de primeira classe, conforme um cálculo muito prudente, e queria poder dizer que havia acrescentado uma embarcação assim aos barcos da Armada. Jack Aubrey afundou um quando estava ao comando do horrível *Leopard*, que é algo muito similar, ainda que ao contrário.

— Com respeito a isso pode ficar tranqüilo. Sem dúvida, a Armada comprará a *Diane*, e os carpinteiros a repararão toda com sua varinha mágica. Há dois que são particularmente hábeis em assuntos deste tipo, e me admiraria que seu pensamento não seguisse a mesma pauta do dos franceses.

— Isso é um alívio, querido sir Joseph. Que tonto fui ao não dar-me conta disso antes! — Então sorriu enquanto assentia com a cabeça, bebeu um trago de vinho de Madeira e disse — : dessa varinha mágica, da varinha mágica que usarão os louváveis

carpinteiros navais, ouvimos falar todos os dias e, contudo, não vi a ninguém com uma, nem hoje nem em nenhum outro dia.

— É possível que por ser mágica não se veja.

— Certamente, certamente! — exclamou Stephen e se deu um golpe na testa —. Vejo que esta não é minha hora mais brilhante. Confesso que sei tão pouco da atual situação de Jack Aubrey como ele mesmo, e lhe rogaria que me falasse dela.

— Se ainda estivesse na lista, receberia o título de cavaleiro ou mesmo o de barão por isto. Já sabe que o teria conseguido com o *Waakzamheid* se seu velho pai, lamentavelmente, não houvesse incomodado com insistência aos ministros na Câmara dos Comuns. Apesar de tudo, esta façanha, que vem se somar ao golpe que deu nas Açores, foi aplaudida com entusiasmo pelos membros da Armada e, o que é mais importante para nossos objetivos, pelo público. Já se ouvem baladas nas ruas referentes a isso. Aqui tenho uma que comprei ontem. O poeta diz que deveriam dar a Aubrey o título de duque. Ou acaso as folhas de morango representam um título inferior ao de duque?

— Acho que representam simples condes, mas não estou muito seguro disso — disse Stephen, pegando a folha que dizia:

*A capa de arminho, a coroa de ouro,  
e as folhas de morango.*

*Quem é o marinheiro que está na cidade?*

*É o capitão Aubrey, já não há dúvida.*

*Quem lhes golpeou por cima e por abaixo?*

*Ah, o das folhas de morango!*

*Quem aos franceses deu uma surra?*

*O capitão Aubrey, sem dúvida.*

*No porto de Saint Martin a outra noite.*

*Ah, o das folhas de morango!*

*Quem os despertou com um fragor horrível?*

*Quem senão o capitão Aubrey?*

— Bem — disse Stephen depois de lê-la —, um não pode fazer outra coisa que compartilhar seus sentimentos. Mas permita-me

afastar-me do tema e perguntar-lhe pelo general Aubrey.

— Não se sabe nada com certeza, mas aquele homem pertinaz, inteligente e sagaz que o senhor contratou, Pratt, acredita que agora há encontrado de verdade sua pista no norte do país.

— Tanto melhor. Agora queria voltar à atual situação. Compreendo perfeitamente que Jack Aubrey por ser um simples civil, não possa aspirar a um título, e de passagem lhe direi que provavelmente ele não o deseje, porém, há possibilidades de que o reabilitem, que é o que deseja de todo coração?

— Maturin — disse sir Joseph depois de ficar pensativo alguns momentos —, quisesse poder dizer: “Sim, e muito cedo, sem esperar à coroação do rei”. Contudo, a situação é muito rara. — Moveu sua cadeira para frente e, em voz mais baixa, continuou —. Eu lhe disse faz algum tempo que não estava satisfeito com o modo com que Wray e Ledward foram perseguidos depois que nós falhamos ao tentar pegá-los. Deveria ter-lhes sido impossível sair do país, mas saíram, pelo que suspeito que têm um aliado em uma posição muito alta. Naturalmente, esse aliado é contra Jack Aubrey e sua existência explicaria a inveterada animosidade por nosso amigo, uma animosidade cujos motivos vão além da antipatia que os ministros sentem por ele por tê-los tratado mal, além de seu ódio pelos amigos radicais de seu pai e além de sua resistência de admitir que cometeram um erro. Porém, por outro lado, aqui há pessoas que antes tinham uma atitude hostil por ele e agora têm uma benévola, como, por exemplo, Melville, alguns dos lordes mais jovens e vários membros muito respeitáveis da Câmara. E, certamente, aí está a grande força que tem a opinião pública. Tenho a impressão de que neste momento há um equilíbrio e que se... — O pequeno relógio de mostrador prateado deu a hora e sir Joseph se pôs de pé —. Perdoe-me, Maturin — interrompeu-se —, mas não comi e estou morto de fome. Ademais, eu disse para Charles que nos reservasse a mesa que fica no canto, junto à janela, e se não formos logo a arrebatarão. Foram até o clube, e uma vez mais Stephen notou que os discretos gestos e inclinações de cabeça e com a frase “Lhe felicito, senhor” dita em voz baixa com que foi recebido eram os que teriam usado para receber a alguém que tivesse conseguido um

grande triunfo. A mesa, situada junto à janela no canto da sala de jantar e bastante afastada, estava esperando-os, e durante os poucos minutos que passaram antes que aparecesse o frango fervido com molho de ostras, o prato que geralmente pediam para jantar, sir Joseph comeu com voracidade vários pedaços de pão.

— Como o senhor indubitavelmente saberá — começou —, o despacho, isto é, o relatório oficial, foi conciso. Só dizia que a *Surprise* foi até Saint Martin depois de receber instruções de interceptar à *Diane*, e no dia doze deste mês pela noite desamarrou a fragata e outras embarcações citadas da margem e que, com a ajuda dos botes dos barcos de sua majestade, as tirou do porto a reboque e que depois as entregou ao comandante do porto de Plymouth. Certamente, em todos os jornais apareceram versões não oficiais, em muitos em tom sensacionalista, junto com a confirmação de que essas embarcações foram recebidas em Plymouth, mas lhe alegrará saber que...

Nesse momento trouxeram o frango para a mesa. Blaine serviu Stephen e quando foi comer uma coxa, o duque de Clarence, aparentemente mais robusto do que nunca, com uma casaca azul brilhante e a estrela de Garter pendurando em seu largo peito, cruzou rapidamente o refeitório e se aproximou deles. Ambos se levantaram quando ouviram que com sua potente voz perguntava:

— Maturin, como está? — Então apertou a mão de Stephen e acrescentou — : Sir Joseph, boa tarde. Quando já ia partir Joe me disse que o doutor estava aqui e decidi me aproximar para perguntar como estava, ainda que não tenho nem um minuto a perder.

Blaine olhou com desespero a coxa de frango e secou um pouco de saliva da comissura dos lábios.

— O senhor esteve lá, Maturin? Esteve em Saint Martin com Aubrey?

— Sim, senhor.

— Claro que esteve lá! Uma cadeira! Traga-me uma cadeira, Arthur! Sentem-se, cavalheiros. Conte-me tudo enquanto come, Maturin. Quanto eu gostaria de ter estado com o senhor! Pelo que dizem, foi algo extraordinário, ainda que não acredito que o senhor tenha visto muitas coisas, se estava na coberta inferior.

Um homem vestido de negro se aproximou desde a porta e murmurou algo em seu ouvido. O duque se levantou dizendo:

— Estão me esperando. Tenho que ir a Windsor amanhã pela manhã, doutor, mas diga a Aubrey que da próxima vez que venha à cidade eu gostaria vê-lo. Felicite-o de minha parte e diga-lhe que eu gostaria de ouvir o relato de seus próprios lábios da próxima vez que venha à cidade.

— Outros cinco minutos e eu teria enfurecido tanto que cometeria um delito de lesa majestade — disse pouco depois sir Joseph, limpando a boca —. Porém, Maturin, se já acalmou seu apetite, agradeceria que me fizesse um relato completo do ocorrido, tendo em conta que não sou um bom marinheiro.

Escutou atentamente enquanto observava os pedacinhos de pão que ajudavam às explicações e ao final suspirou e, movendo a cabeça de um lado para outro, comentou:

— Como disse o duque, foi algo extraordinário.

— Acho que a operação houvesse saído à perfeição se não fosse pelas malditas canhoneiras e pela baixa-mar. Se não se houvessem perdido esses poucos minutos que permitiram aos tripulantes da *Diane* e aos soldados subirem a bordo, teríamos podido tirá-la sem derramamento de sangue.

— O combate deve de ter sido terrível até que as pranchas se separaram. Mas não mencionou o número de baixas nem eu lhe perguntei, porque a alegria que senti pelo triunfo me fez esquecer de perguntar.

— Nenhum de nossos homens morreu, mas muitos ficaram feridos, alguns gravemente.

— Espero que não o tenham ferido ao senhor tampouco.

— Não tive nem um arranhão, obrigado. Contudo, Aubrey recebeu uma bala de pistola a uma polegada da coluna, muito perto do nervo ciático.

— Meu Deus! Não me havia dito que estivesse ferido.

— Bem, a ferida já não tem importância, mas por pouco foi a última que recebeu em sua vida. Extraímos muito bem a bala e o pequeno orifício está se curando como esperava. Também lhe deram

dois golpes, um na coxa e outro no antebraço, e lhe fizeram perder muito sangue porque se movia muito quando o atingiram.

— Que me conta, Maturin! Pobre homem! Suponho que teve muitas dores.

— Durante a extração da bala e no período justamente anterior foi espantoso. Mas durante a batalha não se sente quase nada, sabe? Já vi pacientes com horríveis feridas que não haviam percebido.

— Bem, bem — disse sir Joseph pensativo —. Isso é um consolo; contudo, suponho que estará muito pálido depois de perder tanto sangue.

— Tem a cara semelhante a um pergaminho.

— Tanto melhor. Não creia que sou um desalmado, Maturin. O que ocorre é que um herói pálido tem muito mais importância que um rosado. Pode se mover?

— É claro que pode se mover! Eu o levei para Ashgrove Cottage e está caminhando entre suas rosas e passando sabão líquido nos pulgões.

— Acredita que ele poderia vir até Londres em uma diligência? Pergunto isso porque me parece que este é o melhor momento para que o público, e sobretudo os homens que tomam as decisões, o vejam. Mas talvez ache que a viagem é muito comprida.

— Oh, não! Em uma diligência que tenha boa suspensão e venha devagar e pelos caminhos mais modernos, qualquer homem poderia viajar comodamente. Mas não sei se se sairá bem entre uma multidão, porque lhe ordenei que só comesse papas e que não tomasse cerveja nem vinho, só uma colherada de vinho do porto antes de ir para a cama. E além disso, às vezes se irrita com facilidade, como geralmente ocorre com os convalescentes.

— Limitarei o número de pessoas a doze.

— Poderia dar-lhe uma boa dose de um remédio que o tranqüilizasse e inclusive lhe proporcionasse brilhantismo ao seu discurso, mas me pergunto se um médico deve manipular ao seu paciente por causas alheias às estritamente relacionadas com a medicina. Permita-me refletir durante um tempo.

Tomaram o café na biblioteca e, enquanto estavam ali sentados, Stephen disse:

— A irritabilidade dos convalescentes pode começar muito cedo. Um exemplo disso é o que ocorreu em Shelmerston. Quando os barcos capturados se foram para Plymouth para que o tribunal que entende em matéria de presas decidisse se eram de lei ou não e a *Surprise* estava sozinha, uma corveta da Armada Real com uma tripulação muito numerosa entrou no porto. Seu capitão tinha intenção de escoltar a *Surprise* até Dock, onde o comandante do porto queria que a reparassem no estaleiro da Armada Real às custas do rei; contudo, os tripulantes da *Surprise*, muitos dos quais tinham a possibilidade de serem condenados por diferentes causas, especialmente por deserção, não sabiam disso e se propuseram lograr que a corveta se afastasse, aproveitando que não havia oficiais no castelo de popa porque haviam ido nas presas. O capitão Aubrey estava escrevendo seu relatório nesse momento, mas assim que ouviu seus gritos, subiu para o convés feito uma fúria e lhes fez calar dizendo-lhes que eram um bando de marinheiros de água doce, que não serviam nem para tripular um iate do margate, que não iam navegar mais com ele e que ia lhes dar cem chicotadas. Ele os maldice, os chamou de sodomitas e lhes ordenou que deixassem que o bote onde vinham vários guardas-marinhas se abordasse com a fragata e que colocassem guarda-mancebos para que subissem a bordo. Depois de perguntar-lhes se não sabiam como deviam tratar aos oficiais do rei, os chamou de inúteis e os ameaçou a deixá-los em terra em menos de uma hora.

— E eles estavam muito abatidos?

— Não. Sabiam que deviam fingir que sua expulsão os havia surpreendido até o ponto de ficar sem palavras e isso fizeram o melhor que puderam. Mas ao final ele os perdoou e sugeriu aos que não queriam que os vissem em Plymouth que descessem para terra imediatamente.

— Então vão repará-la em Dock. Fanshawe foi muito generoso. Sofreu muitos danos?

— Uma bomba destruiu o pequeno jardim do costado de bombordo, mas nada mais. Isso não tem importância porque há

outro no estibordo e precisamente em seu lugar porão uma espécie de grua muito conveniente.

Sir Joseph assentiu com a cabeça e depois de um momento disse:

— Mas penso que se Jack Aubrey for à América do Sul agora... Bem, suponho que o senhor o autorizará a navegar outra vez muito cedo.

— Assim que façam os reparos e esteja a bordo a enorme quantidade de provisões, ele poderá fazer-se ao mar sem preocupações, sobretudo com um imediato a bordo como Tom Pullings.

— Muito bem, mas se for agora para a América do Sul, onde a gente não pode vê-lo, é como se se fosse para o esquecimento. Ainda que derrotasse todos os barcos franceses e norte-americanos que há por lá ao preço de perder seu braço direito e um olho, não poderia voltar ao seu país a tempo para tirar vantagem de sua glória; quer dizer, não receberia a aclamação do público nem se beneficiaria da influência disso nas autoridades, e em dois ou três meses sua glória seria esquecida. Não se acharia em circunstâncias tão favoráveis como estas, assim que teria desperdiçado a maré.

— Indubtavelmente — respondeu Stephen —, essa é uma observação muito importante. — Durante toda sua carreira naval ouvira essas palavras, usadas tanto em sentido próprio como em sentido figurado e às vezes em um tom tão grave que pareciam fazer referência a um pecado imperdoável, pelo que haviam adquirido um significado funesto, como o das que se usavam ao fazer um conjuro ou uma maldição —. Seria horrível que desperdiçasse a maré.

O longa sala de jantar da casa de sir Joseph, que raras vezes se usava, estava impecável. Era antiquada, pois tinha as paredes forradas de nogueira em vez de cetim ou mogno, mas a harpia mais exigente do mundo não poderia encontrar nem uma mancha de poeira nele. As doze reluzentes cadeiras de fundo largo estavam muito bem alinhadas e a toalha de mesa era tão branca como a neve recém caída e estava completamente lisa, já que a senhora

Barlow não deixava que se formassem rugas que impedissem o perfeito caimento do tecido, e, naturalmente, a prataria brilhava outra vez. Contudo, sir Joseph ia de um lado para outro, movendo ora um garfo ora uma faca, e perguntava para a senhora Barlow se estava segura de que os diferentes pratos estariam quentes e se teria pudim suficiente porque “o cavalheiro e o lorde Panmure” gostavam muito, e as respostas eram cada vez mais curtas. Depois disse:

— Talvez deveressemos mudar tudo. O cavalheiro está ferido na perna e poderia estendê-la na banquetta da biblioteca, mas para que possa fazê-lo teria que ficar sentado na ponta da mesa, mas que perna e que ponta?

A senhora Barlow pensou: “Se isto continuar por mais cinco minutos, jogarei pela janela toda a janta, a sopa de tartaruga, as lagostas, os pratos que acompanham ao principal, o pudim e tudo”.

Mas antes que passassem cinco minutos, antes que Blaine movesse de lugar mais de um par de cadeiras, começaram a chegar os convidados. Era um interessante grupo de homens: dois colegas de Blaine de Whitehall, quatro membros da Royal Society, um arcebispo que participava na política, vários respeitáveis terratenentes, alguns donos de seus distritos eleitorais e outros representantes de seus condados, e dois homens da Cidade, um dos quais era um eminente astrônomo. Ainda que nenhum pertencia à oposição, nenhum tinha um cargo na administração nem desejava uma condecoração nem dependia dos ministros. Todos os que ocupavam uma cadeira na Câmara dos Lordes ou na dos Comuns podiam abster-se de dar seu voto ou votar contra o Governo em assuntos em que estavam em franco desacordo com a política oficial, enquanto que os que não ocupavam nenhuma cadeira eram homens cujas recomendações tinham peso na administração.

Em ocasiões deste tipo sir Joseph contratava serventes de Gunter's, e o esplêndido mordomo anunciou nove cavalheiros antes de dizer: “O doutor Maturin e o senhor Aubrey”. Todo o grupo olhou com interesse para a porta, e ali, junto à frágil figura do doutor Maturin, apareceu um homem exageradamente alto, magro e de ombros largos que estava pálido e sério. A seriedade e a palidez se

deviam em parte à terrível fome (seu estômago estava acostumado aos horários de efeiçãõ da Armada, que era várias horas antes que a de Londres), mas a primeira era, sobretudo, uma armadura que lhe protegia de possíveis gestos desrespeitosos e a segunda era principalmente consequência de suas feridas.

Blaine avançou apressadamente e felicitou ao senhor Aubrey, agradeceu a sua presença, disse que esperava que suas feridas não lhe molestassem muito e perguntou se queria uma banquetta. Antes do que mandava a etiqueta lhe seguiu um homenzinho rosado com uma casaca de cor cereja que tinha uma expressão alegre e bondosa.

— Provavelmente não se recordará de mim, senhor — disse, fazendo uma profunda reverência —. Tive a honra de conhecê-lo junto à cabeceira de meu sobrinho William, o filho de minha irmã casada com o senhor Babbington, quando o feriram na vitoriosa batalha em que tomou parte em 1804, uma das vitoriosas batalhas daquele ano. Até faz pouco me chamava Gardner, mas agora me chamo Meyrick.

— Lembro do senhor perfeitamente, milorde — respondeu Jack —. William e eu falamos do senhor faz apenas duas semanas. Permita-me felicitá-lo.

— De jeito nenhum, de jeito nenhum! — exclamou lorde Meyrick —. É ao contrário. Acho que mudar de uma câmara para outra não pode se comparar a sacar do porto uma fragata.

Disse mais algumas frases bajuladoras e, ainda que a maioria de suas palavras foram afogadas pelos cumprimentos dos homens que Jack já conhecia e pelo que dizia sir Joseph ao apresentar-lhe aos demais, sua sinceridade não podia lhe produzir outra coisa que prazer. Nenhum dos outros convidados chegou a se expressar como lorde Meyrick (faltava-lhes sua simplicidade) e, contudo, suas sinceras felicitações haveriam satisfeito a qualquer homem muito mais orgulhoso de si mesmo que Aubrey. Sua reserva e sua seriedade (que não costumava ter antes) se desvaneceram, e o xerez de sir Joseph, que se estendeu por seu estômago reduzido e necessitado de vinho, contribuiu para isso.

O tio de Babbington insistiu em dar a precedência a Jack, que se sentou ao lado direito de Blaine muito alegre e desejoso de ingerir a sopa de tartaruga que seu nariz havia detectado fazia tempo. O arcebispo bendisse a mesa e a promessa se converteu em realidade: a parte verdosa e a parte ambarina do interior da carapaça nadavam em seu próprio suco. Depois de alguns momentos, Jack comentou a Blaine:

— Os clássicos falam sem parar da ambrosia, mas não sabem o que dizem. Nunca comeram sopa de tartaruga.

— Não há tartarugas no Mediterrâneo?

— Oh, sim! Mas somente tartarugas marinhas, as tartarugas das quais se tira a carapaça. A verdadeira, a que contém a ambrosia, é a verde, e para encontrá-la há que ir às Antilhas ou à ilha da Ascensão.

— A ilha da Ascensão! — exclamou lorde Meyrick —. Quantas recordações me traz à memória! Que oceano de vasta eternidade! Quando era jovem ansiava viajar, senhor. Ansiava ver a Grande Muralha chinesa, o venenoso antiar, o fluxo e refluxo do fabuloso Nilo e as lágrimas do crocodilo, mas quando cheguei a Calais compreendi que não poderia, que meu corpo não suportava o movimento. Esperei nessa maldita cidade até que houvesse um dia tranqüilo, um dia de calma, e então me trouxeram devagar, ainda meio morto e cheio de melancolia. Desde então só viajei, lutei, sofri, conquistei e sobrevivi na pessoa de William. Quantas coisas me conta, senhor! Como o senhor e ele, na *Sophie*, um barco de catorze canhões, aprisionaram o *Cacafuego*, de trinta e dois...

Seguiu contando com todo detalhe as batalhas em que Aubrey havia participado e disse que tivera muita sorte nelas. Os dois terratenentes, que estavam do outro lado da mesa, sentiram mais respeito por Jack e o olharam surpreendidos porque sua carreira, contada fielmente, era realmente extraordinária.

— Senhor Aubrey — murmurou Blaine, interrompendo o relato justo quando a *Surprise* estava afundando um barco turco no mar Jônico —, acho que o arcebispo quer brindar com o senhor.

Jack olhou para a ponta da mesa e ali viu ao arcebispo sorrindo-lhe e com uma taça na mão.

— Brindo ao senhor, senhor Aubrey — sentenciou.

— Muito obrigado, milorde — respondeu Jack, assentindo com a cabeça —. Brindo por sua felicidade.

A este brinde seguiram outros com outros cavalheiros, e Stephen, sentado no centro do outro lado da mesa, notou que a cor voltava ao rosto de Jack, ainda que mais rápido do que o desejável. Pouco depois notou também que seu amigo ia começar a contar uma anedota. As anedotas de Jack Aubrey raras vezes terminavam bem, porque não tinha talento para contá-las, mas como sabia desempenhar o papel de convidado, olhou alegremente para o homem que estava do seu lado e começou o relato.

— Quando era menino havia um bispo em nossa região, o bispo anterior ao doutor Taylor, que quando foi nomeado para o cargo percorreu toda a diocese. Foi a muitos lugares e quando chegou a Trotton não podia acreditar que aquele lugar solitário, onde só havia algumas cabanas de pescadores na costa, fosse uma paróquia. Então perguntou ao pastor West, que era um excelente pescador também, e que me ensinou a pescar enguias... Perguntou ao pastor West...

Jack franziu o cenho e Stephen juntou as mãos. Nesse ponto era onde a anedota poderia dar a perder, dependendo da palavra que incluísse na pergunta do arcebispo.

— Perguntou ao pastor West: “Há muitas almas aqui?”

— Stephen relaxou —. E o pastor West respondeu: “Não, milorde, somente peixes”.

Jack Aubrey, comprazido pela boa acolhida que tivera seu relato, por tê-lo feito quase de um puxão e porque de momento havia cumprido com as normas sociais, passou a comer o excelente cordeiro, e ao seu redor começou uma conversa. Alguém sentado perto do arcebispo disse que os franceses desconheciam os costumes e os títulos ingleses, e um dos homens de Whitehall disse:

— Sim. Quando Andréossy, o enviado de Bonaparte, estava aqui, dirigiu-se ao meu chefe em uma carta como dom sir Williamson. Além disso, fez algo pior: Intrigava com a esposa de um de nossos colegas, uma mulher francesa, e quando ouviu que os Devonshire estavam em má situação econômica, mandou-a ver a

duquesa e oferecer-lhe abertamente dez mil libras por segredos do Conselho de Ministros. A duquesa comunicou isso a Fox.

— A ignorância será a causa que fará os franceses perderem esta guerra — disse o homem que estava ao seu lado —. Começaram por cortar a cabeça de Lavoisier alegando que a República não necessita de cientistas.

— Acredita que pode se dizer que os franceses são ignorantes se se compara a sua atitude para com os balões com a nossa? — perguntou o homem que estava sentado na frente dele —. Sem dúvida o senhor recordará que muito cedo tiveram uma divisão aerostática e que ganharam a batalha de Fleurus, em grande parte pela detalhada informação precisa conseguida com os balões aerostáticos que tinham colocados a uma altura considerável acima do inimigo. Viram quantos eram, como estavam distribuídos e quais eram seus movimentos. E nós, em troca, o que sabemos de balões? Nada.

— A Royal Society os condenou — interveio o arcebispo —. Lembro muito bem a resposta que deu o Rei, orando se ofereceu a pagar alguns testes, porque então estava fazendo retiro. A sociedade disse: “Não se pode esperar nada de bom destes experimentos”.

— Uma parte da sociedade — disse um dos membros secamente —. Uma minúscula parte da sociedade, um comitê formado principalmente por matemáticos e antiquários.

O outro membro da sociedade presente disse que discordava com ele e com os outros dois homens; contudo, Aubrey e Maturin não participaram na discussão, pois ainda que estivessem estreitamente relacionados com a Royal Society, passavam muito tempo fora do país e sabiam muito pouco dos freqüentes e apaixonados debates internos e das manobras políticas, e lhes interessavam ainda menos. Stephen dedicou toda sua atenção ao homem que estava a sua direita, que havia viajado em um balão, e com êxito, antes da guerra, na época em que começou o entusiasmo por eles. O homem disse que era tão jovem e tão tonto então que não havia registrado nenhum detalhe técnico, mas tinha um vívido recorde da surpresa e do prazer que experimentou quando o balão,

depois de passar por uma massa de névoa cinza durante alguns momentos angustiantes, subiu entre os raios do sol. Então pôde ver debaixo, por todos lados, brancas montanhas de nuvens com cristas e pináculos, e acima o imenso céu, que tinha um colorido azul mais escuro, muito mais escuro que o que vira desde a terra. Aquele era um mundo completamente diferente e silencioso. O balão se elevava rápido, cada vez mais rápido, sob o sol, e ele via sua sombra projetar-se sobre o mar de nuvens.

— Meu Deus, posso ver tudo agora! — exclamou —. Quanto eu gostaria de poder descrevê-lo! Acima, aquela enorme pedra preciosa e abaixo, aquele extraordinário mundo por cima do qual eu passava rapidamente com a sensação de ser um intruso.

Tiraram a toalha da mesa. O momento dos brindes se aproximava e Jack o temia. Suas feridas, a recente dieta de água e leite e a falta de exercício haviam diminuído sua resistência, e mesmo uma moderada quantidade de álcool como a que havia bebido bastava para fazer que sua cabeça não ficasse tão limpa como desejaria. Mas não havia nada que temer. Depois de brindar ao rei, sir Joseph ficou pensativo por uns momentos enquanto tentava juntar as duas partes de um quebra-nozes, e lorde Panmure, sentado a sua esquerda, disse:

— Pouco tempo atrás, um grande número, um extraordinário número de pessoas teria deixado o vinho na garganta ao fazer este brinde. Justamente ontem a princesa Augusta disse à minha esposa que nunca acreditou que tivesse verdadeiramente esse título até que o cardeal de York morreu.

— Pobre senhora — interveio Blaine —. Seus escrúpulos a honram, ainda que acho que estavam estreitamente relacionados com a traição. Mas agora pode ficar tranqüila. Já o senhor nunca deixaria o vinho na garganta, não é verdade, senhor? — perguntou, voltando-se para Jack.

Jack estava escutando a Babbington, que contava como o *Leopard* havia chocado com um iceberg na Antártica e como o haviam reparado na ilha Desolação, mas sir Joseph reclamou sua atenção e repetiu a pergunta.

— Oh, não! — respondeu —. Sempre segui o conselho de Nelson nisso e em todo o resto, na medida do possível. Brindo ao rei com plena convicção.

Blaine sorriu e assentiu com a cabeça. Depois se voltou outra vez para o lorde Panmure e perguntou:

— O que acha de tomarmos café na sala? Por um lado, lá poderemos nos mover melhor, e por outro, muitos cavalheiros desejam falar com Aubrey.

Efetivamente, muitos deles falaram com Aubrey, e Stephen notou que se punha mais pálido a medida que a tarde avançava.

— Sir Joseph, meu amigo — disse por fim —. Devo levar meu paciente para que se deite. Diga ao seu servente que consiga umas liteiras, por favor.

Seu servente, Preserved Killick, podia considerar-se bêbado mesmo se fosse julgado pelos padrões navais, e era incapaz de se mover; mas Padeen, que se encontrava perto, estava sóbrio e após um tempo trouxe duas cadeiras transportadas por irlandeses, as únicas pessoas que podiam entendê-lo. Durante a espera um dos homens de Whitehall, o senhor Soames, chamou Jack à parte e lhe perguntou onde se hospedava e se lhe permitiria ter a honra de visitá-lo para falar-lhe de duas questões.

— É claro! — exclamou Jack —. Com muito prazer.

No dia seguinte havia esquecido quase completamente a Soames quando a senhora Broad, a dona do Grapes, disse:

— O senhor Soames deseja vê-lo, senhor.

Jack o recebeu cortesmente, ainda que ainda tinha dentro de si meio decompostas a refeição e a bebida do dia anterior, para as quais já não estava acostumado, tinha coceiras na perna e acabava de manter uma conversa com o mal-humorado e teimoso Killick, que, entre outras coisas, havia perdido ou deixado de meter no baú um livro que prometera a Heneage Dundas e que agora teria que mandar-lhe com um amigo que ia para a base naval da América do Norte.

Fizeram alguns comentários sobre a tarde anterior, elogiaram o excelente vinho de sir Joseph e falaram da probabilidade de que chovesse mais tarde.

— Não sei como começar o meu encargo — começou o senhor Soames, olhando atentamente para a alta figura que se achava diante dele —. E não queria parecer impertinente.

— Não o é em absoluto — disse Jack em voz baixa.

— A verdade é que me pediram que falasse com o senhor extra-oficialmente para averiguar se o senhor estaria de acordo em que solicitássemos o perdão para o senhor.

— Não lhe compreendo, senhor — respondeu Jack —. Perdão pelo que?

— Bem, senhor, pelo desafortunado assunto de Guildhall, o assunto da Bolsa.

— Porém, senhor, indubitavelmente o senhor recordará que eu me declarei inocente, que jurei por minha honra que era inocente.

— Sim, o recordei perfeitamente.

— Então, como vão me perdoar por algo que não fiz? Como posso pedir perdão se sou inocente? — Ao começar a entrevista Jack se sentia bastante irritado e agora estava vermelho de raiva —. Não compreende que se pedisse perdão reconheceria que menti? Não compreende que declararia que há algo que devem me perdoar?

— Não é mais do que uma formalidade ou, por assim dizer, uma ficção legal, e pode influir em sua reabilitação.

— Não, senhor — sentenciou Jack, pondo-se de pé —. Não posso ver isso como uma formalidade. Sei que nem o senhor nem os cavalheiros que lhe pediram que falasse comigo têm a intenção de me ofender, mas lhe rogo que lhes apresente meus respeitos e lhes comunique que vejo o caso de outro ponto de vista.

— Senhor, não quer pensar um pouco nem pedir conselho?

— Não, senhor. Um homem deve decidir coisas como esta por si mesmo.

— Lamento muito. Então, devo dizer que o senhor não vai considerar a sugestão?

— Eu temo que sim, senhor.

## CAPÍTULO 8

---

— Ele desperdiçou a maré — disse sir Joseph —. Raras vezes tive um desgosto maior.

— Soames abordou o caso como um imbecil — sentenciou Stephen —. Se o houvesse tratado com leveza, se houvesse começado com as mentiras que se dizem habitualmente, como, por exemplo “Não estou em casa” ou “Sou seu humilde servidor”, e depois com as fórmulas que se dizem ou fazem para salvar a cara, dando-lhes a pouca importância que merecem, e finalmente houvesse pedido a Aubrey que firmasse o petido já preparado, é possível que ele o houvesse firmado cheio de agradecimento e de felicidade.

— É terrível... — suspirou sir Joseph, seguindo o fio de seus próprios pensamentos —. Mesmo depois de ter convencido aos susceptíveis, como Quinborough e seus aliados, para citar alguns, a balança só se inclinara ligeiramente em favor de Jack Aubrey; só o suficiente para dar o passo decisivo. Não poderia persuadi-lo de que diga a Soames que depois de refletir...? Afinal de contas ele, como todos os marinheiros, aprenderam a não julgar mal a corrupção de pequena escala, cujo resultado é, por exemplo, o desaparecimento de grandes quantidades de provisões ou o fato de que marinheiros mortos e serventes inexistentes sigam recebendo seu pagamento. Ademais, sei muito bem que foi declarado culpado de ter pelo menos três róis falsos porque havia inscrito neles aos filhos de seus amigos para que constasse que haviam passado no mar um tempo durante o qual na realidade estiveram em terra frequentando a escola. Inclusive seu próprio meio irmão estava a bordo como um fantasma na última vez que os senhores fizeram uma viagem ao Pacífico.

— Corrupção de pequena escala, sim. Se o enfoque do caso tivesse sido esse, poderia ter mordido a isca, como dizem os marinheiros, mas agora que o fator predominante nele é a moral, e não a pequena escala, não poderia fazê-lo mudar de opinião nem acredito que deva tentar.

— Bem, como disse, é terrível que tenha estado tão perto do êxito e depois...

Depois de uma pausa Stephen disse em tom vacilante:

— Suponho que não seja possível que haja benevolência para ele se não a solicitar formalmente.

— Não. Atualmente Aubrey tem muitos aliados, e por isso muita influência, mas não é suficiente para isso. Faz falta muito mais.

— E isto não muda nada? — perguntou Stephen, assinalando as folhas cuidadosamente escritas nas quais Pratt informava que havia encontrado ao general Aubrey morto em um poço próximo da taberna onde vivia com o título de “capitão Woolcombe”.

Blaine negou com a cabeça.

— Não — respondeu —. No que se referere à sua influência sobre os ministros, o general e seus amigos radicais perderam seu poder ao não depositar uma fiança; quer dizer, deixaram de existir politicamente, e mesmo os jornais de pior reputação da oposição deixaram de falar deles. Daria no mesmo se o general tivesse morrido então que agora. Ademais, isso tampouco implica uma mudança para o que nos interessa, pois Pratt e seus colaboradores viram e reviram os papéis do general e não encontraram nem o menor rastro de que tenha estado em contato com Wray e Ledward.

— Certamente que não. Não é possível que tenham tido contato.

— Contudo — disse Blaine —, poderia se dizer que a morte do general favoreceu um pouco o caso de Aubrey, porque com ela fica descartada sua possível conexão com os radicais, ainda que esse pouco não é bastante, infelizmente. O que sugere que façamos agora?

— Enviarei para Pratt as instruções necessárias para que se ocupe do cadáver e o mande para a casa de Aubrey amanhã.

Depois, como ainda há que preparar a *Surprise* e subir a bordo as provisões necessárias para a viagem à América do Sul, penso ir à Suécia e esperá-lo lá. Pegarei o pacote de Leith.

— Não acredita que esta morte fará mudar os planos de Aubrey?

— Eu me surpreenderia se lhe afetasse muito, pois o general não era um homem que despertava simpatia nem afeto.

— Não, porém, conforme dizem, deixa terras de muito valor.

— Sei muito pouco dessas terras além de que têm uma considerável carga fiscal, porém, ainda que abarcassem a metade do condado, Jack Aubrey não deixaria de fazer-se ao mar por elas. Comprometeu-se em fazer esta viagem e, além do mais, ouviu o rumor de que os norte-americanos enviaram uma ou duas fragatas da mesma potência que a nossa para bordejar o cabo Horn.

Há muitas gerações, os Aubrey eram enterrados em Woolhampton. A igreja estava cheia de gente e Jack se surpreendeu e se emocionou ao ver tantas pessoas assistirem ao funeral, pois não era freqüente ver em Woolcombe House a nenhuma daquelas famílias de antiga estirpe que tão amiúde comia lá quando sua mãe vivia. Naturalmente, faltavam alguns rostos, mas muitos menos dos que pensava. Por outro lado, no grupo não havia só velhos amigos ou conhecidos dos Aubrey, como também arrendatários, habitantes do povoado e homens e mulheres de casas dos arredores, todos os que haviam esquecido os maus tratos, os aluguéis exorbitantes e a atmosfera opressiva da igreja de Woolhampton. Outra coisa que emocionou muito a Jack foi que muitas mulheres do povoado que haviam sido criadas de sua mãe e mesmo de sua avó haviam ido a Woolcombe imediatamente para preparar a casa para receber tantos convidados. A casa tinha um aspecto descuidado desde antes do longo período em que o general Aubrey esteve fugindo para o norte do país por medo de ser preso, mas agora o caminho da entrada estava em tão boas condições como antes, os quartos de visitas estavam varridos, lavados e encerados com cera de abelhas e as mesas estavam servidas para que comessem os que chegavam de longe. Na sala de jantar ficava uma das mesas, que tinha todas as

alas abertas, e na biblioteca ficava a outra, montada sobre cavaletes, que ia ser presidida por Harry Charnock, um primo de Jack de Tarrant Gussage.

A viúva do general não tomou parte em nada disso, pois quando se informou de que o carro fúnebre havia chegado a Shaftesbury se meteu na cama e desde então não se havia movido de lá. Foram sugeridas várias razões que poderiam justificar seu comportamento, mas nenhuma delas foi uma profunda aflição. Fosse qual fosse a causa, Jack se alegrava muito disso. Era uma mulher de bonitos olhos negros que fora leiteira em Woolcombe e costumava regressar para sua casa muito tarde dos bailes e das feiras, uma mulher muito bem conhecida por todos os jovens da localidade, incluído Jack. Ainda que ele tenha se indignado quando seu pai se casou com ela, sua indignação não tardou em desaparecer. Não pensava que fosse uma má mulher nem acreditava no rumor de que havia ficado na cama porque os objetos de prata da família estavam debaixo, mas tampouco esquecia as noites que haviam passado juntos no palheiro, e por isso seus encontros eram embaraçosos. Mas tinha que admitir que, nas raras ocasiões em que ele voltara ali, havia doído vê-la sentada no lugar que ocupava sua mãe.

Assim, a senhora Aubrey estava na cama, e Sophie, que não queria perturbar seus momentos de dor nem agir tão pronto como a atual dona da casa e se hospedou em Hampshire. O filho da segunda senhora Aubrey, Philip, havia voltado do colégio. Era um menino pequeno, muito jovem para sentir tristeza, e a princípio não estava certo se isso era uma festa ou não, mas logo adotou a mesma atitude que Jack e, com sua roupa negra nova, foi de um lado para outro com seu meio irmão para agradecer aos convidados a amabilidade de vir e repetindo seu "Obrigado, senhor, pela honra que nos faz".

Falava bem, sem demasiada confiança nem demasiada timidez, e Jack se sentiu satisfeito com ele. Apenas se haviam visto meia dúzia de vezes desde que Philip se havia posto calções, mas Jack achava que, de certa forma, era responsável por ele e, por se queria fazer carreira na Armada em vez de no Exército, durante os últimos anos havia logrado que alguns capitães escrevessem seu nome no

rol de seus barcos e havia acordado com Heneage Dundas (que logo chegaria da América do Norte) que o levaria para navegar assim que tivesse idade suficiente. Jack supunha que o garoto lhe daria motivos de satisfação.

Contudo teve pouco tempo para pensar no futuro de Philip, porque quando tencionava convencer aos convidados de que se sentassem viu a um homem velho, muito velho, que parecia alto apesar de estar encurvado pela idade, entrar devagar na abarrotada sala de jantar e olhar ao seu redor. Era o senhor Norton, um dos rostos que lamentava que houvessem faltado (compreensivelmente) na igreja. Era um rico terratenente do outro lado de Stour e, ainda que seu parentesco com os Aubrey fosse remoto, por relação e pela amizade que existia entre eles e sua família, desde menino Jack se acostumara a chamá-lo de tio Edward. Foi o tio Edward que propôs ao pai de Jack que fosse representante do distrito de Milport no Parlamento. Esse distrito estava situado em uma de suas propriedades e o general o representou conforme lhe convinha, primeiro como um *conservador* e depois como um radical. Os rumores da furiosa luta originados por esta mudança e o comportamento do próprio general chegaram aos ouvidos de Jack nos confins do mundo e lhe causaram uma grande tristeza, e depois, ao regressar para a Inglaterra e comprovar que os rumores eram certos, pensou que nunca voltaria a ver o senhor Norton em Woolcombe.

— Tio Edward — disse, avançando para ele apressadamente —. Obrigado por ter a bondade de vir.

— Lamento chegar tarde, Jack — respondeu Norton, apertando-lhe a mão e olhando-o com angústia —, mas o estúpido de meu cocheiro virou do outro lado de Barton.

— Lamento muito, senhor — disse Jack —. Senhoras, por favor, sentem-se sem cerimônia. Cavalheiros, peço que se sentem.

Então conduziu o senhor Norton até uma cadeira, serviu-lhe uma taça de vinho e por fim o almoço começou.

Foi uma refeição comprida e tediosa e não isenta dos momentos embaraçosos que costumavam produzir-se em ocasiões desse tipo, mas ao fim terminou e, em geral, foi melhor do que Jack

esperava. Depois de acompanhar a todos os convidados aos seus carros, voltou à salinha de estar, onde encontrou ao tio Edward dormindo em uma poltrona, um dos poucos móveis que haviam escapado da modernização de Woolcombe House. Saiu na ponta dos pés e no corredor se encontrou com Philip, que lhe perguntou:

— Não deveria despedir-me de tio Edward?

— Não, porque ele vai ficar aqui esta noite. É muito velho e se machucou quando seu coche virou do outro lado de Barton.

— Acho que é mais velho que meu pai, quero dizer, nosso pai.

— Muito mais velho. Meu avô e ele eram contemporâneos.

— O que quer dizer "contemporâneos"?

— Pessoas da mesma idade. Contudo, geralmente a palavra se usa para indicar pessoas que alguém conheceu quando era jovem, como os amigos do colégio e outros. Foi com esse sentido que a usei. Quando eram jovens tinham uma matilha em comum e caçavam lebres.

— O senhor tem muitos contemporâneos, senhor?

— Não em terra. Quando ficava aqui não conhecia bem a nenhum garoto de minha idade, além de Harry Charnock. Comecei a navegar muito cedo, quando era apenas um pouco maior que você.

— Mas o senhor sente-se aqui como em sua casa, não é, senhor? — perguntou o garoto com curiosidade, ansiedade e tristeza ao mesmo tempo —. Sente que este é um lugar que nada poderá fazer-lhe esquecer, não é assim?

— Sim — respondeu Jack, e não só para complazê-lo —. Agora vou ver a pérgola e o horto. Quando era menino jogava atrás do paredão com a mão direita contra a esquerda. Mas agora que o penso, como somos irmãos, deverias chamar-me de Jack, ainda que eu seja muito mais velho do que você.

— Sim — disse Philip, ruborizando-se, e não falou mais até que chegaram à pérgola.

Na pérgola Jack lhe mostrou a rã domesticada do tanque de pedra, perpetuamente transbordado, de onde gotejava a água com um som melodioso. O horto havia mudado ainda menos, se era possível. Ali estavam as mesmas filas de vegetais, plantas leguminosas, groselheiros vermelhos e negros, o mesmo marco

formado por pepinos e melões, que eram tão vulneráveis às bolas, e as mesmas cercas fedorentas, e no próprio muro de tijolos vermelhos os damascos e os pêsegos mudavam de cor. Jack ainda se recordava muito bem de toda a parte posterior da casa, toda a parte que não se havia modificado, onde estavam o estábulo, o lavadouro e a coqueira, e vieram a sua mente as primeiras coisas que havia conhecido, como o canto do galo, e durante alguns momentos se sentiu como se fosse menor do que o menino que corria por ali com seu inadequado traje negro.

Quando regressaram para a casa, os morcegos volteavam junto com as andorinhas por cima do bebedouro e o senhor Norton já havia se deitado. Jack não voltou a vê-lo até a amanhã seguinte.

O advogado de Dorchester acabava de partir com sua pasta cheia de documentos quando tio Edward apareceu.

— Bom dia, Jack — cumprimentou —. Vi a Whilters chegar quando estava me barbeando. Parece que teve uma longa reunião, e espero que isso signifique que tenha tido disputas.

— Não, senhor — disse Jack —. Tudo terminou bem, ainda que tivemos que discutir muitos detalhes.

Na verdade, a demora deveu-se em grande parte ao fato de sua madrastra não querer revelar que não sabia assinar, mas Jack não quis falar disso e se limitou a perguntar:

— Quer que tomemos café na sala de desjejum?

— Já não consigo encontrar nenhuma parte da casa — disse Norton enquanto caminhavam —. Além de meu quarto e da biblioteca, tudo está mudado desde que estive aqui pela última vez, inclusive a escada.

— Sim, mas penso pôr pelo menos o saguão e os quartos de minha mãe como eram antes — disse Jack —. Encontrei todos os velhos painéis no celeiro, atrás de onde estão os palheiros.

— Vai viver aqui?

— Não sei. Isso depende de Sophie. Nossa casa de Hampshire é muito incômoda, mas ela tem vivido ali desde que nos casamos e tem muitos amigos na região. Eu gostaria que Woolcombe estivesse mais ou menos como era quando eu era criança. Minha madrastra não quer ficar aqui porque a casa é muito grande para ela e teme

que se sentiria muito sozinha. Pensa viver em Bath, onde tem família.

— Bem, alegro-me de que vá ter pelo menos um pé no condado — disse tio Edward, olhando-o significativamente; e quando chegou o café, acrescentou — : Jack, alegro-me de que estejamos sozinhos.

Fez uma pausa e depois seguiu falando em um tom muito diferente, como se recitasse um discurso que houvesse escrito com muito cuidado e inclusive mudado várias vezes, e com evidente nervosismo.

— Suponho que se surpreendeu ao me ver aqui ontem — começou —. Sei que a Carolina sim e também a Harry Charnock e a alguns outros. E, falando com sinceridade, não deveria ter vindo — acrescentou e, depois de outra pausa, continuou — : Não é minha intenção falar mal de seu pai, mas você sabe muito bem como me tratou.

Jack fez um movimento com a cabeça que podia significar qualquer coisa.

— Uma das razões pelas quais eu vim é fazer o que é correto para a família — continuou —, porque, afinal de contas, seu avô e eu éramos amigos íntimos e eu gostava muito de sua mãe. Mas a razão principal é lhe dar a minha opinião sobre o que merece pela façanha que realizou em Saint Martin e sobre a injustiça de que foi vítima em Londres.

A porta se abriu e Philip irrompeu na habitação. Parou ao ver ao tio Edward e depois seguiu avançando com passo vacilante.

— Bom dia, senhor — disse, ruborizando, e depois acrescentou — : Irmão Jack, o coche veio me buscar e já me despedi de mamãe.

— Irei me despedir — disse Jack, e quando caminhavam pelo corredor lhe deu um guinéu —. Aqui tem um guinéu.

— Oh, muito obrigado, senhor! Mas espero que não seja uma descortesia dizer que eu gostaria mais era ter algo seu como, por exemplo, um lápis usado, um velho lenço ou um pedaço de papel com seu nome para mostrar aos meus amigos do colégio.

Jack meteu a mão no bolso do colete e disse:

— Pode mostrar-lhes isto. É a bala de pistola que o doutor Maturin tirou das minha costas.

Subiu o menino no carro e continuou:

— Nas próximas férias, se sua mãe deixar, pode vir a Hampshire para conhecer seus sobrinhos. Alguns são mais velhos que você, ah, ah, ah!

Eles se disseram adeus com a mão até que o coche dobrou a esquina. Então Jack regressou para a sala de café da manhã. A turbação de tio Edward desaparecera, e agora o ancião, muito tranqüilamente, perguntou:

— Vais ficar aqui por algum tempo? Espero que sim, pelo menos por necessidade devido às suas feridas.

— Com relação a elas, digo que me molestaram um tempo, mas me curei tão rápido como um filhote e, agora que tiraram os pontos, quase não me recordo delas. Eu irei assim que tenha agradecido a todos no povoado e nas casas dos arredores. A *Surprise* está sendo aprovionada para fazer uma viagem ao estrangeiro e tenho que me ocupar de mil coisas além dos reparos. Meu médico aprova a viagem, sob a condição de que a faça em uma carruagem.

— Não poderia passar uma tarde em Milport para conhecer aos eleitores? Não são muitos e os poucos que há são arrendatários meus, assim que será só uma formalidade, mas convém fazer as coisas decentemente. A ordem real chegará logo.

Ao ver a expressão de assombro de Jack, acrescentou:

— Quero lhe oferecer a cadeira no parlamento.

— Ah, é? — perguntou Jack, e ao perceber a importância, as implicações e as consequências do que Edward acabava de dizer, disse — : Acho que o senhor é exageradamente amável, senhor. Não encontro palavras para expressar meu agradecimento.

Apertou a velha e delgada mão de Norton e o olhou fixamente alguns momentos enquanto passavam por sua mente, como os lampejos de uma frota em uma batalha, numerosas possibilidades que não se atrevia a nomear.

— Pensei que isso faria com que tivesse mais força quando tratasse algum assunto com o Governo — explicou Edward —. Um

membro do Parlamento não tem outro mérito que o de representar o seu condado, mas um membro que tenha seus próprios méritos pode lograr que o reconheçam, quer dizer, além de ladrar pode morder.

— Exatamente. Tem armas. Outro dia um homem que tem certa relação com os ministros veio me fazer uma visita extra-oficial e disse que se eu me arrastasse e suplicasse, poderia conseguir que me perdoassem. Além disso, disse ou sugeriu, já não me recordo, que se me perdoassem me poriam outra vez na lista, quer dizer, que me reabilitariam. Contudo, eu disse que quando um pede perdão por um delito é porque o cometeu, e eu sei muito bem que não cometi nenhum delito. Disse que a fome faz o lobo sair bosque, mas que eu não sou um lobo nem tenho fome e pedi que me desculpasse. Portanto, tudo ficou assim e pensei que já havia perdido todas as possibilidades. Mas se eu fosse um membro do Parlamento, duvido que ele abordasse o assunto daquela maneira e que caso tivesse abordado, não o deixaria assim.

— Estou seguro de que não, sobretudo se você fosse um membro moderado que cumprisse estritamente as normas da Igreja do Estado e que não vociferasse, como estou certo de que será. Eu não ponho condições, Jack. Pode votar como queira sob a condição de que não vote a favor da abolição da monarquia.

— Deus me livre! Deus me livre!

— Mas nem mesmo na situação atual é essa a forma com que deveria falar a um homem de sua reputação.

— Não acredito que tivesse má intenção, mas trabalha em Whitehall e eu já percebi que todos os que trabalham ali acreditam ter muita importância, tão alta como se estivessem na lista dos oficiais dos navios insígnia desde que nasceram.

O mordomo entrou e, olhando para o senhor Norton, disse:

— Senhor, Andrew me pediu que lhe apresentasse seus respeitos e dissesse que já recuperou a roda e tem o coche no pátio. Também quer saber se prefere que o traga agora ou que deixe os cavalos descansarem.

— Que o traga agora — disse o senhor Norton e, quando a porta se fechou, acrescentou — : Vamos, Jack, faça-me o favor de passar um dia comigo solicitando votos. Desfrutaremos de um

excelente almoço no Stag, em Milport, e depois poderemos tomar uma tijela de ponche com os habitantes do distrito. Sem dúvida, isso não será mais que uma formalidade, mas os agradará. Provavelmente falarão da situação política mais que o desejável, mas deve prestar-lhes atenção. Poderá estar de regresso em sua casa na quarta-feira. Acha que é um sacrifício muito grande? A política de um país pode ser muito chata, eu sei.

— Um sacrifício, tio Edward? — perguntou Jack, pondo-se em pé —. Poderia pedir-me muito, muito mais que isso, asseguro. Daria meu braço direito para voltar a estar no *Boletim Oficial da Armada* ou a meio caminho dele.

No quarto do doutor Maturin no Grapes, um quarto cômodo e atapetado de livros, ele e Padeen observavam a bagagem com satisfação. Foi fácil para eles prepararem uma das peças, uma bolsa cheia como uma salsicha de Leadenhall que continha o que Stephen necessitava para fazer a viagem a Edimburgo (Stephen sozinho, pois Padeen iria para o norte na *Surprise*); contudo, sua verdadeira façanha foi preparar o baú do doutor. Padeen se beneficiara muito de sua amizade com Bonden e fazia prodígios com os cabos, e agora o baú estava no meio do quarto com cabos que cruzavam seus lados diagonalmente e formavam uma intrincada rede que admiraria a qualquer marinheiro, pois os extremos dos rabichos estavam rematados com bonitos nós de Matthew Walker, e o conjunto, com um nó de ballestrinque<sup>{3}</sup>.

— Não se esqueceu de minha poção, não é, Padeen? — perguntou Stephen.

Não quis ser mais específico, mas com *poção* queria dizer láudano, o tranqüilizante que habitualmente tomava pelas noites, e que Padeen conhecia muito bem porque agora ele também o tomava, e teria se esquecido antes de sua camisa do que dele (ainda que depois que Padeen, que o diluía constantemente com conhaque, o havia diluído ainda mais depois de sua temporária separação, tomá-lo havia se reduzido a pouco mais que um ato de fé).

— Não, cavalheiro — respondeu Padeen —. Não está justo sob a tampa e envolvido em um tecido acolchoado?

Soaram fortes passos na escada e depois a senhora Broad abriu a porta com o cotovelo e entrou. Sustentava dois montes de roupa íntima limpa em seus braços estendidos e os segurava com o queixo.

— Aqui tem — disse —. Todas suas camisas com peitilho ficaram estupendas, pois as lavei como nunca.

Então, em um aparte, contou a Stephen:

— A a senhora Maturin sempre gostava que as arrumassem em Cecil Court.

Depois, alçando a voz como se estivesse no tope de um mastro, ordenou:

— No meio, Padeen, entre os lençóis e os calções de lã.

Padeen tocou sua testa repetidamente em sinal de submissão, e assim que ela se foi, ele e Stephen deram uma espiada no quarto e aproximaram umas cadeiras ao alto baú armário. Como Stephen não podia alcançar a parte superior nem mesmo com uma cadeira, teve que limitar-se a alcançar a Padeen alternativamente páginas de *The Times* e camisas e dizer como tinha que colocá-las. estava nessa postura e dizia: “Não importam os peitilhos nem o colarinho” quando Lucy, uma jovem delgada e de passos leves, irrompeu no quarto gritando:

— Uma carta urgente para o doutor! Oh, senhor!

Compreendeu imediatamente o que faziam e primeiro lhes lançou um olhar horrorizado e depois um desaprovatório. Os dois se envergonharam e se sentiram culpados e não acharam nada o que dizer até que Stephen murmurou:

— Só as estávamos pondo aí momentaneamente.

Lucy franziu os lábios.

— Aqui tem sua carta, senhor — disse, pondo-a sobre a mesa.

Então Stephen lhe pediu:

— Não é necessário que fale disto à senhora Broad — pediu Stephen.

— Nunca fui uma delatora — replicou Lucy —. Oh, Padeen, que vergonha, está com as mãos cheias de poeira!

Stephen pegou a carta e seu nervosismo e seu sentimento de culpa desapareceram quando reconheceu a letra de Jack Aubrey.

— Padeen, lave as mãos, por favor, e depois vá ao bar e diga que me preparem uma tisana com limão.

Aproximou a poltrona da janela e rompeu o selo conhecido:

Ashgrove Cottage

Querido Stephen:

Felicite-me! Tio Edward teve a generosidade de me oferecer a cadeira que ocupa o representante do distrito de Milport, que é de sua propriedade. Fomos lá e passamos um dia entre seus habitantes, homens amáveis que tiveram a bondade de dizer que, devido ao ocorrido em Saint Martin e nos Açores, teriam votado em mim de toda maneira, ainda que o primo Edward não lhes houvesse aconselhado que o fizessem.

Quando estávamos lá chegou o coche de um mensageiro enviado pelos ministros com propostas para meu tio, mas ele lhe disse que não podia aceitá-las porque já estava comprometido comigo. O mensageiro o olhou assombrado e se foi.

Regressei para casa depois de passar outro dia na casa de tio Edward, porque queria que visse suas rosas. Não podia fazer menos. Quando dava a notícia e tudo o que espero que se derive dela a Sophie pela vigésima vez, chegou Heneage Dundas.

Sabia que a *Eurydice* ia regressar, mas não tive tempo para ir a Pompey para dar-lhe as boas-vindas e, quando lhe mandei uma mensagem convidando-o para almoçar, a resposta foi que havia ido à cidade, assim que não nos surpreendeu vê-lo. Supusemos que regressava para seu barco e que havia dobrado no Jericó para nos visitar.

Mas sim, nos surpreendeu que depois de ter elogiado a captura da *Diane* e ter me pedido que descrevesse a operação com todo luxo de detalhes, adotasse uma atitude estranha e se pusesse muito sério. Após um tempo disse que tinha ido visitar-me como amigo e como emissário. Disse que os ministros haviam ouvido que eu ia ser o representante de Milport e que seu irmão se alegrava muito porque esse apoio adicional lhe permitiria pressionar mais intensamente aos seus colegas para que me reabilitassem sem

condições, quer dizer, sem ter que pedir perdão. Acrescentou que para fazer isso Melville tinha que assegurar-lhes qual seria minha postura no Parlamento e que não me pedia que apoiasse aos ministros sempre, dissessem o que dissessem, mas que pelo menos esperava poder dizer-lhes que eu não me oporia a eles violenta e sistematicamente, quer dizer, que não atuaria com veemência nem entusiasmo. Olhei para Sophie, que sabia perfeitamente bem o que eu queria, e consentiu com a cabeça. Então disse a Heneage que era improvável que alguma vez falasse no Parlamento de outra coisa que não fossem questões navais, pois já vi a muitos oficiais da marinha perderem o norte por se meter na política, e que, em geral, votaria com muito prazer pelas medidas propostas pelo lorde Melville, a quem estimo muito e com cujo pai tenho uma dívida de gratidão. Quanto a agir com veemência e entusiasmo, nem mesmo meus inimigos podem me acusar de agir assim. Heneage concordou com isso e disse que nada podia fazê-lo mais feliz que levar essa mensagem, que Melville lhe dissera que se a resposta fosse favorável, começariam a revisar meus documentos imediatamente, e que apesar de que tardariam vários meses em passar pelos canais adequados e que não fariam público o acordo oficial até que não pudessem fazê-lo coincidir com alguma vitória na Península ibérica ou, melhor ainda, no mar, ele se encarregaria de que incluíssem meu nome e meu cargo atual em uma lista especial para que considerassem a antiguidade que realmente tenho. Oh, Stephen, como estamos contentes! Sophie vai cantando por toda a casa. Diz que daria qualquer coisa para que compartilhasse nossa alegria, assim que lhe faço estes garranchos com a esperança de que lhe cheguem antes que saia para Leith. Mas se não for assim, terei o prazer de lhe dizer isto quando nos reunamos na Suécia. Queria fazer só uma mudança no plano que temos, e é que quando estivermos no Báltico irei a Riga comprar cabos, paus e lona para nossa viagem. A melhor lona que já vi em minha vida é a de Riga. Que Deus te abençoe, Stephen. Sophie me encarrega que lhe mande um carinhoso cumprimento. Afetuosamente,

John Aubrey

— Que foi? — perguntou Stephen, pondo rapidamente a carta debaixo de um livro.

— Com sua licença, senhor — disse a senhora Broad, que a julgar por sua expressão doce desconhecia o que havia ocorrido com o baú armário —. Sir Joseph está embaixo e pergunta se pode falar-lhe agora.

— Certamente que pode. Por favor, diga-lhe que suba.

— Oh, Maturin, quanto me alegro de encontrá-lo! — exclamou Blaine —. Temia que já se tivesse ido.

— O coche postal não sai até as seis e meia.

— O coche postal? Achava que iria em uma carruagem.

— A catorze peniques a milha? — perguntou Stephen com uma expressão de assombro —. Não, senhor.

— Bem — disse Sir Joseph, sorrindo —, posso poupar-lhe não só o enorme gasto de pegar uma carruagem como também ficar sentado dia e noite em um compartimento mal ventilado, abarrotado de gente desconhecida e mais ou menos limpo que dá constantes sacudidas, comer refeições rápidas e ouvir constantemente: “Não esqueça do cocheiro, senhor”, fazer a chata viagem de Edimburgo a Leith e ter que subir a bordo do paquete, o que lhe custaria muito mais material e espiritualmente, e chegar esgotado.

— Como se propõe a conseguir essa maravilha, meu querido amigo?

— Levando-o a bordo do cúter *Netley* amanhã à primeira hora da manhã. O cúter levará mensagens e mensageiros a diversos barcos que se encontram em Nore, Maturin, entre eles, conforme soube por telégrafo faz uma hora aproximadamente, está o *Leopard*, que se dirige para Gefle.

— Não será o horrível *Leopard* em que fomos à Nova Holanda e no qual constantemente corríamos o risco de naufragar e morrer de fome ou afogados? — perguntou Stephen.

— O mesmo, mas já lhe tiraram a maioria dos canhões e navega com a bandeira do Ministério de Transportes. Agora tem uma tarefa de pouca importância consistente em recolher apetrechos navais em Gefle. Vai substituir um transporte capturado por um par de barcos norte-americanos no Skager Rack. Eu soube nesta mesma

tarde, quando chegou o informe do comissionado no qual dizia que o *Leopard* devia preparar-se para zarpar amanhã. Eu estava lá por casualidade e quando ouvi que seu destino era Gefle pensei: “Vou comunicar a Maturin imediatamente, porque podem deixá-lo em Estocolmo sem perder um minuto e assim ele se poupará da viagem esgotadora, de uma grande quantidade de dinheiro, da péssima comida e de ficar em má companhia. Saí correndo e o procurei no Black, no Museu Britânico, em Somerset House e ao final o achei aqui, por onde devia ter começado a procurá-lo. Isso teria me poupado muita angústia e muita irritação quando eu abria passagem através de uma horda de toscos que se moviam com lentidão. Nesta época do ano Londres fica cheia de toscos, e não fazem mais que olhar ao seu redor como bois.

— Honra-o ter tido tanto interesse, sir Joseph, e lhe agradeço infinitamente sua ajuda. Quer tomar um copo de bebida de cevada com limão ou prefere uma jarra de cerveja de milho?

— Uma cerveja, por favor. Nenhuma quantidade será demasiada para mim, pois devo de ter perdido umas quinze libras na difícil corrida. Mas valeu a pena. Alegro-me muito por tê-lo encontrado! Se não pudesse lhe dar a mensagem, ficaria chateado por um mês.

Bebeu a metade da cerveja, abriu a boca e continuou:

— Ademais, isso me houvesse impedido convidá-lo para ver uma magnífica representação de *Figaro* esta noite. O jovem que interpreta ao Cherubino parece um perfeito andrógino em calções e tem uma voz!

Seguiu falando do restante do elenco, sobretudo de uma extraordinária Contessa, mas Stephen, que o observava atentamente, notou que pensava em algo que mantinha em segredo, e por fim o revelou:

— Ainda que escutar música e falar da viagem no *Leopard* fosse importante — disse Blaine —, mais ainda era conseguir que partisse com tranqüilidade de espírito.

Blaine não era casado nem tinha família e ainda que conhecesse muitas pessoas quase não tinha amigos íntimos. Além disso, em sua profissão não havia muitas possibilidades de exercitar

os afetos. Esta era uma das raras ocasiões em que a amizade e o interesse da Armada iam de mão dadas. Olhou para Stephen durante um tempo e depois comentou:

— Jack Aubrey vai representar a Milport ah, ah, ah!

Então se levantou, deu umas palmadas no ombro de Stephen e começou a passear pelo quarto dizendo:

— Por Milport! Não está surpreso? Eu sim, garanto. O distrito de seu pai! Nunca havia conhecido a um dono de distrito tão magnânimo. Precisamente esse distrito! É um parente distante, conforme entendi. Conhece ao senhor Norton, Maturin?

— Só o vi no casamento de Jack. É um cavalheiro alto e magro.

— Isso muda as coisas — disse Blaine e depois continuou — : Chega bem a tempo. Naturalmente, eu havia pensado que a representação de um distrito particular lhe proporcionaria o peso que necessita para inclinar a balança ao seu favor. Sei que esses distritos custam muito caro, porém, dadas às circunstâncias, eu lhe teria sugerido comprá-lo se alguma de suas cadeiras estivessem à venda, mas não é assim. Não me ocorreu que a única vaga, por assim dizer, pusessem-na em seu colo.

— Essa expressão não é muito correta, Blaine.

— Certamente que não, mas vem bem nesta ocasião. Melville mandou o seu irmão Heneage para vê-lo, e creio que ele tratará o assunto melhor do que Soames. São velhos amigos e, além disso, a proposta será discreta e não incluirá nenhum tipo de condição explícita. Acho que, como Heneage Dundas falará com ele de marinheiro para marinheiro, poderá convencê-lo de que não seja muito duro com Melville e seus colegas.

— Alegro-me muito de ouvir isto, Blaine — disse Stephen —. Não duvido que Heneage Dundas seja o negociador perfeito e, de acordo com as idéias do Jack Aubrey que eu conheço, não acho que fracasse. Mas talvez valha a pena indicar aos políticos amigos seus que o único modo de assegurar-se de que um marinheiro não fale no Parlamento durante um período interminável sobre problemas navais ou sobre qualquer outro tema que não conheça em profundidade, é mandá-lo fazer uma longa viagem. Tem que se ocupar dos problemas da América do Sul, indubtavelmente, mas

também dos que a rivalidade entre os sultões malaios causa à Companhia das Índias, os quais não pôde resolver o pobre capitão Cook, nem Vancouver, menos afortunado que ele. E pense nos insetos desconhecidos que habitam em Celebes! Brindemos com uma garrafa de champanhe.

O champanhe e a agradável excitação que produzia haviam desaparecido fazia muito, muito tempo na sexta-feira, quando o *Leopard* passou pela frente de Swin durante a guarda de meia. A cada minuto seus homens disparavam um canhão para barlavento entre a névoa; o tambor soava constantemente, ainda que a umidade impedia a ressonância; no pescante o sondador, sem pausa, sustentava o barbante com a nacela e, com voz rouca, dizia a ladainha: “Marca sete, marca sete. Marca seis, seis e meio”. Às vezes, quando o banco de areia que ficava a sotavento se achava mais perto, dizia em tom angustiado: “Marca cinco, cinco e meio”. O barco navegava apenas a dois nós de velocidade entre a névoa, mas a profundidade variava muito. Ao redor, nos mercantes e nos barcos de guerra situados a distâncias difíceis de calcular que entravam ou saiam do rio de Londres, ouviam-se outros canhões, gritos e o ruído de outros tambores, e suas luzes mortijas apareciam quando se aproximavam muito e depois desapareciam na espessa névoa.

Era incômodo navegar por águas pouco profundas e muito transitadas, e o capitão, o piloto e os oficiais mais responsáveis estavam ainda no convés, onde haviam permanecido salvo em escassos intervalos, desde que Stephen havia subido a bordo, durante a última hora de bom tempo. O *Leopard* teve que zarpar com grande rapidez, com poucos tripulantes, mal preparado e com o convés desordenado. A recepção que fizeram a Stephen não foi digna de elogio, porém, indubitavelmente, ele não podia escolher um momento pior, já que naquele momento estavam recolhendo a âncora. Mas havia se entristecido muito antes disso, muito antes de ter ouvido dizer em tom irritado: “Vá para baixo, senhor, vá para baixo. Tirem este maldito baú do meio!”. Não havia reconhecido o barco de meia milha de distância e supôs que o guarda-marinha do cúter zombava dele; contudo, depois de juntar curvas, volumes e

proporções que tinha armazenadas em alguma parte da desordenada biblioteca que era sua mente, compreendeu que esse velho transporte era na realidade o *Leopard*. Tinha o casco menos arqueado, o que lhe dava o aspecto de um cachorro de orelhas baixas; usava o mastro correspondente ao de uma fragata de trinta e dois canhões, que lhe haviam posto para aliviar seu peso e que havia modificado toda sua estrutura tirando-lhe sua beleza, e o estado da pintura era lamentável.

Sentiu tristeza ao ver isso e sentiu tristeza ao subir a bordo, mas até descer para a câmara dos oficiais, na qual lhe eram familiares inclusive o ranger da porta no umbral e a pequena inclinação da escotilha do jardim com um fecho de latão gasto, não havia percebido que guardava muitas gratas lembranças do velho barco e lamentava que o houvessem degradado. Em toda parte encontrou negligência e sujeira; em toda parte as coisas haviam mudado para pior. Era indubitável que não podia julgar-se de acordo com o estado em que se encontrava quando era um barco de guerra, quando um severo capitão e um diligente primeiro oficial dispunham de trezentos e quarenta tripulantes para mantê-lo em bom estado; contudo, mesmo comparando-o com barcos onde havia menos exigências, como os que faziam o comércio nas costas, era um barco sujo. Era um barco sujo e sem harmonia.

Muito antes de Stephen subir pelo costado ajudado pelo guarda-marinha do cúter, teve o pressentimento de que sucederia um desastre, e ainda que o fato de haver ou não harmonia não tinha relação com a idéia de que ocorreria uma catástrofe, esta se afixou quando viu pela primeira vez ao capitão do *Leopard* discutir com o piloto e a três oficiais açoitarem os marinheiros que moviam as barras do cabrestante enquanto blasfemavam tão alto como podiam.

A janta não foi muito alegre. Devido à névoa, o chuvisco, o vento fraco e instável, as perigosas correntes, os bancos de areia e o perigo de colisão, a janta teria sido angustiante mesmo no velho *Leopard*; no atual foi espantosa. Os oficiais estavam divididos em dois grupos hostis, o do oficial de derrota e seus amigos e o do contador e seus amigos, e pelo que Stephen pôde ver, ambos

estavam decididos a mostrar que não respeitavam ao capitão, um homem velho, alto, magro, mal-humorado e com aspecto de empregado que se assomava de vez em quando. Também havia ali outros passageiros que iam para Suécia, todos eles homens dedicados ao comércio de apetrechos navais. Cada um desses três grupos mantinham uma conversa aparte em voz muito baixa. O grupo dos passageiros (o mais adequado para Stephen, agora que o cirurgião do *Leopard* estava em sua cabine bêbado como um gambá) não tinha interesse para os marinheiros. Para eles eram simples homens de terra adentro que estavam de passagem, e como se enjoavam amiúde e sempre ficavam atrapalhando, achavam que eram incômodos, mas serviam de intermediários entre os dois grupos. As palavras dirigidas a um homem de Austin Friars que se dedicava ao comércio do cânhamo quicaram nele e chegaram ao final da mesa, e assim Stephen se informou de que o capitão de um barco carvoeiro havia dito aos gritos que alguém vira perto de Overfalls alguns barcos norte-americanos navegando rumo sul e que por isso o velho passaria entre os bancos Ower e Haddock.

Pouco depois disto chamaram todos os marinheiros para afastar um barco holandês que havia chocado contra a alheta do *Leopard* apesar dos gritos e dos canhões. Stephen seguiu os comerciantes para o escuro, úmido e escorregadio convés, e ao perceber que não podia ver nem fazer nada, afastou-se de lá, ouvindo cada vez com menor intensidade os gritos: "Cabeças-ocas! Sodomitas!" até que chegou à sua cabine e fechou a porta.

Desde então estava deitado com os braços atrás da cabeça na maca onde Babbington dormia durante a viagem do *Leopard* para as ilhas Molucas, passando pela Antártica, e se movia com o balanço do barco. Ao longo de muitos anos, imperceptivelmente, havia chegado quase a ser um marinheiro, e achava que essa postura era a mais cômoda e esse movimento o mais agradável e que eram os melhores para dormir e refletir, apesar do ruído dos trabalhos no barco, dos gritos e das pisadas que ouvia acima de sua cabeça e, nesta ocasião, além do mais, o estampido do canhão que fazia os sinais.

Durante a primeira parte da noite, enquanto esperava que seu remédio fizesse efeito, preparou-se mentalmente para ajudar o sono

a chegar. Houve um comprido período em que pensou em coisas agradáveis. Pensou que os assuntos de Jack Aubrey não podiam ir melhor e que, a menos que ocorresse uma desgraça (tirou a mão e se benzeu), tinha muita possibilidade de que não tardassem em reabilitá-lo. Também pensou que era provável que lhe dessem o comando de um barco depois da viagem à América do Sul e lhe encomendassem outra missão para levar a cabo independentemente, já que tinha talento para isso, e que talvez poderiam explorar juntos as altas latitudes norte, o que, sem dúvida, seria muito interessante, ainda que ali não esperava encontrar tanta riqueza como no sul. Seu pensamento voltou então para a ilha Desolação, aonde lhe havia levado esse mesmo barco com essas mesmas balizas que agora estavam deterioradas e descuidadas, e lembrou dos elefantes marinhos, dos inumeráveis pingüins, dos petréis de todas as espécies e dos extraordinários albatrozes que lhe permitiam pegá-los e, ainda que não fosse muito amáveis, pelo menos não eram hostis. Lembrou também dos falaropos, dos cormorãos de olhos azuis, das focas frade, das focas manchadas e das focas.

Talvez porque perseguia tenazmente a felicidade, seu pensamento voltou para a tarde que havia passado com Blaine. Durante um tempo esteve pensando na excelente comida e na garrafa de Latour, uma garrafa lisa, redonda e alta. Depois lembrou das confidências que Sir Joseph lhe fez quando terminaram de beber: "O retiro ao campo para me dedicar à jardinagem e à entomologia foi um fracasso. Eu tentei uma vez e nunca voltarei a fazê-lo. A esta idade, com a experiência adquirida em minha profissão, as idéias que apareciam pela noite à minha mente desocupada eram desagradáveis. Sentia-me culpado de tudo, ainda que podia dar uma explicação satisfatória em cada caso, e a única justificativa era a atual atividade encaminhada para perseguir sem trégua ao inimigo". Depois veio a sua mente a recordação da ópera, onde vira uma brilhante interpretação de *Le nozze di Figaro*, brilhante desde as primeiras notas da abertura até o fragmento que sempre lhe havia parecido o verdadeiro final, o momento prévio ao alvoroço dos jovens camponeses, a parte em que em meio de um

silêncio absoluto o assombrado Conte cantava com infinita doçura: "*Contessa, perdono, perdono, perdono*". Repetiu isto para si várias vezes e também a excelente resposta da Contessa e as palavras da multidão anunciando que todos seriam felizes: "*Ah tutti contenti saremo così*", mas nenhuma vez satisfatoriamente.

Em algum momento devia de ter adormecido, pois de repente percebeu que a guarda havia mudado e que a velocidade do barco havia aumentado mais ou menos um nó. O tambor deixara de tocar no castelo, mas o canhão seguia disparando aproximadamente a cada minuto e sua voz íntima ainda cantava: "*Ah tutti contenti saremo così...*". Ainda que agora a cadência fosse quase a correta, repetia as palavras com muito menos convicção, repetia mecanicamente, sem pensar, porque em seu sonho voltara a aparecer o pressentimento de que ocorreria uma desgraça e ocupava por completo sua mente.

Agora parecia óbvio que a viagem para a Suécia podia ser inoportuna. Era verdade que ia para dar a Diana o diamante azul que ela apreciava tanto, mas podia tê-lo mandado com um mensageiro ou através da legação. Ela poderia interpretar o fato de que o levasse pessoalmente como uma mesquinha exigência de gratidão, que por sua própria essência estava necessariamente condenada ao fracasso. Era provável que Blaine tivesse razão ao dizer que Diana não amava ou já não amava Jagiello, e ele se alegrava porque simpatizava com o bonito jovem e não desejava entabular com ele um sangrento combate por convencionalismo. Mas isso não significava que Diana não gostasse de outro homem, talvez muito mais pobre, mais discreto e mais afastado da vida pública. Diana era uma mulher apaixonada e quando amava, amava com paixão. Ele sabia muito bem que dos sentimentos que os uniam só os seus eram profundos, pois ela só sentia por ele simpatia e o afeto próprio dos amigos, mas não o amava com paixão. Talvez seu ódio por Stephen devido a sua suposta infidelidade fosse apaixonado, mas nada mais o era.

Havia amplas e importantes zonas da mente de Diana que ela conhecia tão pouco como ele, mas estava seguro de uma coisa: seu amor pela vida luxuosa era mais falso do que real. Sem dúvida,

detestava passar apertados e ficar encerrada, mas detestava ainda mais que lhe dessem ordens. Gostava das excentricidades, mas fazia pouco ou nada para buscar o meio de chegar a elas e, em qualquer caso, nada contra sua vontade. Nada tinha mais valor para ela que a independência.

E o que podia ele lhe oferecer, pela entrega de pelo menos uma pequena parte dela? Dinheiro, sem dúvida, porém, naturalmente, neste contexto o dinheiro não tinha importância. Se alguém não beijasse desinteressadamente, isso não era beijar. Que outra coisa podia oferecer-lhe? Poderia ganhar dez mil libras por ano e ter uma área de caça, mas não se podia considerar bonito, nem sequer medianamente bonito. Ademais, não era um bom conversador, carecia de encanto e a ofendera publicamente, ou pelo menos isso pensavam ela e suas amigas, o que dava no mesmo.

Quanto mais pensava nisso, deitado ali se balançando com as ondas enquanto o *Leopard* avançava em direção à Suécia, mais fundamento lhe parecia que tinha o seu pressentimento e que a viagem não poderia ser outra coisa que um fracasso doloroso. Ao mesmo tempo, na parte de sua mente menos racional se arraigou com tal força o desejo de que fosse um êxito que sentiu um grande cansaço e seu corpo se pôs tão rígido que teve que fazer esforços para respirar. Sentou-se, juntou as mãos e começou a se balançar na maca. Pouco depois, contra seu senso comum e sua fortaleza, e esquecendo sua resolução, abriu seu baú, procurou às apalpadelas o frasco da poção que tomava pela noite e tomou outra dose.

Não lhe custou despertar porque o sono estivesse induzido pelo o láudano, já que agora a tintura quase não fazia efeito em um adulto, mas porque sua mente alcançara um inusual grau de esgotamento. Contudo, ainda estava tão aturdido que parecia que tomara suco de dormideira, mandrágora e nepente e tardou alguns momentos em compreender cabalmente o que dizia o servente.

— Vamos, senhor! Estamos afundando!

O homem repetiu suas palavras enquanto sacudia os cabos que sustentavam a maca e Stephen reconheceu o áspero som que se ouvia abaixo dele: o barco havia encalhado, mas não em uma rocha mas em um banco de areia.

— Estamos afundando? — perguntou Stephen, sentando-se.

— Bem, não, senhor — respondeu o servente —. Eu lhe disse isso de brincadeira para que se levantasse. Mas esse maldito estúpido fez o barco encalhar na ponta do banco Grab e o senhor Roke vai descer para terra para pedir ajuda. O capitão acredita que os passageiros devem ir com ele, pelo acaso do barco se fazer em pedaços.

— Obrigado — disse Stephen e se levantou, amarrou a gravata-borboleta, a única coisa que havia tirado, e fechou o baú —. Por favor, entregue isto a um marinheiro para que desça minha bagagem para o bote — acrescentou, dando-lhe meia coroa —. E lhe agradeceria que me trouxesse ao convés uma xícara de café. No convés viu que o dia era cinzento e chuviscava, mas não havia vento e o barco se movia menos porque a maré estava baixando. O contramestre tinha o piloto encurralado no corrimão, e entre insultos o capitão o golpeava com um cabo amarrado. Os outros membros da tripulação desciam cuidadosamente o bote pelo costado sem fazer caso dos gritos do piloto. Não se via terra, somente o chuvisco cinzento caindo sobre o mar cinza, mas parecia que todos sabiam onde se encontravam e não pensavam que estivessem em uma situação de emergência.

Quando o bote já estava abaixo e os tripulantes se achavam a bordo, perceberam que lhe entrava água, e apenas avançara cinco minutos quando a água lhes cobriu os pés.

— Mova a manivela! — gritou o senhor Roke para Stephen —. Eu disse para mover a manivela!

Um jovem ajudante, que Stephen não vira até esse momento, inclinou-se para ele e começou a mover a manivela com rapidez. Era muito amável e disse a Stephen que chegariam a Manton antes que a maré mudasse e que se quisesse ficar em uma hospedaria cômoda lhe recomendava que fosse ao Feathers, que sua tia dirigia. Acrescentou que, de toda forma, não era provável que ficassem ali por muito tempo porque, apesar do barco ter perdido a prancha do leme e um pedaço da falsa quilha, Joe Harris, um homem de Manton, o rebocaria e quando voltasse a flutuar todos subiriam outra vez a bordo. E acrescentou que haviam mandado os

passageiros para terra por segurança, mas que ele não tinha nada a temer.

— Mova a manivela! — gritou de novo o senhor Roke.

— Aí está Manton, justo diante de nós! — exclamou o jovem quando Stephen havia tirado quase toda a água do bote.

O terreno era plano, era característico do leste da Inglaterra. Os elementos se uniam quase imperceptivelmente nos derruídos quebra-mar e juncais sob a luz mortíça e o odor do gás dos pântanos se misturava com o das algas.

— Conhece o reverendo Heath, de Manton? — perguntou Stephen.

— O reverendo Heath? Todo mundo conhece o reverendo Heath. Sempre lhe levamos tudo o raro que encontramos, tanto um pequeno peixe como um arenque.

O senhor Roke se pôs de pé e começou a se balançar ao compasso do movimento do bote.

— Ouça, senhor, se não move a maldita manivela troque de lugar comigo e eu a moverei! — gritou.

Em Shelmerston, em um quarto do primeiro andar do William's Head situado na frente, Sophie leu:

— “Pão em bolsas, 21.226 libras; o mesmo em barris, 13.440 libras; farinha para pão em barris, 9.000 libras; cerveja em tonéis, 1.200 galões; rum, 1.600 galões; carne, 4.000 unidades; farinha em barris médios, 1.400 libras; sebo, 800 libras; passas, 2.500 libras; ervilhas em tonéis, 187 celemines; aveia, 10 celemines; trigo, 120 celemines; azeite, 120 galões; açúcar, 1500 libras; vinagre, 500 galões; *sauerkraut*, 7.860 libras; malta em tonéis, 40 celemines; sal, 20 celemines; porco, 6.000 unidades; sementes de mostarda, 160 libras; suco de lima concentrado, 10 barriletes; suco de limão, 15 barriletes.”

— Os preços se encontram na lista que está junto ao tinteiro — disse —. Já somei todas as quantidades exceto as duas últimas, pois o doutor Maturin já as pagou. Talvez pudéssemos comparar nossos resultados.

Entretanto o senhor Standish, o novo e inexperto contador da *Surprise* multiplicava e dividia, Sophie olhava pela janela para a ensolarada baía. A *Surprise* estava atracada no cais Boulter e seus homens estavam carregando-a com a enorme quantidade de provisões da lista que se encontrava sobre a mesa. Não tinha muito bom aspecto porque as escotilhas estavam abertas e as gruas desciam até sua parte mais profunda e, além do mais, não lhe haviam dado a última demão de tinta porque teria sido disparatado fazê-lo antes de acabar de carregá-la. Mas qualquer marinheiro observaria os cabos novos de cânhamo de Manila que haviam na exércia e que provocariam a inveja em qualquer um que navegasse em um barco do rei, assim como a reluzente folha de ouro do mascarão de proa e das volutas que ficavam detrás. Durante sua vida, a fragata se havia chamado *L'Unité*, *Retaliation* e *Retribución*, e a figura de expressão indefinida parecia bastante adequada para cada um dos nomes; contudo, agora alguém com muito talento lhe havia elevado as sobrancelhas e lhe havia franzido a boca, de modo que sua expressão era de surpresa, e com seu notável peito e seus cachos de ouro tinha um aspecto muito agradável.

Enquanto Sophie olhava para ali viu seus filhos entrarem correndo abaixo e, sobretudo, ouviu seus gritos. As crianças não podiam ser qualificadas de refinadas, pois foram criadas por vários marinheiros que berravam, usavam uma linguagem vulgar e os agradavam muito e, depois de ter passado um tempo entre um grupo de corsários que sentiam adoração por eles e que lhes abarrotavam de caramelos, davam tragos de genebra açucarada, e lhes presenteavam com navalhas e cabeças reduzidas de lugares remotos, estavam a ponto de se estragarem. Agora Bonden e Killick estavam encarregados de cuidar delas, porém, como ambos estavam tão preocupados com o traje de gala de Jack Aubrey (essa noite os Aubrey iam jantar com o almirante Russell), eles as haviam deixado para trás. Em resposta aos seus ameaçadores gritos, as duas meninas pararam e subiram no muro de quatro pés de altura que bordejava a rampa. Justo nesse momento seu pequeno irmão as empurrou e elas caíram na praia. Então ele correu em direção da fragata tão rápido como lhe permitiam suas curtas pernas e três

mulheres do povoado levantaram suas irmãs dos seixos que estavam descobertos porque a maré havia baixado. As mulheres as sacudiram e as consolaram o melhor que puderam, sobretudo a Charlotte, que tinha o avental roto. Ademais lhes disseram que não deviam correr atrás de seu irmão gritando “sodomita”, “lerdo” ou “filho da puta” porque a sua mãe não gostaria.

A sua mãe não gostava, mas ainda que não gostasse sabia que podiam passar de uma linguagem para outra sem nenhuma dificuldade. Apesar disso, voltou-se para a senhora Martin, que remendava umas meias de seu esposo, e disse:

— Minha querida senhora Martin, me partirá o coração quando a fragata zarpar, mas se estas crianças continuarem aqui por muito mais tempo, temo que se converterão em selvagens.

— Dois dias a mais não lhes prejudicarão — replicou a senhora Martin tranqüilamente —, e eu acho que só faltam mais dois dias.

— É o que eu acredito — disse Sophie —. Prometeram que trarão a *sauerkraut* amanhã, não é, senhor Standish?

— Sim, senhora — respondeu o contador, que ainda somava —. E confio que assim será.

Ela suspirou. Naturalmente, sentia muito, muitíssimo separar-se de seu esposo, e a idéia de sua partida, apesar de que era algo previsto e inevitável, algo pelo que inclusive havia rogado com todas suas forças, causava-lhe uma profunda tristeza. Mas uma minúscula parte de sua tristeza devia-se a ter que abandonar Shelmerston. Vivera retirada e apesar de ter estado duas vezes em Bath, duas em Londres e várias em Brighton, Shelmerston era muito distinto dos lugares que vira ou imaginara. Era parecido a um refúgio de piratas do Caribe, especialmente nesses dias, já que o sol brilhava desde o dia de sua chegada. Mas era um refúgio habitado pelos piratas mais amáveis, e ela podia ir sem medo de um lado a outro passeando por suas ruas de areia, onde a cumprimentavam e lhe sorriam porque era a esposa do homem mais respeitado e admirado do porto, o capitão da *Surprise*, essa imensa mina de ouro.

No início se surpreendeu com as prostitutas, pois, ainda que soubesse que havia algumas muito raras em Portsmouth, nunca vira tantas juntas. Ali constituíam uma considerável parte da população e

eram aceitas. No grupo havia algumas velhas amargas, mas a maioria delas eram jovens, bonitas e alegres e se vestiam de cores chamativas. Bailavam e riam e se divertiam muito, sobretudo pelas noites.

Fascinavam a Sophie, e como ela lhes agradecera sincera e abertamente várias vezes por serem amáveis com seus filhos, não lhe tinham aversão por ser virtuosa. Na realidade, toda a cidade a fascinava, porque ali sempre ocorria algo, e, se não fosse porque se comprometera a ajudar ao jovem senhor Standish com as contas, não teria se afastado quase nunca da sacada, da qual se abarcava com o olhar todo o passeio marítimo, os cais, os barcos e a baía, e que era como o camarote real de um teatro onde a função era interminável.

O principal evento dessa tarde era a aparição da carruagem do William, um veículo construído para o capitão geral de Guatemala e profusamente decorado para impressionar aos nativos desse lugar. Um corsário de Shelmerston havia se apoderado dele na Guerra dos Sete Anos e a entregara ao William para saldar uma dívida contraída a uns cinqüenta anos atrás. O haviam construído para ser puxado por seis ou oito mulas, mas agora, nas raras ocasiões em que saía, era puxada por quatro cavalos percherões do velho Shelmerston. Nesse momento os cavalos passaram trotando por baixo do arco do pátio e se dirigiram ao cais Boulter, e os meninos da cidade começaram a correr de ambos os lados da carruagem dando gritos. Então Sophie subiu apressadamente para pôr seu vestido de musselina bordada.

Fazia algum tempo, que não era mais um segredo que Jack Aubrey ia ser incluído de novo na lista de capitães de navio, e ele não recusava convites (ademais oferecia banquetes para grandes grupos de velhos amigos, o que esgotava as provisões do William). Agora estava desejoso de jantar com o almirante Russell.

— Só o que lamento é que Stephen não esteja aqui — disse quando a carruagem avançava pelo amplo caminho que passava por trás de Allacombe —. O almirante convidou o médico chefe da esquadra e provavelmente ambos teriam gostado.

— Pobre Stephen! — exclamou Sophie, movendo a cabeça de um lado para o outro —. Suponho que agora estará na Suécia.

— Sim, estará lá, se a viagem foi rápido — disse Jack.

A viagem não foi rápida. Na realidade, nesse momento Stephen não avançara por Estocolmo mais que trinta milhas, e quando a *Surprise* zarpou dois dias depois, desde o *Leopard*, com sua falsa quilha e seu leme novos por fim, quase não deixara de avistar a igreja de Manton. Depois dos primeiros dias de espera, Stephen pensou que era inútil continuar a viagem para o norte por terra, porque não poderia pegar o pacote, assim que ficou onde estava, alojado no Feathers, e passava a maior parte do dia com seu amigo o pastor Heath. Reconheceu que não se importava que a viagem atrasasse, quer fosse por um naufrágio, por um caso de força maior ou por qualquer outra coisa que estivesse fora de seu controle, e ademais se alegrou de poder se familiarizar com os perus marinhos.

Os vira amiúde quando passava pelas lagunas da costa mediterrânea na época da migração e lhe pareceram aves sem importância, mas Heath o levava a cada dia a um lugar onde aninhavam aves selvagens e ali pôde ver centenas deles. Estavam na época do cio, e os machos dançavam abrindo a plumagem e depois avançavam para seus adversários estremecendo-se e, aparentemente em um estado de exacerbado apetite sexual, entabulavam um combate ritual mostrando a extraordinária variedade de plumas de seu colete.

— Seu instinto é muito forte, Maturin — disse o senhor Heath.

— Sim, é muito forte, senhor, muito forte.

Mas o instinto das fêmeas era ainda mais forte, mesmo que não fosse tão evidente. Apesar da falta de atenção de seus companheiros, do afã dos predadores cujas vidas dependiam de sua eficácia e do péssimo tempo, Stephen e Heath puderam ver três dos pintinhos mais valentes sacarem suas garras das cascas de ovo e a outro começar a rompê-la no momento em que um mensageiro com voz de menino de coro chegou para lhe dizer que o *Leopard* estava saindo do estaleiro.

Os tripulantes do *Leopard* começaram a tratá-lo um pouco melhor. Isso se devia em parte a que todos, incluído o esquivo senhor Roke, estavam contentes, porque quando o barco saiu do porto de Manton suas velas se incharam com um forte vento e alcançou seis e inclusive sete nós, uma magnífica velocidade em seu estado atual. Também se devia em parte a que um marinheiro aleijado que fora tripulante da *Boadicea* e agora trabalhava no estaleiro de Manton o reconheceu e, além do mais, a a lona que cobria seu baú, na qual estava escrito S. Maturin, passageiro do *Leopard*, rompeu-se quando o subiram a bordo e puderam ver os nomes de todos os barcos em que navegara, pois, conforme o costume naval, eles eram pintados na frente e riscados com uma fina linha vermelha no final da missão.

Stephen notara que os homens do mar, apesar de ser crédulos e ignorar muitas coisas do mundo, geralmente eram desconfiados e prudentes no momento menos oportuno, mas os dois testemunhos independentes eram irresistíveis. No primeiro dia que estiveram em alto mar, depois de um silêncio geral durante o almoço, o senhor Roke disse:

— Então o senhor que foi um tripulante da *Boadicea*, senhor.

— Efetivamente — respondeu Stephen.

— Por que não nos disse quando subiu a bordo?

— Porque nunca me perguntaram.

— É que ele não gosta de se gabar — observou o contador.

Os oficiais fizeram outras suposições e depois o cirurgião disse:

— O senhor deve ser o doutor Maturin que escreveu *As doenças dos marinheiros*.

Stephen assentiu com a cabeça. O contador suspirou e, movendo a cabeça de um lado para o outro, disse que a culpa era do Almirantado, que se limitava a mandar uma nota dizendo: "Admitam a bordo a esta pessoa que vai a Estocolmo e dê-lhe de comer", sem dizer uma palavra de sua importância, e que podia ser Agamenon ou Nabucodonosor e um não saberia.

— Pensamos que o senhor era um comerciante comum que ia ao Báltico a negócios, como estes cavalheiros — disse, apontando

para os comerciantes, que baixaram a vista e olharam fixamente a toalha de mesa manchada.

— O *Leopard* ainda era um barco de guerra quando o senhor estava a bordo, não é, senhor? — perguntou o senhor Rolke.

— Fez sua última viagem como um barco de cinqüenta canhões. Nessa viagem afundou o *Waakzaamheid*, um barco holandês de setenta e quatro canhões, nas altas latitudes do sul. Essa ação de guerra quase não se conhece porque nessas águas era impossível que restassem restos da embarcação ou prisioneiros. Acho que nunca saiu em nenhum jornal.

— Falem-nos dela, doutor, por favor — rogou o senhor Roke, com o rosto radiante como se compartisse a glória conseguida nela; os outros marinheiros aproximaram mais suas cadeiras.

— Um barco de cinqüenta canhões afundando um de setenta e quatro!

— Tenham em conta que eu estava abaixo e que apesar de que ouvi os canhões não vi nada. Tudo o que posso lhes contar é o que me disseram os que participaram do combate.

Todos disseram que não lhes importava e escutaram com muita atenção. Pediam que lhes desse detalhes e que repetisse alguns episódios para poder recordá-los melhor, pois ainda que o *Leopard* estivesse longe de se encontrar em seu melhor momento, ainda era seu barco. Esse foi o tema principal e, ainda que também falaram respeitosamente das recentes façanhas de Jack Aubrey e expressaram sua indignação porque o haviam atropelado, o fizeram brevemente, como se tudo isso estivesse em outro plano. Era o *Leopard*, o tangível *Leopard* o que lhes importava.

Durante os seguintes dias contou uma e outra vez toda a história ou alguns de seus episódios. Uma vez os contou na cabine do capitão, aonde havia ido almoçar com ele, e assinalou o lugar exato em que ficavam colocados os canhões de popa, onde ainda se via seu rastro; outras, no castelo de popa, onde seus ouvintes o corrigiam quando trocava ligeiramente a ordem ou qualquer epíteto. E enquanto isso o vento soprava com força e fazia navegar o barco para o norte-nordeste muito rápido, mais rápido do que Stephen desejava. Viu no Skagerrak algumas aves do norte,

alguns patos de plumagem, e lhe partiu o coração quando viu que uma rajada de vento do oeste os empurrava para o Kattegat e o Grande Belt. Avançaram sem pausa até que o mastaréu de proa se rompeu ao norte de Oland, e navegaram muito lentamente desde então e todos perderam a esperança de fazer uma excelente viagem, o que provocou que muitos se irritassem e blasfemassem. Mas para Stephen o avanço não lhe parecia muito lento, e nessas longas horas se dissipou a grande tensão que sentia.

Apesar disso, quando avistaram a *Surprise* na quinta-feira pela manhã, subiu a bordo a toda pressa.

Havia subido ao convés muito cedo, pois havia dormido mal e não podia suportar ouvir outro espirro forçado na câmara dos oficiais. Seu jovem colega, o atual cirurgião do *Leopard*, não era um homem mau, mas pensava que era gracioso exagerar o som dos espirros e tinha o costume de fazê-lo. E cada vez que fazia esse ruído, o que ocorria com freqüência, olhava de um lado e para o outro da mesa para compartilhar seu regozijo.

Stephen, portanto, subiu para o convés muito cedo, e viu ao capitão e à maioria de seus oficiais olhando ansiosamente para um barco que se aproximava por barlavento pela alheta de estibordo e cujo casco já podia ser visto.

— Não tem estandarte — observou o capitão —, assim que não pode ser um barco de guerra.

— Não. Estou seguro de que é um barco corsário, um barco corsário norte-americano — disse o oficial de derrota.

— Se houvesse colocado o mastaréu ontem à noite, poderíamos refugiar-nos em Verstervik, mas agora não temos esperanças de fazê-lo. Olhe quanta espuma forma.

Com efeito, formava muita espuma. Tinha desdobradas as joanetes e as alas de barlavento e navegava a mais de dez nós e sua proa formava grandes faixas de espuma de ambos os lados.

Enquanto o capitão e o jovem oficial de derrota se faziam sensuras (pois, naturalmente, o oficial de derrota havia culpado também ao capitão), este último, Francis, pediu emprestado o telescópio ao senhor Roke. Esteve olhando o barco com atenção durante um bom tempo e depois deu o telescópio para Stephen.

— Tranqüilize-se, senhor Francis — disse Stephen depois de assegurar-se bem do que via —. É a *Surprise* e está sob o comando do senhor Aubrey, que ia se reunir comigo em Estocolmo. Capitão Worlidge, eu lhe rogo que detenha o barco e ize uma bandeira para indicar que gostaríamos de comunicar-nos com ele. Acho que poderei ir a Estocolmo na fragata e poupar assim muito tempo.

Havia ganhado autoridade por ser o tripulante do *Leopard* de mais antiguidade e havia falado com certeza do que queria, e o pedido era tão pouco importante que Worlidge respondeu que sempre estava disposto a comprazer a um oficial do rei. Então os tripulantes do *Leopard* aproximaram a gávea maior do mastro.

Ninguém teria podido olhar para o novo representante de Milport no Parlamento sem se animar. Mas isso não se devia a que Jack Aubrey estivesse exultante ou a que tivesse uma expressão satisfeita (na verdade, teve uma expressão sombria até algum tempo depois de abordar a fragata com o *Leopard*), mas se notava que tinha em seu íntimo alegria e paz e que desaparecera o desencanto que as havia ocultado durante meses levando-o quase à insensibilidade. Tinha o semblante risonho até que lhe arrebataram a alegria, e o riso e os sorrisos formaram as rugas em seu rosto rosado. Seu semblante voltou a ser o mesmo, mas sua cara tomou um colorido rosado mais forte e seus olhos azuis adquiriram um brilho mais intenso.

Stephen notou que sua tristeza e seu desespero diminuíram e quase chegaram a desaparecer enquanto falava com Jack da generosa ação de seu primo Edward Norton e da Câmara dos Comuns. Ambos concordavam em que o melhor que Jack podia fazer era guardar silêncio exceto em casos que tivessem muita relação com os assuntos navais e em geral, ainda que não incondicionalmente, dar seu apoio aos ministros ou pelo menos a lorde Melville. Depois que Jack escutou um relato bastante detalhado de como o *Leopard* havia encalhado, em companhia de Pullings e Martin mostrou a Stephen os novos cabos de cânhamo de Manila que haviam posto na exércia e o mastro traquete, que haviam colocado um pouco mais inclinado.

— Acho que assim poderá ultrapassar uma braça a mais por nó — disse Jack.

— Move-se tão rápido como um cavalo ao trote — assegurou Stephen, olhando por em cima do costado para as tranqüilas águas que desciam pouco a pouco e permitiam ver as placas de cobre que cobriam a parte central do costado.

Enquanto dizia isso percebeu de que cada hora ficava dez milhas mais perto de Estocolmo e que provavelmente desceria para terra no dia seguinte.

— Não confio neste vento, porque esteve mudando de direção durante toda a guarda, e duvido que as alas possam ficar abertas até as oito badaladas.

A idéia de que aquele rápido avanço dava urgência ao seu futuro permaneceu na mente de Stephen enquanto ambos comiam, e, depois de dizer tudo o que podiam dizer sobre o Parlamento, Ashgrove, Woolcombe, as crianças, Philip Aubrey e os novos tonéis de ferro onde levavam a água da *Surprise*, seu pensamento se afastou dali. Apesar da grande satisfação que lhe produzia ver o Jack Aubrey de outrora do outro lado da mesa, voltou a sentir angústia.

Jack sabia por que Stephen havia ido ao Báltico, sem dúvida, e ao final da refeição notou que seu amigo parecia dez anos mais velho e tinha uma expressão triste; contudo, esse era um terreno no qual não podia se meter se não o chamassem. Depois de um longo silêncio, algo inusual entre eles, pensou que não podia voltar a falar de seus próprios assuntos porque havia se comportado como um egocêntrico e um desconsiderado durante tempo demais, assim que pediu outra cafeteira cheia de café e falou de Standish e a música.

— Tenho a satisfação de dizer que desde que nos encontramos pela última vez a fragata incorporou um contador — anunciou —. Nunca navegou antes e, como não é um contador experiente, Sophie o ajudou a fazer as somas; mas é um cavalheiro, é amigo do martin e toca violino assombrosamente bem.

Standish procedia de uma família de marinheiros, mas não de renome (seu pai havia morrido sendo tenente). Sempre havia desejado fazer-se ao mar, mas seus amigos eram contra e para complazê-los decidiu estudar para ser um pastor, pensando que teria

a proteção de um eclesiástico primo seu. Contudo, estudou mais matérias relacionadas com a navegação e a antiguidade clássica que com a teologia. Não lhe ocorreu ler atentamente os Trinta e Nove Artigos até o momento em que teve que aderir-se a eles, e então compreendeu com angústia que não podia fazê-lo, mas se não o fizesse não podia chegar a ser pastor. Dadas as circunstâncias, podia escolher fazer-se ao mar, o que sempre desejara, porém, obviamente, já era mais velho para tomar parte pela primeira vez do grupo de oficiais de um barco de guerra. A única forma de entrar na Armada era como contador e, apesar de seu inexperiência (a maioria dos contadores começavam sua carreira muito cedo como escreventes do capitão), um antigo companheiro de tripulação de seu pai usou a influência que tinha com a Junta Naval e conseguiu que lhe dessem esse cargo; contudo, mesmo para o contador de um barco de sexta classe se lhe exigia como garantia a prova de que possuía quatrocentas libras, e como Standish ofendera a sua família, não possuía nem quatrocentos peniques.

— Pensei que podia esquecer a garantia em vista de que trazia um violino — disse Jack —. Garanto que tem um excelente ouvido e que toca com grande delicadeza, nem com demasiada doçura nem com demasiada secura, compreende? E, como Martin toca bastante bem a viola, pensei que poderíamos tocar um quarteto. O que acha de prepararmos uma tijela de ponche e os convidarmos para tomá-la conosco? Também poderíamos convidar a Tom e a Martin.

— Me encantaria reunir-me com esses cavalheiros — disse Stephen —, mas faz muito tempo que não toco o violoncelo e antes tenho que tocá-lo sozinho.

Foi para sua cabine e enquanto tratava de afinar o violoncelo ouviram-se vários sons chiantes e roucos. Depois tocou algumas frases musicais muito devagar e perguntou a Jack:

— Reconhece isto?

— Certamente! — respondeu Jack —. O final de *Figaro*, é muito bonito.

— Não posso cantá-lo bem e se ouve melhor quando o toco com o violoncelo — disse Stephen.

Então fechou a porta e pouco depois a popa do barco, que geralmente ficava silenciosa quando o vento soprava pela popa e havia ondas de moderado tamanho, encheu-se das agudas notas do *Dies Irae*, que se repetiram uma e outra vez e provocaram o assombro dos oficiais.

Mais tarde, muito mais tarde, depois da apresentação, o ponche e uma comprida conversa, a cabine voltou a encher-se de música; mas desta vez de uma com menos convicção e mais suave, pois os quatro homens interpretaram o *concerto em ré maior de Mozart*.

Stephen foi dormir muito tarde essa noite, com os olhos úmidos e avermelhados pelo esforço de ler uma partitura pouco conhecida à luz da lâmparina, mas com a mente fresca, tão fresca que quando chegou a dormir submergiu em um sono profundo e extraordinariamente vivido do qual não saiu até que Jack lhe disse:

— Desculpe que lhe desperte, Stephen, mas o vento rolou noventa graus e não podemos chegar a Estocolmo. O barco de um práctico da costa está abordado com a fragata e poderá levar-te até lá, ou pode vir comigo até Riga e ir quando regressemos. Que prefere?

— O barco do práctico da costa, por favor.

— Muito bem — disse Jack —. Direi a Padeen que lhe traga água quente.

Enquanto esperava a água chegar, Stephen afiou a navalha, mas quando tinha tudo pronto percebeu de que sua mão tremia muito para se barbear.

— Estou em um estado horrível — murmurou.

Então, com a intenção de melhorá-lo, pegou seu remédio, mas ele caiu antes que pudesse colocar pelo menos uma gota no copo. Imediatamente se notou na cabine o odor do láudano e mais ainda o do conhaque, e Stephen ficou olhando os pedaços do frasco quebrado alguns momentos e observou o contratempo, mas não tinha a energia mental nem o tempo necessários para resolvê-lo. Pensou que se descesse para a enfermaria e trouxesse um botijão grande e um pequeno frasco poderia substituir o que havia perdido.

— Ao diabo! — exclamou —. Comprarei mais em Estocolmo e, além disso, eu me barbearei em uma barbearia.

— Ah, está aí, Stephen! — exclamou Jack, olhando-o com ansiedade —. Temo que fará uma longa viagem. Não vai levar Padeen?

Stephen negou com a cabeça.

— Só queria dizer, antes de subir ao convés... Só queria dizer que desse uma afetuosa saldação à prima Diana de nossa parte.

— Obrigado, Jack — disse Stephen —. Não esquecerei.

Ambos subiram pela escada.

— Este vento nunca se mantém assim — sentenciou Jack enquanto o passava para a parte exterior do costado, onde Bonden e Plaice o ajudaram a descer para o barco —. Regressaremos de Riga dentro de muito pouco tempo.

## CAPÍTULO 9

---

Ainda que a *Surprise*, passando por entre inumeráveis ilhas, tenha se aproximado da costa tudo o que podia, o práctico da costa teve que percorrer uma longa distância antes de poder deixar Stephen no amplo cais situado no coração da cidade.

Quando o sol saiu o dia ficou mais fresco e brilhante, e o vento, ainda que desfavorável, encheu-se de vida. Ao descer para terra, Stephen havia se separado quase por completo de outro mundo, do mundo de seus sonhos, com sua extraordinária beleza, seus possíveis perigos e a velada ameaça de um grande perigo iminente.

O práctico da costa, um homem sério e respeitável que falava inglês com soltura, o levou a um respeitável hotel onde também se falava inglês. Stephen pediu café e pãozinhos e depois, já reanimado, foi ver o representante de seu banco. O banqueiro o recebeu com o respeito do qual agora começava a se sentir merecedor (ou, pelo menos, já não achava engraçado) e lhe entregou moeda sueca e o endereço do melhor boticário da capital. Disse que era “um homem instruído, com conhecimentos de todas as ciências, um discípulo do grande Linneo” cuja farmácia ficava a menos de cem jardas de distância, e que o doutor Maturin só tinha que dobrar duas vezes para a direita para encontrá-la.

O doutor Maturin dobrou duas vezes para a direita, e lá estava. A vitrine era inconfundível, pois não só estava cheia dos habituais potes com um líquido transparente de cor verde ou vermelho ou azul de aspecto parecido ao das pedras preciosas e ramalhetes de ervas secas, como também de grande variedade de monstros e animais raros conservados em álcool e de esqueletos, um dos quais era o de um tamanduá. Stephen entrou. Aparentemente, não havia ninguém

na loja, mas enquanto olhava atentamente o feto de um canguru (havia estendido o braço para girar o pote) um homenzinho saiu de detrás do balcão e, com uma voz que parecia de gnomo e em tom áspero, perguntou o que desejava.

Stephen teve a certeza de que, apesar de que ele tinha conhecimentos de todas as ciências, não sabia inglês nem francês, por isso disse em latim:

— Queria um frasco de láudano de moderado tamanho.

— Certamente! — respondeu o boticário em latim com um tom mais amável.

Enquanto ele preparava a tintura Stephen inquiriu:

— Por favor, está à venda o tamanduá que há na vitrine?

— Não, senhor — respondeu o boticário —. É de minha coleção.

E depois de uma pausa acrescentou:

— Vejo que reconheceu o animal.

— Faz algum tempo, quando estava no Cabo, estudei muito bem um tamanduá — explicou Stephen —. É uma criatura afetuosa, mas tímida. Ademais, vi um esqueleto que pertencia a monsieur Cuvier em Paris.

— Vejo que o senhor é um viajante, senhor — disse o boticário enquanto pegava a garrafa com ambas as mãos e a subia à altura dos olhos.

— Sou um cirurgião naval e por minha profissão estive em muitas partes do mundo.

— Sempre sonhei em viajar — confessou o boticário —, mas estou atado à minha farmácia. Contudo, animo aos marinheiros a que me tragam tudo o que encontrem e encomendo aos ajudantes de cirurgião mais inteligentes que me tragam determinadas espécies de plantas, medicamentos estrangeiros, diversos tipos de chá e outras infusões, assim que viajo indiretamente.

— Talvez o senhor viaje mais do que eu — disse —. Até que um experimente, não pode conceber a frustração que sente um naturalista em um barco. Apenas começa a ver uma ordem entre, digamos, os cupins, e lhe dizem que o vento rolou ou que há que aproveitar a maré e que se não sobe a bordo ficará para trás. Uma

vez estive em Nova Holanda e vi estas criaturas saltando em uma verde pradeira — acrescentou, assinalando para o canguru —. E o senhor acha que permitiram que me aproximasse deles a cavalo ou pelo menos me emprestaram um telescópio para vê-los? Não, senhor. Disseram que se não estivesse na praia ao cabo de dez minutos, mandariam um grupo de infantas da marinha me buscar. E o senhor, senhor, em troca, tem cem olhos e seu único inconveniente é que permanece aqui fisicamente enquanto sua mente viaja por outros lugares. O senhor tem uma notável coleção — observou, olhando as paredes.

— Aqui está o verdadeiro bálsamo de Gilead — disse o boticário —. Aqui, o asbesto; aqui, a mandrágora negra de Kamchatka.

Ele mostrou muito mais raridades, em sua maioria relacionadas com a medicina, e depois de um tempo Stephen perguntou:

— Alguns desses jovens lhe trouxe folhas de coca de Peru?

— Oh, sim! — respondeu o boticário —. Estão em uma pequena bolsa atrás da camomila. Dizem que dilue os humores espessos e que tira o apetite.

— Tenha a amabilidade de dar-me uma libra — pediu Stephen —. E por último, pode dizer-me onde fica o distrito de Christenberg? Eu gostaria de ir andando até lá, se não fica muito longe.

— Não tardará mais de uma hora. Eu desenharei um mapa. Esta pradeira está cheia de *lírios pseudocorus* e na praia que fica justo detrás, perto da ponte, poderá ver o ninho de um cisne trompete.

— O nome da casa que quero encontrar é Koningsby.

— Fica aqui, onde ponho esta cruz.

Stephen tinha a intenção de ir ver o lugar onde vivia Diana e seus arredores e depois regressar ao hotel, solicitar os serviços de um barbeiro, trocar a camisa (havia trazido três, uma gravata-borboleta de reposição e um colete), almoçar e enviar ali a um mensageiro para perguntar se podia visitá-la.

Atravessou as pontes que tinha que cruzar, passou pela frente do hospital Serafimer olhando-o atentamente e muito rápido começou a ver casas mais espaçadas. Pouco depois chegou a um

largo caminho com bosques de ambos os lados que atravessava um terreno ondulado abundante em pastos, e aquele conjunto predominantemente verde lhe produziu uma agradável sensação. Viu pequenas fazendas, várias casinhas de campo e uma ou outra grande e rodeada de árvores.

Apesar do caminho ser largo e estar em boas condições, não havia muito tráfego. Viu dois coches, algumas carrças e carretas, cerca de uma dúzia de homens a cavalo e alguns homens a pé. Todos o cumprimentaram ao passar por seu lado, e ele, impressionado por ver o verde dos campos e os corvos, respondeu em irlandês:

— Que Deus, Maria e são Patrício estejam com o senhor!

Não havia muito tráfego no caminho principal e ainda menos no que Stephen tomou ao dobrar à direita depois de consultar de novo o mapa do boticário. O caminho era muito estreito e passava por entre pradeiras que tinham cercas de madeira desconjuntadas e aparentemente formavam parte de uma só propriedade muito grande mas abandonada, o que parecia confirmar a presença de um muro ao redor de um parque na parte sul, para onde Stephen olhava de vez em quando.

Encontrou o terreno pantanoso coberto de lírios e quando viu o cisne em seu ninho ouviu o ruído dos cascos de alguns cavalos diante dele e, ainda que estavam ocultos por um bosque de amieiros, teve a certeza de que estavam perto e de que puxavam uma cuagem que avançava muito rápido. Olhou ao seu redor em busca de um lugar onde se meter para poder sair do caminho, que ali era mais apertado e flanqueado por sarjetas, profundas sarjetas que na borda do lado interior tinham um montículo sobre o qual estava colocada a cerca. Escolheu a parte menos larga da sarjeta da direita, pôs entre os dentes a corda com que estava atado o pacote, cruzou a sarjeta de um salto, agarrou-se à cerca e ficou de pé em cima do montículo. Quando apareceu a carruagem, viu que era um faetonte puxado por um par de cavalos alazões, e um momento depois seu coração pulou porque era Diana que o conduzia.

— Oh, Maturin, bendito seja! — exclamou Diana, puxando com força as rédeas —. Quanto me alegro de ver-te, querido!

O moço correu para segurar os cavalos e ela foi até a faixa de capim que bordejava o caminho.

— Se dé um grande salto poderá cruzar a sarjeta — disse, estendendo-lhe a mão.

Ela o segurou enquanto ele cruzava, pegou o pacote e o beijou nas faces.

— Quanto me alegro de lhe ver! — repetiu —. Suba e lhe levarei para minha casa. Você não mudou nada — acrescentou enquanto o fazia se mover para os cavalos.

— Você sim, minha querida— disse Stephen em tom suave —. O aspecto de sua pele melhorou infinitamente. Parece uma *jeune fille en fleur*.

Era verdade. O clima do norte, um clima mais úmido e mais frio que o da Inglaterra e a comida sueca haviam feito maravilhas em sua pele. Para que a beleza de alguém como Diana, com cabelo negro e olhos azuis-escuros, alcançasse o grau máximo, sua pele devia ter uma excelente aparência, e agora ela tinha um aspecto muito mais bonito do que nunca.

Chegaram ao portal de acesso a um campo e ela girou o faetonte com a habilidade que a caracterizava e começou a percorrer o caminho em direção contrária a grande velocidade. Em algumas partes as rodas distavam escassamente seis polegadas da borda e, como um dos cavalos tinha tendência a sacudir a cabeça e a fazer bobagens, era necessário conduzir com mão firme e muita atenção, o que impedia manter uma conversa. O faetonte voltou a passar pelo bosque de amieiros e depois tomou um caminho mais largo.

— Este é o caminho de Stadhagen — explicou Diana.

Então abriu as folhas de uma grade de ferro e os cavalos entraram por ali por sua própria vontade. O caminho estava coberto de ervas daninhas e formava um par de curvas entre as árvores, depois das quais se bifurcava. Um ramal atravessava o parque e chegava até uma casa enorme e bonita que parecia sem vida, pois estava quase toda fechada.

— Essa é a casa da condessa Tessin, a avó de Jagiello — anunciou Diana —. Eu vivo ali — acrescentou, assinalando um

extremo do parque, onde Stephen viu uma casa ainda mais velha com uma torre.

Stephen pensou que era a casa que costumava destinar-se à mãe viúva do dono da propriedade, mas não fez nenhuma observação.

O faetonte parou. O moço desceu de um salto e o levou.

— Esse homem é finlandês? — inquiriu Stephen.

— Oh, não! — respondeu Diana, sorrindo —. É um lapão, um dos lapões de Jagiello. Possui uma dúzia, mais ou menos.

— São escravos?

— Não, não exatamente. Acho que são como servos. Entre, Stephen, por favor.

A porta se abriu e atrás dela havia uma criada velha e alta que fez uma reverência enquanto lhes sorria. Diana lhe gritou algo em sueco muito perto da orelha e conduziu Stephen pelo corredor. Abriu uma porta e imediatamente a fechou dizendo:

— Muito sujo.

Depois abriu outra que dava acesso a uma agradável habitação quadrada onde havia um piano, estantes, uma estufa de porcelana, duas ou três poltronas e um sofá e de onde se via uma limeira. Diana pegou uma das poltronas e disse:

— Sente-se onde eu possa ver-lhe bem. Sente-se no sofá.

Ela o olhou afetuosamente e exclamou:

— Meu Deus, faz tanto tempo que não lhe vejo e temos tantas coisas de que falar!

Fez uma pausa e em tom amável continuou:

— Vou lhe dizer algo sobre Jagiello, não porque tenha que lhe dar explicações, sabe, Maturin?, mas porque chegará de um momento para o outro e não quero que se veja obrigado a cortar-lhe o pescoço. Pobrezinho! Isso seria cruel. Quando lhe disse que queria pôr-me sob sua proteção para vir à Suécia quis dizer justamente isso: proteção contra qualquer insulto ou abuso. Não queria nada mais e lhe disse claramente. Acrescentei que eu pagaria meus gastos, naturalmente. O que eu queria era proteção no sentido próprio da palavra, não um amante, mas ele não acreditou. Disse que não podia respeitar-me nem amar-me como um irmão e outras

coisas, ainda que sorrisse afetadamente, como fazem todos os homens. Demorou muito tempo em convencer-se de que eu falava sério, mas ao final teve que admitir. Eu lhe disse que era inútil que insistisse, pois havia jurado que nunca voltaria a submeter-me à autoridade de nenhum homem porque assim nenhum poderia machucar-me. Parece muito *devastado*, mas não deve ficar assim, já que tudo passou, falo com sinceridade, e espero que Deus nos ajude a não cometer a estupidez de deixar que isso nos impeça de sentir afeto mútuo. Mas como dizia, ele teve que acreditar, e agora somos amigos outra vez ainda que insiste em me impedir de subir em balão. Vai se casar com uma doce e bonita jovem que o adora. Não é muito astuta, mas é de boa família e tem um esplêndido dote. Ajudei a combinar o matrimônio e sua avó me tem tanto apreço... bem, quando se lembra, o que não ocorre sempre.

— Alegro-me de ouvir isso, querida Villiers... — Stephen começou a dizer, mas se interrompeu ao ver a criada entrar.

Diana lhe falou tão alto como lhe era possível e depois, com voz rouca, disse:

— Ulrika diz que só temos ovos e truta defumada na casa... Tinha saído para comprar quando nos encontramos. Ademais me perguntou se o cavalheiro gostaria de um pouco de carne de rena salgada e conservada seca que o lapão trouxe.

Ulrika observou o rosto de Stephen e ao ver sua expressão comprazida saiu rindo.

— Bem, isso é tudo com respeito à Gedymin Jagiello — disse Diana —. A propósito, quando eles vierem teremos que falar em francês, porque ela fala inglês pior do que ele. Mas agora comecemos do início. De onde vem?

— Vim da Inglaterra com Jack Aubrey na *Surprise*.

— Ele está em Estocolmo?

— Foi até Riga, mas regressará dentro de um ou dois dias. Mandou-lhe, quer dizer, mandaram-lhe uma afetuosa saldação. Ele me disse: "Dê uma afetuosa saldação à prima Diana de nossa parte".

— O bom de Jack. Tivemos tanta raiva, eu e Jagiello, daquele espantoso processo! Como ele está constantemente na legação tem todos os jornais ingleses. Ele reagiu muito mal?

— Muito mal. Durante a viagem anterior à última, quando fomos aos Açores, não parecia o mesmo homem. Não tinha entusiasmo nem sorria. Não estabeleceu relações humanas com os oficiais e marinheiros novos e quase não o fez com os antigos. Ele os fez temer realmente a Deus. Notei que nos barcos ninguém pode representar um papel durante longo tempo porque os homens detectam imediatamente a falsidade. Porém, os homens reconhecem os verdadeiros sentimentos, e neste caso todos chegaram a temê-lo muito.

— Contudo, foi nos Açores onde conseguiu todas aquelas presas, e provavelmente seu humor terá melhorado por isso.

— Alegrou-se disso por Sophie e as crianças, pois acho que as coisas não iam bem em Ashgrove, mas o dinheiro dos butins, ainda que tenha chegado como uma avalanche, não mudou a parte fundamental do problema. Foi o combate de Saint Martin que o fez.

— Ah, sim, sim! Como o celebramos! O capitão Fanshawe, que estava na legação, disse que era a melhor batalha desse tipo que vira nesta guerra. Vai reabilitá-lo, não é?

— Acredito que existe a possibilidade, sobretudo porque seu primo Norton lhe deu a cadeira do Parlamento que corresponde a Milport, um distrito do oeste que é de sua propriedade.

— Isso a converte em uma certeza, já que as eleições estão muito próximas. Alegro-me pelos dois porque sinto muito carinho por Sophie. Stephen, desculpe-me um momento; tenho que ir ver o que houve com a rena. É possível que Ulrika tenha problemas com o lapão. Ele não pertence a esta casa, sabe? Jagiello me o emprestou junto com o faetonte e os cavalos para que levasse a sua avó à igreja e às vezes à cidade, mas se dá bem comigo.

Quando Stephen ficou sozinho, passou a refletir. Em uma ocasião havia pensado que Diana subia em balão para se divertir, mas agora parecia muito mais provável que sua primeira idéia, que coincidia com a de Blaine, fosse a acertada. Ainda que ela não vivesse na pobreza, a verdade era que estava muito longe de viver com luxo. Tratava de aplacar seu ímpeto e sua agitação para poder encontrar uma forma de expressar suas idéias com coerência e convicção. Pegou do bolso o frasco que o boticário lhe dera e

quando estava rompendo o selo de cera do envoltório ela entrou com seu pacote nas mãos.

— Stephen — disse —, deixou isto no coche. Pishan o levou para a cozinha.

— Oh, obrigado! — exclamou, guardando o frasco —. São as folhas de coca que comprei em Estocolmo.

— Para que são?

— Tiram o cansaço e deixam a um muito inteligente e até mesmo engenhoso quando as toma adequadamente. Eu lhe mandei algumas da América do Sul.

— Infelizmente, nunca as recebi. Eu teria gostado de ser muito inteligente e engenhosa.

— Que pena. Às vezes as coisas se perdem. Diga-me, recebeu uma carta que mandei de Gibraltar justo antes de viajar para a América do Sul? Mandei-a por Andrew Wray, que ia fazer parte da viagem de regresso para a Inglaterra por terra.

— Não confiou realmente naquele maldito sem-vergonha, não é? Eu o vi uma vez ou duas depois que regressou e me disse que lhe vira em Malta e que havia escutado música contigo. Pelo que disse, você se divertia muito com um sino de escafandrista e outros encantos de Valletta. Não me falou de nenhuma carta nem de nenhuma mensagem. Espero que não dissesse nada confidencial.

— Nenhum estranho teria entendido nada — disse Stephen e se levantou, pois nesse momento uma anciã abriu a porta.

Era a condessa Tessin. Diana apresentou Stephen em francês como monsieur Maturin e Domanova, o que era em parte correto e em parte falso, e acrescentou que era um amigo de Gedymin. Não tinha que haver-se preocupado, porque a anciã estava com a mente confusa e decidiu sair ao saber que Jagiello não chegaria até depois do almoço, embora tenham pedido para que ficasse.

— Posso oferecer-lhe meu braço, senhora? — perguntou Stephen.

— O senhor é muito amável, senhor, muito amável, mas Axel está me esperando e ele está acostumado ao meu passo.

— Se chegar a ser velha, espero adaptar-me às mudanças do dinheiro.

— Poucas pessoas se adaptam.

— Não. A condessa Tessin não conseguiu, e a mudança a assustou tanto que a levou a... bem, eu não diria que à avareza, porque, na realidade, é muito generosa. Contudo, diz que deve poupar até o último penique e despediu quase todos os serventes. Ademais, ela me cobra uma quantidade astronômica de aluguel e me deixou somente um pequeno potreiro porque permite usar praticamente todo o parque como terreno de pastoreio. Pensava criar cavalos árabes, mas não há espaço. Stephen, não está comendo. Tenho uma parelha, e quero mostrar-lhe a égua depois de almoçar porque é preciosa, mas se dispusesse de um terreno coberto de capim curto e espesso como o que Jack Aubrey tem no alto de uma colina de seu imóvel, poderia criar uma vintena.

“Acho que minha agitação a afetou. Ela não se comporta assim”, pensou Stephen. Esforçou-se para comer e fingiu o melhor que pôde que tinha muito apetite e enquanto isso a escutava. Diana falou das lições de inglês, nas quais não tinha que fazer um grande esforço porque muitos suecos falavam um pouco de inglês, e do absurdo organizador de espetáculos que lhe pagou uma quantiosa soma para subir em um balão.

— Quer que da próxima vez use um vestido com lantejoulas — disse.

Raras vezes Stephen havia podido controlar menos suas emoções e tolerar menos uma conversa trivial. Notou que sua irritação aumentava e bendisse o momento em que Diana fez um movimento desajeitado e derrubou a garrafa no piso.

— Esse era o último vinho que restava — disse, sorrindo —. Mas pelo menos posso fazer uma xícara de café decente. Um dos poucos trabalhos do lar que sei fazer.

O café era excelente. Beberam-no sentados no terraço do lado sul da casa e a égua árabe se aproximou deles dando passos curtos e vacilantes até que ficou segura de que a receberiam com amabilidade. Parou junto de Diana e passou a cabeça por cima de seu ombro e a olhou fixamente com seus olhos brilhantes. Então Diana disse:

— Ela me segue por todas as partes como um cachorro quando a deixo entrar na casa e inclusive sobe e desce a escada. É o único cavalo que me atreveria a meter na nacela de um balão.

— Duvido que tenha visto um animal mais bonito e simpático — disse Stephen.

A beleza da égua era equiparável à de Diana, e sentiu um grande prazer ao vê-las juntas.

Depois de ver o estábulo e o outro cavalo árabe, que Diana disse que era castrado, e depois de criticar duramente o pequeno potreiro, voltaram para a casa. A tensão entre eles havia diminuído e falaram com calma das primas de Diana, dos filhos de Sophie, da reconstrução do Grapes e da prosperidade da senhora Broad. Quando chegaram ao saguão Stephen disse:

— Permita-me retirar-me um momento, minha querida. Tenho que tomar um medicamento. Poderia me dar um copo?

Sentado ali mediu a dose de láudano, uma dose apropriada para a ocasião, como costumava fazer, pondo o polegar na boca do frasco.

— Jesus, Maria e José! — exclamou —. O gnomo deve de usar *aquavit*.

Imediatamente se acostumou ao novo sabor do láudano, e atribuiu a diferença ao uso de uma bebida alcoólica distinta para fazer a tintura. Quando terminou baixou as calças e, não sem dor, arrancou o esparadrapo que mantinha o diamante azul colado ao seu corpo. Limpou a pedra preciosa, olhou-a com admiração novamente e a guardou no bolso do colete.

Quando desceu a escada notou que o medicamento já estava fazendo efeito, e quando entrou no pequeno quarto quadrado estava bastante tranqüilo e decidido a jogar sua felicidade em uma só carta.

Diana olhou ao seu redor sorrindo.

— Tenho que afinar o piano — disse, tocando algumas notas com a mão direita enquanto ele permanecia ali de pé —. Lembra dessa peça de Hummel que Sophie praticava tanto faz muito, muito tempo? Ela me veio à memória, mas há alguma nota errada que a estraga — acrescentou enquanto a tocava.

— Essa nota se parece com Judas — disse Stephen.

Suas mãos deslizaram pelo teclado e tocaram algumas frases da peça de Hummel, declinações, melodias improvisadas e finalmente a ariana de Almaviva que começava: "*Comtessa perdoo...*". Não se atreveu a cantá-la por temor de que sua voz fosse desagradável ou que destoasse, ou ambas as coisas, mas quando fechou o piano disse:

— Diana, eu vim para lhe pedir perdão.

— Mas meu querido, já o perdoei há muito tempo. Sinto um grande carinho por você e não guardo rancor nem lhe desejo nenhum mal, juro.

— Não era isso ao que me referia, querida.

— Oh! Com respeito ao resto, Stephen, digo que nosso matrimônio foi absurdo. Nunca pude ser uma boa esposa para você. Gosto muito de você, mas não fazemos outra coisa além de nos ferir mutuamente. Não fomos feitos um para o outro e somos independentes como os gatos.

— Só peço que me faça companhia. Obti muito dinheiro com os butins e herdei mais. Digo isto só porque significa que poderá ter espaço para criar os cavalos árabes, poderá dispor da metade do Curragh no condado de Kildare, além de uma grande extensão de terra no sul da Inglaterra.

— Stephen, já sabe o que eu disse a Jagiello: nunca voltarei a me submeter à autoridade de nenhum homem. Mas se alguma vez um homem e eu vivêssemos como marido e mulher, esse homem seria você, ninguém mais. Peço que aceite isso como resposta.

— Não a importunarei mais, minha querida— disse Stephen.

Aproximou-se da janela e observou as folhas do limeiro, de um perfeito colorido verde. Depois de alguns momentos se voltou e, com um sorriso forçado, perguntou:

— Quer que lhe conte o sonho que tive esta manhã, Villiers? Tinha a ver com um balão.

— Propulsado a fogo ou a ar?

— Acho que pelo ar, porque se não, eu me recordaria do fogo. Eu estava na nacela e voava acima das nuvens, uma grande massa de nuvens brancas com imensos picos que davam voltas, mas que

se mantinham em um mesmo plano por baixo de mim. E por acima delas se estendia o céu, incrivelmente puro e de cor azul-escuro.

— Oh, sim! — exclamou Diana.

— Tudo isso eu soube por um homem que havia subido em um balão, pois eu nunca me separei da terra. Mas o que não peguei de seu relato foi a extraordinária sensação de estar vivo, a palpável profundidade do silêncio do universo e o brilhantismo da luz e o colorido que há nesse mundo, outro mundo cuja existência era cada vez mais evidente porque através dos claros nas nuvens podia ver muito abaixo dele nosso mundo ordinário, com prateados rios e nítidos caminhos. Depois de um tempo tudo se transformou em gelo e rocha, inclusive o que havia ali debaixo, e eu sentia ao mesmo tempo prazer e um medo terrível, tão grande como o próprio céu. Não era medo de ser destruído mas de algo pior, talvez de me perder para sempre, de que se perdessem meu corpo e meu mundo.

— Como terminou?

— Não terminou. Jack me chamou para dizer-me que havia um barco abordado com a fragata.

— Jagiello costumava contar-me horríveis histórias de pessoas que subiam mais e mais e se afastavam mais e mais até que chegavam a lugares muito distantes e nunca voltavam a ser vistos e morriam de frio ou de fome. Mas eu só subo em um balão propulsado a ar, que tem uma válvula que permite tirá-lo para poder descer e, além do mais, leva uma âncora amarrada a uma comprida corda. Nunca me afasto muito e sempre Gustav vai comigo, que tem muita experiência e é muito forte.

— Querida Villiers, não quis assustá-la nem fazer que desista de sua intenção. Deus me livre! Isto era só um sonho, não uma conferência nem uma parábola. Impressionou-me muito, sobretudo a intensidade das cores, como por exemplo, o vermelho do balão. Conte-lhe em parte por isso, ainda que bem sabe Deus que meu relato foi muito simples e não chegou nem perto de sua essência, e em parte para deixar um espaço entre o que estávamos falando e o que vou dizer-te agora, um espaço que simbolize a total independência de ambas conversações. Recorda de D'Anglars, o amigo da Mothe que vimos em Paris?

— Sim — respondeu ela, e sua expressão distraída se transformou em inquisitiva.

— Ele prometeu que lhe devolveria seu grande diamante azul, que o enviaria quando partíssemos, e cumpriu sua palavra. Um mensageiro o trouxe justo depois do processo de Jack. Aqui está.

Nunca a vira perder a compostura até tal ponto. Quando lhe entregou a pedra, que brilhava à luz do sol, em seu rosto se refletiram sucessivamente a desconfiança, o assombro, a satisfação e o medo, que desapareceu por completo quando estourou em lágrimas.

Stephen voltou a olhar pela janela e ficou ali até que a ouviu assoar e suspirar. Ela estava sentada com o diamante entre as mãos e ele notou que tinha as pupilas dilatadas, tão dilatadas que seus olhos pareciam negros.

— Nunca pensei que voltaria a vê-lo — disse ela com voz trêmula —. Eu lhe tinha tanto carinho! Um carinho pósito ao pecado! E ainda lhe tenho um carinho pósito ao pecado — acrescentou, girando-o para um lado e para o outro sob um raio de sol —. Não tenho palavras para expressar-lhe meu agradecimento. Fui tão dura contigo, Stephen! Perdoe-me.

Do lado de fora alguém gritou: “Diana!”. E ela exclamou:

— Oh, meu Deus, aí estão os Jagiello!

Olhou imediatamente ao seu redor, mas já não era possível escapar. Um momento mais tarde a porta se abriu, mas foi a égua que entrou, e alguns instantes depois os Jagiello a seguiram.

Ainda que Stephen estivesse de costas para a luz, Jagiello o reconheceu imediatamente e mostrou uma expressão de assombro e satisfação ao mesmo tempo, que depois indicou preocupação. Então viu que seu potencial inimigo se aproximar, apertar-lhe a mão, agrader-lhe a amabilidade que tivera com Diana e felicitá-lo por sua ascensão, pois ele tinha agora em sua bonita casaca de cor lilás os galões de coronel e usava esporas de ouro.

Diana cumpria estritamente as normas sociais, e depois de tirar a égua dali e fazer o que pôde para arrumar o rosto, que estava muito inchado pelo pranto (*choramingo* era uma palavra muito forte, pois ela não chorava com facilidade nem sem que suas lágrimas

deixassem rastro), fez todo o possível para atender bem aos seus visitantes. Lovisa, a noiva de Jagiello, era muito jovem e venerava Diana, a quem Jagiello considerava um modelo, e sua juventude, seu respeito e sua inata estupidez combinados com seu desconhecimento do francês e sua suposição de que a situação era delicada, convertiam-na em uma pesada carga para ele. Jagiello se achava em uma posição melhor, mas sabia que sua habitual conversa alegre estava fora de lugar nesse contexto, e como havia se surpreendido ao ver aquela situação não lhe ocorreu nenhuma alternativa. Stephen, cujo cumprimento das normas sociais não lhe serviriam para conseguir uma recomendação em nenhuma parte, disse algumas frases corteses para Lovisa, que era verdadeiramente bonita, e depois, ao ouvir que Diana contava a Jagiello as últimas notícias sobre Jack Aubrey, também guardou silêncio. Há um tempo tinha uma estranha sensação que atribuía à intensidade de sua emoção, ainda que não sabia o que a causava, além do desespero por seu fracasso. Pensou que havia uma analogia entre isso e as feridas em um combate, pois um sabia que lhe haviam ferido e mais ou menos onde, mas não sabia se a ferida fora causada pela lâmina ou a ponta de uma espada, uma bala ou um pedaço de madeira pontiagudo, nem se era grave até que as examinavam e lhes davam nome. Mas desejava com ânsia que essa gente se fosse para poder tomar outra dose do medicamento, uma dose que lhe proporcionasse serenidade e lhe permitisse regressar a Estocolmo pelo menos com aparente serenidade.

Por fim ocorreu a Diana dizer a Jagiello que sua avó a havia visitado antes do almoço. Ademais, sugeriu que ele fosse para a grande casa para evitar que ela voltasse a sair, o que era provável que fizesse porque provavelmente os vira passar, e que caminhar duas vezes até ali seria muito para a condessa Tessin.

Jagiello lhe agradeceu muito, porque se sentia como um estorvo desde que havia chegado, mas não lhe havia ocorrido nenhuma desculpa plausível para ir embora. Mas depois das primeiras frases de despedida, Lovisa começou a falar a Diana de seu vestido de casamento. E seguiu falando durante muito tempo, a

maioria do tempo em sueco, e Stephen retrocedeu pouco a pouco e finalmente fez uma inclinação de cabeça e subiu a escada.

Voltou a se assombrar com a força do medicamento, e desta vez pensou que a diferença podia dever-se ao ópio em vez de ao dissolvente. Enquanto descia a escada pensou: “Contudo, nunca ouvi falar de nenhuma diferença notável entre a farmacopéia de um país e a de qualquer outro com relação a isso. A tintura é a mesma, com uma margem de variação de uns poucos escrúpulos, quando é preparada por um respeitável boticário, tanto se for de Paris como de Dublin, de Boston ou de Barcelona”.

— Oh, Maturin, achei que não iriam nunca! — exclamou Diana —. Essa estúpida menina papagaia ainda estava falando da renda de seu vestido quando a condessa Tessin se assomou, mas dei uma cotovelada em Jagiello e por fim ele a levou.

— Jagiello vale muito.

— Sim. E desta vez não disse nada em contra os balões, ainda que saiba muito bem que vou subir em um no sábado.

— No próximo sábado?

— Sim. Já começaram a enchê-lo.

— Eu também poderia subir?

— Certamente que sim! Desta vez subirei no balão vermelho, assim que haverá muito espaço na nacela. Quer vê-lo?

Stephen não respondeu até que ela perguntou outra vez:

— Quer vê-lo?

Então ele olhou para cima com uma expressão de assombro e respondeu:

— Adoraria. Você o guarda aqui?

— Oh, não, não! É muito grande. Eles o estão enchendo na fundição, porque usam ferro e vitríolo para produzir o gás inflamável, sabe? Pode ser visto da torre. Está bem, Stephen?

— Devo confessar que tenho uma sensação estranha, minha querida, mas é que me levantei antes do amanhecer. Contudo, sou perfeitamente capaz de subir a torre correndo.

— Iremos devagar. Há um luneta em cima do armário que aí atrás.

Ela o guiou por um corredor abobadado que havia detrás do saguão e depois pela escura torre que ficava no final e que era muito mais velha que a casa.

— Tenha muito cuidado, Stephen — advertiu, voltando a cabeça para trás enquanto subia pela escada de caracol —. Mantém pegue na parede, porque não há grade na metade superior.

Deram voltas e mais voltas entre as sombras e por fim chegaram a uma porta diminuta que ficava no alto e saíram para a brilhante luz. Estavam a uma surpreendente altura de onde podiam ver toda a ilha aos seus pés.

— Por aqui — indicou Diana levando-o até o muro do lado leste.

De lá se via a antiga Estocolmo, situada a uma hora de caminho, e de um lado dela, as altas chaminés das indústrias. Diana levava na mão o diamante azul, mas agora o envolveu em um lenço, guardou-o no bolso e enfocou a luneta.

— Ali! — exclamou —. Localize a que joga muito fumaça e depois mova a luneta para a esquerda. Em um pátio verá a metade superior de uma grande bola vermelha. Esse é meu balão!

— Que Deus o abençoe! — disse Stephen, devolvendo-lhe a luneta.

— Acho que deveríamos descer e tomar uma xícara de chá — disse Diana, escrutinando seu rosto —. Está muito pálido. Desça primeiro e eu lhe seguirei; sei exatamente onde estão os parafusos.

Stephen abriu a porta, disse algo ininteligível sobre o sábado e caiu de cabeça no vazio.

Aparentemente, apesar do atraso e dos problemas, não haviam cancelado e sim adiado a ascensão. Se era um espetáculo público, haviam comparecido muito poucas pessoas, pois não recordava ter visto a uma multidão nem ter ouvido ruído. Tinha lembranças confusas de uma queda, de feridas indeterminadas e de um alvoroço, e isso nublava o passado imediato. Mas eles haviam subido até acima das nuvens, algo que podia se comparar ao que ele fizera em sua nebulosa mente, e estavam rodeados de ar puro e acima e ao redor deles estava o céu, de um azul muito escuro que já lhe era

familiar. Quando olhava para baixo por cima da borda da nacela, via as rápidas mudanças da geografia do mundo de nuvens que ficava abaixo e suas fantásticas circunvoluções. Tudo era mais puro e mais brilhante que em seu sonho, que recordava perfeitamente. E ainda que em seu sonho as cores fossem vivas, não alcançaram a extraordinária intensidade que tinham agora. Inclusive o vime que formava a nacela tinha uma infinidade de belas tonalidades, desde o marrom escuro até uma cor mais clara que a palha. Por outro lado, as cordas que saiam da rede que envolvia o balão tinham graça própria, e as olhava como se nunca houvesse visto nenhuma ou houvesse recuperado a vista depois de ficar cego durante muitos anos. Nesse momento olhou para Diana e ficou sem fôlego ao ver a perfeição de suas faces. Diana vestia um traje de montar verde. Estava sentada e tinha as mãos juntas sobre o colo, sustentando o diamante, que olhava com os olhos semicerrados e meio ocultos atrás de suas compridas pestanas.

Os dois estavam em silêncio (aquele era um mundo de silêncio), mas ele sabia que se entendiam perfeitamente e que por muito que conversassem não poderiam se compreender melhor. Então pensou na altura e seu efeito e se perguntou se era só a altura que fazia mais forte a sensação de estar vivo. Lembrou de sua lenta subida à Maladeta, o ponto mais alto ao qual havia chegado em terra. Havia saído de Benasque em uma mula antes do amanhecer e havia subido e subido até chegar ao meio-dia ao terreno mais alto em que pastava o gado, onde saíam jorros de água largos como um barril das rochas que flanqueavam o caminho. Depois de fazer uma pausa no refúgio seguiu subindo a pé, atravessou vastos campos cobertos de rododendros e depois outros com inumeráveis gencianas entre a grama espessa e curta. Depois subiu até a borda rochosa do glaciário, onde havia uma multidão de altas primaveras situadas de forma perfeita, como se todos os jardineiros do rei houvessem estado trabalhando ali. Pôde ver bem todas essas coisas e também uma manada de camurças que corriam e duas águias que davam voltas e voltas acima de sua cabeça porque o ar era puro e havia muita claridade, mas essa claridade não podia se comparar com a que o rodeava agora. Ademais, ambos

os lugares eram de distinta índole. Durante aquele comprido dia ele esteve preocupado com o tempo pois não queria que a noite lhe pegasse na ladeira da montanha, mas aqui o tempo não existia, quer dizer, aqui havia a sucessão no tempo, pois um gesto ou um pensamento seguiam aos que os precediam, mas havia perdido a noção de duração. Diana e ele poderiam ter estado flutuando ali desde horas ou a dias. Por outro lado, ainda que na Maladeta houvesse perigos, não podiam se comparar com as indefiníveis ameaças que havia agora naquela imensidade.

Estava quase seguro de que Diana havia adormecido e não lhe contou nada. Tampouco lhe falou da capa de névoa que velou o céu e em consequência da qual o sol parecia ter dois halos e apareceram dois parélios em forma de prisma. Mas ele também tinha muito sono e pouco depois também fechou os olhos.

No início de seu sono podia dizer: "Estou sonhando", mas quase imediatamente deixou de percebê-lo e sentiu tanta angústia como se não houvesse sabido que só era a alteração de uma mente adormecida. Agora percebeu que, com vento favorável, haviam empreendido uma viagem a Spitzbergen, onde desceriam para se encontrarem com os baleeiros que se congregavam ali nessa época do ano e veriam as maravilhas do Ártico, que tão bem havia descrito Mulgrave, e o muro de gelo do norte que o havia impedido chegar ao pólo Norte. Mas não haviam chegado a um acordo, e ainda que em um determinado momento viu um terreno rochoso debaixo, não tentaram descer. Agora só se via o cinzento oceano estender-se de um lado ao outro do céu.

Era um sonho dentro de outro sonho, e quando terminou apareceu uma habitação desconhecida. Diana estava ali, mas não vestia o traje de montar verde mas um simples vestido cinza, e também estava Jagiello em companhia de dois homens com casaca negra e peruca que, obviamente, eram médicos, um tonto e outro inteligente. Ambos falavam com Diana em sueco e Jagiello traduzia suas palavras, pois os conhecimentos que ela tinha dessa língua apenas eram suficientes para governar uma casa; e falavam do caso entre eles em latim. Muito cedo se reuniu com eles outro médico, que usava a estrela de alguma ordem e a quem trataram com

grande respeito. Recomendou aplicar ventosas porque a perna não apresentava nenhum problema especial. Depois disse que vira muitas fraturas desse tipo e que sempre respondiam bem ao tratamento do método de Andersen Basra desde que o paciente tivesse boa saúde. Acrescentou que neste caso o paciente tinha maus hábitos, estava mal nutrido e se encontrava em um estado que não hesitava em chamar “de incipiente melancolia”, mas que deviam ter em conta que, apesar de não ser corpulento, era de constituição forte e ainda havia nele vestígios de juventude.

Stephen os observou muito tempo enquanto eles faziam os gestos inerentes da consulta de alguns médicos a outros e falavam em tom grave, em parte pela audiência e em parte por eles mesmos, mas ele estava muito acostumado a essas reuniões para ter interesse nela e dedicou sua atenção ao que estava ao seu redor e a Diana e Jagiello. Graças à intuição que proporcionavam os sonhos soube que estava no quarto de Diana, em sua cama, e que ela havia passado algum tempo deitada no divã que ficava ao lado e lhe cuidando com ternura. Também soube que Jagiello havia chamado o médico do rei, o homem que tinha a estrela e que agora recomendava que quando o paciente pudesse comer alimentos sólidos, não lhe dessem carne de cordeiro nem de vaca e muito menos de porco, mas de tetrax fervido com um pouquinho de cevada.

Stephen pensou: “Tetrax... Nunca tenha visto um tetrax, mas se seguirem o conselho deste bom homem logo incorporarei um ao meu corpo e serei em parte um tetrax, e terei as virtudes que ele possui”. Depois pensou em Finn MacCoul e seu salmão, e enquanto pensava na penumbra acenderam as lâmparinas. Ainda estava pensando nele quando apagaram todas menos uma cuja luz fizeram diminuir de intensidade. Agora a maior parte da luz do quarto procedia do fogo de uma chaminé que ficava a certa distância a sua direita, um fogo cujo vibrante resplendor se via no teto. Não havia dúvida de que todos se haviam despedido com discrição e provavelmente alguém havia prescrito algo, mas agora Diana se encontrava sozinha e sentada no divã situado junto à cama. Colocou sua mão sobre a dele e em voz muito baixa disse:

— Oh, Stephen, Stephen, quanto eu gostaria que pudesse me ouvir, meu querido!

Mas Stephen viu outra vez o maldito balão e voltou a viver no tempo com a noção de duração, pois tinha a espantosa certeza de que haviam ascendido durante intermináveis horas e de que ainda ascendiam, e muito mais rápido. Enquanto subiam e se aproximavam do céu absolutamente puro, a iminente ameaça, que só percebia pela metade a princípio, sentiu o mais profundo horror que havia sentido em sua vida. Diana vestia de novo o traje verde e provavelmente se havia subido o colarinho em certo momento, porque agora tinha junto à cara a parte de baixo, que era vermelha e contrastava com sua palidez, com o colorido branco da ponta de seu nariz e com o azul de seus lábios gelados. Seu olhar era inexpressivo e parecia que estava completamente sozinha. Assim como antes, tinha a cabeça baixa e olhava para seu colo, sobre o qual tinha postas as mãos, agora menos apertadas, e nelas sustentava o diamante, que parecia um pedacinho do brilhante céu.

Enquanto ela respirava com tranquilidade e quase em silêncio, subiam cada vez mais alto e o ar que os rodeava era cada vez mais rarefeito. Seguia respirando quase imperceptivelmente, fazendo um levíssimo movimento. Mas o movimento cessou e ela perdeu o sentido e inclinou a cabeça para frente, e então o diamante caiu. Stephen se levantou protestando furiosamente:

— Não, não, não!

— Calma, Stephen — disse ela, pegando-o entre os braços e tratando de deitá-lo de novo —. Calma — repetiu como se se dirigisse a um cavalo e, como se falasse a um homem, acrescentou — : Tem que cuidar da perna, querido.

Ele confiou em suas cálidas palavras e passaram por sua mente uma série de fatos reais até chegar à realidade atual, ainda que não estivesse muito convencido de sua existência. Mas sua convicção aumentava à medida que passava a noite, enquanto ele permanecia deitado, olhando o resplendor do fogo no teto e ouvindo um relógio dar as horas. Às vezes ela se movia pelo quarto para reanimar o fogo ou ajudar-lhe a fazer suas necessidades, o que fazia com muita eficiência e com uma ternura que o comovia profundamente.

Durante esses curtos intercâmbios de palavras, ele começou a dizer coisas inteligíveis e relevantes.

Eles se conheciam há muitos anos, mas na relação que haviam mantido ela nunca o tratou tenramente e ele achava que a ternura não fazia parte de seu caráter. Sim faziam parte a valentia, o brio e a determinação, mas nenhuma outra coisa mais próxima da ternura que da generosidade e da bondade. Estava fraco, porque havia recebido duros golpes em sua queda física e na metafísica e não havia comido nada desde então; estava débil e muito sentimental, e ao pensar na nova situação chorou silenciosamente na escuridão.

Pela manhã, ao ouvir que ela se movia, perguntou:

— Está acordada, Diana, meu céu? Ela se aproximou, olhou sua cara, beijou-o e disse:

— Está em seu juízo outra vez, graças a Deus, meu amor. Tinha tanto medo de que voltasse a ter pesadelos com o balão!

— Falei muito?

— Sim, meu pobrezinho. Não havia maneira de lhe tranquilizar. Tudo era tão deprimente! E durou tanto tempo!

— Horas?

— Dias, Stephen.

Ficou pensativo e sentiu uma dor terrível na perna.

— Por favor, resta café na casa? — perguntou —. E alguma bolacha? Estou morto de fome. E diga-me, o frasco que tinha no bolso se salvou?

— Não. Quebrou e por pouco não causa a sua morte. Ele lhe fez um profundo talho no lado.

Quando ela se foi, ele olhou sua perna, que estava engessada de acordo com o método de Basra, e olhou debaixo da venda que lhe rodeava o corpo à altura do estômago. Provavelmente o vidro quebrado havia chegado muito perto do peritoneu. Então pensou: “Se estivesse em pior estado, consideraria isso um mau presságio”.

Terminaram de desjejuar e, enquanto falavam amigavelmente, o doutor Mersennius, o mais inteligente dos médicos, veio para perguntar como estava o paciente e para trocar-lhe a venda da ferida. Stephen lhe falou da dor na perna.

— Creio que não me pedirá que lhe prescreva láudano, colega — disse Mersennius, olhando-o nos olhos —. Conheço casos em que umas poucas gotas, tomadas depois de ter bebido uma dose massiva, acidentalmente ou não, causaram uma turbação mental extrema e duradoura, semelhante à que o senhor acaba de sofrer, mas ainda mais comprida, que em ocasiões há desembocado na loucura ou na morte.

— O senhor tem algum motivo para supor que eu tomei láudano?

— Suas pupilas, sem dúvida, e ademais, a etiqueta do boticário, que ainda estava no frasco quebrado. Um médico inteligente não acrescentaria nem uma gota mais de láudano a um organismo já saturado dele, do mesmo modo que um artilheiro não entraria em uma santa-bárbara com uma lanterna que não tivesse a chama resguardada.

— Muitos médicos usam a tintura contra a dor e os transtornos emocionais.

— Certamente! Mas estou convencido de que neste caso é melhor suportar a dor e aplacar a agitação com uma moderada dose de heléboro.

Stephen teve a intenção de felicitar a Mersennius por sua firmeza, mas não o fez e ambos se despediram cortesmente. De acordo com a limitada informação que Mersennius possuía, ele tinha razão. Obviamente, pensava que ele era viciado em láudano e não tinha forma de saber, como Stephen sabia, que ainda que o tomasse com freqüência ou quase de maneira habitual, isso não era propriamente vício senão o aspecto positivo dela. O limite entre eles era difícil de estabelecer e não culpava Mersennius por seu erro, especialmente agora, porque sentia esse desejo irresistível que era o sinal de que um homem havia ido longe demais. Não obstante, tinha que acabar com sua falta de equilíbrio emocional. Podia suportar a dor, mas nunca se perdoaria de chorar diante de Diana ou de mostrar alguma fraqueza.

— Está muito contente contigo e com a ferida — disse Diana ao regressar —, mas diz que não devo lhe dar láudano.

— Eu sei. Pensa que neste caso poderia prejudicar-me e é possível que tenha razão.

— Jagiello me há perguntado se quer que seu criado venha lhe barbear e se se sentes forte o bastante para recebê-lo.

— Me encantaria. Que amável é Jagiello! Diana, minha querida, pode me dar o pacote que trouxe?

— As folhas que lhe deixam inteligente e engenhoso? Stephen, está certo de que não lhe farão estrago?

— Nenhum em absoluto, meu mundo. Os peruanos e seus vizinhos mascam coca dia e noite. Para eles é tão comum como o tabaco.

Quando o criado de Jagiello terminou de barbear Stephen, ele já sentia na boca o agradável formigamento que produziam as folhas de coca ao mascá-las, e quando Jagiello lhe fez uma visita breve mas cheia de cordialidade, as folhas haviam anulado seu paladar, um insignificante preço que tinha que pagar para tranqüilizar e fortalecer sua mente. A perda do paladar não podia ter sido mais oportuno, pois depois que Stephen ficar prestando atenção por um tempo ao indubitável efeito da coca na perna, Diana lhe trouxe um frasco com o remédio receitado por Mersennius, uma emulsão sumamente desagradável.

Tampouco podia ter sido mais oportuno o fortalecimento de sua mente, agora com toda sua capacidade de raciocinar, porque três dias depois, três dias em que Diana o tratou com uma invariável ternura que lhe fez sentir-se mais unido a ela do que nunca, quando deram as dez, ela veio para dar-lhe o remédio com o frasco e a colher na mão. E depois de dá-lo e de ir de um lado para outro do quarto se sentou no divã e, em tom envergonhado, disse:

— Maturin, não sei o que se passou com minha razão no dia que nos encontramos. Nunca hei tido facilidade para recordar a história nem as datas nem a ordem dos acontecimentos, mas isto vai mais além... E não foi até agora, quando descia correndo a escada, que recuperei o senso comum e me disse: "Ouve, Diana, tonta, aquela poderia ter sido sua resposta".

Stephen não queria demonstrar que havia compreendido imediatamente. Moveu a bola de folhas de coca para o interior de sua bochecha, esteve pensativo um momento e disse:

— A carta que entreguei a Wray era a resposta a uma sua na qual dizia que não estava muito contente e me pedia explicações porque havia ouvido o rumor de que ia de um lado para outro do Mediterrâneo com minha amante, uma italiana ruiva.

— Então aquela era sua resposta. Você respondeu. Stephen, não queria lhe incomodar fazendo que se recorde de uma história passada em um momento como este, mas como tem tão bom aspecto, come tão bem e o doutor Mersennius está tão satisfeito do heléboro, pensei que podia lhe falar dela para demonstrar que não era insensível nem estúpida.

— Nunca pensei que fosse, meu mundo — disse Stephen —, ainda que sabia que você recordava um pouco melhor que eu a cronologia. Eu não posso saber minha idade se não faço uma subtração com papel e caneta. A carta era, de fato, minha resposta, e uma resposta muito difícil de escrever. Em primeiro lugar, tinha que escrevê-la rápido porque tínhamos ordem de zarpar e queria que você a recebesse o mais cedo possível e, além do mais, porque um mensageiro me esperava para levá-la; em segundo lugar, tinha que ir de um lado para outro do Mediterrâneo com uma dama ruiva, ou pelo menos de um lado somente, de Valletta para Gibraltar seguindo a costa africana, e as aparências indicavam que ela era minha amante; contudo, não era. A verdade é que..., mas isto deve ficar entre nós, Diana. A verdade é que ela tinha relação com o serviço secreto da Armada, mas os franceses tinham em Malta alguns agentes secretos muito perigosos, e, além disso, na própria cidade havia um ninho de traidores, e houve uma crise e foi necessário tirá-la dali imediatamente. Sua saída dali lhe salvou a vida, mas estragou a reputação que tinha entre aqueles que não estão relacionados com a espionagem. Inclusive Jack o achou, o que me surpreendeu muito, pois pensava que ele me conhecia melhor.

— Assim que foi Wray. E também muitas outras pessoas. Eu ouvi por todos os lados. É tão irritante que lhe tratem diplomaticamente! E nunca recebi nem uma palavra de você. A

*Theseus*, a *Andromache* e a *Naiad* regressaram para a Inglaterra e trouxeram cartas e mensagens para Sophie, mas nem uma palavra para mim. Estava furiosa.

— Não me admira. Mas escrevi a carta e, como lhe disse, foi difícil escrevê-la, porque seria uma temeridade falar de assuntos relacionados com a espionagem em uma carta que poderia cair em mãos inimigas; e se não falasse era quase impossível desculpar-me, pois, como notei com assombro, minha afirmação sem nenhum apoio não tinha validade. As pessoas me olhavam com malícia e sorriam. Talvez tudo se devia a que era ruiva, já que no estrangeiro pensam muitas coisas obscenas com respeito às mulheres ruivas. Devo acrescentar que seu esposo, um oficial tão longe de ser um *mari complaisant* como é capaz de imaginar, não acreditou, pois sabia que o cabelo avermelhado e a castidade são perfeitamente compatíveis.

— Stephen, você disse que ela não era sua amante?

— Eu disse e voltaria a dizer diante da santa cruz se desejar.

— Oh, não faça isso! Porém, por que disse que havia vindo para me pedir perdão?

— Porque fizera tão mal as coisas que você pensava que eu necessitava seu perdão; porque lhe causei tristeza; porque fui estúpido o bastante para não mandar uma cópia da carta na *Theseus*; porque fui idiota o bastante para não suspeitar que Wray era um traidor.

— Oh, Stephen, eu lhe tratei tão mal, tão mal! — exclamou e depois de uma pausa continuou — : Mas lhe compensarei por isso, se posso. Eu lhe compensarei por isso da forma que queira.

Ambos levantaram a cabeça ao ouvir o ruído de um coche.

— Esse deve de ser Mersennius — disse ela —. Tenho que lhe abrir a porta, porque Ulrika não o ouvirá e o lapão está cortando madeira.

Era Mersennius. Estava muito contente com Stephen porque era um paciente agradecido e responsável e um perfeito exemplo do que o heléboro podia conseguir. Voltou a falar de suas virtudes e Stephen disse:

— Certamente! Eu mesmo o receitarei. Diga-me, estimado colega, teria algum inconveniente em que eu deixasse de ficar sob seus cuidados dentro de um dia ou dois? Um barco, que provavelmente já está em Estocolmo neste momento, vem me buscar e não queria fazê-lo esperar.

— Algum inconveniente? — perguntou Mersennius —. Não, nenhum, com esta bandagem com gesso conforme o método de Basra — disse, dando-lhe palmadinhas na perna de Stephen—, desde que viaje de carruagem e depois se meta imediatamente em sua maca. Trarei heléboro para a viagem. O barco vem da Inglaterra?

— Não, de Riga.

— Então pode ficar tranqüilo, porque apesar de que hoje o vento é favorável, durante muitos dias foi desfavorável e nenhum barco terá podido sair do golfo de Riga a menos que se haja atrevido a atravessar o Suur Väin. Tenho um pequeno barco de recreio e observo o tempo atentamente.

— Pelo menos terei tempo para fazer a bagagem — disse Diana e depois, em um tom muito mais alegre, acrescentou — : Stephen, que vou fazer enquanto estiver na América do Sul?

— Fique na casa de Sophie até que encontre um lugar com bons pastos para os cavalos árabes e uma casa em Londres. Acho que a de Half Moon está a venda.

— Acha que demorará muito?

— Espero que não. Mas lhe advirto, minha querida, que até que a guerra não termine e Bonaparte seja derrotado, terei que estar no mar a maior parte do tempo.

— Sem dúvida — disse Diana, que procedia de uma família de militares —. Preferiria ficar com Sophie até então, se ela deixar. Talvez possa usar o estábulo de Jack, porque está vazio. Stephen, de verdade podemos comprar uma casa na cidade? São tremendamente caras.

— Isso mesmo, mas meu padrinho, que descansa em paz, deixou-me muito dinheiro. Esqueci qual é a quantidade equivalente em libras inglesas, mas a parte que está investida gera uma

quantidade maior que o pagamento de um almirante da esquadra. Quando a paz chegar, também poderemos ter uma casa em Paris.

— Oh, quanta alegria! De verdade, Stephen? Vou adorar. Que pessoa mais materialista eu sou! Meu coração dá pulos. Estava muito contente porque meu esposo havia regressado, mas quando descobri que estava coberto de ouro dos pés à cabeça caí em êxtase. Quanta vulgaridade!

Levantou-se de um salto do lugar, caminhou de um lado para outro do quarto com passos rápidos e depois olhou pela janela.

— Aí está Jagiello em seu coche. Meu Deus! — gritou —. Jack Aubrey está sentado do seu lado no assento!

Jack entrou no quarto na ponta dos pés, com uma expressão ansiosa e temerosa ao mesmo tempo, e o seguiram Martin e Jagiello. Beijou Diana como é próprio entre primos, sem prestar muita atenção, e pegou com afeto e delicadeza a mão de Stephen.

— Meu pobre amigo — disse —. Como está?

— Muito bem, Obrigado, Jack. Como está a fragata? Já tem a lona?

— Está muito bem. Atravessou o Suur Väin tão veloz como um cavalo de corridas, com as joanetes e as alas superiores e inferiores abertas e as velas amuradas para estibordo. E passou pelo estreito canal Wormsi quase roçando-o, de tal maneira que se podia lançar uma bolacha para a costa a sotavento. E tem uma dúzia de rolos da lona que usam no céu.

Stephen soltou um riso escandaloso com o qual expressava sua satisfação e disse:

— Diana, permita-me apresentar-lhe ao meu amigo íntimo o reverendo Martin, de quem tanto ouviu falar. Senhor Martin, minha esposa.

Diana lhe estendeu a mão com um amável sorriso e disse:

— Acho que o senhor é o único de nossos amigos que foi mordido por um macaco-da-noite.

Falaram durante muito tempo do macaco-da-noite, da capivara e do mico. Ulrika e o lapão trouxeram café e, em uma pausa, Stephen perguntou:

— Jack, a fragata está junto ao elegante cais da velha cidade?

— Sim. Está amarrada pela proa e pela popa aos cabeços e já virou em redondo.

— Acha que seria conveniente que subisse a bordo esta noite?

— Eu gostaria muito — disse Jack —. Não acredito que o vento se mantenha assim outras vinte e quatro horas.

— O senhor pode viajar com uma perna quebada? — inquiriu Jagiello.

— Mersennius disse que podia se fosse até a fragata de carruagem. Jagiello, teria a amabilidade de levar-me?

— Certamente! Certamente! Tiraremos uma porta das dobradiças, o desceremos deitado nela e o meteremos no coche, onde o senhor Martin o segurará. Conduzirei o coche muito devagar. E meu regimento o escoltará como a um coronel.

— Diana, minha querida, isso lhe convém ou preferiria dispor de um ou dois dias para fazer a bagagem?

— Em duas horas estarei pronta — respondeu Diana com os olhos brilhantes —. Não se movam, cavalheiros, eu lhes rogo, e terminem o café. Mandarei Pishan trazer alguns sanduíches.

Pouco depois os cavalheiros se moveram, pelo menos Aubrey e Jagiello. Ambos foram ver se servia uma porta que Jagiello recordava que havia no celeiro de sua avó e para ver se uma das criadas que lhe restavam podia ajudar a preparar a bagagem.

— Ouvi Bonden lé embaixo — disse Stephen quando ele e Martin ficaram sozinhos —. Padeen também está aqui?

— Para dizer a verdade, Maturin, não — respondeu Martin —. Infelizmente, tivemos uma discussão esta manhã e o capitão Pullings o acorrentou. Sinto dizer — continuou —, mas eu o surpreendi, sem a menor intenção de encontrá-lo fazendo algo indevido, pegando láudano de um botijão com um sifão e substituindo a tintura por conhaque.

— Claro, claro, claro — murmurou —. Que tonto eu fui! Como não me dei conta disso?

Quando Martin terminou de contar que Padeen havia reagido violentamente quando lhe tiraram o frasco, Stephen disse:

— Eu tenho grande parte da culpa por deixar esse tipo de coisas ao seu alcance. Teremos que analisar seriamente a questão. Não podemos deixar que se converta em um viciado em ópio.

Ficaram silenciosos e pensativos durante um momento. Depois Martin contou a Stephen detalhadamente o que haviam feito em Riga e lhe falou dos costumes dos letões e de seus amos russos. Ia falar dos mergulhões que achava ter visto ao longe sobre a ampla Letônia quando Diana entrou. Diana causou uma impressão tão forte em Stephen que para suportá-la foi necessária toda a fortaleza que recuperara e as folhas que estava mascando, pois estava com o traje de montar verde que vestia no sonho.

— Stephen — disse, com os olhos ainda mais brilhantes —, meti em um par de baús tudo o que necessito pelo momento. O resto pode ser enviado depois. O coche chegará dentro de cinco minutos com a porta da condessa Tessin, mas eu não irei contigo. Necessita que um homem lhe segure e com ele e a porta não resta espaço para mim, assim irei a cavalo — acrescentou e riu alegremente —. Recolherei suas coisas no hotel e porei flores em nosso camarote...

— querida, sabe onde fica a farmácia localizada perto do hotel e que tem na vitrina monstros e um tattetê embalsamado?

— A de um boticário muito baixinho?

— Essa mesma. Por favor vá lá... Alguém poderá segurar o cavalo?

— O lapão irá comigo.

— Compre-me todas as folhas de coca que lhe restem. Estas são só as do fundo de um saco.

— Stephen, necessitarei de um pouco de dinheiro.

Quando ele se voltou para seu paletó, ela perguntou:

— Se dá conta de que as esposas se convertem em sanguessugas, senhor Martin?

A *Surprise*, como Jack havia dito, estava amarrada ao cais pela proa e pela popa. O convés estava deserto, já que Tom Pullings e o contador estavam em terra tratando de decifrar as contas dos comerciantes de Riga e um grande número de tripulantes estavam

de licença até a seis. West era o único oficial que se encontrava no castelo de popa e todos os marinheiros que teciam esteiras e faixas para proteger os cabos no castelo eram de Shelmerston. Bocejava e olhava distraidamente por cima do coroamento quando viu uma mulher, exageradamente bonita, correndo a cavalo para o cais seguida por um moço. Ela desmontou em frente da fragata, entregou as rédeas ao moço, subiu rapidamente a bordo pela proa e se foi abaixo.

— Ei, um momento! — gritou, correndo atrás dela —, este é o camarote do doutor Maturin.

— Sou sua esposa, senhor — disse ela —. Peço que mande o carpinteiro pendurar uma maca para mim aqui — acrescentou assinalando o lugar.

Depois se inclinou para frente e assomou a cabeça pelo escotilhão.

— Aí estão! — gritou —. Por favor, ordene aos marinheiros que se preparem para ajudá-lo a subir a bordo.

Instou West a sair da cabine e subir para o convés e lá ele e os assombrados marinheiros do castelo viram um coche azul e dourado puxado por quatro cavalos e escoltado por soldados de um regimento da cavalaria com casacas de cor lilás com as bordas prateadas. A carruagem avançava lentamente pelo cais e o capitão e um oficial do Exército sueco estavam sentados no assento, enquanto que o cirurgião e seu ajudante estavam assomados pela janela. E todos eles, acompanhados agora pela dama que estava no convés, cantavam: "*Ah tutti contenti saremo cosí, ah tutti contenti saremo, saremo cosí...*" com voz potente mas melodiosa e com uma imensa alegria.



{1} Monterilla: vela triangular que em tempo sereno se larga sobre os últimos joanetes.

{2} *Nunc est bibendum*: Agora é hora de beber.

{3} Ballestrinque: Mar. Nó marinheiro que se forma com duas voltas de cabo, dadas de tal modo que resultam cruzados os chicotes.

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por  
**LeYtor**  
Tendo como base tradução do *Espanhol* para o *Português* feita em  
11/10/2011 por  
**Kleber de Souza Andrade**

